



Love in the moment

KRISTEN CALLIHAN

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

 MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



KRISTEN CALLIHAN

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

 MARCADOR

Doce
INIMIGO



KRISTEN CALLIHAN

Doce
INIMIGO

TRADUÇÃO DE
MARIA JOÃO VIEIRA

 MARCADOR

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Copyright © 2021 MAKE IT SWEET por Kristen Callihan

Os direitos morais da autora estão certificados.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Doce Inimigo*

Título original: *Make It Sweet*

Autora: Kristen Callihan

Tradução: Maria João Vieira

Revisão: Daniel Lourenço Santos/Editorial Presença

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2024

Para aqueles que precisam de um pouco mais de conforto e cuidado.

PRÓLOGO

Lucian

Tinha cinco anos quando disse aos meus pais que queria voar. Os meus pais, como viria a perceber depois, faziam qualquer coisa para me verem feliz. Levaram o meu desejo à letra e marcaram um pequeno passeio de avião.

— Então? — perguntou-me o meu pai, quando estávamos sentados no banco de trás daquele avião que vibrava muito alto. — Que tal é voar?

Era bom, mas eu só estava ali sentado. O avião é que estava a voar, não eu. Perplexos, deixaram o assunto cair. Mas eu, não. Eu ansiava voar. No fundo da minha alma, precisava disso, embora não soubesse dizer exatamente porquê. O problema é que eu não sabia como alcançar esse objetivo.

Dois anos mais tarde, o meu pai inscreveu-me no hóquei, porque lhe deu na veneta. Calcei um par de patins e aprendi. Tornei-me mais forte, melhor, mais rápido.

Foi quando percebi. Não era no ar que eu ia ser capaz de voar. Era no gelo.

Gelo.

Eu adorava o gelo. Para mim, o gelo era uma amante: cruel, fria, bela, brutal, essencial. Conhecia-o intimamente — o cheiro nítido, o frio implacável, os vários sons que fazia, o apoio suave que fornecia enquanto eu me contorcía e deslizava sobre o seu corpo.

Amei-o desde o primeiro minuto. Libertou-me, deu-me um propósito. Quando eu estava no gelo, estava a voar. Não aquele voo flutuante e independente de mim, mas uma velocidade tão suave e rápida que deixamos de ser carne e osso e passamos a ser outra coisa: um deus.

Eu gostava tanto de voar sobre o gelo que até podia ter seguido um caminho diferente, ter-me tornado um patinador de velocidade, talvez. E, às vezes, nos dias livres, era exatamente isso que fazia: patinava cada vez mais rapidamente sobre o gelo.

Mas limitar-me a patinar não me proporcionou o desafio de que eu precisava. O hóquei, sim.

Meu Deus, eu adorava o hóquei. Tudo o que tinha a ver com o hóquei. O baque do meu *stick* no gelo, a ressonância ao tocar no disco. O jogo falava comigo, sussurrava-me ao ouvido mesmo quando eu estava a dormir — o meu corpo a murmurar, como se ainda estivesse no gelo.

Vi os padrões, os jogos. Fiz acontecer, apanhei-lhe o jeito. Se patinar era voar,

bom, o hóquei era uma dança. E eu tinha cinco parceiros de dança. Quando trabalhávamos todos juntos? Era pura poesia. Uma verdadeira beleza.

Não havia nada como levar o disco pelo gelo, abrir caminho através dos adversários e, a seguir, com um pequeno movimento, enviar o biscoito, a navegar, diretamente para a baliza. Tesão instantânea. Todas. As. Vezes.

O hóquei definiu-me. Centro. Capitão. Duas vezes vencedor da Stanley Cup — a primeira vez, como um dos mais jovens capitães de equipa a ter o nome gravado naquela grande e bela monstruosidade de taça. Vencedor da Calder, da Art Ross... E por aí fora.

A questão é esta: o hóquei era a minha vida.

E a vida era muito boa. A minha equipa era uma máquina bem oleada, não havia batoteiro ou apostador que nos deitasse abaixo. Estávamos nos *play-offs*, mais uma vez, a lutar pela taça. Tínhamos de ganhar.

E todos sabiam isso. Havia qualquer coisa no ar — uma eletricidade que fazia cócegas na pele, que entrava nas articulações e as contraía. Já nos tínhamos sentido assim. E ganhámos.

O Brommy estava especialmente animado enquanto nos equipávamos. Com a sua grande mão, bateu-me na cabeça e despenteou-me vigorosamente o cabelo.

— Tens uma boa alface a crescer aqui, Ozzy. Precisas de arranjar isso?

Nos primeiros tempos, todos me chamavam Ozzy, em referência ao meu apelido, Osmond. Depois, foi encurtado para Oz — como em *O Feiticeiro de Oz*. Quando tinha a posse do disco, a magia acontecia. Ignorei as luzes brancas que cintilavam diante dos meus olhos e o facto de a pancada violenta que o Brommy me dera, na cabeça, ter feito girar a sala — por momentos — e, em troca, também lhe dei uma palmada na cabeça.

— Nem toda a gente trata o cabelo como tu, Caracolinhos Dourados. Mas, enfim, tu precisas de toda a ajuda que a beleza te pode dar.

Houve quem disfarçasse o riso. O Brommy sorriu abertamente, mostrando os dentes e a falta do incisivo direito. Se eu tivesse perdido um dente, tinha ido logo arranjar aquela merda. Mas o Brommy gostava de mostrar que lhe faltava um dente. O enorme defesa-esquerdo achava que isso o fazia parecer mais intimidante.

Também adorava dizer às mulheres que tinha um biscoito na braguilha. Ria-se sempre muito com a linguagem ordinária. As mulheres apaixonavam-se pela sua figura de pateta, por isso, eu não discutia os métodos dele.

— Não podemos ser todos bonitos como tu, Cap. — Pegou na medalha de São Sebastião que usava ao pescoço, beijou-a duas vezes e, depois, enfiou-a outra vez por baixo da camisola. Não lhe criticava o ritual; eu batia os meus *sticks*. Ninguém mais fazia isso e... bem, eu não estava disposto a deixar que alguém o fizesse. Ou que lhes tocassem, antes de um jogo. Nem pensar.

— Por favor. O Linz é o bonito. — Por isso é que lhe chamávamos Feio. Imaginem.

— O Linz não tem uma miúda linda a prometer-lhe amá-lo para sempre. — O Brommy deu-me uma cotovelada e sorriu.

— Isso é verdade.

A Cassandra, a minha noiva, era linda. Adorava hóquei e tinha os mesmos gostos que eu, em tudo. Nunca discutíamos. Estar com ela era fácil. Ela tratava sempre de tudo para que eu não tivesse de me preocupar com nada a não ser com o jogo. Palavras dela. Mas eu apreciava muito isso.

Casar não estava nos meus planos. Mas a relação com a Cassandra era tão boa que, quando ela me perguntou se algum dia a iríamos oficializar, pensei: *Porque não?* Eu nunca iria encontrar alguém como ela. A Cassandra era a cereja no topo do bolo perfeito que era a minha vida. Os meus colegas ainda trocaram mais uns insultos. Toquei *sticks* com o Jorgen, ouvi o hino pré-jogo do Mario, «Sob Pressão», e mantive-me longe do Hap, o nosso guarda-redes. Desconcentrá-lo antes de um jogo podia significar estarmos a cavar a nossa própria sepultura.

Mentalmente, eu estava pronto. Fisicamente, as minhas capacidades tinham sido apuradas até à perfeição. Mas, por trás de tudo isto, havia um novo sussurro, o único som que eu não queria ouvir. Andava a ignorar aquela voz incómoda desde a minha última contusão. Soava muito como o meu médico. E eu odiava aquele gajo.

Sabia que não devia odiar as pessoas que só queriam ajudar-me. Mas odiava. *Que porra é que ele sabia?* Eu conhecia o meu corpo melhor do que ninguém. A minha vida era perfeita. Nada, nem ninguém, ia mudar isso.

Portanto, empurrei aquela vozinha insidiosa lá para trás, para as sombras, onde devia estar.

Sempre fui bom a afastar coisas que não interessam. Foco no prémio. Foco no jogo. Era isso. Manter a mente limpa e o corpo forte.

Mantive esse foco quando o jogo começou. Mantinha-o em todos os jogos.

Só quando estava ao ataque e o disco ficou preso nas pranchas é que voltei a ouvir novamente aquela voz. Pela primeira vez na vida, senti um medo verdadeiro. Fez-se luz. Uma hiperconsciência picava-me a pele. Um lampejo de tempo. Apenas dois segundos entre a vida, como eu a conhecia, e o desastre.

Ouvi dizer que as coisas abrandam nos nossos piores momentos. Para mim, não foi assim.

Um segundo, lutei pelo disco, o ombro aconchegado contra as tábuas, para me proteger. A seguir? A primeira pancada fez-me girar. O segundo golpe, um defesa a entrar a toda a velocidade — uma parede de músculo com mais de um metro e oitenta e quase cem quilos — e a bater-me em cheio.

Bati com a cabeça contra o vidro. Uma bomba explodiu-me dentro da cabeça.

E aquele sussurro? Foi um grito absoluto, que dizia apenas uma coisa:

Fim do jogo.

Luzes apagadas.

*

Emma

A vida era boa. Posso dizer isso? Às vezes, não tinha a certeza. Como se reconhecer que estava feliz e que tudo o que sempre quis estava lentamente a encaixar pudesse

trazer-me mau agoiro. Mas, caraças, a vida era boa.

Depois de passar anos a lutar para fazer carreira como atriz — meu Deus, aquele anúncio que aceitei, em desespero, para desempenhar o papel de uma rapariga que está com diarreia; tentem falar disso numa conversa casual e vejam o que acontece —, finalmente, consegui um papel de protagonista numa série de televisão de sucesso. *Dark Castle*. Os fãs estavam doidos com aquilo. E com esse papel veio a fama instantânea.

Lembro-me com carinho da primeira reunião de elenco. A maior parte de nós não era ninguém no mundo do espetáculo e encontrávamo-nos ansiosos e entusiasmados por estarmos ali. A diretora da série, a Jess, tinha olhado em volta, com uns olhos muito sérios, mas com um vislumbre de qualquer coisa a que não posso chamar orgulho porque, naquele momento, ela não nos conhecia de lado nenhum, mas era, talvez, de calorosa compreensão, e avisou-nos:

— Aproveitem para sair enquanto a série não começa a ser transmitida. Façam tudo aquilo de que gostam. Porque, depois de o mundo ver esta série, a vossa vida não voltará a ser a mesma. A privacidade vai ser uma coisa do passado. Sempre que puserem um pé em público, alguém vai reparar.

O meu coprotagonista, o Macon Saint, resmungou:

— Ainda bem que sou um eremita.

O homem era lindo, de uma forma bárbara, e foi provavelmente por isso que o escolheram para ser o Rei Guerreiro, Arasmus, mas a frieza remota nos seus olhos fez-me acreditar nele.

Depois, apaixonou-se. E o grande rabugento Macon Saint transformou-se. Sorria a toda a gente e ria muitas vezes, como se não pudesse conter a felicidade. Era, ao mesmo tempo, encantador e irritante.

Irritante porque eu não fazia ideia do que era aquele género de relação de «estou na lua que o meu amor foi buscar para mim e é espetacular». Eu queria saber como era. Acreditem, queria mesmo. Mas, até agora, tinha-me escapado.

A Jess tinha razão: as nossas vidas mudaram drasticamente. A privacidade era fugaz, só se conseguia com um pouco de pré-planeamento e alguma sorte. Ainda conseguia sair, de vez em quando, mas nunca havia garantia de que me deixassem em paz ou que não haveria alguém atrás de mim, a fotografar-me.

Por outro lado, eu era adorada pelos fãs e, muitas vezes, era abordada por crianças amorosas que pediam uma fotografia comigo, o que era um bocadinho estranho, dado o conteúdo de *Dark Castle*, mas presumi que gostavam, sobretudo, do facto de eu ser a Princesa Anya, e não tanto das cenas de sexo e decapitações.

Mas também havia gente assustadora, que se encostava muito a mim quando pedia para tirarmos uma *selfie*. Tinha aprendido a pôr-lhes logo a mão no ombro, numa posição em que deixava o fã incapaz de apalpações «acidentais».

A minha vida mudou de outras maneiras. Conheci o Greg, um jogador de futebol super *sexy* e descontraído que também me adorava — palavras dele. O Greg era compreensivo, mas não andava sempre à minha volta e também não protestava por causa dos meus extenuantes horários de trabalho. Durante a época de jogos, a agenda dele era tão má como a minha, com viagens frequentes. Mas fizemos com

que a nossa relação funcionasse.

No fim do meu terceiro ano em *Dark Castle*, sentia-me satisfeita, confortável, no meu papel. A princesa Anya era incrivelmente popular. As pessoas estavam sempre a perguntar-nos, ao Saint ou a mim, quando é que as nossas personagens, Arasmus e Anya, se casariam. Esperávamos dar-lhes a resposta durante o final da temporada. As possibilidades pareciam boas. Tinham chegado à cidadela e, finalmente, Arasmus pedira Anya em casamento.

Agora, só faltava Anya aceitar e o casamento acontecer. A coisa um bocado enervante neste trabalho em *Dark Castle* era o facto de os produtores e guionistas, por uma qualquer necessidade ultraparanoica de sigilo, esconderem dos atores tanto os episódios de estreia como os finais, apesar de todos nós termos assinado acordos de confidencialidade.

— Estás pronta? — perguntou-me o Saint, quando nos sentámos numa mesa, com os guiões na mão.

— Mais do que nunca, meu jovem apaixonado.

Ele riu-se, bem humorado. Apesar da natureza rude do Saint, eu gostava imenso de trabalhar com ele. Nunca foi egoísta e nunca tentou monopolizar uma cena. Todos os atores com quem trabalhava eram fantásticos. O trabalho era desafiante, mas todos nós nos dávamos bem e éramos como uma família. Bem, uma família em que, no ecrã, cada um fazia o possível e o impossível para destruir os outros.

Quando todos estavam prontos, começámos a ler as nossas deixas. Só quando já estávamos a chegar ao fim é que o sangue começou a desaparecer-me do rosto e os meus dedos ficaram gelados. Porque se tornou cada vez mais claro que Anya estava prestes a morrer.

Fiquei ali sentada, zonha, a dizer as minhas falas, completamente consciente dos olhares de piedade dos meus colegas de elenco, a ler o guião até ao momento final em que Anya era decapitada pelo machado do maior inimigo dela e de Arasmus.

Mas foi só quando saí da sala, para me sentar sozinha no meu camarim, que o facto de já não participar na próxima temporada me atingiu completamente. Estava desempregada. Tinha perdido o meu espaço feliz. O papel dos meus sonhos.

Fui para casa, de coração partido e a lutar para manter o medo do desconhecido à distância. Tinha arrendado um apartamento temporário na pequena cidade islandesa onde estávamos a filmar. O Greg estava comigo desde que a época de futebol tinha acabado e ia ficar até ao início da pré-época.

Ansiava por um longo banho na pequena banheira do apartamento e, a seguir, aninhar-me no Greg, que iria deixar-me chorar no seu ombro e dizer-me que ia ficar tudo bem.

Só que isso não aconteceu. Estava tão perdida na minha própria tristeza que só percebi verdadeiramente o que eram os ruídos que ouvi, ao entrar no apartamento, quando já estava praticamente em cima deles. E com «eles», quero dizer o Greg e a jovem empregada de mesa que nos tinha atendido, ao jantar, dois dias antes.

Foi uma coisa estranha, na verdade, ver o rabo nu do meu namorado empinado entre umas pernas abertas. Também era aquela a sua aparência quando estava em cima de mim? Devo dizer que me pareceu bastante ridículo, para cima e para baixo,

como um coelhinho desequilibrado. Sinceramente, nunca tinha gostado desse particular método dele; raramente conseguia chegar ao orgasmo quando me tratava como um pedaço de carne. Aquela miúda, no entanto, não parecia ter esse problema. Ou estava a fingir bem, ou estava mesmo a adorar aquilo. Mas os seus muito entusiasmados gritos de prazer interromperam-se quando me viu e a cor desapareceu-lhe do rosto.

Infelizmente, o Greg ainda demorou um pouco até perceber que ela tinha ficado petrificada debaixo dele; sempre foi um amante um pouco egoísta. Quando, finalmente, percebeu, ficou calmo, como sempre, a observar-me por cima do ombro, a suar e sem fazer um único movimento para sair de dentro da rapariga.

O silêncio caiu como um martelo. Ou um machado, talvez. Porque não? Naquele dia, um machado podia cortar mais de uma coisa. O Greg engoliu duas vezes, a olhar para mim, como se não conseguisse acreditar que eu estava ali. Na minha própria casa.

A voz saiu-lhe um pouco trémula quando, finalmente, falou:

— Chegaste mais cedo.

Tanta coisa a dizer. Gritar, talvez? Chorar? Mas eu estava entorpecida. Completamente entorpecida. Então, disse a única coisa que consegui:

— Que engraçado, acho que cheguei mesmo a tempo.

E, assim, a vida cuidadosamente construída de que eu tanto me orgulhava desmoronou-se e tornou-se pó.

CAPÍTULO UM

Lucian

Se havia verdade que eu tinha aprendido na vida é que o carinho de uma mulher que nos ama é o melhor refúgio quando a nossa alma está desfeita. Mas, claro, nunca pensei que a mulher para quem eu iria correr seria a minha avó. Sim, ela amava-me. E sim, a casa dela, Rosemont, era um excelente refúgio. Mas a triste verdade é que eu não tinha mais nada, em sítio nenhum. A minha noiva fora-se, a minha carreira fora-se, e eu estava desfeito.

O que me levou a Rosemont. E, aparentemente, às ordens da minha avó. Não há privacidade quando se vive com ela. Intromissão não é o seu nome do meio, mas devia ser.

A sua voz divertida, musical, conseguiu elevar-se acima do som do meu martelo.

— Titou, há uma nova invenção maravilhosa chamada pistola de pregos. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Suprimi um suspiro, baixei o martelo e virei-me para olhar para ela, de pé, na base do escadote, as mãos nas ancas largas, um sorriso carinhoso mas ligeiramente reprovador nos finos lábios vermelhos.

— Gosto do meu martelo.

Um brilho iluminou-lhe os olhos verdes.

— Um homem não deve gostar tanto da sua ferramenta que se feche ao resto do mundo.

Juro por Deus. Esta era a minha vida agora: ter de cerrar os dentes às piadas sexuais da minha impenitente avó.

— Precisas de alguma coisa, Mamie?

Sem conseguir chegar até mim, ela suspirou e os seus ombros caíram. Vestia um dos seus cafetãs de seda e, quando virou as mãos, um pouco aborrecida, parecia uma pequena cabeça presa por cima de um esvoaçante cortinado laranja e azul.

Escondi o sorriso; caso contrário, ela ia querer saber porque é que eu estava a sorrir e ia ficar irritada durante o resto do dia.

— Lembras-te da Cynthia Maron?

— Acho que não.

— É uma grande amiga minha. Estiveste uma vez com ela, quando tinhas cinco anos.

Era típico da Mamie, uma borboleta social, lembrar-se perfeitamente de como e quando conhecia alguém. Nem me dei ao trabalho de lhe dizer que nem toda a

gente tinha aquele dom.

— OK.

Também não via onde queria ela chegar com aquela conversa, mas sabia que havia de lá chegar.

— A Cynthia tem uma neta. A Emma — disse a Mamie, como por acaso. — Pobre querida, passou por coisas muito difíceis ultimamente, e está a precisar de paz.

— E vem para cá, não é? — A casa não era minha. A Mamie podia convidar quem quisesse. Mas, caramba, eu fora para lá para fugir de tudo. Incluindo convidados.

— Mas é claro! — exclamou a Mamie, impaciente. — O que é que eu tenho estado a dizer?

Seria mesquinho da minha parte protestar.

Rosemont sempre foi um refúgio para aqueles que precisavam. A enorme propriedade ao estilo revivalista espanhol, com várias casas para convidados, ficava perto do sopé das montanhas de Santa Ynez, em Montecito. Banhados pela luz dourada do sol da Califórnia, os extensos terrenos, repletos da inebriante fragrância de rosas e limões frescos, tinham vista para o oceano Pacífico. Estar em Rosemont era estar rodeado de graça e beleza.

Para mim, foi sempre um refúgio. Um lugar para cura. Ao longo dos anos, outros, convidados pela Mamie, encontraram aqui essa mesma cura.

— Só estava a perguntar — murmurei, sentindo-me instantaneamente como o irritado miúdo de catorze anos que tinha sido quando vim viver para aqui pela primeira vez.

Ela emitiu outro som impaciente, mas depois fez um gesto com a mão, como se não tivesse importância.

— Ela chega hoje. Pensei que podíamos beber café e comer bolos, por volta das quatro.

Percebi imediatamente para onde estava a ir a conversa. Mas fingi ignorância. Por um lado, porque sentia o pavor a aguilhoar-me as costas e, por outro, porque isso irritava a minha avó. Ah, os jogos em que entrávamos. A percepção de que era o único género de jogo que eu podia jogar afundou-me o humor mais rapidamente do que uma pedra a cair num poço frio e escuro.

— OK. — Desci do escadote. — Queres que pare de trabalhar enquanto vocês lancham?

Seguiu-se uma série de abafadas maldições, ditas em francês, e depois um beliscão nas minhas costelas que quase me fez gritar.

Os olhos da Mamie semicerraram-se e ficaram umas fendas verde-gelo.

— Ah, tu andas a testar-me, Titou.

Pois andava. O arrependimento acumulou-se na minha garganta. Eu era uma merda. A Mamie era a única pessoa que me aturava. Eu sabia-o. Só não sabia como resolver o problema. Toda a minha vida tinha ido à merda. Na maior parte dos dias, precisava de me esforçar para não gritar e ter ataques de fúria, até ficar sem voz.

Não falar a menos que fosse absolutamente necessário era a melhor solução, e a mais segura.

Não conseguia sequer pedir desculpa à minha avó. Estava ali preso, um enorme nó, no meio do meu peito.

Ela suspirou, mais uma vez. Olhou-me com aqueles olhos verdes que eram a sombra exata dos meus. As pessoas costumavam dizer que olhar para eles era como verem-se ao espelho. Podiam cortar uma pessoa em pedaços, só com um olhar. E tinham uma certa razão. Eu próprio acabava de me sentir esfolado.

Por um momento breve, os seus dedos frios acariciaram-me a face e tive de lutar contra a vontade de me afastar. Ultimamente, deixara de gostar que as pessoas me tocassem. De todo.

A mão dela deslizou para baixo e ela recompôs-se, visivelmente.

— Bom, espero que te juntes a nós.

— Não.

As suas sobranceiras perfeitamente arranjadas levantaram-se muito.

— Não?

Senti-me outra vez com dois anos. E igualmente petulante. Esfreguei a mão no rosto, tentei novamente:

— Já sabes: acidentalmente, vou acabar por ser desagradável para a tua convidada ou deixar-te a ti embaraçada.

Não era mentira. Eu tinha perdido toda a minha capacidade de ser encantador; desapareceu e nunca mais voltou. Às vezes, pensava nisso, no facto de ter mudado tanto, tão rapidamente, que já nem me sentia bem na minha própria pele.

— Acho que a nossa convidada é capaz de lidar com essas tuas coisas — disse a Mamie, seca.

Não caias nessa.

— Porquê?

Caí. Raios me partam!

Sorriu-me, vitoriosa, cheia de presunção.

— É a Emma Maron. Sabes quem é, não sabes?

Emma Maron. O nome dançava no meu tão maltratado cérebro. Eu conhecia aquele nome. Mas como? Emma... A imagem de uns olhos grandes, cor de índigo, e de uma boca voluptuosa encheu-me a mente. Rosto oval, cercado por cabelo branco com pontas azul-elétrico.

O reconhecimento bateu-me como um golpe inesperado. A Princesa Anya. A Emma Maron era uma das estrelas de *Dark Castle*. A delicadamente bela, mas brutalmente feroz, Princesa Anya, que liderava exércitos ao lado do seu grande amor, Arasmus, o Rei Guerreiro. *OK*, eu era fã. Da série. Em que havia, pelo menos, quatro linhas de histórias principais. Mesmo assim, não conseguia acreditar que demorara tanto tempo a perceber quem ela era. O meu cérebro estava, outra vez, uma porcaria.

— Convidaste uma atriz?

— Já alguém me disse que as pessoas famosas preferem lambe as feridas num ambiente privado — disse a Mamie, inexpressiva.

Um ponto para ela!

— Porque é que ela precisa de lambe feridas? — Senti-me compelido a perguntar. — É a protagonista da série mais famosa do momento.

— Já não, pobre querida. Parece que foi dispensada. Acho que um bruxo malvado lhe cortou a cabeça com um machado, no fim da temporada.

— Que merda! — Fiquei mesmo chocado. A Anya era muito popular. O último episódio da temporada ainda não tinha sido emitido, mas de certeza que isso ia causar um grande alvoroço.

— Atenção à linguagem, Titou.

— Desculpa, Mamie. — Quando se irritava, dizia mais palavrões do que eu, mas, ainda assim, era minha avó.

— Hum... — Olhou para mim, durante um segundo. — Já falei de mais. Essa informação é estritamente confidencial. Ela pode ter problemas se se souber antes do tempo.

— E a quem é que eu vou contar? — Fiz um gesto em direção ao terreno da propriedade, onde não havia ninguém além de nós os dois, e que, atualmente, englobava a minha vida social.

— Sim, é verdade. Agora já percebes porque é que este é o lugar perfeito para ela. Aqui, tem total privacidade.

— Se ela está a precisar de privacidade, então, mais uma razão para eu não aparecer.

A última coisa que conseguia fazer era lidar com atrizes loiras bonitas.

— Chiu! — fez um gesto com a mão.

— Mamie — comecei a dizer, já cansado. Estava sempre tão cansado. — A resposta é não. Não me apetece socializar. Vou manter-me longe e largar o martelo enquanto vocês lancham, combinado?

Olhámos um para o outro. Uma abelha passou, zumbindo-me ao ouvido. Não vacilei. A Mamie acabou por ceder, abanando suavemente a cabeça.

— Muito bem. Eu recebo-a sozinha. Embora não tenha nada de interessante a dizer a uma jovem, tenho a certeza.

A minha avó é a pessoa mais colorida e animada que eu já conheci. E isso quer dizer qualquer coisa, dada a minha profissão. A dor apertou-me o coração. A minha *antiga* profissão.

Inclinei-me e dei um beijo na face da Mamie.

— Tenho a certeza de que vais pensar em qualquer coisa.

Ela sussurrou qualquer coisa — um som longo, prolongado, que dizia que eu tinha afirmado o óbvio — e, depois, lançou-me um dos seus olhares implorantes.

— Vamos precisar de guloseimas para acompanhar o café...

A Mamie era uma grande manipuladora, mas também era muito transparente a esse respeito. Contraí os lábios.

— Eu trato disso.

Voltei a pôr o pé no degrau do escadote e a minha avó fez o ataque final:

— Oh, e tens de ir buscar a Emma ao aeroporto.

E ali estava. Eu sabia que a intrometida da minha avó também era uma casamenteira. Ambos sabíamos. A diferença é que a Mamie achava mesmo que tinha boas hipóteses de ter sucesso. Mas estava muito enganada. Podia pôr-me à frente a mulher mais perfeita do mundo, não importava. Já não.

— Mamie...

— O voo dela chega às dez...

— Não.

— Tens de sair daqui a pouco.

— Mamie...

Brilhou-lhe nos olhos um fogo verde.

— Não me esgotes a paciência, Lucian. Prometi à Emma que alguém a iria buscar. E vais!

Quando a minha avó falava assim, toda a gente lhe obedecia. Sem exceções.

— OK, Mamie. Eu vou.

Tenho a certeza absoluta de que lhe vi um brilho de satisfação nos olhos.

— Ótimo. Ela aterriza em Oxnard.

— Oxnard! — quase gritei. — Por que raio não veio por Santa Barbara?

Encolheu os ombros.

— Sei lá, há uma greve qualquer e estão a desviar os aviões para lá.

— Lindo! — Oxnard ficava a uma hora, se o trânsito ajudasse.

Coisa que nunca acontecia.

— És o meu herói, *mon ange*.

Sim. Pois. Um herói.

Eu não disse uma palavra, comecei, simplesmente, a arrumar as minhas ferramentas. Ela que pensasse que ganhara. Eu iria buscar a Princesa Emma ao aeroporto. Iria ser o mais bem-educado possível e, depois, afastar-me-ia para bem longe delas. E a minha avó iria ter de viver com a desilusão.

*

Emma

Reparei imediatamente naquele homem na zona das bagagens. Sobretudo porque era lindo. Tinha pinta. Há diferentes tipos de beleza. O menino bonito impecável, do género «tira-lhe uma fotografia e pendura na parede para o admirares».

E, depois, havia o tipo «energia sexual pura e dura que te faz tremer os joelhos e esvoaçar a alma», com pinta. E aquele homem tinha pinta para dar e vender.

Pinta na maneira de andar, nos passos confiantes, à medida que vinha na minha direção. Vi-o aproximar-se, incapaz de fingir que não reparava nele. Como é que podia não reparar? Tinha quase um metro e noventa, ombros largos, anca estreita, barriga lisa e coxas musculadas. O cabelo escuro, que contrastava com a pele em tom de azeitona, caía-lhe, despenteado, sobre a testa.

Ainda estava demasiado longe para lhe poder ver a cor dos olhos, mas percebi que eram claros e que olhavam para mim, sob as sobrancelhas escuras e severas.

Oh, meu Deus.

Senti-me varrida por uma onda de atração, tão forte que quase pressionei a mão contra a barriga, para me proteger. Mas percebi a tempo e consegui controlar-me. Porque, por mais giro que ele fosse, por mais *sexy* que fosse, por esses dias, o facto de

alguém se aproximar de mim era logo motivo de cautela. Desde o momento em que decidi estudar teatro que perseguia a fama e precisava da sua proteção e poder para conseguir os papéis que queria. Agora que a tinha conquistado, debatia-me com os seus constrangimentos; já não podia sair sozinha sem arriscar encontros desconfortáveis com a imprensa ou com um fã que não percebia os limites pessoais. Nas primeiras vezes em que isso aconteceu, fiquei apavorada. Agora, andava simplesmente atenta.

Durante um momento, lamentei a falta de proteção com que passei a viajar desde que *Dark Castle* se tornou um sucesso, mas agora era tarde de mais para fazer qualquer coisa. Estava sozinha e não havia dúvida de que ele vinha direito a mim.

Talvez viesse pedir-me uma informação ou coisa do género. Nesse caso, não estava com sorte nenhuma. Como milhares de outros passageiros, eu não devia estar aqui. O meu voo da Islândia via São Francisco devia ter aterrado em Santa Barbara. Mas tínhamos sido desviados para Oxnard, e aquele sítio era um verdadeiro zoo.

Por causa desta mudança na chegada, disseram-me que o meu motorista me iria buscar, mas talvez chegasse um bocadinho atrasado. Por isso, pus-me ao pé de umas cadeiras e mantive os olhos abertos, à espera de alguém fardado e com uma placa a dizer: Maria. Maria era o meu nome de código quando viajava. Não era muito original, mas cumpria a função.

Detrás da segurança dos meus óculos brancos *Jackie O.*, vi o Sr. Pintas aproximar-se.

Não tentou parecer encantador, com um sorriso ou uma expressão agradável. Na verdade, até parecia um pouco contrariado, as sobrancelhas severamente juntas, a boca firme apertada nos cantos. Mas nem isso diminuía o efeito *sexy*. De maneira nenhuma, caramba.

Quando muito, eu corria sérios riscos de me rir, nervosa, como uma adolescente apaixonada enquanto ele se aproximava, parando suficientemente longe de mim para ser educado, mas suficientemente perto para eu avaliá-lo.

O cabelo dele não era preto, mas de um castanho rico e escuro. Os seus traços contundentes pareciam esculpidos de uma maneira que um antigo mestre escultor admiraria. A meio da ponte do nariz havia um solavanco, como se no passado o tivesse partido. Não havia suavidade naquele rosto, exceto na boca, que era generosa e podia ser suave, se ele parasse de a pressionar numa linha sombria.

Mas o que era verdadeiramente impressionante eram os olhos dele. Oh, inferno, que olhos. Estava boquiaberta. Não pude evitar; eram extraordinários. Definidos sob as furiosas sobrancelhas e emoldurados por longas e espessas pestanas, os seus olhos eram de um verde gelado e misterioso.

No que me dizia respeito, eu tinha tido um desabrochar tardio. No secundário, por causa dos meus olhos demasiado grandes e do meu rosto afilado e magro, os rapazes chamavam-me rato ou coelho. Eu odiava, e senti-me desconfortável perto de homens durante muito tempo.

Mas o tempo e a representação mudaram isso tudo.

Passei a estar sempre rodeada de homens lindos e encantadores. Fazia parte da minha profissão. Ser atraente era uma das condições. Mesmo assim, no início, eu

ficava de olhos arregalados e apalermada ao pé deles. Mas nunca senti os joelhos a tremerem só com um olhar. Nenhum deles jamais me tinha impressionado sem sentido como aquele homem fez, com os seus olhos mal-humorados.

Eu nem sabia ao certo se a minha repentina falta de ar era atração ou nervos; não era todos os dias que um homem invulgarmente bonito e com pinta se aproximava de mim com cara de quem preferia estar em qualquer outro sítio do mundo. Francamente, não fazia ideia do que se tratava. Fiquei tentada a olhar por cima do ombro, para ter a certeza de que não havia uma equipa de filmagem de um daqueles programas nacionais do género «vamos lixar as celebridades». Havia qualquer coisa estranhamente familiar nele, como se já o tivesse visto muitas vezes. Mas não podia ser. Lembrar-me-ia de um homem como ele. Tê-lo-ia anotado no meu diário mental e sublinhado duas vezes.

E, depois, a coisa piorou muito. Porque ele falou. E como um creme doce quente, que voz tinha. Senti aquela voz no fundo da minha garganta, atrás dos joelhos.

— É a Emma Maron?

Deixei rolar sobre mim aqueles ricos fragmentos vocais, mergulhada no puro prazer de os ouvir, antes de perceber completamente o que ele acabava de dizer. Ele sabia quem eu era.

Um fã.

Fiquei desiludida. Os fãs estavam fora do potencial grupo de homens com quem eu podia sair. Seria muito estranho e... porque diabo estava eu a pensar sair com alguém? Eu não estava ali para conhecer alguém. Estava ali para uma escapadela relaxante, para ler uns livros, dormir o dia todo, talvez, e lamber as minhas feridas, sobretudo. E aquele homem só me tinha feito uma pergunta.

E estava à espera de que eu respondesse. Aparentemente, com pouca paciência, dado que estava a semicerrar os olhos na minha direção, como se eu fosse um problema infeliz para resolver. O que não fazia sentido; ele é que fora ter comigo.

Mudou o peso de um lado para o outro do corpo, os músculos longos da coxa a mexerem-se sob as calças de ganga muito usadas. Ignorei a onda de calor que me invadiu e foquei-me. Talvez estivesse constrangido. Tinha de ser isso.

Fiz-lhe o meu sorriso público. Educado. Amável, mas não demasiado.

— Sim, sou.

Assentiu brevemente e começou a tirar o telemóvel do bolso.

— Eu...

Oh, que inferno. Queria uma fotografia. Isso estava sempre a acontecer, e geralmente eu até ficava feliz. Só que tinha acabado de sair de um voo de treze horas e estava cansada. Até o cabelo me doía. Mais importante ainda, isso iria chamar a atenção. Uma atenção com que eu não conseguiria lidar sozinha, se as pessoas se juntassem à minha volta. Já tinha vivido essa experiência uma vez e estava apavorada com a possibilidade de isso voltar a acontecer.

— Desculpe, mas só tiro *selfies* em alturas especiais — antecipei-me, antes de o pedido dele poder tornar as coisas mais estranhas. — Mas, se tiver uma caneta, terei todo o prazer em dar-lhe um autógrafo.

As minhas palavras deixaram-no estático, a mão ainda no ato de puxar o telefone

do bolso das calças. Mas, de repente, pestanejou, e o fantasma de um sorriso confuso assombrou-lhe o canto dos lábios bem desenhados.

— Acha que quero um autógrafo?

Senti na pele umas picadas violentas do mais absoluto horror.

— Eu... hum... — *Merda.* — Não?

— Não. — Pegou no telemóvel e desbloqueou-o. — Vim buscá-la. A pedido da Amalie Osmond. — Sem esconder um sorrisinho presunçoso, mostrou-me o telefone. — Só queria mostrar-lhe o e-mail de confirmação.

Oh, meu Deus, por favor, faz com que o chão me engula e me leve daqui.

— Eu... peço desculpa. Presumi...

— Eu percebi.

Um brilho de diversão iluminou-lhe os olhos verde-gelo; o resto das suas feições fortes manteve-se como se fosse de granito. O que só serviu para me atrapalhar ainda mais.

— É que... hoje em dia, quando as pessoas se aproximam de mim, geralmente é porque querem um autógrafo ou uma fotografia.

— Percebo. — Os cantos dos seus lábios contraíram-se. Uma vez. — Acontece.

Posso garantir, com toda a segurança, que este cenário, em particular, nunca me tinha acontecido. Pela primeira vez em muitos anos, senti-me a miúda tímida e desajeitada que havia sido durante muito tempo e que tanto lutei para ultrapassar. Ali, eu tinha uma escolha. Ou sucumbia ao constrangimento e recuava ou descontraiá e brincava um pouco. Respirei fundo e forcei o que esperava ser um sorriso aberto.

— Mas você não teria como saber...

Estranhamente, ele fez um som como se estivesse a esforçar-se para não comentar. Houve uma pausa estranha e, de repente, ocorreu-me um pensamento, e endireitei mais as costas:

— Espere. Não disse o nome correto.

Levantou as sobrancelhas de uma maneira imperiosa, que de certeza tinha treinado muito para conseguir. Hoje não, Sr. Pinta. Devolvi o olhar em igual medida.

Franziu ligeiramente a testa e a boca contraiu-se.

— Então... não é a Emma Maron?

Ah-ha!

Semicerrei os olhos.

— Há um nome de código específico que os meus motoristas usam quando vão buscar-me.

Claramente, não gostou que me referisse a ele como meu motorista. Mas como é que ele queria que eu o chamasse? Tecnicamente, ele era a minha boleia. Ou talvez não.

— É um procedimento de segurança.

A dureza dos olhos dele suavizou.

— Tem razão. A segurança é importante. — Baixou o olhar enquanto esfregava a parte de trás do pescoço, obviamente aborrecido. — Merda... não me lembro de...

ah! É isso! — Os olhos verde-inverno prenderam-me num olhar triunfante. — Maria.

Senti um grande alívio. Não queria nada que este homem fosse um potencial perseguidor ou assassino ou o que quer que fosse. A verdade é que eu não queria ter de me preocupar com nenhuma dessas coisas. Sim, adorava ser atriz e adorava ter chegado até aqui, mas havia momentos — os momentos em que estava no mundo real — em que não queria mais nada se não livrar-me dessa pele e, simplesmente, ser a pessoa que já tinha sido, aquela que ninguém conhecia e em quem ninguém reparava.

Agora que tinha passado no meu teste, voltou a atenção para a passadeira rolante da bagagem, outra vez com aquele ar severo e um pouco carrancudo.

— Tem malas?

— Vou assumir que foi uma pergunta retórica.

Ele levantou uma sobrancelha, impassível.

Pessoa difícil.

— OK... — Exalei. — Hum, desculpe, como é que se chama?

O Sr. Impassível pestanejou, como se estivesse surpreendido por ter-se esquecido de me dizer o seu nome.

— Chamo-me... Lucian.

— Tem a certeza? — OK, confesso, não resisti. Ele era tão sério; vê-lo desconcertado causou-me uma emoçãozinha estranha.

As sobrancelhas escuras do Lucian uniram-se.

— Acha que não sei como é que me chamo?

— Hesitou.

O Lucian resmungou e pôs as grandes mãos nos quadris estreitos.

— E não sei... Não tem cara de Lucian.

— A sério?

Era divertido picá-lo. Ele caía muito facilmente.

— Os Lucian vestem-se de linho branco e calçam mocassins. Oferecem-nos um refresco de menta antes de nos venderem um roupeiro antigo.

— Que palhaçada! Diga-me... como é que eu devia chamar-me?

— Tem mais cara de Brick. Ex-estrela do desporto mal-humorado, com uma grande lesão no ombro, que se esconde do mundo e bebe para esquecer o desgosto.

Ele voltou a pestanejar, com a cabeça a balançar um pouco, como se eu lhe tivesse desferido um golpe em cheio.

Mas talvez eu tenha imaginado isso, porque ele apenas voltou a olhar para mim com indiferença, e aquela linda voz de creme quente rolou e disse, insolente:

— Por mais que eu adorasse ficar a ouvir esse revivalismo de *Gata em Telhado de Zinco Quente* que você planeou, Maggie, as malas estão a sair.

Sentia chamuscas a lamberem-me a cara. Meu Deus, ele tinha-me apanhado. Quando estava nervosa, tendia a imaginar o mundo como uma peça de teatro ou um filme. Já há algum tempo que não via a versão cinematográfica de *Gata em Telhado de Zinco Quente*, mas, na verdade, o Lucian tinha aquela aura mal-humorada e *sexy* de Paul Newman. Como é que uma rapariga podia ser julgada por se

desencaminhar?

— Tem razão. — Suprimindo um suspiro, dirigi-me à passadeira rolante e ele seguiu ao meu lado, o seu passo firme a combinar facilmente com o meu, mais rápido. Obviamente, não ia deixá-lo para trás, por isso desacelerei, os meus saltos a fazerem clique no linóleo brilhante.

— Quais são as suas?

— Ah, eu posso tirá-las... — O seu olhar fixo fez com que as minhas palavras escapassem com um suspiro. — As *Fendi* de alumínio, com pegas vermelhas.

Sem uma palavra, o Lucian — e, realmente, ele era muito grande e rude para se chamar Lucian — virou-se e começou a puxar as minhas malas para fora do tapete rolante. Quando tirou a última, voltou a olhar para mim.

— Estão todas? — perguntou, como se eu tivesse trazido um enxoval.

Eram só quatro.

— A menos que eu esteja com amnésia súbita, sim, estão todas.

— Hum.

Dois resmungos e um «hum». Que querido!

— Gosto de estar preparada para tudo — senti-me obrigada a dizer.

Olhou para mim de lado, matreiro.

— Não tinha uma caneta à mão, no entanto.

— Uma caneta?

— Para o autógrafo que eu queria.

Grrr.

— Se vai pedir um autógrafo, Brick, tem de se aproximar já com a caneta na mão.

— Não me vou esquecer disso.

Bem, ia ser uma viagem divertida.

CAPÍTULO DOIS

Lucian

Imaginei que a Emma Maron seria mais bonita em pessoa, mais imponente. Embora o seu cabelo fosse agora cor de mel dourado, em vez de branco e azul, reconheci-a imediatamente e senti uma grande atração por ela. Há um ano, ter-lhe-ia feito charme desde a primeira palavra, enquanto pensava em como iria levá-la para a minha cama. Teria ficado muito contente por a Mamie a ter posto no meu caminho. Bem, teria feito isso tudo se, na altura, não estivesse noivo. O facto de me ter esquecido de que estava noivo era inquietante.

Esta mulher era uma distração ambulante. Eu não me dava bem com distrações ultimamente. Especialmente quando tinham sorrisos de açúcar e a confiança de um franco-atirador de primeira classe — Deus sabia que os seus ataques verbais tinham uma pontaria perfeita. Uma combinação que não devia ser *sexy*. Mas era.

Senti uma contração ao longo de todo o corpo quando abri a porta do passageiro da minha carrinha e fiquei à espera que ela entrasse. Por um breve segundo, ela parou e olhou para mim com aqueles olhos índigo, como se estivesse à espera de que eu lhe pegasse na mão e a ajudasse a entrar. E as pontadas dentro de mim tornaram-se um aperto de todo o meu corpo.

Não queria tocar-lhe. Parecia-me perigoso. Como um miúdo desajeitado, temia o contacto físico com aquela mulher, como se isso pudesse fazer com que eu vomitasse ainda mais respostas idiotas diante daquela sua efusividade borbulhante.

Mas, de repente, ela atirou-me um rápido sorriso de tirar o fôlego e entrou com surpreendente facilidade. Fechei a porta com um suspiro de alívio. Mas durou pouco. A viagem durou mais de uma hora. Uma hora ali preso, muito perto da princesa bárbara favorita do mundo.

Não que ela parecesse ter força para matar uma joaninha. Claro, em *Dark Castle*, ela tinha poderes mágicos e conseguia derreter os rostos de pobres almas infelizes. Ficção ou não, fazia com que qualquer pessoa preferisse ter cuidado.

Afastando uma picada no pescoço, entrei na carrinha. E fui atingido pelo aroma dela. Cinco segundos no maldito carro e já estava tudo imbuído da sua fragrância, peras ricas e doces, escalfadas em *crème anglaise*. Não, não penses em *creme de pastelaria*. Ou em *lambê-lo*.

A minha reação a ela era enervante como o caraças. Durante um ano, não senti um vislumbre de necessidade ou atração sexual. Nem sequer tinha sentido falta disso — o que também era motivo de preocupação. Mas estava resignado ao meu estado

apático. Com a mesma eficácia com que se enfia uma ficha numa tomada, a Emma Maron tinha acordado o meu sistema em vigília. E não gostei nada disso.

— Então, quanto tempo demoramos até chegar a casa? — perguntou, quando pus a carrinha a trabalhar.

Demasiado. Uma eternidade.

— Uma hora, mais ou menos.

Percebi a pequena ruga de alarme que se formou na sua testa. Mas desapareceu rapidamente, e ela recostou-se no assento. Só quando já tínhamos deixado o aeroporto para trás é que quebrou o silêncio:

— Isto vai ser divertido.

O sarcasmo seco fez com que uma vontade desconhecida de sorrir se erguesse dentro de mim. Mas engoli-a.

— Oh, sem dúvida.

— Que palavra é que usou antes? — A sua boca suave curvou-se num sorriso matreiro. — Uma palhaçada, não foi?

— Uma grande palhaçada — disse eu, sem graça, fazendo-a rir.

Meu Deus, o riso dela. Rouco e fácil. Riso de cama. Mexi-me no assento e concentrei-me na estrada.

Mas não conseguia parar de olhar para ela. Um erro.

Meu Deus, ela era linda. De uma beleza pura e despretenhiosa. Das maçãs do rosto arredondadas à delicada linha do maxilar, tinha o género de cara que os escultores imortalizaram em mármore e o resto de nós contemplaria nos séculos vindouros.

Claro que era linda. Era atriz. Tinha de ser idolatrada no ecrã. Emma Maron, mais conhecida como Princesa Anya, futura rainha e conquistadora em *Dark Castle*. Os meus companheiros de equipa e eu costumávamos ver a série enquanto viajávamos, entre os jogos. A Anya era uma das favoritas. Especialmente desde... que lhe tinha visto os seios. Aquilo atingiu-me como um disco contra o capacete e os meus ouvidos começaram a zumbir. Tinha visto aqueles seios perfeitos, cor de creme, com doces pontas rosa que apontavam para cima, desafiando a gravidade e implorando para serem chupados. Tinha-a visto de gatas, os seios a saltarem enquanto Arasmus entrava dentro dela por trás.

Até corei. Eu. O gajo que, desde o secundário, tinha dezenas de mulheres a atirarem-se a ele, todas as noites. Eu fizera sexo tantas vezes e de tantas maneiras que se tinha tornado um borrão. Nada me envergonhava ou me fazia sentir desconfortável. No entanto, comecei a ficar com calor, a sentir a cara a queimar. Depois de quase um ano desinteressado de tudo o que tinha a ver com sexo, a minha pila decidiu dar a conhecer a sua presença e começar a crescer. Agora, justamente agora. Agora, quando eu estava preso numa maldita carrinha, a menos de três metros de uma mulher, finalmente, fiquei com tesão. Lindo!

Senti-me um maldito devasso.

— Pelo menos a viagem é bonita — disse ela, interrompendo-me os pensamentos acalorados de seios cremosos com mamilos de algodão doce.

— Hum, hum — foi tudo o que consegui dizer.

Mas ela tinha razão. Estávamos a percorrer a costa, e embora algumas pessoas locais já nem prestassem atenção ao Pacífico, duvido que esse fosse o caso da Emma Maron. O que era bom. Ela ia concentrada na paisagem e eu na condução. Em vez de olhar para ela. Não que a Emma me facilitasse a tarefa. Não tomou o meu silêncio como uma dica.

— Sem ofensa...

— Quer dizer que está prestes a ofender-me? — interrompi, seco.

— Não tem ar de motorista — disse ela, num tom divertido.

— Pensei que era o ex-jogador mal-humorado que gostava de beber para esquecer a dor. — Embora eu estivesse só a repetir o que ela própria tinha dito sobre mim, senti-me muito desconfortável; ela tinha estado muito perto da verdade. Não bebo, é certo. Mas quanto ao resto...

Distraí-me ao ouvi-la suspirar.

— Bem, não consigo imaginar o bom velho Brick a oferecer-se para ir buscar alguém ao aeroporto. Especialmente se esse aeroporto for a uma hora.

Apanhou-me mesmo. As minhas mãos apertaram um pouco mais o volante.

— A Amalie é minha avó.

— Ah. — Havia todo um mundo de compreensão naquela sílaba. Ela olhou pela janela, antes de voltar a falar. — Só a vou conhecer agora.

— E, mesmo assim, está aqui de visita?

Ela sorriu, irónica.

— Estranho, não é?

— Quem sou eu para julgar?

Ela expirou com força, mas não com rancor. Fitei-a e os nossos olhares cruzaram-se. Trocámos um pequeno sorriso, como se disséssemos um ao outro que éramos os dois uns tolos. Mas, depois, ela encolheu os ombros.

— Eu estava... a passar por um momento difícil e liguei à minha avó. Foi ela que me falou desta maravilhosa propriedade chamada Rosemont e da dona, que é uma das suas grandes e encantadoras amigas. — Emma olhou-me timidamente, antes de continuar. — Disse-me que era o sítio perfeito para me esconder e me recompor.

Nisto, curvou as costas, como se se preparasse para o meu desprezo. Mas não era isso que teria de mim. O facto de ela se ter tornado vulnerável e potencial alvo de ridículo perante um perfeito estranho provocou-me, inesperadamente, uma grande vontade de a proteger e de, em troca, também lhe dar qualquer coisa de mim.

— Os meus pais morreram num desastre de carro quando eu tinha catorze anos. — Com um gesto, afastei logo possíveis palavras de simpatia. — A Amalie tornou-se minha avó e minha mãe. O segundo marido dela, o Frank, tinha acabado de comprar Rosemont. Então foi aí que vivemos durante o ano letivo. É um bom lugar para...

Curar. Fazer o luto.

Agarrei o volante e aproveitei um momento para afastar as lembranças de ter sido aquele miúdo perdido e zangado. Mas sem sucesso. As memórias persistiam.

— Não digo que seja um sítio mágico... — *Claro, por isso foste a correr para lá, mal pudeste.* — Mas é bonito e temos privacidade. E a Amalie, sem dúvida, vai tomar

muito bem conta de si.

Essa ideia, em particular, deixou-me feliz e desconfortável. A Emma devia ter alguém a tomar conta dela. Mas porque é que eu tinha de estar ali, onde não podia escapar? A verdade é que já tinha falado mais com esta mulher, em poucos minutos, do que com qualquer outra pessoa, em meses.

Felizmente, a Emma limitou-se a assentir e olhou pensativamente pela janela, para a cordilheira por onde estávamos a passar.

— Tenho-a ajudado a fazer pequenos arranjos na propriedade — senti-me compelido a dizer, embora não soubesse porquê. Ela não tinha de saber. E, mesmo assim, a minha boca não se calava. — Sobretudo nas casas dos hóspedes. Já não eram reparadas há anos. Mas a sua acabou de ser renovada.

Cala-te, Oz, seu grande idiota.

— Não duvido — murmurou ela. Caiu um silêncio feliz. Durante cerca de dez segundos. — Quer dizer que és empregado?

Parte de mim queria rir. Parte de mim queria uivar para o vazio. Era nisto que me tinha tornado. Um homem que costumava ter fãs que o adoravam, multidões de fãs que esperavam por si, depois de um jogo, na esperança de conseguirem um autógrafo. Um homem que o mundo do hóquei esperava que levasse a sua equipa a conquistar mais uma vitória na Stanley Cup. E que, agora, não passava de um gajo que trabalhava para a avó e que ia ao aeroporto buscar uma atriz famosa que não fazia ideia de quem ele era.

Não é que estivesse à espera de que ela fosse uma grande fã de hóquei. Mas não houve sequer um vislumbre de reconhecimento. Eu tinha feito campanhas publicitárias internacionais para uma bebida energética, uma empresa de relógios, carros desportivos e barras proteicas. Que raio! Ela devia viver em Los Angeles, pelo menos durante uma parte do ano. Um *outdoor* de mais de quinze metros com a minha imagem, de *stick* na mão e vestido só com *boxers* vermelhos apertados e um sorriso, pairava sobre Sunset e Los Feliz. Pensei naquele estúpido *outdoor*, cujas cópias pontilhavam cidades em todo o mundo, lembrei-me dos comentários de outros tipos, que falavam do Lucky Luci a ostentar o seu saco de joias, e encolhi-me.

Talvez fosse mesmo melhor que ela não me tivesse reconhecido. Talvez tenha sido por isso que, quando perguntou o meu nome, eu tenha dito que era Lucian. Além dos meus pais, ninguém me chamava Lucian. Sempre me trataram por Oz ou por Luc. Ao meu lado, Emma fez um som, um som ínfimo:

— Olá? Terra chama Lucian. — Lembrei-me de que eu ainda não lhe tinha respondido.

Eu era empregado?

— Sim, é isso, mais ou menos.

Liguei o rádio. A verdade é que eu não tinha a mínima vontade de que ela me reconhecesse. Isso levaria a perguntas e à inevitável verdade de que eu não poderia voltar a fazer a única coisa que mais amava na vida.

O estômago pesava-me como chumbo, guiei num silêncio sombrio. E, desta vez, a Emma não insistiu na educada conversa sobre coisa nenhuma. O Pacífico abria-se diante de nós numa infinita extensão azul. A luz do sol refletia-se na água, lançando

lampejos de ouro que brilhavam e cintilavam. Pus os óculos de sol e ouvi os «ooh» e «aah» da Emma.

— Vivo a maior parte do ano em LA — disse ela, com um leve sorriso. — Mas nunca me canso de ver o mar.

Eu já tinha pensado o mesmo. A *pick-up* serpenteava ao longo da estrada, onde as montanhas empoeiradas, castanhas e verdes, pareciam antigas patas de dinossauros a pisar o mar. Pelo menos foi o que disse à Mamie, uma vez, quando era criança. Esta memória pouco fez para aliviar o aperto que sentia na parte de trás do pescoço e na testa.

Respirando firmemente, respondi-lhe de imediato:

— É lindo. — E continuei a guiar.

Apesar da dor de cabeça, a aumentar, não podia negar a beleza que tanto impressionava a Emma Maron. A costa da Califórnia era inspiradora, incrível. O mar batia e espumava contra as falésias de granito e girava em redemoinhos em volta de pequenas extensões de areias douradas.

Tal como Emma, vim para a Califórnia para deixar a terra mergulhar na minha alma maltratada. Para encontrar a paz. Contudo, não encontrei. A paz escapou-me. A dor de cabeça aumentou, parecia ter dedos a cavar até me tocarem na parte de trás dos olhos. E com a dor veio a náusea, espessa e gordurosa. Que inferno, foda-se! Há semanas que não tinha uma enxaqueca. Porquê logo agora?

Mas eu sabia. O médico avisou-me de que podia ter dores de cabeça em situações de stresse repentino. Foi ela. Sem querer, tirou-me do meu agradável e seguro casulo de dormência, e eu não queria ser acordado.

Abri a janela, recusando-me a ceder. Ao meu lado, a Emma cantava baixinho com a Fiona Apple. Desconfio de que nem se dava conta do que estava a fazer, mas não havia problema. Tinha uma voz suave e doce. Uma bela distração. O sol estava mais alto, o brilho intensificou-se. E a minha dor de cabeça também aumentou. Um suor fino cobriu-me a pele; a luz refletia-se no mar e a estrada fundiu-se num grande borrão brilhante.

Nunca tinha tido uma enxaqueca enquanto estava a guiar. A humilhação combate-se com bom senso. A estrada não é sítio para nos lixarmos por causa do orgulho masculino. Tinha de parar. Tinha de lhe dizer que não estava em condições de conduzir. Respirei lentamente, preparando-me para lhe dizer.

Mas a Emma falou primeiro:

— Importas-te que paremos um bocadinho na próxima área de descanso? É tão bonito, gostava de tirar uma fotografia para o meu Instagram.

A sugestão era muito bem-vinda e assenti levemente, o que fez o meu cérebro da treta perder-se na sopa de dor que me invadiu o crânio. Via luzes a explodir. Cerrei os dentes e tentei respirar através deles.

Aquela situação irritou-me; eu tinha jogado com músculos rasgados, lábios abertos, nariz partido. Durante um quarto de uma época, agarrei no *stick* com os dedos partidos, engessados. Mas não conseguia aguentar isto. A única coisa que me tinha deitado abaixo.

Depois de virar para o miradouro semicircular de terra e cascalho, parei a

carrinha no estacionamento, o mais depressa possível, e saí praticamente aos tropeções. A Emma não percebeu, saltou para o chão, com leveza, e foi logo a correr até à beira do murete.

Aí, as ondas verde-água rebentavam em espuma contra a costa. Um pouco mais abaixo, os surfistas, em cima das pranchas, esperavam por uma boa onda. A Emma inclinou a cabeça para trás e inspirou fundo a perfumada brisa. A luz do sol tocou-lhe no cabelo dourado e transformou-lhe a pele, dando-lhe a cor de um brioche perfeito. Por uma fração de segundo, esqueci que tinha a cabeça a latejar. Esqueci-me de como respirar.

Ela era deslumbrante. Tinha de estar com frio, com aquele vestido de verão branco; o ar estava fresco e húmido, por causa do vento. Mas não se queixou. Pelo contrário, estendeu os braços, como se abraçasse o mundo, e a luz do sol tornou translúcido o algodão branco da sua saia, revelando a silhueta das linhas do seu corpo.

Eu não devia reparar nessas coisas, especialmente com ela. No entanto, não consegui evitar; a Emma Maron era impossível de ignorar. Não apenas por causa da sua beleza, mas também pela maneira como absorvia alegria, como se simplesmente respirar fosse um dom. Talvez fosse, mas, de momento, não parecia.

Praguejando interiormente, olhei para a água e segui o exemplo dela, inspirei profundamente e desejei que a enxaqueca diminuísse. Mas a resposta foi um grande «vai-te foder» e a dor aumentou tanto que tive de engolir um grito.

— É simplesmente glorioso, não é? — disse a Emma.

— É.

— Passei meses a filmar na Islândia, que também tem paisagens absolutamente maravilhosas — balbuciou ela, no fundo da minha dor infernal. — Algumas francamente estranhas, como uma paisagem lunar, mas o Pacífico continua a surpreender-me. Dá-me vontade de ajoelhar e agradecer ou coisa do género.

Eu também queria cair de joelhos. Mas não perante um qualquer deus do mar. Talvez perante os deuses da dor, para que me deixassem em paz.

Não a vi aproximar-se e só dei por ela quando já estava ao meu lado. Mesmo assim, era apenas um borrão de cor e pele calorosamente perfumada. Mas ouvi-a na perfeição.

— Ouve, Lucian, queria perguntar-te... — Parou, deu uma curta gargalhada, como se estivesse a tentar encontrar as palavras certas. — Isto é um bocadinho embaraçoso...

Sou um verdadeiro especialista em coisas embaraçosas, querida.

A minha visão ficou suficientemente nítida para conseguir ver que ela estava a sorrir e a torcer as mãos. Meu Deus, por favor, não deixes que ela me reconheça agora.

— É que estou a sentir-me um bocadinho enjoada... Fico assim quando faço voos muito longos e ando de carro logo a seguir.

Só podia estar a gozar comigo. Deve ter percebido o que me estava a acontecer e aquilo fora a solução que encontrara. Agucei a vista e olhei-a com um olhar crítico. Estava com um tom um pouco esverdeado e a garganta movia-se como se não

conseguisse engolir corretamente.

— Estás doente? — foi a minha resposta inteligente.

Ficou ainda mais verde, um suor leve cobriu-lhe a pele lisa.

— É estúpido...

— Não, não é estúpido. Acontece.

As linhas do seu bonito rosto ficaram tensas.

— Pensei que parar um bocadinho podia ajudar, mas... — Olhou-me fixamente.

— Importas-te muito se for eu a guiar?

Os seus dedos finos apertavam-se uns nos outros. Céus, que belo par que nós éramos. Eu não estava a conseguir guiar, e ela estava a oferecer-se...

— OK — consegui dizer. — Claro, se é disso que precisas.

A sua expressão de prazer teve um efeito engraçado no centro do meu peito.

— Muito obrigada.

— As chaves estão na ignição — disse-lhe, ao mesmo tempo que indicava o carro, com a cabeça, e me dirigia ao banco do pendura.

— Ótimo. Só um minuto.

Dirigiu-se a uma carrinha que estava estacionada à beira do miradouro. Um velho, sentado numa cadeira de praia com uma mala frigorífica ao lado, vendia garrafas de água gelada.

A Emma comprou umas quantas e, abraçando-as, trouxe-as para o carro. Devia ter ido ajudá-la, porque olhou para mim e foi como se uma onda de enjoo tomasse conta de si. Mas enfrentou-a com uma respiração profunda e, depois, entregou-me as garrafas geladas.

— Acho que isto também me ajuda. Serve-te, se tiveres sede.

A água ajudava. Imenso. Olhei para as garrafas geladas no meu colo e, depois, para a mulher que estava a dar a volta à carrinha. Ela tinha feito aquilo por mim? Não sabia dizer. O que era irritante. Enervante.

Perplexo, abri uma garrafa para ela e outra para mim, depois meti o resto das garrafas no grande compartimento de armazenamento entre os assentos. A Emma deslizou para o banco do condutor e pôs-se a ajustar tudo ao seu gosto e tamanho.

Era estranho eu estar a achar aquilo *sexy*? Provavelmente. Mas estava com demasiadas dores para me importar. Inclinei o meu assento apenas o suficiente para libertar um pouco de pressão na parte inferior das costas, peguei na minha garrafa e bebi um grande gole. E depois quase chorei de alívio enquanto aquela água fria me lavava a garganta.

— Sabes o caminho? — perguntei-lhe, embora ela obviamente soubesse em que direção estávamos a ir, e quando fosse preciso virar eu dir-lhe-ia.

O tom da sua resposta disse-me isso mesmo, mas ela respondeu apenas:

— Vamos em direção a Montecito, certo?

— Certo.

A Emma saiu para a estrada com calma e eficiência. Assim que começámos a andar, ela abriu um pouco as janelas, para deixar entrar a brisa, e depois ligou o ar condicionado. Com um rápido olhar na minha direção, explicou:

— Também ajuda com as náuseas, sabes?

Sim, eu sabia.

Respirei fundo e, sob a cobertura dos meus óculos escuros, fechei os olhos. Bebi a água e deixei o ar fresco aliviar-me. A Emma cantarolou suavemente uma música e demorei um minuto a descobrir que era «Maria», de *Música no Coração*.

Não sei porquê, aquilo deu-me vontade de rir. Não dela ou da música, mas porque parecia mesmo assentar-lhe bem. Bebi mais água, para disfarçar, enquanto ela guiava com uma facilidade suave.

— Guias bem — dei por mim a dizer.

Um pequeno sorriso desenhou-se-lhe nos lábios.

— Tinhas dúvidas?

— Não disse isso. Achei que, no mínimo, tinhas de ser uma perita, para teres pedido para guiar.

— Podia estar iludida — rebateu docemente. — Cheia da minha grande competência, mas perigosamente incompetente.

— Conheces muita gente assim, não conheces?

Os cantos dos olhos dela enrugaram-se.

— Alguma.

— Hum...

Ultrapassou um carro mais lento.

— A verdade é que adoro guiar. Especialmente em estradas bonitas. Na Islândia, alguns de nós alugávamos carros desportivos, nos nossos dias de folga, e fazíamos passeios pelo campo, todos juntos. — Parecia perdida nos seus pensamentos, um olhar melancólico no rosto.

— A princesa Anya é a alma da série.

Deu um pequeno salto de surpresa, visível e rápido. Merda.

Depois, virou-se para mim, com um largo sorriso.

— Costumas ver *Dark Castle*?

Merda a dobrar.

— É uma boa série. Costumava ver... — Na estrada, entre os jogos. — Às vezes.

Olhou-me, cheia de orgulho. Embora eu começasse a pensar que todos os olhares dela eram bons.

— Quer dizer que gostas da Anya, hum?

Da Anya. Não dela. Anya era a personagem de uma série. Uma personagem que eu tinha visto nua e... Foda-se. Duplo, triplo foda-se.

Levantei um pouco mais a perna para esconder a ereção. Mas não conseguia deixar de imaginar os seus seios nus. Raios partam. Sou um completo tarado.

— Gostava mais dela com a cabeça intacta — murmurei, e fui recompensado com uma melodiosa gargalhada da Emma.

— Sim, eu também — disse, com um sorriso que desapareceu logo a seguir, e eu sabia que tinha tocado num ponto sensível. — Suponho que a Amalie te contou.

— Jurei sigilo. Não que eu tenha alguém a quem possa contar.

Isso pareceu deixá-la mais descansada. Mas, depois, deixou cair os ombros magros.

— Acabará por se saber. Num final espetacular.

O último episódio seria emitido daí a seis meses.

— Já sabias? Que ias, hum...

— Levar com o machado — disse ela, movendo as sobrancelhas.

Dei uma gargalhada.

— Sim, isso.

A série era famosa por esconder os acontecimentos importantes não só dos fãs, mas também dos próprios atores.

— Não — disse, num tom sóbrio. — Só soube quando fiz a primeira leitura do guião.

Eu conhecia aquela voz, a dor amarga, cheia de confusão, como se ela estivesse a perguntar-se: será que esta porra que aconteceu comigo aconteceu mesmo? Eu sabia muito bem como era.

Mataram-na sem aviso prévio. À frente dos colegas.

— É uma merda, Em.

Ficou em silêncio durante um momento, antes de responder.

— Podes crer, Lucian.

¹ Trocadilho entre a alcunha dada ao protagonista, Luc, e *Lucky Luke*, o *cowboy* de banda desenhada criado pelo artista belga Morris. (NR)

CAPÍTULO TRÊS

Emma

Depois de meses na Islândia, guiar na Califórnia era como entrar noutro mundo. sol, mar, montanhas. Muitas linhas de costa com as mesmas características. Embora eu vivesse na Califórnia apenas durante parte do ano, esta luz, dourada e quente, fazia-me sentir em casa; o fluxo interminável de carros; os surfistas a balançarem como rolhas na água, antes de apanharem uma onda.

Olhei para o mar e senti um nó na garganta. Estar aqui lembrava-me de que LA estava à espera e, com ela, todos os meus medos e dúvidas. Se não conseguisse outro papel rapidamente, estava lixada. O problema é que não estávamos autorizados a dizer aos diretores de elenco que Anya estava morta. Tínhamos de esperar pela transmissão do último episódio. O que me deixava numa situação difícil, a ter de fingir que estava tudo bem. Por isso, aqui estava eu, supostamente a fazer uma pausa depois de um rigoroso período de filmagens. Tudo fazia parte do plano, de acordo com o Dan, o meu agente, e a Carrie, a minha *manager*. Tinha de deixar que o mundo pensasse que estava tudo normal na minha vida.

Era mentira, claro. Ser afastada de *Dark Castle* tinha provocado rachas no meu frágil mundo. Tive de acreditar no Dan e na Carrie quando eles me disseram para não me preocupar, que iriam aparecer convites para novos papéis. Só que, ao contrário de alguns dos meus colegas de elenco, não me ofereceram nenhum papel nos intervalos da série. Já tinha começado a preocupar-me com a possibilidade de me escolherem sempre para papéis iguais.

A morte de uma carreira em Hollywood podia surgir tão rapidamente como o machado que decapitou Anya. Se sásse uma notícia a dizer que ninguém me queria, ninguém arriscaria oferecer-me coisa nenhuma. Era como uma horrível profecia de desgraça autorrealizável.

Com as mãos frias e agarradas ao volante, voltei a atenção para a estrada e para o homem afundado no banco ao meu lado. Os óculos de sol escondiam os seus olhos, mas o sobe-e-desce constante do peito largo revelava, sem sombra de dúvida, que tinha adormecido. Voltei a olhar para ele e sorri. Mesmo a dormir, a sua boca generosa continuava virada para baixo, nos cantos, como se não quisesse ceder à paz.

O meu sorriso desvaneceu-se. Teimosia à parte, havia qualquer coisa que me partia o coração ao vê-lo assim, incapaz de relaxar totalmente, mesmo durante o sono. Estaria com dores? Era isso? Queria estender a mão, fazer-lhe uma festa na cara, agora sombreada com a barba que começava a crescer. Mas ele não era meu, não

podia fazer isso.

Portanto, concentrei-me em guiar. Um pouco depois, o caminho começava a afastar-se do mar. A autoestrada ficou cheia de viadutos, parques industriais e centros comerciais. Sabia que íamos para Montecito, mas não sabia a localização exata. Quando nos aproximámos de uma saída, virei e entrei num restaurante de *fast food*.

O Lucian mexeu-se. Era evidente, pela maneira como estremeceu e depois se endireitou, que não tinha percebido que havia adormecido. Suprimi um sorriso porque, muito provavelmente, ele estava descontente por isso ter acontecido. O pobre rapaz tinha todo o direito à sua quota-parte de orgulho. E era evidente que estava com uma enxaqueca.

Eu conhecia os sinais, a maneira como ele tentava proteger os olhos da luz, a necessidade de ar e o empalidecer da sua pele bronzeadada. Estava a sofrer, mas não tinha sido capaz de o admitir. Percebi que ficou um pouco desconfiado com o meu súbito enjoo — e com toda a razão —, mas eu era uma excelente atriz. E se a minha representação lhe permitiu descansar, deixando que fosse eu a guiar em segurança até ao nosso destino, então, que assim fosse. Não é que eu pensasse que ele nos iria pôr em risco, mas estava nitidamente em dificuldades e, obviamente, detestava a ideia de ter de confessar que não conseguia conduzir.

Então, problema resolvido.

Agora, no entanto, estava a olhar para o parque de estacionamento, confuso.

— O que é que aconteceu? Estás com fome?

Foi muito querido ao ter-se preocupado imediatamente com o meu conforto. Estacionei a carrinha. Era um veículo agradável, bem conservado e limpo. E como ele estava a fazer obras de renovação na propriedade da Amalie, eu sabia que não usava o carro para se exhibir, mas sim porque precisava dele.

— Não aconteceu nada. Pensei que, como já estamos perto de Montecito, devias querer ser tu a guiar durante o resto do caminho.

A outra coisa que eu sabia instintivamente? Ele não ia gostar que a avó nos visse chegar comigo ao volante. Uma verdade que ia ficar só entre nós, como caramelo pegajoso, que estica e se agarra. Isso deixou-me nervosa, e quando estou nervosa falo de mais.

— Isto é, se te sentires... — Merda. — Hum, quer dizer, se achares bem.

O motor fez um barulhinho enquanto ele olhava para mim, obviamente tinha ouvido o meu deslize. Lucian fez uma careta, mas escondeu-a esfregando a grande mão na cara.

Ouviu-se o arranhar da barba por fazer.

— Eu guio.

Mas nenhum de nós se mexeu. Continuámos a olhar um para o outro e, depois, como que por acordo silencioso, virámo-nos para abrir as respetivas portas e sair da carrinha. Dei a volta pela frente do carro e só parei quando encontrei o Lucian, no meio do caminho.

Era tão alto que tinha de baixar a cabeça para me olhar nos olhos. Senhor, era um homem grande e bonito. Os olhos verde-inverno olhavam-me com tanta

intensidade que corei. Não conseguia mexer-me ou pensar, sob aquele olhar.

— Estavas mesmo enjoada?

Aquela voz de creme quente obrigava-me a dizer a verdade. Tive de lutar contra isso e contra aqueles malditos olhos. Pestanejei, toda eu doce inocência.

— Lucian, estás a acusar-me de mentir?

— Estou.

Muito bem.

A sua expressão de granito não se alterou, mas havia qualquer coisa que lhe brilhava no olhar gelado e que me dizia que ele não estava zangado, mas sim a querer saber a verdade. Éramos dois a querer jogar este jogo.

— Diz-me, Brick, se eu te perguntar se estavas com uma enxaqueca, és capaz de admitir que sim?

Lábios firmes contraídos; o brilho tornou-se mais divertido.

— Talvez.

— Hum.

Ergueu as sobrancelhas escuras.

— «Hum»? É essa a tua resposta?

Encolhi os ombros.

— Porque não? Tu usa-la muitas vezes.

Os cantos contraídos da sua boca ameaçavam florescer num sorriso. Mas ele conseguiu controlar-se a tempo.

— Parece que nos entendemos.

— Acho que sim.

Isso não devia ter-me enchido de nervos de antecipação. Mas encheu. Com um aceno de cabeça, preparei-me para continuar o meu caminho, mas ele impediu-me e curvou-se um pouco mais.

Embora os seus lábios não me tocassem na orelha, foi aí que os senti, como um golpe quente na minha pele. Quase tremi quando a voz dele ressoou num sussurro rouco.

— Obrigado, Emma, por me teres salvado do meu orgulho masculino.

Mesmo que tivesse tentado, não teria conseguido esconder o meu sorriso de resposta; caiu sobre mim como sol, aquecendo-me desde a cara até às pontas dos pés, que formigavam.

— De nada, Lucian.

Ele resmungou qualquer coisa — oh, como eu amava a maneira como aquele homem resmungava — e, depois, sentou-se no lugar do condutor.

Não falámos enquanto ele saía do parque de estacionamento, mas ele voltou a ligar o rádio e pareceu relaxado ao volante. Juro que senti um aroma de baunilha a emanar dele. Não o aroma adocicado de uma vela perfumada, mas a nota floral escura da verdadeira baunilha. Não conseguia imaginar um homem como o Lucian a pôr perfume, mas era tão sedutor que me senti tentada a inclinar-me e a cheirá-lo.

Mas isso era impensável. Ele já estava suficientemente constrangido sem eu lhe ter enfiado o nariz no colarinho.

— Já estamos perto? — perguntei, para me distrair.

— Já. — Lançou-me um olhar de lado. — Peço desculpa por ter adormecido.
— Tenho enxaquecas de vez em quando. O sono é o melhor remédio para isso.
— Hum.
— Vais fazer-me sorrir sempre que disseres «hum», sabes?
Ah, naquele momento, ele aproximou-se tanto de um sorriso.
— E isso é mau?

Ele sabia que estava a flirtar? E eu, sabia-o?

Não era sensato, nada mesmo. Eu ia ficar ali só durante um tempo, e dormir com o neto da melhor amiga da avó Cynthia não era apenas estúpido, era pedir sofrimento. Não lidava nada bem com relações casuais. E, não sei porquê, parecia-me que o Lucian não era o género de homem de relações longas. O mais provável era aquilo acabar com ele a evitar-me e eu a sentir-me uma tola.

Perdida em pensamentos, quase nem dei por termos saído da estrada e entrado num caminho estreito, que atravessava o campo. De repente, fiquei contente por não ser eu a guiar nesta parte da viagem. Ia ser uma chatice se nos perdêssemos enquanto o Lucian dormia. Para lá das árvores, vislumbrei o mar azul cintilante. Aqui e ali havia telhados de casas enormes escondidas atrás de portões. Um Éden exuberante e ensolarado.

O Lucian parou junto a uns portões de ferro forjado que interrompiam um enorme muro de estuque branco coberto de glicínias e buganvílias. Por cima, um arco de ferro forjado, onde estava escrito «Rosemont», em letras douradas, dizia-nos que tínhamos chegado.

— Bem-vinda a Rosemont — disse Lucian, sem alarde.

Atravessámos a propriedade sob a sombra de oliveiras. O carro seguia devagar e abri a janela para deixar entrar o ar fresco.

— Meu Deus, juro que me cheira a limões — disse eu, respirando profundamente.

— E cheira. Temos muitas árvores de citrinos, de várias espécies.

— Os limões trazem-me à memória felicidade.

— Felicidade — repetiu o Lucian, um tanto desconcertado.

— Não sei como explicar isso. — Encolhi os ombros com uma pequena gargalhada. — Sinto o cheiro a limões e sinto-me feliz. Esperançosa.

Ele suspirou.

A estrada abriu-se para um terreiro circular. A casa principal ali estava, num repouso gracioso. Parte *villa* italiana, parte *hacienda* espanhola e toda ela ao estilo da Califórnia. Roseiras com flores de pétalas vermelhas trepavam pelo estuque creme e enrolavam-se nas grades de ferro forjado.

— É absolutamente impressionante — disse eu, boquiaberta.

— Pois é. — Por uma vez, havia suavidade na voz do Lucian, mas ele não estava a olhar para a casa. Estacionou, depois olhou para o telemóvel. Mordeu os lábios enquanto lia. — A Mamie teve de sair, mas diz que volta dentro de uma hora.

— Mamie?

— A Amalie. Eu trato-a por Mamie. É o meu diminutivo de avó.

— Isso é muito querido.

— Estás a tentar irritar-me, não estás?

— É tão fácil. Ao menos, podias dar-me um bocadinho de trabalho.

O olhar do Lucian cruzou-se com o meu e quase fiquei sem fôlego, o calor cada vez maior a espalhar-se pela minha barriga, enquanto pensava em todas as maneiras através das quais ele podia causar-me isso. Talvez ele estivesse a pensar o mesmo, porque aqueles olhos verde-inverno não estavam minimamente frios. Mas, depois, pestanejou, e qualquer indício de provocação sensual desapareceu.

Sem dizer mais nada, saiu do carro e começou a descarregar as minhas malas. Segui-o, mas ele não me deixou ajudá-lo. Honestamente, foi impressionante ver a maneira como lidou com quatro grandes malas sem, ao que parece, qualquer esforço.

— Ficas na Cyrano — disse ele, metendo por um caminho de jardim sinuoso, cheio de palmeiras drapeadas, limoeiros e buganvílias.

— Como o Cyrano de Bergerac?

— Isso mesmo. A Mamie gosta de batizar as casas dos convidados em homenagem a nomes notáveis da literatura francesa. A Dumas está quase pronta. Depois, vou trabalhar na Baudelaire.

— O Cyrano é uma das minhas personagens favoritas.

— Só se aplica ao nome. Não à decoração. — Parou num bangalô que parecia uma miniatura da casa principal. — Não esperes bustos de homens de nariz grande ou coisa do género.

— Agora fiquei muito desapontada.

— Hás de sobreviver.

O Lucian convidou-me a entrar. Adorei as portas em arco, as paredes de estuque branco-nuvem e as vigas de madeira escura. Um conjunto de altas portas francesas deixava entrar a luz dourada da Califórnia.

— O quarto é ali. — Apontou para uma porta ao lado da acolhedora sala de estar. — Na verdade, é uma *suite*. Tens toalhas e lençóis lavados. A cozinha está completamente equipada. E... que mais? — Coçou a parte de trás do pescoço enquanto examinava o pequeno bangalô com um olhar crítico. — Ah, a lista com os números da Amalie e da casa principal está na mesa de jantar.

— É lindo, Lucian. Obrigada.

Ele fez um ruído semelhante a um resmungo. Como era aliás de esperar. Esforcei-me para não sorrir. Percebi que ele estava cheio de vontade de se ir embora. Suspeito que ter de estar preso dentro de um carro com uma estranha durante mais de uma hora e ter tido uma enxaqueca o tinham levado ao limite.

Pousei a minha carteira em cima de um cadeirão lindo, de estilo espanhol.

— O *jet lag* está a dar cabo de mim. Acho que preciso de uma sesta.

— Vou deixar-te sozinha, então. Basta ligares para a casa grande, se precisares de alguma coisa. O Sal ajuda-te, se a Mamie não responder.

Não me dei ao trabalho de perguntar quem era o Sal. O Lucian já estava a sair, como se a casa estivesse a arder. Não consegui evitar um sorriso.

— Até logo, Lucian.

Ele pestanejou, as longas pestanas a entrelaçarem-se no cabelo cor de mogno.

— Dorme bem, Emma.

E, com isto, saiu. E a casa ficou estranhamente vazia.

Depois de me servir um copo de limonada que encontrei no frigorífico, fui para o quarto, recostei-me na cama alta e grande e liguei à minha amiga Tate.

— Chegaste bem? — perguntou, sem preâmbulo. Já me tinha visto chorar tantas vezes, que se tornara protetora e estava sempre preocupada comigo.

— Sim. O voo foi bom. E isto é lindo. Vou dar uma volta daqui a pouco. A viagem até cá foi... interessante. — Assim que disse isto, tive vontade de engolir as palavras. Não queria falar do Lucian, mas ele tinha deixado uma marca em mim, tão vívida como se tivesse passado as mãos pelo meu corpo, e eu não consegui conter-me.

Tal como temia, a voz da Tate entusiasmou-se.

— Interessante como?

Eu até podia mentir, mas não valia a pena, acabaria por me descair.

— Por onde começar...? Primeiro, pensei que o meu motorista era um fã a querer tirar uma *selfie*. — Por cima das gargalhadas dela, contei-lhe o resto, fazendo caretas àquelas lembranças. — Mas, na verdade, era o neto da Amalie.

— É *sexy*, não é?

— Eu não disse isso.

— Por não teres dito é que sei que é.

Franzi o nariz e bebi um gole de limonada. Estava surpreendentemente boa e fresca.

— OK, é. Mas também é muito reservado...

— Não o condeno, Miss Não Quero *Selfies*.

— Não me estás a ver, mas estou a mostrar-te o dedo do meio.

— Estou a brincar. Ei, isso acontece. Estás nesse modo de autoproteção e vês toda a gente como uma potencial ameaça. — A Tate também é atriz e protagonista de uma *sitcom* de longa duração bastante popular. O tom dela tornou-se provocador. — Embora isso nunca me tenha acontecido com um tipo *sexy*, eu andaria sempre perto dele durante as férias todas.

— Céus! Sinto-me tão tonta. Ele ficou indeciso entre desatar a rir-se na minha cara e sair a correr do aeroporto.

— Encara isso como um desafio. Quando lhe mostrares o teu verdadeiro eu, ele não vai conseguir resistir.

Já tinha sido eu própria. E a última coisa que queria era fazer do Lucian — ou de qualquer outro homem — um desafio.

— Não interessa — disse eu, com uma leveza forçada. — Os homens não estão na minha lista de afazeres de férias.

— Os homens devem estar sempre na lista de afazeres, Ems. No mínimo, para ires para a cama com eles, especialmente nas férias.

— Não tenho interesse em começar nada. Ainda estou a recuperar do Greg. — Só dizer o nome dele fez com que sentisse um aperto desconfortável dentro de mim. Depois de o ter apanhado na cama com outra, ele voltou a Los Angeles no primeiro avião. Eu precisei de um mês para dar todos os meus compromissos na Islândia por terminados. E, nessa altura, não tive para onde ir, porque o Greg e eu partilhávamos

uma casa em Los Angeles, e como raio é que eu ia voltar para uma casa onde ele ainda estava?

Tinha de arranjar outro sítio para viver. Tinha de pôr a minha vida em ordem. Esta vontade de cruzar os braços e ficar quieta não era uma coisa nada minha. Costumo percorrer a vida determinada a agarrá-la com as duas mãos e a torná-la minha. Mas, a partir do momento em que a minha avó me falou de Rosemont, agarrei-me à ideia como a uma tábua de salvação, qualquer coisa dentro de mim a insistir que era aqui que eu precisava de estar. Talvez tenha sido loucura. Mas agora eu estava aqui, e mesmo que as minhas interações com o taciturno e muito *sexy* Lucian Osmond me deixassem nervosa e a antecipar o nosso próximo choque, sentia-me bem.

— O Greg era um monte de merda — disse a Tate, voltando à conversa. — Mas não risques os outros homens todos por causa disso.

— Sabes muito bem que não. — Franzi a testa e despi o vestido. — Não é isso. É... este homem — por razões que eu não queria perceber, ainda não conseguia dizer o nome do Lucian — parece todo ele gritar para que me afaste de si. Nunca conheci ninguém com tantos muros à sua volta. — E, no entanto, ele até flirtou. Nunca imaginei. Flirtou, mas não gostou do que fez. — E não há como lhe escapar, aqui. Já imaginaste que estranho que seria, no dia seguinte? Não, obrigada. Vou é descontraír e gozar a minha solidão.

— A solidão é uma chatice, Em.

Sorri.

— Falas como uma extrovertida.

— Ouve o que te diz a introvertida.

Rimo-nos ambas.

— Bem — disse ela —, faz lá o que tens de fazer para te sentires melhor e depois volta para casa. Estou com saudades tuas.

— Também tenho saudades tuas.

Desliguei com um sorriso triste. Sentia falta da Tate. Mas não queria voltar para casa. A verdade é que, agora, eu não tinha uma casa. Isso era inquietante, e aconcheguei-me na cama, com os braços em volta daquela dor vazia que se instalou no meu peito.

*

Acontece que precisava mesmo de uma sesta. Com as janelas entreabertas, para deixar entrar a doce brisa perfumada das glicínias, enrolada numa cama fofa com cobertas de seda, dormi sem me mexer nem virar, sem preocupações. Foi fantástico. Acordei a sentir-me descansada e cheia de energia.

Depois de tomar um longo banho quente e de ter secado o cabelo, voltei para a sala de estar e encontrei um envelope que tinha sido empurrado através da ranhura do correio.

Era um convite para café e bolos, às quatro. Num suave papel creme, escrito com caligrafia verdadeira. Uma vibrante borboleta em tons de arco-íris, bordada com

relevo dourados, enfeitava o canto inferior do convite, ao lado da assinatura rabiscada com um floreio: Amalie.

Era tão maravilhosamente à antiga e bonito. Afixei o bilhete no pequeno quadro de cortiça pendurado na porta das traseiras da minha cozinha e fui arranjar-me. E, de repente, fiquei cheia de dúvidas. Devia chegar mais cedo? Exatamente à hora? Mais tarde, nunca. Isso seria falta de educação.

Às vinte para as quatro, decidi deixar as dúvidas de lado e pôr-me a caminho. Lá fora, o ar estava fresco, mas não frio. Segui o caminho sinuoso, feito de ardósias emolduradas por musgo, até à casa grande. O convite pedia-me que me dirigisse ao terraço norte, fosse lá isso onde fosse.

Quando o caminho fez uma curva, continuei por aí, em direção a um portão que tinha sido deixado aberto.

A cada passo que dava, dentro da minha barriga, as borboletas esvoaçantes de expectativa cresciam em tamanho e força. Isso enervava-me. Estou habituada a conhecer pessoas novas todos os dias. Como atriz, sou constantemente empurrada para situações sociais. Mas eu sabia que não era por isso que o meu corpo se sentia apertado e quente e o meu coração batia um pouco mais depressa. Era por causa dele. Queria voltar a vê-lo e perguntava-me se isso ia acontecer.

Aquele Lucian dos resmungos e dos «hum» ter ficado entranhado em mim em menos de duas horas era mais do que enervante. Era alarmante. Sobretudo porque eu sabia que ele ia fazer o possível para me ignorar, como se eu tivesse a peste. Estava escrito em todas as linhas do seu grande, belo e tenso corpo.

— Tens de ultrapassar isso. És atriz. Faz de conta que não percebes — murmurei, muito baixinho.

— A falar sozinha? — perguntou uma voz desconhecida atrás de mim. — Está no sítio certo.

Apanhei um tal susto que o coração quase me saltou pela garganta. Virei-me para trás e dei com um homem alto, hispânico, com uma incrível popa à Elvis, a sorrir para mim. Não havia malícia na sua expressão. Parecia genuinamente divertido.

— Olá! — Estendeu-me uma mão com uma manicura perfeita. Longas unhas vermelhas brilhavam sob a luz do sol. — Sou o Salvador. Toda a gente me trata por Sal.

Peguei na mão dele e apertei-a.

— Olá, Sal. Sou a Emma.

— Oh, eu sei quem és. — Sorriu abertamente. E dei por mim a invejar-lhe o batom carmesim. — Fui eu que pus o convite na sua caixa do correio.

— Certo. O Lucian disse-me que podia falar consigo, se precisasse de alguma coisa. — A menção do nome dele gerou em mim uma expectativa efervescente que precisava de ser transformada em pó. Além do mais, não era melhor saber se ele morava aqui, na propriedade, ou se só vinha cá trabalhar e já tinha ido para casa...? Jesus, seria casado? Teria alguém? Tinha flirtado comigo, mas havia muitos tipos que faziam isso apesar de terem um relacionamento. Não, eu não estava a pensar no sacana do Greg. A verdade é que havia imensa coisa que eu não sabia sobre o Lucian. E queria saber, ah, se queria!

Mordi o lábio de baixo, tentando descobrir como fazer as perguntas que ardiam dentro de mim sem parecer intrometida.

— Eu... hum... eu ia perguntar... — Coisas sobre o Lucian, que não são da minha conta. Irritada com a minha coscuvilhice, preenchi o espaço em branco com a primeira coisa que me veio à cabeça. — Que fantástica cor de batom é essa que está a usar?

O Sal piscou-me o olho e deu-me uma cotovelada.

— *Velvet Ribbon*. Muito difícil de encontrar. Mas tenho um a mais, se quiser.

— A sério?

Assentiu e estendeu o braço, indicando o portão aberto.

— Claro. Somos vizinhos.

Quando atravesssei o portão, o Sal deu-me o braço e encaminhou-me.

— Vivo na casa grande, com a Amalie. Sou o assistente e estilista dela. — O Sal falou dela com profundo respeito e carinho, e senti que devia saber quem mais era a Amalie, além de amiga da avó Cynthia. As únicas pessoas que eu conhecia que tinham estilistas eram famosas ou estavam envolvidas com alguém famoso. Olhei para as calças pretas do Sal, impecavelmente cortadas e feitas por medida, e para a camisa *Versace* de seda dourada, que custava mais do que a renda da casa da maioria das pessoas. O estilo dele era do género «Miami com um toque de Nashville», mas funcionava muito bem.

— Há já uns tempos que a Amalie queria conhecê-la — continuou o Sal.

— Admito que não sei muito sobre ela. — Passámos por uma fonte com uma estátua de um homem nu a segurar num tridente. — A minha avó disse-me que ela é adorável e que tinha o sítio ideal onde eu poderia descansar durante um tempo.

— A sua avó tem razão em ambas as coisas. — Através do pórtico central, o Sal guiou-me até um pátio com outra fonte no centro. Esta era de Afrodite a elevar-se das ondas.

Depois, por um caminho lateral, chegámos a um amplo relvado. Aqui, a casa principal estendia as suas alas em duas secções amplas. Olhei em volta, vislumbrando o interior através de vários conjuntos de portas francesas.

À frente da casa ficava a piscina, cercada por jardins formais, muito bem aparados. Do outro lado do relvado havia um caminho que começava ao pé de um enorme eucalipto e acabava na encosta, onde havia outro bangalô.

— É mesmo uma beleza — balbuciei.

— Rosemont é única — disse o Sal. — É lindo, não é?

Olhámos ambos lá para baixo, para o mar azul profundo, tocado por pontos de luz dourada do sol. Então, o Sal exalou um suspiro feliz e fez um gesto indicando uma mesa posta sob um grande pórtico que percorria toda a extensão da casa. A mesa redonda e as quatro cadeiras pareciam ter sido arrancadas de um casamento da alta sociedade — a toalha era rosa cintilante, um serviço completo de porcelana antiga, verde-relva, copos de cristal, buquês baixos de rechonchudas peónias cor-de-rosa. Até havia um candelabro de cristal.

— Uau.

— Gostamos de dar um pequeno efeito dramático às nossas festas — disse o Sal.

— Isto é uma festa? — Não, eu não ia olhar em volta à procura *dele*.

— Querida, cada refeição deve ser uma festa, não acha?

— Acho, sim, Sal, acho.

— Sente-se. A Amalie queria cumprimentá-la, mas recebeu um telefonema de França. — O Sal sorriu-me de viés. — Parentes. Não pode ignorá-los.

— Absolutamente. — Meu Deus, havia uma delicada borboleta de cristal pousada em cada prato. Preso entre as asas de uma das borboletas estava um pequeno cartão com o meu nome. Quem era esta mulher? O resto das borboletas não tinham nomes, por isso sentei-me no meu lugar.

Havia outros três em aberto. E não, eu ainda não ia fazer perguntas sobre *ele*.

Isso mesmo, Em. Esquece-o.

Assim que me sentei, o Sal pôs-se a saltitar à minha volta.

— Quer beber alguma coisa? Vinho branco? Champanhe? Refrigerante?

— Obrigada, mas vou esperar pela Amalie.

— Eu vou dizer-lhe que está aqui. — Numa ondulação de seda dourada, o Sal deslizou para a casa principal.

Eu estava um feixe de nervos. Durante anos, lutei para entrar no mundo do teatro, suportei muita merda que me deixava a pele arrepiada, embora me tivesse afastado de coisas que, simplesmente, não conseguia admitir. Muitas vezes, refletia sobre a minha vida e parecia-me irreal, feita de vidro ou de algodão doce.

Os meus dedos contorciam-se dentro das dobras da minha saia enquanto o medo e os nervos rodopiavam dentro de mim. Não queria pensar em fracasso. Ou perda. Mas era difícil, ali sentada, naquele pedaço selvagem e solitário de terra, não sentir que talvez este fosse o último suspiro da minha vida encantada.

— Ah, aqui estás tu! — exclamou uma voz rouca mas muito feminina.

Uma mulher morena, muito elegante, que podia ter qualquer idade entre os cinquenta e os setenta anos, caminhava na minha direção, com um largo sorriso nos lábios vivamente rosa. Vestia umas calças de seda rosa-chiclete e chinelos de palha prateados, que podiam parecer ridículos, mas nela tinham um ar *rétro* chique. Era incrivelmente bonita. E os seus olhos eram exatamente da mesma cor que os de Lucian. Mas, enquanto os dele eram frios e impassíveis, os dela brilhavam com vivacidade e humor irónico.

Gostei imediatamente dela.

— Olá!

Levantei-me para a cumprimentar e ela envolveu-me num abraço caloroso e numa nuvem de *Chanel N.º 5* antes de me dar dois beijos na cara.

— É muito bom ter-te aqui, minha querida. — Ela deu um passo atrás, agarrando-me pelos pulsos, e observou-me com os seus olhos brilhantes. — És parecida com a tua avó.

— É o que me dizem sempre. Muito obrigada por me receber, senhora Osmond.

— Trata-me por Amalie. E és muito bem-vinda. — Fez um gesto em direção à mesa e, depois, sentou-se. — Na verdade, estás a fazer-me um favor. Esta casa precisa de uma lufada de ar fresco. O Sal e eu estávamos a ficar muito entediados.

Nenhuma menção ao Lucian. Mas eu não podia — não devia — perguntar. Era a

avó dele. E havia qualquer coisa que me dizia que, se mostrasse o menor interesse no seu paradeiro, ela iria fazer os possíveis e os impossíveis para o encontrar, ou para me avisar onde estava, ou para tentar juntar-nos.

— Este sítio é absolutamente deslumbrante — disse-lhe.

— É, não é? — Olhou em volta, com um suspiro feliz. — Pertencia ao meu segundo marido, o Frank. Era investidor de risco. O que lhe trazia muito dinheiro, mas muito stresse também. O coração do pobre querido não aguentou mais, há três anos.

— Lamento.

— Eu também. Era um bom homem. Não foi o amor da minha vida, mas era um bom companheiro.

Tentei pensar como seria casar com alguém apenas pela companhia e fiquei horrorizada ao perceber que tinha vivido com um homem que eu tolerava como pessoa, mas cuja aparência era o que mais me atraía. Ao menos a Amalie havia tido alguém de quem gostava. Eu tinha-me deixado levar por uma cara bonita e pelo facto de ele também ser famoso. Tinha-me tornado essa pessoa. E não gostei.

Nunca mais. Não voltaria a apaixonar-me por um homem só porque admirava a maneira como o seu rabo lhe preenchia as calças de ganga. Tinha de haver mais. Uma ligação além do físico. O que, definitivamente, significava não cobiçar um par de olhos verde-jade sob severas sobranceiras.

Amalie olhou para o extenso jardim.

— É, na verdade, uma propriedade demasiado grande para uma só mulher. Ridículo, realmente. Mas há algo em Rosemont que se afunda nos nossos ossos e nos acalma o coração. Além disso, há muito espaço para convidados. — Riu-se do óbvio eufemismo, e eu sorri. — Bom, minha querida — pousou uma mão fria sobre a minha —, ficas o tempo que quiseres. Deixa-te curar.

A gentileza dela provocou uma onda inesperada de emoção dentro de mim, e dei por mim a pestanejar muito depressa.

— Não me tente! E se eu nunca mais me for embora? — Porque, naquele preciso momento, era isso que eu queria, ficar ali para sempre. Escondida como uma criança.

Ela sorriu, sábia.

— Alguma coisa me diz que nunca ficas em baixo durante muito tempo.

Antes de eu poder responder, o Sal saiu de casa, a empurrar um carrinho de chá cheio de bandejas com cúpulas prateadas e um serviço de café. Ergui-me de um salto, para o ir ajudar, e ele tentou afastar-me.

— Não é preciso.

— Mas, ainda assim, deixe-me ajudá-lo — disse eu.

Ele lançou um sorriso à Amalie.

— Ama, confesse, já a adora, não adora?

Os olhos da Amalie, tão desconcertantes como os do Lucian, brilharam.

— Sim, completamente.

O calor invadiu-me a cara. Eu não lidava bem com elogios, o que era lamentável, dado que as pessoas adoram bajular atrizes famosas. Não é que a Amalie e o Sal estivessem a bajular-me. Pareciam genuinamente satisfeitos por poderem conhecer o

meu verdadeiro eu. Mas as inseguranças são difíceis de ultrapassar.

— Mas eu posso ser uma harpia estridente. — Senti-me compelida a dizer.

A Amalie riu-se.

— Bom, espero que mostres um pouco de mau feitio, de vez em quando. Suspeito que, em breve, vais precisar dele.

E com isto, pegou num telefone com uma capa brilhante, coberta de palha, e escreveu uma mensagem, depois voltou a guardá-lo no bolso.

— Então, onde é que estávamos?

A Amalie parecia inteiramente satisfeita consigo própria. Nem precisei de me perguntar porquê; instantes depois, o neto rabugento apareceu, vindo de trás da casa, com uma expressão atormentada, como se tivesse sido chamado para uma emergência. Quando viu a avó sentada, sorridente, os seus passos tornaram-se mais lentos e aqueles olhos verde-inverno semicerraram-se, contrariados. E eu soube que ele tinha sido enganado.

Mas o certo é que não deu meia-volta e se foi embora. Avançou, visivelmente mais animado, o brilho dos seus olhos a prometer retribuição.

CAPÍTULO QUATRO

Lucian

Eu sabia. Eu já sabia. Quando a Mamie me mandou mensagem a dizer que precisava de mim com urgência, larguei logo o que estava a fazer e fui ter com ela, a correr. Eu sabia que estava na hora do lanche com a Emma. Mas só conseguia pensar no que podia acontecer se a Emma se tivesse magoado, tropeçado ou — foda-se! — tivesse rebolado pela colina abaixo.

Ridículo. Sou cá um trouxa.

Mas só percebi quando cheguei ao terraço, quase a correr, e vi a minha avó, o Sal e a Emma sentados, em evidente segurança e contentamento. A Emma olhou para mim e depois afastou o olhar, como se estivesse envergonhada. E provavelmente estava — por mim. Porque ficou evidente para toda a gente que a mãeira da minha avó me tinha enganado.

Foi embaraçoso; eu podia ter dado meia-volta e ter voltado ao meu trabalho, mas isso, para a Emma, seria o mesmo que dizer-lhe que não queria estar perto dela. E eu não podia fazer isso. Podia tentar evitá-la, mas não podia ser mal-educado.

Aproximar-me da mesa foi penoso. Aquela mulher parecia ter ligado um interruptor no meu corpo, fazendo-me perceber cada centímetro seu. Ela respirava, e eu notava, caraças.

— Mamie — disse à minha mãeira avó. — Mandaste-me uma mensagem.

Não mostrou um pingão de arrependimento.

— Ah, sim. Está na hora do lanche. Senta-te.

Cerrei os dentes com toda a força e senti a dor espalhar-se pelo maxilar, enquanto tentava controlar o incómodo e me sentava no único lugar livre, à frente da Emma; a Mamie tinha sido astuta em não me pôr ao lado dela, onde eu podia fingir que não se encontrava presente, mas sim num lugar em que era obrigado a olhar para ela. E se eu queria olhar, foda-se!

Por sua vez, o olhar da Emma andava de um lado para outro, como se avaliasse a cena e tentasse perceber a melhor maneira de agir. Não a condeno; é sempre estranho sermos arrastados para os esquemas de intromissão de outra pessoa.

A minha avó é o diabo! Eu sempre soube. Que inferno! Costumava divertir-me imenso quando ela virava esses poderes diabólicos para outras pessoas, e provavelmente agora estava ali naquele lanche como paga pelas vezes em que me diverti à custa dos outros. O *karma*. É uma merda.

Olhei para o caminho que me tiraria dali. Não havia grande hipótese, no

momento.

A Mamie virou para mim os seus olhos de água.

— Titou, a tua chávena.

Suprimindo um suspiro, entreguei-lhe a frágil chávena de café de porcelana, que era pequena de mais para a minha mão e que se quebraria com um movimento errado.

Uns olhos índigo fixaram-se em mim, sobranceiras douradas arqueadas, erguendo-se delicadamente.

— Titou? É esse o teu diminutivo? Não tens cara de Titou.

O Sal sorriu e engasgou-se com um gole de café, e a Emma — raios, até o nome dela era fofo — fez uma careta, como se lhe ocorresse que talvez tivesse sido inconveniente.

A Mamie deu uma gargalhada.

— De uma forma indireta, significa rapazinho.

Os olhos da Emma arregalaram-se ao olhar para mim. Senti uma chama acender-se no meu peito. Ignorei. Mas não pude ignorar a ligeira ironia na voz dela.

— Rapazinho?

Que inferno.

A Mamie sorriu com indulgência.

— Bom, naquela altura, ele era pequeno.

— Deve ter sido quando tinha dois anos — disse o Sal, em voz baixa.

Ele piscou-me o olho e atirou-me um beijo.

— Dois? — A Mamie abanou a cabeça e bebeu um pouco de café. — Não. O Titou foi pequeno durante algum tempo. Só depois de começar a jogar... — Interrompeu-se tão subitamente que quase se engasgou e a sua pele fina como papel ficou pálida.

Senti um grande turbilhão dentro de mim. Começava a habituar-me a esta sensação, que agora acontecia com frequência. Quase me fazia sentir bem.

Ao perceber que havia qualquer coisa errada, a Emma ficou com uma pequena ruga entre as sobranceiras.

Mas a Mamie recompôs-se e fez um grande sorriso.

— Brincar, correr, e por aí fora deve tê-lo feito crescer. E por falar nisso, vamos comer. Emma, querida, tens de provar um destes.

A Mamie gostava de guloseimas, por isso havia *macarons* variados, um prato de biscoitos de manteiga meio mergulhados em ganache agriçoce, bolos de laranja cristalizada e cardamomo e, o meu favorito, um *Paris-brest* com creme pralinê e framboesas.

A Emma hesitou, olhando para os vários pratos espalhados pela mesa. Os olhos muito brilhantes e os lábios de botão de rosa ligeiramente abertos, numa exalação suave. Ânsia e luxúria reunidas numa só. Assim ficava difícil.

Jesus. Este lanche nunca mais acabava?

— Oh, eu não... — A Emma parou, em guerra com o desejo de doces. Como a percebia. Durante a época de jogos e nos treinos, éramos perseguidos por causa daquilo que comíamos. Era essencial estar em muito boa forma e os treinadores

tinham ideias particulares sobre a maneira de a alcançar. Eu não tinha ilusões: Hollywood tinha um protótipo de merda e exigente, especialmente para as mulheres.

A Mamie pousou a mão no pulso fino da Emma.

— Eu fui modelo, sabias?

— A sério? — A Emma abanou ligeiramente a cabeça. — Não estou surpreendida. É linda.

A Mamie sabia que era bonita e não era nem um bocadinho humilde a esse respeito, mas interpretava muito bem o papel.

— Oh, que querida!

— Só estou a constatar um facto.

De uma mulher deslumbrante para outra igualmente deslumbrante, supenho.

— Mas isso foi nas décadas de 1960 e 70. — A Mamie tirou um bolo de cardamomo e, suavemente, pô-lo no centro do seu prato, como se fosse uma obra de arte. — Toda a gente tinha de ser magra como um pau. Esperava-se que vivêssemos de água e cigarros — disse a Mamie, com alguma aspereza, mas também com uma nota de provocação.

O exagero fazia parte do seu léxico. O que baralhava algumas pessoas, porque nunca percebiam quando é que ela estava a falar a sério. Essas pessoas nunca recebiam um segundo convite.

A Emma, no entanto, sorriu.

— Nunca experimentei a dieta dos cigarros. Não sei se os meus pulmões aguentariam.

— Quase de certeza que não. Mantém-nos cor-de-rosa e saudáveis, querida.

— Bem tento.

Eu não queria pensar em nada cor-de-rosa ou saudável na Emma. Com um leve resmungo, peguei num *macaron* de baunilha e cereja. A Emma reparou — acho que ela estava tão atenta a mim como eu a si — e, depois, desviou o olhar. Tal como eu, também ela estava a tentar ignorar o problema. De certa forma, isso só piorava a situação.

— Mas o que é a vida sem comida? — continuou a Mamie, encolhendo os ombros. — Não quero uma vida assim para mim, por isso... — Bateu a mão na mesa. — É assim que se faz. Escolhe-se uma coisa e saboreia-se. Come-se a guloseima devagar, deixando os sabores tocarem-nos na língua. E amanhã? — Fez um encolher de ombros insolente. — Se sentimos que devemos absolutamente fazer alguma coisa, fazemos uma corrida extralonga até à colina. Ou então imaginamos que é isso que estamos a fazer e continuamos o nosso dia como se nada fosse, que é o que eu tenciono fazer.

A Emma riu-se. E todos os pelos do meu corpo se arrepiaram. Jesus, aquela gargalhada deixava-me doido sempre que a ouvia. Um riso de cama. O género que se espera ouvir depois de uma boa e longa manhã de uma preguiçosa queca, quando tudo fica lânguido e quente, e nos rimos por pura e simples diversão.

Engoli um pouco do *macaron*, que quase me ficou preso na garganta. Não sei porque é que esta analogia me veio à cabeça; nunca tive manhãs assim. Nunca relaxei

o suficiente com alguém para chegar a esse ponto. Mas a imagem persistia. Vi-a sob a luz do sol, os cabelos dourados espalhados na minha almofada, os seus lábios inchados e macios. Passei a mão pela cara e tentei recompor-me. Eu *não* ia passar por isto. O olhar do Sal chocou com o meu, e ele estava a dois segundos de desatar a rir à gargalhada. Sim. Ele sabia exatamente como é que estava a sentir-me.

— Basta imaginar, hum? — disse a Emma, ainda a sorrir.

Eu sabia que ela estava a falar sobre exercício físico, mas o meu desejo sexual recém-descoberto ouviu uma coisa diferente e continuou a imaginar-nos na cama. Que inferno!

A Mamie voltou a encolher os ombros.

— Tal como acontece com a vida, a comida é para ser apreciada. Não vale a pena entrarmos em guerra com ela, porque raramente ganhamos.

O sorriso da Emma tinha o brilho do sol.

Voltei-me para olhar para a Mamie. Estava a incentivar a Emma a comer um bolo. Pela primeira vez em, bem... pela primeira vez na vida, senti um emaranhado de nervos no estômago. Há anos que as pessoas comiam a minha comida. E não me importava com aquilo que pensavam sobre ela. Fazer bolos e cozinhar eram *hobbies* que fazia para me agradar a mim e a mais ninguém. E, no entanto, aqui estava eu, a querer impressionar aquela mulher com o que tinha cozinhado.

A Emma mordeu o interior da bochecha, fazendo uma covinha naquele lado da cara. Parecia uma criança, com aquela expressão animada.

— Hum. Não sei. Parecem todos tão bons. — Desviou o olhar dos bolos e olhou em volta, para cada um de nós. — O que é que sugerem?

O Sal indicou os biscoitos. A Mamie começou a oferecer bolo.

— O *breast*. — As palavras saíram-me da boca numa ordem resmungada. Merda.

Os olhos da Emma arregalaram.

— Desculpa? Seios?²

O Sal pôs-se aos risinhos.

Mudei de posição e combati a vontade de me levantar e fugir.

Em circunstância alguma, meu estúpido, penses nos seios nus dela. Pois, pois, tarde de mais.

— O *Paris-breast*. — Indiquei com a cabeça o bolo em forma de roda. — É um bolo batizado em honra de uma corrida de ciclismo, na viragem do século dezanove.

— Ah. — Ela corou. Foi querido. — Pois, o *breast*.

— É absolutamente delicioso — disse a Mamie, fazendo um excelente trabalho a esconder o quanto estava divertida. — Uma *pâte à choux*... sabes, como a dos *éclairs*. Recheado com creme pralinê e coberto com framboesas frescas.

— Oh, sim, por favor.

Antes de a Mamie conseguir chegar à faca de serviço, peguei eu nela. Raios! Não consegui evitar. Se a Emma ia comer um bolo feito por mim, tinha de ser eu a servi-la.

Mesmo que vê-la comer acabasse por me matar.

Agarrou-se à borda da mesa, como se estivesse a segurar-se para não pegar no prato muito depressa. Menina gulosa.

A minha pila aprovou. Demasiado.

Tão calmamente como pude, servi-lhe uma fatia, acrescentei umas framboesas e, depois, servi o Sal para ter o que fazer com as mãos. Eram muito grandes e muito pesadas, e aquele metro e setenta de mulher tinha-as tornado desajeitadas.

Os meus esforços para ignorar a Emma eram uma farsa. No momento em que ela levantou a colher, engoli um suspiro, observando os seus lábios rosados a separarem-se, e vislumbrei-lhe a língua. O creme escorregou-lhe para dentro da boca e ela gemeu.

Aquele gemido enrolou-se em volta da minha pila e agarrou-me os testículos como mãos quentes. Quase que também gemi. Eu sabia qual era o sabor na boca da Emma, conhecia a suavidade daquele creme na sua língua. Era o meu creme. Tinha sido eu a fazê-lo. Mesmo que ela não soubesse, aquele prazer estava a ser-lhe dado pelas minhas mãos. Ela estava a gemer por minha causa.

O seu prazer era contagioso, e senti-me um pouco tonto.

Comeu mais um pouco. Muito devagar. Saboreando. Fechou os olhos. As pestanas tremiam-lhe, enquanto ela suspirava.

Doce inferno.

O silêncio caiu sobre a mesa e a Emma parou e olhou em volta, desconcertada. Lambeu uma migalha de massa dourada que insistia em continuar no canto da sua boca. Definitivamente, esta mulher ia acabar por me matar.

— Desculpem. É que é tão bom.

A satisfação tomou conta de mim, tão límpida e fresca como gelo. Queria tirar-lhe aquela colher da mão e ser eu a alimentá-la. Fazê-la gemer uma e outra vez e outra e outra. Merda.

Servi-me de bolo de cardamomo. Se comesse uma fatia de *Paris-brest* agora, provavelmente vinha-me nas calças.

— De que pastelaria é este bolo? — perguntou a Emma à Mamie.

— Oh, não foi comprado — disse a Mamie. — É tudo feito cá em casa.

— A sério? — A Emma pôs uma framboesa na boca. — É uma doceira maravilhosa.

Atirei à Mamie um rápido olhar de aviso, por isso, ela limitou-se a beber café e a murmurar qualquer coisa, vagamente. Sim, eu era um merdas por não querer que a Emma soubesse que estava a comer os bolos que eu tinha feito. Mas era assim; eu tinha-me tornado... tímido.

O Sal estivera sempre a observar-nos e, obviamente, achava o meu desconforto muito engraçado. Mas, em vez de piorar as coisas, atirou-me uma tábua de salvação — talvez, porque vivia ali em casa e não queria ter de dormir com um olho aberto.

— A Mamie tem imensos talentos. — Pousou a chávena de café vazia e pegou numa flute de champanhe. — Foi ela que me ensinou a costurar.

— É verdade — disse a Mamie. — Ele era um miúdo muito querido que adorava meter-se no meu *closet* e brincar com os meus vestidos enquanto o pai estava aqui a trabalhar.

— O meu pai era o gestor de negócios da Amalie — explicou o Sal.

— Um dia — continuou a Mamie —, o Salvador rasgou-me acidentalmente um

Halston.

— Ugh — lamentou-se o Sal, cobrindo o rosto com as mãos. — Era um vestido de noite *vintage*, em lamê dourado.

Eu não fazia ideia do que aquilo era, mas pela expressão de solidariedade da Emma, aposto que ela sabia.

A Mamie riu com carinho.

— Ele ficou tão desolado com aquilo que o ensinei a consertar o rasgão.

— A partir daí, fui sempre melhorando. — O Sal sorriu. — E deu-me o *Halston* como presente pelos meus dezasseis anos.

A Emma apoiou o queixo na mão.

— E usou-o?

— Infelizmente, ainda não estava pronto para enfrentar isso. Naquela altura, não conseguia passar aquela maldita coisa pelas coxas. No entanto, ainda está pendurado no meu armário. Se alguém o quiser, vai ter de o arrancar das minhas mãos frias e mortas.

A Emma voltou a rir. E eu enfiei outro *macaron* na boca. O mais provável era eu sair daquela mesa com dores de cabeça por comer de mais, mas ou comia bolos, ou olhava para a Emma com cara de tolo.

— Adorava ter alguém com quem partilhar o meu amor pela moda — disse a Mamie. — Infelizmente, o Titou não estava minimamente interessado no assunto.

— Como é que sabes, Mamie? — Tirei outro *macaron*. — Nunca me perguntaste.

— Bem, posso perguntar agora. — E deu-me uma palmada no braço, divertida.

O canto da minha boca curvou-se.

— Agora é tarde. Estou ofendido e já não me interessa.

— Rapaz petulante! — A Mamie riu-se e, depois, franziu-me o nariz.

A Emma observava-nos atentamente.

— Vocês são mesmo muito próximos — disse ela quando os nossos olhares se arregalaram.

— Mesmo antes de os meus pais morrerem, já éramos muito próximos. — Se a Mamie ficou surpreendida por eu ter contado à Emma que os meus pais tinham morrido, não o demonstrou, mas olhou para mim com muito carinho e afeto. Eu podia ter suavizado com esse olhar. Mas depois lembrei-me de que ela é uma intrometida. E olhei-a de soslaio. — Costumava ler-me histórias antes de eu adormecer, quando era pequenino. — A Mamie, de repente, ficou muito interessada na profusão de anéis que tinha nos dedos. Será que ela pensava que eu ia esquecer esta pequena artimanha para me trazer até aqui?

Voltei a minha atenção para a Emma.

— A minha preferida era *O Menino e o Lobo*.

Os lábios da Emma contraíram-se, uma luz inundou-lhe os olhos e vi-me a responder a isso como se aquela leveza me enchesse o peito, expandindo a caverna oca. Fiz um esforço para não sorrir, um grande esforço, porque tudo o que eu mais queria era sorrir-lhe e rir com ela.

— Assustava-me imenso — disse eu, sem graça. — Nunca mais enganei uma

pobre alma.

— Ah, muito bem — reagiu a Mamie, com humor. — Considera-me castigada. Agora, cala-te e come o bolo. És um bom menino, não és?

Escapou-me uma gargalhada antes de conseguir controlá-la. Mas fez-me sentir bem. E senti-me ainda melhor quando olhei para a Emma, os lábios a abrirem-se, como se estivesse maravilhada, os olhos azuis a brilhar. E, então, ela sorriu-me, como se eu lhe tivesse dado um prémio, só por me ter rido.

Aquele sorriso atingiu-me em cheio e, por um momento, não soube como respirar. A única outra altura em que me sentira assim fora quando voava sobre o gelo, passando pelos defesas da outra equipa e, com um pequeno toque do pulso, metia o disco na baliza.

O luto e a perda caíram sobre mim, frios e escuros. Acabaram com a minha vontade de rir, e dei por mim de pé, a pegar no meu prato, apressado. O sangue pulsava-me nos ouvidos; sentia a garganta dorida e apertada. Murmurei desajeitadamente, numa voz que parecia vir de muito longe:

— Desculpem, tenho de ir trabalhar.

E, então, saí dali, sabendo que estavam todos a olhar para mim, sabendo que tinha feito figura de parvo. Mas, simplesmente, naquele momento, não conseguia sequer ter forças para me importar com isso. Uma coisa era certa, eu precisava de estar longe da Emma Maron.

*

A Mamie foi procurar-me uma hora depois. Não foi difícil encontrar-me; eu estava na cozinha. Com o hóquei fora da minha vida, a cozinha tornou-se o meu refúgio, a única coisa que ainda me parecia familiar, pura. Aí, tinha o controlo total. Aí, ainda era rei.

Eu estava a espremer um limão e não levantei os olhos da minha tarefa. Sentia uma certa satisfação em esmagar aqueles frutos.

— O que estás a fazer? — perguntou-me, aproximando-se da longa bancada de mármore. Dado que fora o pai da Mamie, o meu bisavô, a ensinar-me tudo, a minha avó sabia exatamente o que a pastelaria significava para mim e o quanto precisei de voltar a ela. No dia em que cheguei a Rosemont, derrotado, a Mamie quase me empurrou para a cozinha e disse-me para ir trabalhar. Desde esse dia, era eu quem cozinhava para ela e para o Sal.

— Tarte de limão.

A Mamie olhou para as doze pequenas formas de tartelete que eu tinha preparado.

— *Petites tartelettes*. Delicioso.

Deixei sair um resmungo. Eu fazia as tartes e, depois, começava a tratar da massa, que ficava durante a noite no frigorífico. Fizera experiências com os pãezinhos de pequeno-almoço e o método parecera funcionar bem. No entanto, a massa era uma amante volúvel. O que resultava num dia podia não resultar no outro.

Mesmo assim, preferi tratar da massa naquele momento, para... deixar sair um

pouco desta energia. Mas as tartes... Bem, tinham de ser feitas.

— Peço desculpa por ter saído tão de repente. — Custou-me dizê-lo, mas há coisas que custam sempre.

A Mamie suspirou e respondeu-me num tom em que não havia censura:

— Eu percebo. Mas a nossa convidada talvez não.

A nossa convidada. O meu estômago revirou-se desconfortavelmente. Eu tinha quase um metro e noventa e cem quilos de osso e músculo. Os homens tinham medo de me enfrentar. E, no entanto, andava a fugir de uma mulher de metro e setenta que eu conseguiria levantar só com um braço, com toda a facilidade.

O que é que ela estaria a pensar de mim? Peguei noutra limão, cortei-o ao meio e esmaguei-o contra o espremedor com a minha própria mão. O seu aroma fresco e vivo invadiu-me os sentidos. Ela gostava do cheiro de limões. Dissera que lhe lembravam felicidade.

A cozinha encontrava-se quente por causa do calor dos fornos, onde eu estava a cozer baguetes. No fogão, o jantar dessa noite fervia lentamente, libertando uma fragrância que era a mistura de legumes estufados em vinho e tomilho. Eu costumava encontrar prazer nessas coisas, mas não naquele dia.

— Achas que devia pedir-lhe desculpa, não é? — perguntei.

A Mamie olhou para mim durante um longo momento e, depois, suspirou.

— Só se quiseses. As desculpas, se não forem sinceras, não valem nada.

— Vou pedir — disse eu, concentrando-me nos limões. — Mas não quero.

Ela riu-se e pousou a mão fria no meu braço.

— Ah, Titou, a tua contundente honestidade é linda. Nunca mudes.

— Hum.

— Deixa estar, para já. Talvez mais tarde...

— Mamie. — Pousei o limão e voltei-me para ela. — Tens de deixar de ser casamenteira.

— Casamenteira?

Olhei seriamente para ela.

— A sério. Não estou pronto para uma relação.

A ideia de me abrir a uma pessoa, sobretudo a alguém que pudesse ser dona do meu coração e, portanto, esmagá-lo, revirou-me o estômago.

A verdade é que eu me tinha mantido longe das mulheres desde que a Cassandra acabara tudo comigo, menos de um mês depois de eu ter parado de jogar. Ela tinha deixado muito claro que a minha carreira de jogador de hóquei no gelo era tudo o que lhe interessava. E, nessa altura, senti-me num sítio tão escuro... Mas também tive de reconhecer que tinha alguma culpa, porque não era fácil estar perto de mim. Fiquei amargurado quando ela me deixou, mas não senti falta dela, o que foi bastante revelador. Tinha-me tornado essa pessoa, a querer alguém superficialmente porque tornava a minha vida mais fácil, não porque gostava do que ela era por dentro.

— Quem é que falou em relação? — protestou a Mamie, como se não fosse exatamente isso que estava a congeminar. — Só acho que te fazia bem a companhia de alguém da tua idade.

— O Sal é da minha idade — lembrei, só para a chatear.

— E se passasses algum tempo com ele talvez eu não me preocupasse tanto.

— Passamos tempo suficiente juntos. Ele diz-me o que quer comer, e eu digo-lhe para não deixar os sapatos à beira da piscina. — A quantidade de vezes que já tropecei na porra daqueles tamancos roxos dele... Estou à beira de lhe dar com um na cabeça, se voltar a acontecer.

— Ah, sim, conversas muito profundas, eu sei — zombou, depois passou a mão pela bancada, como se estivesse a limpá-la; o meu espaço de trabalho era *imaculado*.

— A Emma é diferente.

Não me digas.

— Talvez possas identificar-te com ela.

— Identificar-me com ela?

— Sim, identificar. — A Mamie bufou. — Ela também está um pouco perdida.

— Mamie... — Esfreguei a cara com uma mão cansada. — Eu não estou um pouco perdido. Eu estou... — Destroçado. Mas a minha garganta fechou-se, e fui buscar uma caixa de ovos e uma tigela. — Já não sou o mesmo homem. Esse outro... foi-se. E o que está no lugar dele não é nada que uma mulher com um pouco de bom senso queira.

Bati com o ovo na borda da tigela e abri-o com cuidado, concentrando-me em separar a clara pálida da gema profundamente dourada.

— Dores de cabeça, frustração, raiva, apatia. Eu tento controlar essas coisas, mas elas continuam cá, mesmo assim. Não a empurres na minha direção. Ela merece mais do que eu posso oferecer, Mamie.

Não vi a minha avó mexer-se, mas, de repente, os frágeis braços dela envolveram-me a cintura e ela abraçou-me por trás, apoiando a cabeça nas minhas costas.

— Titou. *Mon ange*.

Fechei os olhos, sentindo-me quase a chorar. Nunca choro. Nem sequer quando me disseram que o hóquei tinha acabado para mim. Mas tinha de fazê-la perceber.

— Perdi tudo o que significava alguma coisa para mim.

A Mamie apertou-me muito, com uma força surpreendente.

— Mas estás *aqui*. Vivo. — Desfez o abraço, recuou um bocadinho e olhou para mim, um pouco zangada. — Agora, pode não te parecer nada. Mas estás vivo. E só isso é que importa.

O busílis era esse. Eu podia ter ficado no desporto que amava com todo o coração. E corria o risco de morrer. Escolhi a vida, mas não me sentia vivo. A pré-época começava dali a umas semanas. Saber isso abria-me um buraco negro no peito.

Respirei fundo e parti outro ovo.

— Estou aqui — concordei. — E isso vai ter de ser suficiente, por enquanto.

Ela fez «hum», um som desconfortavelmente semelhante aos meus próprios ruídos descomprometidos.

— Não te vou pressionar mais, Titou. Só não te esqueças de que estás cá uma jovem sozinha e também cheia de incertezas sobre a vida.

Como se eu me conseguisse esquecer disso.

2 A autora faz um trocadilho intraduzível com o som das palavras «*brest*» (nome do bolo) e «*breasts*» (seios, peitos). (NT)

CAPÍTULO CINCO

Emma

Depois da partida abrupta do Lucian — de repente, levantou-se e fugiu da mesa —, passei o resto do lanche a conversar com a Amalie e o Sal.

Nenhum dos dois deu uma desculpa para o que o Lucian acabara de fazer e eu também não esperava que o fizessem. Obviamente, ele estava com um problema pessoal qualquer. Não me cabia a mim resolvê-lo. Mas isso não me impedia de o querer conhecer. O que era perturbador.

Fiz uma longa caminhada pelos carreiros que percorriam os jardins, em frente ao mar. Quando acabei, o sol era uma bola de fogo líquida que se afundava num mar índigo. Fiquei a vê-lo desaparecer, os braços em volta do corpo, para me aquecer, depois voltei para a minha casa.

Tinha dito à Amalie que não estava a planear sair para jantar, e quando voltei encontrei um tacho em cima do fogão, com uma garrafa de vinho tinto e uma baguete crocante a acompanhar. No tacho havia um *coq au vin* maravilhoso que saboreei em frente à lareira enquanto mergulhava pedaços de pão no molho rico e escuro e bebia o delicioso *Cabernet*.

Uma coisa era certa, iam estragar-me com mimos. E quase não percebi que havia uma caixinha branca no frigorífico, só dei por isso quando fui guardar as sobras do jantar. Curiosa, peguei na caixa e tirei a fita vermelha que a mantinha fechada.

Lá dentro havia uma tartelete amarelo-dourado, com um creme suave, que brilhava, à luz da cozinha, como um pouco de sol. No meio, um minúsculo coração de *chantilly*, com um delicado raminho de alecrim.

Encantada, peguei na tartelete e pu-la num prato. Era tão bonita que até dava pena comê-la, e a verdade é que a minha dieta não precisava de mais doces, mas lembrei-me daquela delícia de pralinê que comi ao lanche e não resisti.

O creme deslizou para a minha colher, desmanchando ligeiramente a crosta. Fechei os olhos, provei um bocadinho e gemi de prazer. Limão agri-doce, brilhante como o amanhecer, num creme delicado e uma crosta rica em manteiga. Perfeitamente equilibrado, deslizava-me na língua como um beijo, numa provocação esguia, levando-me a comer outra colher.

Encostada à bancada, comi aquela tartelete com os olhos fechados, absolutamente em êxtase, deixando-a preencher-me os sentidos.

Não era normal emocionar-me com uma sobremesa, mas dei por mim a chorar. Tinha um estranho sabor a esperança, aquela tartelete. Talvez tudo estivesse bem se

houvesse mais coisas como aquela no mundo.

Alguém tinha posto toda a sua competência e dedicação numa coisa que não tinha sido feita para durar, mas sim para ser apreciada no momento. E, com isso, sentia que também eu estava a ser acarinhada.

A colher bateu no prato vazio e abri os olhos, com um gemido. Resisti a lamber o prato. Mas, para compensar, passei por lá um dedo, com que apanhei um restinho de creme. Lambi o dedo, pus o prato no lava-loiça e, depois, fui buscar a camisola quentinha que tinha deixado em cima de uma cadeira.

Depois de tantos mimos, precisava de apanhar um pouco de ar fresco. Ainda emocionada, mas também satisfeita, fui para a varanda do meu quarto. Dali, tinha uma vista perfeita para a piscina.

Com as luzes da piscina acesas, a água brilhava num turquesa profundo, em contraste com a escuridão que a envolvia. Algumas ondas de vapor desprendiam-se da superfície, o que queria dizer que a piscina era aquecida, e pensei, por breves momentos, em descer e ir nadar. Mas tinha comido demasiado e não me apetecia mexer-me.

A vista era encantadora. Os caminhos do jardim estavam marcados pela luz suave de lanternas. Édith Piaf cantava, triste e agridoce, na noite amena. Apoiei os braços no parapeito da varanda, a ouvir «La Vie en Rose», e tudo aquilo me fazia quase sentir dentro de um filme clássico. Até conseguia visualizar o guião:

EXT. ANTIGA PROPRIEDADE CALIFÓRNIA — NOITE

Mulher jovem olha melancolicamente para a paisagem. Tem uma camisola pendurada nos ombros, afastando o frio.

Estava tão embrenhada na minha fantasia que quase não dei pelo movimento, nas sombras, à beira da piscina. Um homem entrou na zona iluminada e olhou para a água. Estava de costas para mim, de calças de ganga e uma camisa escura, não sei bem de que cor, de manga comprida. Mas reconheci imediatamente a sua altura e a amplitude daqueles ombros fortes. O Lucian.

Pousou uma caixa de ferramentas junto à escada da piscina e tirou de lá uma chave de fendas com que apertou melhor os parafusos em volta da base. Feito isso, deixou a caixa de ferramentas onde estava e pôs-se de pé, a esticar os músculos, antes de baixar os braços. Enquanto olhava para ele, o Lucian olhava fixamente para a água, como se ela lhe pudesse dar uma resposta. A quê, eu não fazia ideia, mas senti uma gota de preocupação. Porque ele parecia perdido. Podia estar completamente enganada, mas estudar a linguagem corporal fazia parte do meu ofício. E o corpo dele estava a gritar derrota.

Endireitei-me um pouco mais e perguntei-me se devia chamá-lo. Mas para lhe dizer o quê? Não tinha a menor ideia. *Acho que é melhor respeitar a sua privacidade.* E estava prestes a fazer exatamente isso.

Mas, então, ele mexeu-se.

Os meus pensamentos abandonaram-me quando o vi puxar a camisa pela cabeça, revelando a amplidão elegante das suas costas, os músculos duros e ondulados, sob a

pele lisa. Os braços, esculpidos tal e qual os de um deus, estenderam-se e...

— Louvado seja Deus! — murmurei fervorosamente.

Ele tirou as calças de ganga e desnudou um rabo espetacular. Aqueles globos perfeitos flexionaram-se enquanto, com uma longa perna, se livrava das calças.

Vai-te embora. Sai daqui.

Não posso continuar a olhar. Eu, que tanto protegia a minha privacidade, estava descaradamente a ver o Lucian a despir-se. Ele também tinha direito à sua privacidade. Mas eu nem conseguia pestanejar. Não conseguia mexer-me. Ele era... glorioso. Os meus dedos agarraram-se ao parapeito, com toda a força.

A luz da piscina dava-lhe à pele um tom esverdeado, sobrenatural. Fez girar os ombros, várias vezes... uf... e depois mergulhou. A água ondulou, no rasto dele. Eu sentia-me a tremer de luxúria enquanto o seguia ao longo do fundo da piscina, uma flecha pálida de carne a atravessar o brilho azul-turquesa.

Silenciosamente, veio à tona, do outro lado da piscina, depois virou-se cuidadosamente e começou outra volta. Uma forma perfeita. Braços longos e fortes. Movimentos limpos e constantes.

Édith Piaf continuava a cantar enquanto o Lucian nadava a um ritmo constante, mas brutal. E mantinha-o, volta após volta. Fiquei bastante zonga por causa de pensamentos inconvenientes sobre a resistência dele. A noite estava fria, mas a minha carne estava quente. Meu Deus, aquela água parecia tão boa. Quase conseguia senti-la a correr na minha pele febril. O meu coração batia ao mesmo tempo que os braços dele, a cortarem a água com um tchaf, tchaf, tchaf. Eu nem sequer pestanejava. Iludi-me, fazendo-me acreditar que tinha de continuar a vigiá-lo. Para ter a certeza de que ele estava bem.

A mais esfarrapada das desculpas. Mas havia qualquer coisa na maneira como ele atacava a água, na forma como o seu corpo se mexia, que não podia ser ignorada. Começou a ouvir-se «Non, Je ne Regrette Rien» quando ele, finalmente, parou, descansando os braços na borda mais próxima da piscina. Ficou ali uns segundos, a flutuar, a recuperar o fôlego, talvez. A água a escorrer-lhe do cabelo para o rosto.

Tenho de sair daqui. Preciso de sair daqui.

Eventualmente.

A música enchia a noite, orgulhosa, esperançosa, agridoce.

Senti-a a envolver-me completamente. A envolvê-lo a ele, também. E, naquele momento, sofri pelo Lucian. Não sabia porque é que estava magoado ou o que o movia. Mas queria envolver nos meus braços aqueles ombros largos e abraçá-lo.

De repente, ele pôs as suas grandes mãos na beira da piscina e, com um impulso e sem esforço, saltou para fora da água.

— Doce misericórdia... — Os joelhos fraquejaram-me e tive de me agarrar ao parapeito para não cair. *Oh, Édith, eu também não me arrependo de nada.*

O corpo dele era uma escultura de Bernini que tinha ganhado vida, Tritão a olhar para os meros mortais. A água escorria-lhe pelos ondulantes músculos, percorria covas e sulcos, a caminho de...

A pila dele. Mesmo de longe, era impressionante. Longa e grossa, com uma cabeça larga e testículos vigorosos. Abri a boca, espantada, o calor pintou-me a cara

de vermelho e os meus mamilos ficaram tensos.

O Lucian passou as mãos pelo cabelo encharcado, empurrando para trás aquela massa escura e brilhante e deixando à vista o seu rosto limpo e forte. Não tinha uma beleza regular, de modelo. As suas feições eram duras e agressivas. Mas, ainda assim, era bonito.

E sombrio. O meu entusiasmo arrefeceu. A expressão dele era absolutamente sombria. Fria como gelo. Eu até podia ficar a noite toda a dizer coisas poéticas sobre a aparência dele, mas isso não mudava o facto de aquele homem ser, em última análise, um estranho. Distante e fechado como um muro gelado. Cresci com homens que tinham aquela mesma expressão. E fugia deles. Naquele dia, fora ele quem quase fugira de mim. Tinha de me lembrar disso e manter a distância.

Devagar, recuei. Lá em baixo, o Lucian mexeu-se, não sei se para se vestir ou se para voltar a nadar. Não olhei. Para começar, nunca devia ter sequer olhado, não devia ter-me deixado envolver nesta fantasia com ele.

CAPÍTULO SEIS

Emma

A minha casa tinha cozinha, mas eu começava a perguntar-me se alguma vez iria precisar de a usar. Acordei muito bem-disposta, depois de um sono surpreendentemente repousante, dado que foi assombrado por imagens de um certo homem nu, a nadar, em intermináveis voltas à piscina, para descobrir um dia cheio de sol. Quando bateram à porta, enrolei-me num roupão e abri a porta ao Sal, que entrou, com um grande cesto de piquenique em vime.

— Pequeno-almoço — anunciou, batendo palmas.

— Não era preciso — disse eu, pegando na cesta.

— Rapariga, em circunstância alguma deves dizer que não à cozinha desta casa.

— Mexeu várias vezes as sobranceiras. — Confia em mim, tu é que ficas a perder.

Pelo delicioso aroma a pão quente que se espalhava pela casa, não duvidei da palavra dele.

— Queres tomar o pequeno-almoço comigo? Posso fazer café.

— Quero! Mas há café no cesto. A casa não aprova café de filtro.

— Uau. — Não admirava que o cesto pesasse uma tonelada.

Convidei-o a seguir-me e ele ajudou-me a pôr o conteúdo da cesta em cima da bancada da cozinha. Além de uma cafeteira de prensa cheia de café, havia natas frescas, um pote de espesso iogurte de mel, um prato de fruta — melão, meloa e cerejas —, um pequeno frasco de geleia com morango e pães docemente perfumados.

— *Pain aux raisins* — informou-me o Sal. — Os preferidos da Amalie.

— Cheiram lindamente. — Inclinei-me um pouco, baixando a voz: — Não lhe digas nada, mas detesto passas. Por isso, podes comê-los todos.

— Oh, fica descansada, não conto nada à Amalie — prometeu Sal, solenemente.

— Mas a casa tem uma maneira de descobrir aquilo de que gostas.

— Dizes isso como se a casa fosse uma entidade própria.

— Quando se trata da cozinha, podes crer que é.

Ri-me e comecei a pôr tudo no tabuleiro de prata que também vinha dentro do cesto.

— A Amalie tem um *chef* temperamental?

— Muito temperamental. Mas não precisas de te preocupar com ele. Se os vossos caminhos se cruzarem, tenho a certeza de que ele, para ti, vai ser querido como um gatinho.

— Não, obrigado. Já tenho de lidar com egos suficientes na minha profissão.

Percebi que o Sal fez um esforço para não sorrir e limitou-se a pegar no tabuleiro, e eu peguei na cafeteira prateada e nas bonitas chávenas de porcelana.

Levámos o pequeno-almoço para o terraço e pusemo-lo na pequena mesa. Parte de mim queria evitar aquele local porque tinha uma vista perfeita para a piscina, mas isso era cobardia. Além disso, agora ele não estava lá. Tentei não me sentir dececionada. Ou culpada.

— Então... — O Sal serviu-se de um pouco de melão. — Quais são os teus planos para hoje?

— Não fazer absolutamente nada.

— Bom plano.

Provei o iogurte e quase gemi. Jesus, tudo ali era espetacular. Rico e cremoso, apenas com uma pitada de mel, derreteu-se na minha língua e acordou as minhas papilas gustativas. Um gole de café com notas de chocolate e caramelo fez-me suspirar de satisfação.

— Pensando bem, preciso de fazer um pouco de exercício, ou deixarei de caber na minha roupa rapidamente.

— Culpa o novo *chef* da Amalie. Eu engordei dez quilos só este mês. — Acariciou o que parecia ser uma pequena barriga escondida sob uma blusa de seda com um padrão azul e roxo vívido.

— Isso é uma *Pucci*? — perguntei e, depois, voltei a devorar o meu iogurte.

— Já vi que percebes de moda.

— A Alice, uma das figurinistas, estava sempre a falar de moda. — O meu bom humor fugiu com a brisa quando percebi que não sabia quando voltaria a vê-la.

O Sal deve ter reparado, porque me olhou com ternura.

— Sentes falta da série quando uma temporada chega ao fim, não é?

Ele não sabia que eu nunca mais ia voltar. Queria dizer-lhe, mas não podia. Isso não significava que não pudesse admitir algumas coisas.

— Sim. Sempre que uma temporada acaba, acho que não vai ser difícil... — Fiquei com os olhos turvos de lágrimas e tive de pestanejar muito depressa. — É ridículo, na verdade. A vida de um ator é estar sempre a mudar de papel. Fazemos o nosso trabalho, vamos para casa... mas há uma química tão grande entre todos nós que eu... sinto muito a falta deles, quando a temporada acaba.

— Só porque todas as coisas boas têm de chegar ao fim não significa que não possamos lamentá-las.

— Tens razão. — Só Deus sabia como me sentia de luto.

— Além disso, no próximo ano vais estar outra vez a gravar. — O Sal pôs um pouco de fruta no meu prato. — Toma, experimenta o melão. É fabuloso.

O melão era, de facto, fantástico.

Depois de o Sal se ir embora, insistindo em levar os pratos e a cesta de volta para a cozinha principal por mim, enrolei-me no assento profundo do cadeirão junto à lareira apagada e tentei ler. Mas a minha mente continuava a vaguear, distraída com recordações de coxas musculadas e abdominais bem definidos.

Não sabia que raio se passava comigo. Já tinha visto homens nus. Que inferno, o

Saint tinha o corpo de um deus, e fizemos imensas cenas juntos em que estávamos seminus sem que eu sequer pestanejasse. Para mim, ele era apenas cenário. O Greg, o parvalhão, também tinha um corpo espetacular, que eu apreciava muito — bem, isso era antes de descobrir que aquele corpo era habitado por um sacana de um traidor.

Mas essa recordação quente e pulsante do Lucian nu não parava de me perturbar. Quería tocar-lhe. Quería passar a língua pelo vale entre os seus abdominais para recolher aquelas gotas de água, colar a minha boca ao seu mamilo tenso e chupá-lo, fazê-lo gemer e estremecer.

— Oh, por amor de Deus — exclamei, pousando o meu *Kindle* e levantando-me. Ler era uma causa perdida. Eu precisava de ar.

Como não conseguia tirar a imagem do Lucian da cabeça, ia exorcizá-la enfrentando a cena do crime: ia nadar. Talvez um mergulho naquela água me lavasse o pecado do *voyeurismo*.

Decidi ignorar os biquínis que tinha levado e vesti um fato de banho azul-claro, bastante conservador, com que podia nadar à vontade sem ter de me preocupar que algo pudesse sair ou espreitar. Tinha plena consciência de estar a ser hipócrita ao não querer mostrar o meu corpo a nenhum potencial observador quando eu própria era culpada de ter visto o que não devia, na noite anterior. Mas eu não queria chamar a atenção. Só queria nadar.

Claro que sim, Em. Continua a dizer a ti própria que é só isso que queres.

Mandeí a minha voz interior fechar o raio da boca e enfié pela cabeça um vestido de praia amarelo. Com protetor solar e chapéu, peguei no saco de piscina e saí.

Os terrenos que cercavam a casa principal estavam vazios. Ao longe, ouvi o som de um cortador de relva ou talvez de um aparador de sebes, por isso, algures, havia pessoas por perto. O Sal disse-me que ia passar o dia a comprar tecidos, em Santa Bárbara. Não sabia o que é que a Amalie estava a fazer e não queria ser intrometida. Quanto a ele, tinha-me dito que estava a renovar as outras casas de convidados. Eu tinha visto duas delas escondidas, do outro lado da propriedade, muito mais distantes do que a minha. Por isso, talvez ele lá estivesse.

Era indiferente. Eu também não estava ali por causa do Lucian. Mesmo assim, os meus nervos saltaram e deram murros na minha barriga quando me aproximei da piscina. Os saltos agulha das minhas sandálias faziam *clic, clic* no chão de terracota. A piscina estendia-se ao sol, tranquila e de um azul profundo. E embora eu estivesse ali para nadar, passei por ela como se o Lucian pudesse sair das suas profundezas e olhar para mim. O que era ridículo, já que a água era cristalina; não havia nenhum homem *sexy* à vista.

No extremo da piscina havia uma casa de apoio, com colunas italianas que sustentavam um terraço coberto de glicínias. As suas portas francesas de vidro estavam abertas. Não pude deixar de espreitar. Encontrei uma adorável sala de estar num estilo rústico francês, com paredes azul-escuras, tapetes de sisal, sofás de linho amarelo-desbotado e lindos candeeiros de alabastro com quebra-luzes em tons de azul.

De um lado ficava uma *kitchenette* e, do outro lado, atrás de uns abertos

cortinados de damasco azuis, uma cama de ferro branco estava escondida na alcova. Havia várias obras de arte no chão, apoiadas contra a parede. Ao lado, uma caixa cheia de pequenos vasos e várias quinquilharias decorativas.

Alguém andava a mudar-se, fosse para entrar ou sair dali. E foi então que reparei no par de calças de ganga desbotadas, atirado para o chão numa bola, aos pés da cama, e nas botas de trabalho já muito usadas, mesmo ao lado.

O sangue correu-me para a ponta dos dedos e, depois, de volta para a cara. Eu conhecia aquelas calças de ganga.

Era o quarto dele. Merda, merda, merda.

Com o coração aos pulos, virei-me para sair dali depressa e quase bati contra um peito largo. Merda a dobrar! O calor inundou-me o rosto e fiz uma careta, desejando estar muito longe dali. Mas não estava. O profundo estrondo rabugento da voz dele rompeu o silêncio espesso.

— Posso ajudar-te em alguma coisa, Em?

Engolindo a dignidade, levantei o queixo — porque ele era muito mais alto — e olhei-o de frente.

A frieza dos seus olhos verde-pálido provocou-me um arrepio. Olhou para mim como se tivesse encontrado um rato no quarto.

Lambi os lábios secos e tentei falar. As palavras escaparam-me numa pergunta.

— Não?

Os olhos glaciais semicerraram-se.

— Não sabes? Temos de discutir algum assunto? A tua propensão para responderes a perguntas com um «não» incerto?

Ugh. Este homem não ia intimidar-me. Levantei o queixo, o que, infelizmente, fez com que ficasse com os seios eretos, apesar de ele não parecer reparar.

— Estava a preparar-me para ir nadar.

Meu Deus, aquilo foi ridículo.

Ele uniu as sobrancelhas, como se concordasse.

— A piscina é para aquele lado, Em. — «Em.» Gostava da maneira como ele dizia o meu nome; tanto sentimento numa só sílaba. Mas não do humor presunçoso dos seus olhos.

— Eu sei.

— E então? Decidiste bisbilhotar aqui primeiro?

Se eu já não estava da cor do tomate, andava lá perto. *Não interessa. Age.*

— Não, não decidi bisbilhotar. Ia para a piscina, vi a porta aberta e...

— Vieste bisbilhotar.

Rosnei. Ou, pelo menos, soou como uma pequena rosnadela. O Lucian voltou a olhar para mim, mas continuava com uma expressão passiva e nada impressionada.

— Bisbilhotar implica estar a mexer nas tuas coisas. Uma rápida olhadela para dentro de um quarto... — A minha voz foi esmorecendo, à medida que eu procurava a palavra certa.

Com um resmungo de dúvida, ele cruzou os braços musculados e olhou para mim de uma maneira que dizia, claramente, que sabia que eu estava a meter os pés pelas mãos, mas que gostava de me ver a tentar dizer qualquer coisa acertada.

Raios partam. Expirei profundamente.

— Muito bem. Peça desculpa por ter bisbilhotado. Não era minha intenção. Mas achei a sala tão bonita. — *Bonita de mais para ti*, acrescentei silenciosamente.

Por estranho que pareça, podia quase jurar que ele conseguiu ouvir-me os pensamentos. Contraí os lábios, o que me chamou a atenção. Estavam pálidos e contrastavam com a cor escura da barba por fazer no queixo e nos maxilares. Pálidos e amplos. Uma boca móvel, como lhe teria chamado a Tate. Uns lábios expressivos, beijáveis. Exceto quando ele os apertava. Com um sobressalto, percebi que estava a olhar fixamente para ele.

— Já acabaste?

Vacilei, perante uma pergunta tão direta. Meu Deus, será que já acabara? Queria olhar para tudo mais uma vez. O que era horrível, porque ele estava irritado e mal-humorado e, obviamente, queria que me fosse embora.

Vai com calma.

— O quê?

Sim, com muita calma, Em. Muita calma.

Suspirou, lenta e longamente, como se estivesse a lidar com uma imbecil.

E admito que, naquele momento, era mesmo isso que me sentia.

— Se já acabaste de ver tudo? — disse, num tom simpático, como se, a seguir, me fosse oferecer chá.

Raios, armei-me em princesa durona. daquelas que nunca se irritam com coisa nenhuma.

Lança mão do que te resta de dignidade, Em.

— Sim, já acabei.

— Não queres que te faça uma visita guiada?

Ah, isto foi querido.

— Não, obrigada. Já vi o suficiente.

Curiosamente, ele não se mexeu. Ia ter de o contornar para sair. Mas não ia submeter-me a essa humilhação. Levantei as sobrancelhas, deixando a pergunta subir-me aos olhos. Ia sair-me do caminho ou não?

Não saiu. Continuou a olhar para mim, duro, intransigente. Mas, de repente, baixou o olhar, durante uma fração de segundo, e percorreu-me o corpo. Senti-o na ponta dos pés. Como se estivesse irritado com o seu deslize, resmungou e voltou a olhar para mim, mas agora parecia mais irritado consigo próprio do que comigo.

Mesmo assim, não me senti especialmente caridosa:

— Já acabaste?

— Acabei...?

Sorri docemente.

— De olhar.

Parou por um momento, aquelas pestanas absurdamente longas a tremer quando pestanejou. Então, foi como se uma luz se apagasse na cabeça dele e um sorriso lento e fácil se espalhasse sobre o seu rosto. Transformando-o. De bruto a homem bonito.

O gelo dos olhos dele derreteu-se e aqueles olhos verdes tornaram-se de vidro marinho translúcido. Era um olhar que me atraía, que fazia com que fosse

impossível desviar o meu olhar, mesmo que, dentro de mim, ouvisse uma breve advertência — porque havia que ter em conta aquele sorriso maligno.

Depois, falou num tom de voz lento, profundo e carregado de mel.

— Qual é o tempo aceitável? Quanto tempo estiveste a olhar ontem à noite?

Oh, não, não, não.

O sangue tingiu-me o rosto, que fervia, em horror. Um som estrangulado escapou-me dos lábios.

O Lucian inclinou-se um pouco, ficou suficientemente perto para eu conseguir sentir um aroma de chocolate amargo e laranjas doces. Porque é que ele tinha de cheirar a sobremesa? E soava ainda melhor: a creme quente e mel.

— Gostaste do que viste? — A pergunta ondulou sobre a minha pele, afundou-se nos meus ossos, uma carícia suave que me atreveu a responder que sim.

Mas, antes de eu conseguir falar, ele continuou, numa voz carregada de cinismo:

— Ou és só uma perpétua bisbilhoteira?

Abri os olhos. Só então percebi que os tinha fechado. E que ele se tinha aproximado mais. Podia tocar-lhe, se quisesse. Acariciar com as minhas mãos o seu peito firme e... Então, reparei no que ele tinha dito. No desdém, no sarcasmo.

Senti uma onda de fúria. Porque ficou completamente clara uma outra coisa.

— Percebeste, desde o início, que eu estava ali.

Ele nem hesitou:

— Pois percebi!

Eu não queria achar aquilo excitante, *sexy*. Mas achei. Que inferno! Mas sou atriz. Sabia como fingir.

— Bem, então, acho que tenho de te perguntar: achas mesmo que eu ia perder um espetáculo daqueles, oferecido assim de bandeja? — Ele pestanejou, surpreendido, e eu fiz um som de repreensão. — Quem diria que és um exibicionista? Deu-te tesão saberes que era eu que estava a ver? Ou tanto te faz quem esteja a olhar?

O Lucian deu uma grande gargalhada, como se não pudesse acreditar na minha audácia, mas percebi que gostou. Baixou as pálpebras e deslizou o olhar para a minha boca. E tudo ficou nublado, o ar, entre nós, muito pesado. O som rouco da voz dele ondulou ao longo da minha pele, lambeu-me as coxas trémulas.

— Queres mesmo que te responda, Em? Sabes que podes não gostar da minha resposta?

Ah, a arrogância. Reprimi um suspiro, pronta para o pôr no lugar. Os olhos dele brilhavam como faíscas quentes, como se ele quisesse que me atirasse a si, como se fosse a desculpa de que precisava para fazer o mesmo.

Mas não foi violência que imaginei. Foi sexo. Frenético, suado, furioso... Uma voz suave e divertida interrompeu-me os pensamentos inconfessáveis.

— Ah! É maravilhoso ver como vocês os dois se estão a dar tão bem.

Quase ao mesmo tempo, como se tivéssemos ensaiado, ambos endireitámos as costas e virámo-nos na direção daquela voz.

Tal como a feiticeira Endora, mas de cabelo escuro, a Amalie estava ali, junto à porta aberta, com um pequeno sorriso nos seus lábios finos cor-de-rosa.

— Já chega de deixares a nossa convidada ofegante, Titou. — Quando ele resmungou, baixinho, ela abriu mais o sorriso. — Meu Deus, estão um bocado agitados. Se calhar era boa ideia irem os dois refrescar-se na piscina.

E, com isto, deu meia-volta e foi-se embora, deixando-nos a trocar mais um longo olhar inquieto antes de o Lucian fugir. Assim que ele desapareceu, deixei cair os ombros e respirei, trémula. Aquele homem era de mais! E a Amalie tinha razão: definitivamente, eu estava a precisar de um longo mergulho para me refrescar.

CAPÍTULO SETE

Lucian

O que é que se diz sobre os melhores planos? Eu tinha mandado às urtigas o meu grande plano de me manter longe da Emma. Pior, a Mamie apanhou-nos... a discutir... e pensou que sabia qualquer coisa que, de facto, não sabia. Vai ser implacável, a partir de agora.

Peguei na massa e moldei-a, empurrando-a com as palmas das mãos, e depois juntei-a, trabalhei-a com os dedos, repetidamente. Era hipnótico. Necessário.

Quando o hóquei era a minha vida, levava as minhas frustrações para o gelo. Bastava apenas calçar os patins e patinar sozinho. Podia passar horas no gelo, a voar.

Sem poder impedir-me, fechei os olhos e recordei. Quase conseguia sentir o ar gelado no rosto, o deslizar subtil dos meus patins. Quase conseguia ouvir o som do meu *stick* a bater contra o gelo, a maneira como batia no disco.

Senti um aperto no peito. Forte.

Foda-se.

Abri os olhos, voltei a amassar, pegando na massa e batendo-a com força contra a bancada. Tinha decidido fazer um bom pão para sanduíches com massa-mãe, e isso obrigava-me a amassar muito, para conseguir ativar o glúten.

Esta era a minha terapia, agora. Fazer pão e bolos e, em menor quantidade, cozinhar. A precisão e a concentração necessárias para criar qualquer coisa verdadeiramente excecional enchiam-me o cérebro e não deixavam espaço para pensamentos sombrios. Durante algum tempo, pelo menos.

Mas não conseguia tirar a Emma Maron da cabeça. O que era um problema. E a culpa era minha, por continuar a estar perto dela. Mas o que é que eu podia fazer, quando entrei em casa e encontrei uma princesa a olhar em volta, com aqueles olhos azuis arregalados? Tinha de a tirar de lá. Pensei que ela se ia assustar e sair a correr.

Mas, afinal, ignorou o meu *bluff* e deixou-me cheio de tesão por si. Queria saber se me importava com quem me via nu. Como se houvesse alguma dúvida.

Mal cheguei à piscina, vi-a imediatamente na varanda. Fiquei um pouco surpreendido, mas não o suficiente para isso me fazer parar. Saber que ela estava a ver tinha sido excitante, uma pequena emoção na minha desinteressante vida. Até decidi divertir-me e sair da piscina de maneira a deixá-la ver tudo. Isso não me deixou excitado, para dizer a verdade. Ontem à noite, o meu coração estava muito pesado com memórias antigas. Mas tinha sido uma coisa diferente, sem a raiva fervilhante e a frustração que eu geralmente sentia.

Quando olhei para cima e vi que ela tinha desaparecido, fiquei estranhamente desapontado. Tolice. Apesar da nossa discussão acalorada, eu não queria tentar nada com a Emma. Só queria estar sozinho.

Sim, estava a tornar-me uma verdadeira Greta Garbo. E um mentiroso, também.

A verdade mal se tinha cristalizado na minha cabeça quando o Sal entrou, saltitante, vestido com um cafetã de seda roxo e azul igualzinho ao que a Amalie estava a usar naquele dia.

— Tens de parar de te vestir exatamente como a Mamie — disse-lhe, em jeito de cumprimento. — Isso baralha-me.

Ele parou, do outro lado da bancada.

— Não me digas que tens um problema com homens que têm um gosto fabuloso para a roupa.

— Por amor de Deus! Quem é que te comprou aquele vestido de cortinado amarelo-banana, caríssimo, que tanto querias, quando fomos a Paris, há cinco anos? Já se era fabuloso, é discutível.

O olhar indignado do Sal quase me fez sorrir.

— Só tu para te referires a um maravilhoso vestido de alta-costura *Tadashi Shoji* como um vestido de cortinado amarelo-banana caríssimo. Francamente, Luc, o desrespeito!

— Era de cortinado e era amarelo.

— Ugh. — O Sal suspirou, dramático, e depois olhou para mim. — E não estou vestido como a Amalie.

— Ai, isso é que estás! Estás uma fotocópia, como a Amalie costuma dizer. — Olhei para ele antes de voltar a tratar da massa. — Hoje, até estás a usar a mesma cor de batom que ela.

O Sal olhou para a sua imagem refletida numa das painéis de cobre penduradas na parede e, depois, franziu a testa.

— Merda! Tens razão. Estamos a fundir-nos.

— Não consigo aguentar duas Mamies neste momento. Já me chega uma.

Ele riu-se, porque ambos conhecíamos o poder da Mamie; sem sequer se esforçar, ela tinha uma maneira muito própria de nos envolver no seu mundo.

— Combinado. Vou deixar o *Pucci* para a Amalie. Mas não abro mão dos meus *Dolce* e dos *Chanel*.

— Além de *Chanel*, não sei de que é que estás a falar.

— Mas *Chanel* conheces.

— Eu e toda a gente, não?

Não me incomodei a lembrar-lhe que a Cassandra adorava tudo o que era *Chanel* — não o perfume especial da Amalie, graças a Deus — e que eu estava constantemente a receber contas que me obrigavam a conhecer aquela casa de moda e a temê-la. A Cassandra gostava de ir às compras. Muito.

Era um alívio perceber que não sentia falta dela. Nem sequer da ideia dela. Bati a massa na bancada, com um baque de satisfação, e depois olhei para o Sal. Conhecia-o há metade da minha vida, e enquanto eu estava a tornar-me uma sombra do que já tinha sido, ele estava a tornar-se cada vez mais ele.

Os meus dedos afundaram na massa lisa e elástica.

— Tu conheces-te e gostas de ti exatamente como és, Sallie. Isso é raro.

Assim que disse isto, senti-me exposto. Cru. Fiz uma careta, concentrei-me na minha tarefa. Mas, ainda assim, senti a piedade silenciosa do Sal ao longo da minha pele. Invadiu-me os pulmões como o cheiro azedo do leite queimado.

Mas, quando levantei o olhar, descobri que os olhos dele estavam cheios de compreensão e de um afeto solene que me fez perceber que éramos mais como irmãos do que qualquer um de nós alguma vez tinha reconhecido.

— Luc, alguma vez te ocorreu que ganhei essa confiança, em parte, por tua causa?

Chocado, abanei a cabeça com força.

O Sal sorriu levemente.

— Para este rapaz *queer* significou imenso que um grande bruto jogador de hóquei o tivesse aceitado sem questionar. Significou muito que tu estivesses sempre pronto para me defender, se alguém olhasse para mim de maneira errada.

Engoli em seco.

— Há pessoas estúpidas. Não podia ficar de braços cruzados a ver-te seres maltratado.

— Eu sei. É isso que quero dizer. Nenhum de nós vive no vazio. Por vezes, temos de aceitar o apoio dos outros.

Raios.

Olhei para a bancada, sem saber o que dizer.

O momento prolongou-se e depois terminou, tão suavemente que foi como se nada tivesse sido dito. O Sal voltou a cantarolar e a ver-me trabalhar a massa.

— Precisas de alguma coisa? — perguntei, sabendo que ele e a Amalie tinham decidido massacrar-me com o assunto «Emma».

Provando que tinha razão, o Sal encolheu os ombros, depois endireitou as mangas do seu cafetã.

— Pensei que podias gostar de saber como correu o pequeno-almoço.

O pequeno-almoço que o Sal tomou com a Emma. Contra a minha vontade, a minha frequência cardíaca aumentou.

— Não.

O Sal deu à minha mentira o respeito que ela merecia.

— A tua miúda não gosta de *pain aux raisins*.

— Ela não é a minha... Não gostou dos pãezinhos? — Não devia ficar aborrecido. O gosto é subjetivo; as pessoas gostavam de coisas diferentes. Mas... ela não tinha gostado.

O Sal tirou uma bolacha de *gouda* e alecrim de um tabuleiro onde eu os tinha posto a arrefecer.

— Ela não gosta de passas. Mas devorou o iogurte com uma paixão quase orgásmica.

Em resposta, senti a parte inferior da minha barriga ficar quente e tensa. De repente, invejei o Sal por ter sido ele e não eu a assistir àquilo. A culpa era minha; eu é que o tinha mandado ir lá, com o cesto do pequeno-almoço, em vez de ter ido eu.

Concentrei-me na massa e na informação não orgásmica que o Sal me tinha dado.

— Ou seja, nada de passas.

Então, o quê? *Croissants? Pain aux chocolats? Chaussons aux pommes?*

— Também adorou a fruta — disse o Sal, interrompendo-me os pensamentos. E sorriu, mastigando a bolacha. — Embora, nesse caso, o mérito não seja teu.

Isso é o que tu pensas, pá.

Fui eu que escolhi aquela fruta, que a preparei, que a fatiei na espessura certa. Aquela fruta era minha. Cada pedaço que ela pôs na boca, cada gemido de prazer que deu, foi por minha causa. E, foda-se!, isso deixou-me tão excitado que fiquei com as mãos a tremer.

Ela gostava de fruta. Então, ia fazer-lhe *chaussons aux pommes*. Ficaria muito surpreendido se ela não gostasse de folhados de maçã.

— Já a planear a próxima forma de sedução culinária, não é verdade? — O Sal roubou outra bolacha.

— Para de comer isso. São para o almoço.

— Oh, e são para comer com mais o quê?

— Fatias de maçã e pera, mel de lavanda e queijos. Sopa de tomate... — Reparei na cara de presunção e gozo do Sal. — Sabes que mais? Faz o teu próprio almoço.

— Alguém está mal-humorado.

— Hum.

— Talvez te fizesse bem dares um mergulho.

— Talvez te fizesse bem ires...

— Tento na língua, tento na língua, meu menino. — O Sal pegou numa pera, desta vez. — Ambos sabemos que te tornas sarcástico quando estás com tesão.

— Tu não tens amor à vida, pois não?

— Oh, estou muito seguro! A Amalie matava-te se tocasses sequer num cabelo meu.

— Não contes com isso.

O Sal revirou os olhos, nada intimidado.

— Desiste. Tu és todo fofinho por dentro, Oz. Quem cozinha como tu só pode ter um coração doce.

Com um resmungo de contrariedade, bati a massa na bancada e contei silenciosamente até dez. Este sítio devia ser um refúgio do stresse. Mas, por agora, o que eu tinha era uma avó a tentar arranjar-me namorada, uma atriz a transformar-me num exibicionista e um especialista em moda a deixar-me à beira de um ataque de nervos.

O Sal atirava a pera de uma mão para a outra, como se fosse uma bola.

— Porque é que negas que a queres?

Agarrei a pera no ar e pousei-a na bancada.

— Estás a ver-me a negar?

Apanhei-o de surpresa com essa. Ele fez uma pausa, atrapalhado:

— Bem, então, qual é o problema?

Tantas coisas.

— Aquela mulher é do género que se conserva. — Para sempre. — Não estou nesse mercado. E, acredita em mim, ela também não está no mercado por aquilo que eu tenho para oferecer.

— Então, vais ficar aqui, a amassar pão e a fazer bolos, para o resto da tua vida?

De repente, a cozinha ficou demasiado pequena. Girei os ombros, mas não me senti mais aliviado. Foda-se!

— Queres ir dar uma volta? Beber um copo?

O Sal arqueou as sobrancelhas perfeitamente arranjadas.

— São quase horas de almoço.

Tirei o avental e pendurei-o no cabide, junto à despensa.

— A Amalie e a Emma conseguem servir-se sozinhas.

O mero pensamento da pequena Miss Bisbilhoteira a invadir a minha cozinha provocou-me um calor na pele, como se tivesse acabado de abrir a porta de um forno. Voltei a girar os ombros.

— Vens?

CAPÍTULO OITO

Lucian

Lição aprendida: nunca subestimar o Sal. Ele era tão habilidoso como a sua popa à Elvis.

Íamos pelo caminho que levava à parte da frente da casa quando nos deparámos com a Emma. Ela tinha acabado de sair da piscina — coisa em que eu estava a esforçar-me muito para não pensar — e ia a caminho da casa dela. Mas isso impediu o Sal de a chamar? De maneira nenhuma! E fê-lo com uma alegria mal disfarçada.

E também não o impediu de a convidar para almoçar connosco. Aquele sacana sabia muito bem que eu estava a tentar fugir dela. Mas eu não podia ser mal-educado e protestar. Então, quando ela olhou para mim com aqueles olhos azuis profundos, duvidando de que eu quisesse que viesse connosco, senti-me obrigado a engolir o que sentia e a insistir para que se juntasse a nós.

Por isso, ali estávamos nós, na minha barraca de hambúrgueres e batidos preferida, com vista para a praia de areia clara e para o oceano azul-brilhante, mais além. Rodeada de banhistas e surfistas, a Emma destacava-se como um pequeno sol, atraindo olhares cobiçosos ou curiosos. E parecia não dar por isso. Na verdade, não sei se alguém conseguiu reconhecê-la; estava com uns grandes óculos de sol brancos e um chapéu branco, largo, com margaridas amarelas. À partida deveria parecer ridícula, mas, tal como o Sal, ela tinha um estilo que funcionava na perfeição.

No entanto, eu conseguia ignorar com facilidade o Sal. Mas era-me quase impossível ignorar a Emma. Sentia-a em mim, como se ela estivesse constantemente a passar a sua delicada mão pela minha pele. Era enervante como o caraças.

Senti picadas na pele quando ela pousou o tabuleiro na mesa e se sentou ao meu lado, para olhar para o mar, com um suspiro satisfeito.

— Tinha saudades do sul da Califórnia.

— Quando foi a última vez que cá estiveste? — dei por mim a perguntar.

— Há oito meses. — A sua boca de veludo arqueou-se ironicamente. — Não foi assim há tanto tempo, eu sei. Mas parece que foi. — Eu não conseguia ver-lhe os olhos por trás dos óculos, mas mesmo assim sentia-lhe o olhar. — E tu? És da Califórnia?

Discutir a minha antiga vida era um assunto um pouco delicado. Mas, obviamente, ela não fazia a menor ideia de quem eu era, e saber onde tinha vivido não ia mudar isso.

— Cresci em Evanston, no Illinois. O meu pai, filho da Amalie, era curador do

Art Institute of Chicago. Conheceu a minha mãe no primeiro ano depois de se mudar para lá; ela era especialista em restauros de pintura.

— Uau!

— Pois... — Eu tinha crescido rodeado de arte e beleza e os meus pais esperavam que lhes seguisse os passos. E, no entanto, nem sequer tinham pestanejado quando se tornou evidente que o hóquei ia ser a minha vida. Até me incentivaram, porque eu tinha encontrado a minha paixão. — Depois, vivi em vários sítios. E estive em Washington nos últimos dois anos.

— Que grande mudança.

Eu sabia onde é que aquilo ia levar. Porque saí de lá? O que é que fazia quando lá estava? Livrei-me da conversa o melhor que pude.

— Até que chegou a altura de vir para cá. A Amalie precisava de ajuda. — *Que grandessíssima mentira, Oz.* Eu precisava muito mais da Amalie do que ela precisava de mim.

Tinha vinte e oito anos e viera a correr para o colo da minha avó para lamber as feridas.

Felizmente, o pedido do Sal tinha ficado pronto e ele juntou-se a nós.

— Hambúrgueres e cerveja. — Pousou o tabuleiro. — E pensar que deixámos para trás sopa de tomate e uma tábua de queijos artesanais.

— Ninguém te obrigou a vir. — Lancei-lhe um longo olhar que dizia muita coisa. E que ele ignorou.

— E perdia isto tudo?

Englobou «isto tudo» num gesto com a mão em que me incluiu a mim, a Emma e, depois, com muito menos ênfase, à comida. A subtileza não era o estilo do Sal.

A Emma franziu a testa, aparentemente sem perceber a guerra de olhares que estava a ser travada entre mim e o Sal.

— Havia almoço em casa? Agora até me sinto mal. Tudo o que comi em Rosemont era tão delicioso que detesto pensar que qualquer coisa daquelas vai parar ao lixo.

E não é que aquilo era imensamente gratificante?! Tive vontade de deitar os nossos hambúrgueres no lixo e de levar para casa e dar-lhe a minha comida.

Resmunguei e bebi um gole de cerveja.

— A Amalie come.

A Emma pareceu ficar ligeiramente apaziguada. Mas o pequeno sulco entre as suas delicadas sobrancelhas manteve-se.

— Ouvi dizer que o *chef* é temperamental.

O Sal engasgou-se com o hambúrguer. Eu podia apostar em quem é que tinha passado à Emma aquela informação.

Atirei-lhe um olhar de soslaio, antes de responder.

— Pode ser, sim.

— Conhece-lo?

Este seria o momento para esclarecer as coisas. Só que ela podia não querer comer a minha comida ao descobrir. Eu não era propriamente a sua pessoa favorita.

— Vivo lá. Claro que o conheço.

— Como é que ele é?

Definitivamente, a Emma andava a construir cenários naquela cabeça.

— Temperamental.

Fechou a boca e olhou para mim — sim, senti aquele olhar através dos seus enormes óculos de sol.

— És um chato.

Levantei a garrafa de cerveja e saudei-a. Ela fez uma careta e atirou-me um guardanapo. Aterrou longe do meu prato, e ri-me.

Abanando a cabeça, como se eu não passasse de um pequeno aborrecimento, a Emma pegou numa batata frita e mergulhou-a no *ketchup*.

— Não sei porquê, mas não consigo imaginar a Amalie a aturar empregados difíceis.

Isso era verdade. Surpreendeu-me que a Emma já percebesse tão bem a minha avó. Mas talvez não fosse surpreendente, de facto. A Emma era muitíssimo observadora.

Fingi um encolher de ombros entediado.

— Ela tem um fraquinho por ele.

— Oh, eles são... — O seu rosto iluminou-se, quando sorriu. — Ou seja, são namorados?

O Sal engasgou-se tanto com o hambúrguer que até deixou escapar uns pedacinhos. Para sua grande mortificação.

— Vou ter pesadelos — murmurou, limpando freneticamente a mesa com o guardanapo. Só eu é que sabia que ele não estava a falar daquele acidente.

— Nem tudo se resume a sexo, Bisbilhoteira.

— Eu não acho que tudo... O que é que me chamaste? — Tirou os óculos. Os olhos dela a dispararem faíscas de indignação. Gostei de a ver assim. — Chamaste-me mesmo Bisbilhoteira?

Sorri, sentindo-me muito mais leve do que tinha estado durante toda a manhã.

— Coscuvilhadeira, gostas mais?

— Nem um bocadinho, Magic Mike.

— O Mike dançava, não nadava.

O insolente nariz da princesa Anya levantou-se ligeiramente.

— E fazia um certo género de espetáculos. Se é que me entendes.

— Um género de que tu pareces gostar muito.

Ela ficou muito corada e com um ar indignado. Comecei a rir-me, mas depois reparei no Sal, que estava de telefone levantado, apontado na nossa direção.

— Que raio estás a fazer?

Tinha-me esquecido completamente dele. O que, francamente, era fácil quando estava perto da Emma.

— A filmar isto, para mostrar à Amalie. Ela vai adorar!

— Sal! — sussurrou Emma, horrorizada.

Ele teve pena dela e pousou o telefone, virado para baixo, em cima da mesa.

— Estava a brincar. Não vou mandar nada à Amalie. Isso seria uma violação grosseira de privacidade.

Suspirei e ele lançou-me um sorriso beatífico.

— Vou guardar isto para mais tarde, quando quiser chatear o Oz.

— Para isso nem precisas de um vídeo, Sal.

O Sal esticou-me o dedo do meio, a sua unha rosa-quente como um ponto de exclamação, mas depois riu-se, recostou-se na cadeira e bebeu um gole do seu batido.

— Ele é rápido, Emma. Muito rápido.

Eu sabia que ele estava a provocar-me. Quando ainda jogava, os meus colegas chamavam-me Sr. Rapidez.

Pés rápidos, mãos rápidas.

Conseguia ouvi-los na minha cabeça. Os meus homens.

O Sr. Rapidez está em todas. Vais calçar os teus sapatos cor de rubi e levar-nos para a Cidade Esmeralda, Oz?

Coisas estúpidas. As merdas que dizíamos para nos animarmos, para diminuirmos a pressão. Tenho saudades de cada um daqueles segundos.

— Fizeste-o resmungar outra vez, Sal — disse a Emma, interpretando mal a minha súbita mudança de humor. Que melhorou um bocadinho, ao mesmo tempo que a minha frequência cardíaca aumentou, quando ela estendeu a mão e me acariciou o antebraço. — Não te preocupes, tarte de mel. Vai ficar tudo bem.

— Tarte de mel? — A voz saiu-me demasiado áspera.

Ela encolheu um ombro elegante.

— Era uma coisa que a minha avó costumava dizer-me quando achava que eu estava a ser petulante. «Não te preocupes, tarte de mel, o mundo vai continuar a girar.»

— Não te irritavas quando ela dizia isso? Ou acreditavas nela?

A Emma sorriu, exibindo aquele sorriso deslumbrante que os fãs e a imprensa adoravam.

— Um bocadinho das duas coisas.

Meu Deus, como queria devolver-lhe aquele sorriso. Queria muitas coisas. Uma coisa era gostar da aparência dela. E outra era gostar dela. E eu gostava. Gostava imenso dela.

— Vocês os dois são tão fofos — disse o Sal.

O sorriso da Emma desapareceu.

— E tu és um provocador horrível. Deixa de atormentar o Lucian.

— Se queres saber, ele até precisa de ser mais atormentado. — Levantou-se da mesa. — Vou buscar uma *Diet Coke* para empurrar este batido para baixo. Alguém quer mais alguma coisa?

Ambos dissemos que não com a cabeça, e ele foi ao balcão, caindo o silêncio entre mim e a Emma.

— Porque é que ele te chama Oz? — perguntou-me, do nada.

Esperava que ela não tivesse reparado nisso. Mas a Emma reparava em tudo.

— O meu apelido é Osmond. Há pessoas que me chamam Oz. — Fiz um sorriso presunçoso. — Vais dizer-me que não pareço um pequeno feiticeiro engraçado?

Ela riu-se.

— Para dizer a verdade, nada em ti é pequeno.

Senti um calor súbito no sexo.

— Absolutamente nada, tarte de mel.

— O teu ego não é, de certeza.

— Não se trata de ego quando é verdade.

A Emma revirou os olhos e pegou na água, para beber um pouco. Desviou o olhar para o Sal, que estava de pé, na fila.

— Não tens a sensação de que o Sal e a Amalie nos andam a atirar para os braços um do outro?

— Também percebeste?

Ela franziu o nariz.

— Eles não são exatamente subtis.

Não parecia estar irritada com aquilo, mas sim embaraçada. E eu não sabia como sentir-me sobre isso, nem me incomodei a parar para pensar.

— Não. — Bebi um gole de cerveja. — Nada mesmo.

A Emma pousou um braço na mesa e inclinou-se, aproximando-se, trazendo consigo um aroma leve e doce.

— Não te preocupes. Vou manter-me longe do teu caminho.

E, de repente, aquilo atingiu-me. Ela estava preocupada com o meu conforto. Acabaria por se ir embora, se achasse que era isso que eu queria. A verdade estava ali, à minha frente, no seu rosto expressivo.

— Não faças isso. — As palavras saíram-me da boca livremente, sem eu lhes dar autorização. *Mas que raio, Oz?*

Franziu as sobrancelhas, confusa.

— O quê?

Ainda podes emendar isto. Recua, idiota. Recua.

— Não te mantendas longe do meu caminho.

Idiota.

A surpresa suavizou-lhe as feições, enquanto o seu olhar índigo pairava sobre o meu rosto, tentando ler-me. Não sabia se seria capaz, quando nem eu próprio conseguia perceber-me.

— É ridículo — deixei escapar. — Termos de andar a evitar-nos um ao outro só porque eles não têm o que fazer e veem muitos episódios de *The Bachelor*⁴.

Os olhos dela iluminaram-se, divertidos.

— Não queres antes dizer *The Bachelorette*?

Bebi um gole de cerveja para esconder o sorriso.

— Quis dizer exatamente o que disse.

— Enganas-te. O prémio sou eu.

Pois és.

— Como quiseses, Bisbilhoteira.

Ela deu uma gargalhada, um som glorioso que me dançou no coração e me fez respirar fundo. Um homem podia ser persuadido a fazer coisas tolas só para ouvir aquela gargalhada mais vezes.

Aparentemente, não fui o único afetado. As cabeças dos outros clientes viraram-se na nossa direção, e foi aí que aconteceu.

Emma

Gostava do Lucian. Isso era preocupante, porque, apesar das suas provocações e grande sagacidade, há muito tempo que não conhecia um homem tão fechado como ele. Mas fazia-me rir, mesmo quando fingia ser rabugento. Digo «fingia» porque era evidente que estava a divertir-se.

Não tanto pelo ar dele, mas por causa das rugas que se formavam em volta dos seus olhos de jade quando disfarçava uma gargalhada e pela maneira como os seus ombros largos se descontraíam quanto mais nós discutíamos. E sabia que ele até gostava que o Sal o espicaçasse; a amizade deles era estranha, na medida em que nenhum dos dois parecia querer admiti-la.

O Lucian, nitidamente, não queria admitir estar feliz com nada. Já o Sal era mais misterioso, mas perguntava-me se, apesar daquela sua concha exterior extravagante, não seria, de facto, um pouco tímido.

Ou talvez eu estivesse a imaginar coisas que não existiam. No entanto, não estava a imaginar a maneira como o Lucian olhava para mim agora. Aquelas sobrancelhas severas suavizaram-se, os olhos arregalaram-se um pouco, como que surpreendidos, enquanto os lábios se separavam. Parecia... espantado. Com o som das minhas gargalhadas, aparentemente.

Esse espanto deixou-me impressionada. As minhas entranhas saltavam com uma vibração engraçada que não sentia há muito tempo. Desde que tinha dezasseis anos, para ser mais precisa, quando o artista romântico e meu *crush* do secundário, o Michael Benton, me sorriu. Nem sequer esse momento tinha sido seguido pela sensação de ter levado um pontapé no peito, quando o meu coração começou a bater mais depressa.

É o que acontece quando gostar de alguém se mistura com atração. Indesejado, mas forte e puro. Não sabia como escondê-lo ou empurrá-lo para longe. Só conseguia olhar para o Lucian com igual espanto. Tinha prometido a mim própria manter-me longe de atrações superficiais, mas o que é que devia fazer quanto a isto? Quanto a ele?

A minha gargalhada tinha chamado a atenção das pessoas. Sabia disso intuitivamente e, depois, aperfeiçoei-o quando a fama me agraciou com a sua luz. E embora fosse um sinal de que a minha carreira era um sucesso, a atenção do público também podia ser uma dor de cabeça quando queria estar sozinha.

Ao ver um grupo de rapazes a caminhar para a nossa mesa, preparei-me. O que foi engraçado é que o Lucian fez o mesmo, apesar de não ser nada com ele. Essa sua consciência da situação surpreendeu-me, porém talvez nunca deixasse de se lembrar de quem eu era.

Não gostei dessa ideia. A fama era um fenómeno estranho. Andamos atrás dela e, quando a alcançamos, nunca mais nos sentimos em total segurança. Paranoias sobre quem está na nossa vida e com que motivos, medo de nunca se ser suficientemente bom, ou popular. Cerrei os punhos no colo e odiei-me por me preocupar com estas

coisas.

Mas a fama também tinha uma maneira engraçada de fazer de nós tolos. Algo que se tornou flagrantemente óbvio quando os três rapazes passaram por mim sem sequer me olharem e foram direitos... ao Lucian.

E ele sabia. O corpo dele estava completamente tenso, como se esperasse por um embate. Eu fiquei ali sentada, boquiaberta, enquanto o Lucian era cercado por fãs que claramente o adoravam.

— Oz! Nem acredito que és mesmo tu.

Oz. Chamavam-lhe Oz, tal como o Sal tinha feito. Quem diabo era ele?

O Lucian tentava, corajosamente, adotar uma expressão descontrainda, mas agora eu já o conhecia o suficiente para poder dizer que aquele sorriso era completamente falso.

— Olá, rapazes!

— Oh, pá, isto é tão fixe — disse o loiro. — ‘Tás a fazer aqui, Oz?

— A almoçar.

Riram-se todos muito, com aquele género de gargalhadas que mostrava que sabiam que ele tinha afirmado o óbvio, mas estavam demasiado encantados com a fama para demonstrar qualquer constrangimento real.

— Pausa difícil no Campeonato.

— Já não são os mesmos sem ti.

— Não vais parar para sempre, pois não?

As perguntas atingiam o Lucian como bolinhas, e a expressão dele ia ficando mais distante à medida que lhe acertavam. O Sal apressou-se a voltar para a mesa, parecendo mais do que em pânico. Os rapazes não perceberam; estavam demasiado ocupados a olhar para o seu ídolo.

— Aquela pancada, meu. Meu Deus, foi mau.

— Deve ter-te doído como o caraças. Lembras-te?

O Lucian levantou-se abruptamente. Rígido, como se cada centímetro dele estivesse congelado por dentro. Eu não fazia a mínima ideia do que é que eles estavam a falar, mas era evidente que todos os outros sabiam. Também me levantei, não podia continuar ali sentada quando o Lucian estava à beira de sair porta fora.

— Tenho de ir andando, rapazes. — A voz dele era um fio puxado com muita força.

— Oh, meu...

— Podemos tirar uma *selfie*?

Por um segundo, pensei que ele iria recusar. Mas sorriu — foi mais uma careta do que um sorriso — e mastigou um breve:

— Claro.

Sem que lhe tivessem pedido, o Sal pegou no telefone, como se estivesse já muito habituado a desempenhar aquele papel. Fiquei ali, entorpecida e confusa. Os três rapazes tiraram umas quantas fotografias com o Lucian «Oz», e havia cada vez mais pessoas a olhar e à nossa volta, os murmúrios ganhando maior intensidade. Por que raio é que toda a gente o conhecia? E porque é que eu não sabia quem ele era?

Porém, a sua cara tinha-me parecido familiar quando o vi pela primeira vez. Mas

não havia conseguido perceber porquê. E, então, ele abriu a boca, todo impaciente e irritadiço, e simplesmente tornou-se o Lucian — um homem *sexy*, mas fechado, que gostava de nadar nu à noite na piscina e me fazia rir, mesmo quando eu não queria.

Mal acabaram de tirar as fotografias, o Lucian despediu-se dos fãs, de maneira educada mas firme. Pegou no seu tabuleiro sem olhar para mim, foi pô-lo no carrinho e dirigiu-se à saída como se estivesse em transe, obrigando-nos, ao Sal e a mim, a correr atrás dele, se não queríamos ficar para trás.

— Mas que raio? — murmurei ao Sal, enquanto o seguíamos. À nossa frente, o Lucian caminhava com determinação, o seu grande corpo rígido como um tronco.

O Sal estava com uma expressão infeliz.

— Ele é que tem de te contar. Mas ficas já a saber... ele vai ficar difícil de aturar durante um tempo.

Difícil? O homem já era difícil.

O Lucian abriu a carrinha, mas só deu por nós depois de entrar. O carro tinha quatro portas, mas eu não podia obrigar o Sal a ir comigo no banco de trás, para lhe poder fazer perguntas. Saltei para o meu lugar, na esperança de que o Lucian olhasse para mim pelo retrovisor. Mas nunca olhou na minha direção. Já tinha, várias vezes, ficado calado, melancólico, sido sarcástico, mas, até agora, nunca me tinha ignorado. Surpreendeu-me tanto quanto me incomodou. Era como se eu ficasse completamente acordada e viva quando ele me dava atenção, e murchasse quando ma tirava. Ninguém devia ter esse poder sobre mim. Só que eu não me sentia oprimida. Aquilo parecia-me certo e real de uma maneira que me assustou.

Pior, no entanto, era a minha preocupação por ele estar a sofrer. O encontro abalara-o.

A viagem de regresso foi tensa e silenciosa. Aproveitei para respirar fundo. Foi uma coisa que aprendi a fazer enquanto estava a gravar, para me manter com os pés bem assentes na terra. *Dark Castle* tinha um bom ambiente de trabalho, mas, de vez em quando, os ânimos e os egos exaltavam-se. Meu Deus, como já sentia falta daquilo. Ou talvez sentisse só falta da segurança que dá ter um emprego estável. Francamente, a série tinha fama por causa das cenas de sexo, e eu estava muito feliz por nunca mais ter de fazer outra cena de nudez. O Saint tinha sido um perfeito cavalheiro, mas, ainda assim, era desconfortável estar uma tarde inteira em filmagens daquelas.

Esses pensamentos distraíram-me o tempo suficiente para o Lucian chegar à propriedade e virar para o caminho que contornava a casa. Sem preâmbulo, estacionou a carrinha e saiu.

O Sal e eu trocámos um olhar e, então, levantei os meus ombros e segui-o. Não foi fácil alcançá-lo. Ele tinha as pernas compridas e estava infernalmente determinado a deixar-me para trás. Mas eu era especialista em andar depressa, como o meu rabo podia atestar.

O Lucian não parou nem olhou na minha direção. Mas sabia que eu estava ali.

— Agora não, Em.

Saltei por cima de uma das lajes, a arfar um pouco, por causa do ritmo.

— Então quando?

— Que tal nunca?

— Não, isso não é assim.

Ele suspirou profundamente.

— Estás a agir como se te devesse alguma coisa. Não devo.

Estava definitivamente sensível.

— E eu também não te devia nada quando me fizeste perguntas sobre *Dark Castle*. Mas, ainda assim, disse-te como é que me estava a sentir.

— Porque quiseste.

Virámos uma esquina, indo em direção ao campo de ténis. Não fazia ideia para onde é que ele ia; talvez estivesse a pensar que me podia cansar e fazer-me desistir.

— Tens razão. — Parei no carro, de braços caídos, a recuperar o fôlego. Ele que fosse para o inferno! Eu não precisava de estar a perseguir um homem que não queria ser incomodado.

Estranhamente, como se tivesse sido obrigado, o Lucian parou e voltou-se um pouco na minha direção, olhando-me por cima do seu largo ombro. O corpo dele continuava tenso e pronto para levantar voo, mais uma vez.

— Não devemos nada um ao outro — disse eu, levantando a voz o suficiente para ser bem ouvida por ele, que estava a cerca de três metros de mim. — Mas ninguém vive num vazio absoluto. A tua avó e o Sal andam em pezinhos de lã à tua volta.

Ah, aquilo atingiu-o. Ficou com o pescoço muito vermelho e veio na minha direção, ficando a uma distância em que nos podíamos tocar.

— Não sabes nada sobre eles. Ou sobre mim.

Sim, aquilo doeu-me. Não devia, mas doeu.

— Sei o suficiente. Preocupam-se contigo. Amam-te.

As narinas do Lucian dilataram-se.

— A sério, Emma. Eu não me dou bem com a culpa.

— Se te sentes culpado, isso é contigo.

Virou a cabeça e fez uma careta. Mas não se foi embora.

Ele estar ali, a ouvir, apesar da raiva e apesar do facto de eu não ter direito nenhum de lhe estar a dar sermões, fez-me suavizar o tom.

— Tudo bem, sou uma intrometida. Uma bisbilhoteira. *OK*. Admito. Mas, se estivesses no meu lugar, diz-me que não estarias também a fazer-me perguntas.

O maxilar dele ficou tenso e percebi que estava a ranger os dentes.

Teimoso como uma mula.

— Quem diabo és tu? — perguntei-lhe.

Ao ouvir isto, ele riu-se, mas sem humor.

— Sou o Brick, lembras-te? O ex-atleta mal-humorado, lixado e escondido na casa grande.

— Ótimo! Continua a ser assim. — Virei-me para me ir embora, mas ele voltou a falar nesse momento, num tom de voz tão quebrado e frágil que esta parecia feita de vidros partidos.

— Estiveste tão perto da verdade, Em. — Uns olhos baços encontraram os meus.

— O mundo conhece-me como Luc Osmond. Oz, o grande e poderoso. Um dos

melhores centrais de sempre de hóquei no gelo, ou, pelo menos, era isso que diziam de mim.

Tive um vislumbre de reconhecimento. O espetacular corpo dele vestido apenas com uns *boxers*, o rosto a sorrir para mim, enquanto eu circulava pelo trânsito de Los Angeles.

— Tens um *outdoor*.

Estremeceu.

— De todas as coisas de que te podias lembrar...

— É um *outdoor* impressionante.

Ele não mordeu o isco nem sorriu, limitou-se a encolher os ombros ligeiramente. Meu Deus, como é que não o reconheci? Ele fez anúncios. Uma data deles. A sua cara tinha olhado para mim em revistas, anúncios de relógios, de perfumes. E tenho quase a certeza de o ter visto jogar, uma vez em que fiquei a ler ao lado do Greg enquanto ele via um jogo.

— Jogavas no Washington.

— Sim.

Mas tinha acontecido qualquer coisa. O que é que aqueles rapazes tinham dito? Qualquer coisa sobre uma pancada feia.

— Ficaste lesionado?

Não parecia. Mexia-se como se fosse feito de seda e aço.

O Lucian expirou fundo. Um mundo de emoções habitava aquele breve som. Um mundo de arrependimento e desespero.

— Digamos que sim. — Engoliu em seco, com força, e desviou novamente o olhar. As linhas fortes do seu perfil estavam tensas. — Síndrome de concussão. Demasiadas pancadas na cabeça.

O sangue desapareceu-me do cérebro. Não tinha sido a sua saúde a estar em risco; tinha sido a sua vida. A ideia de este homem orgulhoso, inteligente e leal poder já não estar aqui... fez as minhas entranhas gritarem de horror e os meus braços quererem agarrá-lo.

O que era mais do que tolo. Éramos meros conhecidos. Ele não queria que eu me intrometesse na sua vida.

— Por isso, aqui estou — prosseguiu, numa voz desanimada. — Fora de jogo e a fazer consertos na propriedade da minha avó. — Aquele olhar ardente voltou-se para mim, irritado e ferido. Cortou-me a pele macia. — É suficiente, para ti? Ou também queres um resumo dos meus sintomas?

— Não. — Engoli em seco, apesar do nó que sentia na garganta.

— Tens a certeza? — Aproximou-se, os olhos bravios. — Não queres saber nada sobre o pavio curto? Os lapsos de memória? As enxaquecas? Bem, mas já sabes tudo sobre isso, não é? Nem uma mulher consigo ir buscar ao aeroporto sem ter nada disso.

— Lucian...

— Trata-me por Oz. O velho homem atrás do cortinado, a fingir ser uma coisa que não é.

Agora ele estava a sentir pena de si próprio. E tinha boas razões. Mas isso não o

ajudava. Nem um bocadinho.

— Não. Disseste-me para te tratar por Lucian.

— Porque estava a esconder-me — ripostou. — E, assim, não ias saber a merda de desastre que sou.

— Não és um desastre.

Ele ficou mais agitado, a pele escureceu-lhe de desgosto e frustração.

— Não tenhas pena de mim.

— Não me grites — reagiu. — Tenho pena de ti se quiser.

— O quê? — Ficou indignado. — Por acaso estás a admitir que tens pena de mim?

Os nossos narizes quase se tocavam, ambos aos gritos como crianças. O que, no entanto, não me fez parar.

— Porque não, se estás a agir de maneira tão lamentável, sempre de mau humor ou a atacar quem se preocupa contigo?

Deixou escapar um resmungo irado. Com um movimento brusco e duro, levantou a mão. E foi aí que aconteceu. Encolhi-me. Violentemente.

Ficámos ambos petrificados.

Vivi toda a cena com uma consciência aguda que beirava a dor. O movimento horrorizou-me porque eu não queria que aquele fosse o meu primeiro instinto quando um homem levantava a mão. Mas a verdade é que, apesar de tudo, estava ali, suspenso no ar, como um anúncio de néon. Em retrospectiva, foi ainda pior, porque pude ver pelo ângulo do braço dele — agora imóvel, em choque — que o Lucian estava prestes a passar a mão pelo cabelo, frustrado.

Ele tinha visto a minha reação. Não havia como escapar.

Finalmente, quebrou o silêncio tenso:

— Pensaste que ia bater em ti.

Não era uma pergunta. Ambos o sabíamos.

Odiava ter-me encolhido, tinha vergonha da minha reação. Odiava que um pedaço vital de mim tivesse sido alterado. Era mais uma coisa que me fora tirada sem a minha autorização. Mas eu não podia alterar isso; tinha-me encolhido e agora precisava de ganhar terreno. Levantei o queixo, porque também não ia pedir desculpas.

— És um homem enorme e estavas com a cara quase encostada à minha, a discutir comigo. E tens razão, não te conheço de lado nenhum. Por isso, sim, tenho de ter cuidado.

Quando o Lucian falou, a sua voz era suave e cuidadosamente modulada.

— Se isso te deixar mais confortável, fico longe de ti enquanto aqui estiveres. Independentemente disso, quero que te sintas segura, por isso posso explicar uma coisa?

Quando assenti, ele continuou:

— Já estive em muitas brigas. No gelo. E, uma vez, fora do gelo. Mas todas elas foram contra tipos que podiam defender-se. Esta cicatriz — apontou para uma linha tênue, na sobrancelha esquerda — foi de um gancho que não antecipei. Retribuí o favor e parti o nariz ao gajo. Estou a dizer-te isto porque não te quero mentir e dizer

que a violência me é estranha. — Não pestanejou, não hesitou em olhar-me nos olhos. — Mas tu? Tu podias dar-me um estalo, dar-me um pontapé nas bolas, insultar-me, dizer mal da Mamie, a quem eu amo mais do que a qualquer outra pessoa na Terra, e eu, ainda assim, não te levantaria a mão. Porque não bato em mulheres ou em alguém mais fraco do que eu. Nunca. — Parou ali, a olhar para mim, preocupado. — Peço desculpas por o meu comportamento te ter feito sentir insegura. Não era minha intenção. Se acreditas em alguma coisa sobre mim, acredita que serei sempre alguém que está do teu lado, nunca contra ti.

Como se estivesse tudo resolvido, preparava-se para se ir embora.

— Eu nunca faria nada disso — disse eu. Quando ele franziu as sobrancelhas, confuso, esclareci: — Nunca te bateria e nunca diria mal da Amalie. Também não sou uma pessoa abusiva.

Ficou perplexo, como se não soubesse o que fazer a seguir.

— OK — disse simplesmente. Mas depois fez uma pausa, como se lhe ocorresse outra coisa: — Só para sermos claros, se magoares a Mamie ou te aproveitares dela, não te bato, mas ponho-te na rua, para sempre.

Depois, voltou-me as costas, mais uma vez, e afastou-se.

— Parvo — atirei-lhe.

— Eu ouvi — disse ele, sem parar de andar.

— Ótimo! — gritei, levantando a voz para que me ouvisse alto e bom som. — Porque eu nunca disse que não te insultaria.

Um resmungo foi a única resposta. Estava quase fora de vista, prestes a descer as escadas que levavam à praia.

— Lucian!

Não esperava que ele parasse, mas parou.

— Também peço desculpa — disse eu para a parede dura das suas costas. — Por ter dito que estavas a agir de forma lamentável. — Ele não se mexeu, mas eu sabia que ouvia atentamente. — Não estavas. Não tenho pena de ti. Só me irritas.

Não consegui ouvir, mas pela maneira como vi que baixou o queixo e inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, soube que ele tinha resmungado. Se divertido ou chateado, isso já era outra questão.

— É bom saber isso, Bisbilhoteira.

Desta vez, fui eu que me virei e me afastei. Não me fez sentir exatamente bem, mas, ainda assim, foi uma ligeira vitória.

3 Referência ao protagonista dos três filmes da série *Magic Mike*, sobre a vida de um *stripper*. (NT)

4 *The Bachelor* é um *reality show* americano em que um homem solteiro tem de escolher, de entre um grupo de mulheres, aquela com quem quer namorar. *The Bachelorette* é a versão feminina do mesmo programa. (NT)

CAPÍTULO NOVE

Emma

Passei o resto do dia e grande parte da manhã seguinte dentro de casa. Era bom não ter de ir a lado nenhum, não ter de fazer nada. Estava determinada a manter-me relaxada.

Bem, tão relaxada quanto possível, com um certo ex-jogador de hóquei *sexy* e irritante que se recusava a sair-me da cabeça. Valha-me Deus, tive de reprimir a vontade de procurar por ele no *Google*. Estava morta por o ver jogar. Mas sabia que era um erro; nunca mais me conseguiria portar normalmente ao pé dele, depois de o ver todo fantástico e durão, com o equipamento de hóquei. Eu não era fã, mas sabia que passaria a ser se visse o Lucian jogar.

Estava muito orgulhosa de mim própria por resistir à tentação. No entanto, não resisti à tentação de todas as deliciosas refeições que a cozinha continuava a enviar-me. O pequeno-almoço incluía delicados folhados de maçã, do tamanho de uma palma, coisa que eu, normalmente, não comeria, porque todos os que provara até então haviam sido demasiado doces e enjoativos. Mas já sabia, por experiência, que a comida em Rosemont não devia ser ignorada.

A primeira dentada foi a minha perdição. A massa não era pesada ou gordurosa, mas leve e estaladiça, camadas douradas que se estilhaçavam com uma dentada e, depois, se derretiam na língua. O recheio era feito com fatias de maçã cozidas até ficarem macias, e o seu sumo, ligeiramente ácido, era o complemento perfeito para a riqueza da crosta. Céus!

Francamente, não sabia o que faria quando saísse dali. Provavelmente, entrar em abstinência. Pela primeira vez, invejei verdadeiramente a Amalie, por ela ter um *chef* tão incrível. Podia comprar bolos numa pastelaria. Claro, aqueles eram os melhores que eu alguma vez comera, mas podia encontrar uns parecidos, se quisesse. Só que nunca seria a mesma coisa. Ali, eu era mimada com uma atenção exigente aos detalhes que me deixava a sentir super bem tratada.

O facto de os pãezinhos de passas não estarem incluídos fez-me pensar que sim, o Sal tinha passado a informação, e sim, a casa tinha ouvido e tentado outra abordagem para me agradar. Se calhar, devia ter ficado envergonhada ou chateada por o Sal ter falado com o *chef*, mas não consegui, porque o resultado dessa inconfidência era absolutamente delicioso. Não havia dúvida, ia ter de mandar um cartão de agradecimento para a cozinha mal encontrasse algo com que escrever.

Depois de tomar o pequeno-almoço, fiquei cheia de vontade de fazer qualquer

coisa. Qualquer coisa. A solidão atingiu-me como uma onda inesperada. O problema é que nem sequer podia ligar para os meus amigos; estavam todos a morrer de vontade de saber o final da série e eu não podia contar-lhes. Podia combinar qualquer coisa com alguns dos meus colegas de elenco, mas ainda estava magoada. O orgulho tinha-me levado a esconder-me para lamber as minhas feridas.

Com aquele pensamento deprimente, lavei a loiça e voltei a pô-la dentro do cesto. Quando bateram à porta, peguei logo nele; a casa era muito eficiente na entrega e recolha do pequeno-almoço. Já de cesto na mão, abri a porta. E dei com o Lucian ali de pé, de banho tomado e impossivelmente grande, no meu soalheiro alpendre.

Ele estava ali. Ele estava ali.

Olhou para o cesto.

— Vais fazer um piquenique?

— Isto foi o cesto em que entregam a comida. — Estava ridiculamente feliz por o ver, mas determinada a não o mostrar, portando-me como um cachorrinho ofegante. Caramba! Este homem era de mais, tinha mesmo imensa pinta.

— A mim não me entregam a comida. Isso é só para os convidados. — Ele parecia achar isso divertido. Eu achava uma tragédia.

— Não sabes o que andas a perder.

O Lucian contorceu a boca.

— Se é assim tão bom, porque é que já estás aqui, pronta a pô-lo porta fora?

Tinha a certeza de que ele estava a gozar comigo. Mas não me importei, porque até me divertia quando ele fazia isso.

— Está vazio, Tarte de Mel. Achei que tinhas vindo cá buscá-lo.

— Agora sou eu que tenho de andar a carregar os teus pratos?

— Estás a tentar irritar-me, não estás? — disse eu, devolvendo-lhe as palavras que ele tinha usado comigo no nosso primeiro encontro.

Ele abriu um grande sorriso, um gesto tão rápido e incrivelmente bonito que me deixou sem fôlego.

— É tão fácil — respondeu, tal como eu também tinha feito. — Ao menos, podias dar-me um bocadinho de trabalho.

— Não te preocupes, vou dar.

Isso calou-o rapidamente. As narinas tremeram, toda aquela leveza sorridente deslizou para qualquer coisa mais escura, algo com uma promessa. O calor envolveu-me as coxas, um baque insistente estendeu-se entre elas. Como se ele tivesse sentido fisicamente a minha reação, pestanejou e engoliu em seco, com força. Mas depois a sua expressão voltou a ficar neutra, ou seja, voltou a ser o típico Lucian severo e intenso, e aclarou a garganta.

— Por acaso, vim cá perguntar-te se queres ir fazer uma caminhada.

Atordoad, fiquei boquiaberta, a olhar para ele, como um peixe fora de água. Era a última coisa que esperava dele. E, a julgar pela cor escurecida do seu pescoço, ele sabia disso.

Deslocando o seu peso, olhou-me de sobrolho franzido.

— Deixei-te desconfortável, não foi? Merda!

— Não. — Levantei a mão para evitar que ele se fosse embora. — De maneira nenhuma. Só fiquei surpreendida.

Foi um eufemismo. Não nos tínhamos separado no melhor dos climas e ele havia deixado muito claro que queria ficar sozinho. E eu estava empenhada em fazer exatamente isso. Mas ele estava ali e eu tinha saudades dele. Tinha passado quase um dia inteiro sem ouvir o som da sua voz, sem o prazer de falar com ele.

Ele baixou a cabeça e abanou-a ironicamente.

— Eu próprio estou surpreendido.

— Estás? — disse, mal conseguindo reprimir uma gargalhada. Porque era o que eu queria. Queria estender os braços e rir com uma vertigem desenfreada.

Ele voltou a olhar para mim, por baixo das pestanas espessas.

— Achei que podias estar aborrecida. E ontem fui... — Estremecendo, passou a mão pela parte de trás do pescoço, mostrando-me os seus maravilhosos e musculados antebraços. — Um estúpido.

— Pois foste — respondi, solene, arruinando o efeito com um sorriso. — Mas eu também não fui exatamente querida.

Ele não sorriu, mas os seus olhos brilharam, divertidos. Olhámos um para o outro, partilhando um olhar que dizia que ambos entendíamos perfeitamente o quão ridículos tínhamos sido. Depois o Lucian fez um gesto com a cabeça, em direção ao exterior.

— Então? Queres vir?

Eu ainda estava a recuperar do choque por ele me ter convidado a fazer qualquer coisa consigo, mas recompus-me. Porque onde quer que ele estivesse, eu queria estar, o que devia ter-me aterrorizado, mas, estranhamente, fez-me sentir mais forte. Agora, nada na minha vida era certo, nem a minha carreira, nem os meus planos pessoais e muito menos a minha vida amorosa. Mas quando o Lucian e eu estávamos juntos, sentia-me completamente eu própria, não o «tudo é perfeito; continua em frente» que projetei para o mundo.

— Quero! Deixa-me só vestir. Não saias daí! — Passei-lhe a cesta para as mãos e depois parei, envergonhada. — Desculpa. Entra. Vou só... — Tropecei num chinelo que tinha deixado fora do sítio. — Pois...

As gargalhadas dele seguiram-me até ao quarto, onde me vesti com a excitação vertiginosa de uma pré-adolescente. Não sabia se iria conseguir passar o dia sem fazer um grande disparate: estrangulá-lo ou saltar-lhe para cima. Nenhuma dessas opções me atraía particularmente — bem, a última, sim, mas era uma coisa que não devia fazer. Não interessava. Ia sair com ele.

*

Lucian

Estava a cometer um erro ao convidar a Emma para uma caminhada? Provavelmente. Mas descobri que não me importava. Eu tinha sido um completo parvalhão na véspera. Deixava as coisas tomarem conta de mim, deixava a dor pelo

que tinha perdido dominar-me. O problema é que, quando sofria, enfurecia-me. Os médicos tinham-me avisado de que podia ser difícil lidar com as situações, que a minha personalidade podia mudar um pouco.

Um pouco. Certo. Durante toda a minha vida, tinha sido um tipo descontraído, o que ia na onda, que esquecia os disparates. Agora, era quase um estranho para mim próprio. A minha pele não encaixava bem nos meus ossos. Havia momentos em que parecia que tinha um enxame de vespas a atacar-me a cabeça, a zumbir e a picar.

E dava o troco na mesma moeda.

Sentia-me profundamente envergonhado quando me lembrava do bonito rosto da Emma a ficar pálido, o corpo dela a encolher-se, como se esperasse um ataque. Ela tinha tido medo de mim. Por um segundo horrível, pensou que eu ia bater-lhe. Aquilo tinha-me deixado muito mal, mas só quando parei, finalmente, na escuridão do meu quarto é que senti todo o peso daquele remorso.

Agora não conseguia ficar longe dela mais do que conseguia parar de respirar. Ela precisava de mais do que um mero pedido de desculpas. Precisava de tranquilidade, de cuidado.

Não tinha a certeza se convidá-la para uma caminhada nas montanhas seria suficiente, mas ela parecia-me estar feliz enquanto eu estacionava a carrinha num parque perto do início do trilho.

— Trouxe uma mochila — disse-lhe. — Posso levar o que precisares.

— O que é que levas aí? — Pôs-se em bicos dos pés, a tentar espreitar, o que fez com que se aproximasse demasiado. Baixe as pálpebras enquanto sentia o seu cheiro doce. E juro que detetei uma pitada de maçã. O que é que ela teria achado dos *chaussons aux pommes*? Já sabia que adorava a minha comida, mas era ganancioso, queria saber detalhes. E, no entanto, não conseguia ter coragem para lhe perguntar.

Agarrei na mochila, de maneira a ficar fora do alcance dela, provocando-a, porque isso fazia com que o seu rosto se iluminasse de uma maneira em que eu estava a viciar-me.

— Calma, Bisbilhoteira. Tenho tudo aquilo de que vamos precisar.

Semicerrou os olhos indigo.

— Trouxeste protetor solar?

— Claro que... Caraças! Não, não trouxe.

A Emma suspirou, abanando a cabeça perante aquele meu esquecimento imperdoável, ao mesmo tempo que tirava um frasco de dentro da carteira.

— Nunca trazem — murmurou. — Vocês, homens, morriam, se tratassem da pele?

— Ei! Eu lavo a cara! — Lavo-a sempre que me barbeio, o que, à velocidade a que cresce a minha maldita barba, acaba por ser todos os dias.

A Emma fez troça e continuou a murmurar.

— E essas pequenas coisas como o cancro de pele, as rugas prematuras e manchas de idade não significam nada, evidentemente.

— Bem, não, quero dizer, eu pensei...

Calei-me. Porque a Emma começou a pôr loção na cara, na pele dourada e lisa dos braços e do pescoço nus. Vestia uma *T-shirt* de alças, justa, branca, e calças

elásticas azul-escuras, que destacavam todas as gloriosas curvas e contracurvas do seu corpo.

O seu corpo. Era tão incrivelmente adorável, embora ela talvez não quisesse ouvir isso. A sua cabeça mal me chegava ao ombro. Não era delicada, mas, comparada comigo, parecia ser. Braços bem modelados, seios empertigados que encaixariam perfeitamente nas minhas mãos, uma cintura que levava a um rabo fantástico, que ondulava sempre que ela andava, e coxas e pernas cheias de curvas.

Eu sabia que os padrões de merda de Hollywood impunham às atrizes uma magreza extrema. A Emma era magra, mas estava em boa forma, aquele rabo e aquelas coxas não eram de alguém que passava fome, graças a Deus.

Sentia comichão nas mãos, tal era a vontade de as pousar naquele lindo rabo. Mas não queria levar um estalo e, como sou um homem adulto, sei como devo portar-me. Ergui o olhar. Mas concentrar-me na cara dela também não ajudava muito. Tinha o género de lábios que pareciam sempre recém-beijados, rosados e exuberantes, o lábio superior ligeiramente maior do que o inferior. Sempre que olhava para a boca dela, queria beijá-la. Caramba, sempre que pensava na boca dela, queria beijá-la.

Foda-se. Isto da caminhada tinha sido má ideia.

Olhei para longe, semicerrando os olhos perante aquela luz do sol que a Emma declarou que estava lentamente a arruinar-me a pele.

— Toma. — Pôs-me o protetor solar debaixo do nariz, voltando a chamar a minha atenção para si. — Põe um bocadinho.

Não ia discutir. Tirei um bocado da loção e comecei a pô-la o melhor que podia. Pelo menos, era fresca e não tinha cheiro. Era isso. Tudo o que a Cassandra usava cheirava a flores mortas ou a frutas de plástico.

Emma fez outro ruído de irritação e pôs-se à minha frente. Apesar da sua óbvia indignação com o meu regime aparentemente inadequado de cuidados com a pele, olhava para mim com uns olhos cheios de carinho.

— Tens restos de protetor em todo o lado — ralhou-me, antes de franzir a testa. — És muito alto.

Tens toda a razão.

— Tens de culpar os meus pais, Em.

Os cantos dos seus lábios curvaram-se.

— Inclina-te, pode ser? — Quando disse isto, já estava a tocar-me.

Como um veado encadeado por faróis, fiz o que me pediu, o meu olhar preso no dela. Com movimentos suaves, mas hábeis, passou as pontas dos dedos pela minha pele, ao longo do meu nariz, das minhas faces. Engoli um gemido, baixei as pálpebras e respirei profundamente. Eram toques simples, nada mais do que o seu protetor solar a lambuzar-me. Mas sentia-me tão bem que só queria ronronar ou gemer. Qualquer coisa. Qualquer coisa que a fizesse continuar a fazer aquilo.

Mas, terminada a tarefa, ela parou. Endireitei-me e peguei nas minhas coisas.

— Agora sim. — Pôs os óculos. — Estamos prontos.

Sim, queria beijá-la.

— Ótimo. A minha pele já se sente mais protegida.

— Eu sou imune ao teu sarcasmo, Tarte de Mel.

Toda a minha vida tive alcunhas. Algumas eram horríveis; outras, engraçadas. O que nunca tinha sentido, até agora, era prazer ao ouvir uma delas. Sempre que a Emma me chamava Tarte de Mel, sentia um golpe de prazer no peito. Mas, naquele dia, essa sensação misturava-se com um certo desapontamento. Porque ela tinha deixado de me chamar Brick quando brincava comigo. Eu sabia que fora por causa do meu discurso de autocomiseração, na véspera, quando lhe contei que era um ex-atleta. A condescendência dela irritou-me. Não devia, mas irritou. Queria que ela se sentisse livre e à vontade comigo. Mas eu tinha quebrado os alicerces da nossa amizade... ou lá o que é que era aquilo que havia entre nós. Só podia culpar-me a mim próprio. Mas ia reconstruir o que tinha estragado. Isso tinha-se tornado imperativo para mim, embora não quisesse aprofundar porquê.

Começámos a caminhar e estabelecemos um ritmo constante. A Emma estava em boa forma e eu só tive de diminuir um pouco o meu passo habitual. O caminho subia por entre ervas com um aroma doce e árvores a farfalhar. Não falávamos, mas havia entre nós um silêncio confortável. Gostava disso na Emma; é claro, ela dizia o que tinha a dizer sem hesitar, mas nunca foi cruel, e não sentia a necessidade de preencher silêncios quando não tinha nada a dizer.

Chegámos a um riacho alimentado pela água que serpenteava pela montanha abaixo. Estava com muito pouca água nesta altura do ano, mas a Emma demorou-se a admirá-lo. Com um sorriso luminoso, olhou na minha direção.

— Obrigada por me teres convidado. Estava a precisar disto.

Eu começava a perceber que a levaria onde ela quisesse. Que faria tudo para lhe dar aquilo de que ela precisasse. Era muito inquietante, mas há coisas contra as quais não vale a pena lutar.

A Mamie tinha razão, eu estava aqui. A Emma também. E a verdade é que queria estar perto dela, quer isso fosse sensato ou não. Ela fez com que me abrisse um pouco, levou-me a um estado em que os pensamentos não estavam sempre atolados em raiva ou arrependimento. Eu não tinha ilusões, era evidente que a Emma Maron não podia curar-me, ninguém podia. Mas gostava dos momentos que passava consigo, e isso era mais do que tinha antes de ela aparecer na minha vida. Mesmo quando jogava, nunca havia tido esse nível de ligação com uma pessoa.

Consegui murmurar um «de nada», mas ela já tinha recomeçado a andar, e eu segui-a. Só voltámos a falar uma hora depois, quando chegámos a uma clareira com vista para o vale. Um fino resplendor de suor brilhou na pele da Emma, quando levantou a cara para o sol e deixou a brisa passar por si.

Fiz o mesmo e tirei a camisa, para sentir mais plenamente o sol e o vento. O som da gargalhada de surpresa da Emma quase me pôs um sorriso nos lábios, mas mantive os olhos fechados e a expressão neutra. Tinha tirado a camisa num impulso, sem pensar. Mas ela gostou do que viu. Percebi isso quando a confrontei depois de me ter visto a nadar nu. Estava escrito na cara dela.

Agora, sentia o seu olhar como uma marca quente, a apreciar-me. Posso ter-me exibido um bocadinho, fletindo o peito e os abdominais antes de esticar os braços para cima.

— Cuidado — disse ela, numa voz branda. — Ainda fazes uma rotura de ligamentos.

Deixei cair os braços e lancei-lhe um olhar de censura.

— Estás a chamar-me velho, Bisbilhoteira?

— Estou a chamar-te exibicionista, Tarte de Mel — respondeu, e depois retribui, curvando-se até tocar nos dedos dos pés, aquele rabo em forma de pêssago perfeito a apontar na minha direção.

Raios!

Foi o suficiente para fazer a minha pila reagir. A praguejar, virei-me para vestir a camisa e, depois, pus-me a mexer na mochila enquanto ela dava uma leve gargalhada.

— És má, Em. — Passei-lhe uma garrafa de água.

Ela sorriu.

— Estavas a pedi-las, Lucian.

— Pois estava. — Dei por mim a sorrir, apesar da dor que o desejo me provocava abaixo da cintura. Gostava da Emma e adorava a maneira como ela me provocava. Lembra-me a camaradagem que tinha com os meus colegas de equipa, mas melhor. Nunca tive vontade de sentar um colega no meu colo e devorar-lhe a boca. A mistura de luxúria e diversão era estranhamente inebriante.

Tirei outra água da mochila e bebi-a quase toda, depois ofereci-lhe uma barra energética. Descobrimos uma pedra larga e lisa, onde nos sentámos à sombra, e bebemos o resto das nossas águas. A Emma puxou os joelhos para o peito e envolveu-os com os braços. O seu perfil suavizou-se de contentamento.

O que significava que eu tinha de estragar tudo.

— Desculpa ter-te assustado, ontem.

A Emma ficou rígida e, silenciosamente, amaldiçoou-me por ter dito aquilo. Mas então ela inclinou a cabeça na minha direção. Os seus calmos olhos azuis observavam-me o rosto, como se me avaliasse. Mantive-me quieto, fingindo não estar cheio de vontade de sair dali.

— Não me assustaste — disse ela, baixinho, com cuidado. — Não verdadeiramente.

Mas eu sabia que sim. Eu estava lá. Vi o medo dela.

— Eu... grito quando perco as estribeiras — disse eu, sentindo-me um idiota. Não devia ter perdido a paciência com aquela mulher. — Costumava ser... — Melhor. — Mais calmo. Enfim, foi imperdoável, e eu...

Pousou a mão quente e firme no meu braço.

— Lucian. Não. Não tens motivos para pedir desculpa. Estávamos a discutir. Acontece.

— Mas...

— O meu pai batia-me.

Tudo o que tinha planeado dizer desapareceu bruscamente, uma névoa vermelha dançava-me nos olhos. O pai batia-lhe. Cerrei os punhos. Queria... Foda-se. Queria abraçá-la. Agarrá-la.

Franziu o nariz e baixou o olhar.

— Era o seu método preferido de disciplina, se assim se pode dizer. — Fez uma

careta, desviando o olhar. — Às vezes, encolho-me, mesmo que a lógica me diga que não há uma ameaça real.

Engoli em seco duas vezes, antes de conseguir falar.

— É compreensível. O medo é, sobretudo, uma reação.

Se me pedires, abraço-te. Não te largo enquanto não te sentires outra vez segura. Pede-me, Em.

Com um franzir da testa, a Emma encolheu os ombros, como se isso pudesse afastar tudo.

— É constrangedor. Já não sou aquela miúda frágil e assustada.

Não, ela era forte, resiliente, bonita. E, no entanto, estava envergonhada. E isso era errado.

— Achas que ser abusada fisicamente é um sinal de fraqueza?

A Emma baixou a cabeça, a luz do sol a brilhar no cabelo dela como uma auréola.

— Eu... não. Não sei. Acho que parte de mim continua a perguntar-se: se eu tivesse sido mais forte, maior, teria acontecido?

Eu percebia-a. Demasiado bem. Os «ses» atormentavam-me a vida. Deixei que respirasse fundo e pesei bem as palavras, antes de lhe responder.

— Eu tinha um amigo que era um gajo grande, quase com um metro e noventa, todo músculo. Ninguém no seu juízo perfeito se metia com ele. — Com o polegar, fiz deslizar da rocha um pouco de cascalho. — E ele tinha uma namorada. Estavam juntos desde o secundário.

A Emma franziu as sobranceiras.

— E ele batia-lhe?

— Não. Ela batia-lhe.

Ela arregalou os olhos.

— O quê?

Encolhi os ombros.

— Ela ficava furiosa sem ser provocada. Desatava aos gritos, atirava-lhe merdas à cabeça, dava-lhe estalos na cara, arranhava-o. E ele não fazia nada, suportava aquilo tudo sem fazer absolutamente nada. — A memória afundou-se dentro de mim como uma pedra. A tristeza nos olhos do Hal, a maneira como ele suportava aquilo, sozinho. — Era uma daquelas coisas em que só acreditamos quando vemos — continuei. — E deves estar a perguntar-te porque é que ele aturava aquilo. Levou anos até a deixar. Ela era tudo o que ele conhecia e, não sei como, tinha-o convencido de que a culpa era toda dele.

— Meu Deus!

A empatia na voz da Emma aqueceu-me o coração. Cheguei-me para mais perto dela.

— A questão é: ele era um tipo grande, forte, poderoso. Bastava dar-lhe um empurrãozinho e ela caía. Mas ele não lhe levantava a mão, nem a ela nem a mulher nenhuma. Porque conhecia a sua força e sabia quais eram as consequências de a usar contra alguém.

O meu olhar encontrou-se com o azul profundo dos olhos da Emma.

— Claro, há homens que batem e que usam a sua força para magoar os outros.

Mas, no nível mais básico, o abuso não consiste nos fisicamente fortes *versus* os fisicamente fracos. É uma porra de uma mentalidade, um esquema para quebrar a dignidade e a confiança do outro.

O seu olhar percorreu-me o rosto enquanto nos fitávamos. E fiquei com a impressão de que ela estava a resolver as coisas dentro da sua cabeça. Devagar, como a maré a chegar, a expressão dela abriu-se e sorriu-me brevemente. Um sorriso que percorreu todos os cantos escuros do meu coração, e tive de me acalmar.

— Tens razão — disse ela.

Aclarei a garganta e assenti com a cabeça, solene.

— Normalmente, tenho.

Demorou um segundo e, depois, expirou o ar com força.

— Oh, meu Deus! És terrível! — Porém, parecia divertida quando bateu com o ombro no meu.

Retribuí o gesto. Ou era isso, ou puxá-la para o meu colo.

— Isso não é segredo, Abelhinha.

— Abelhinha? — repetiu, um aviso na voz.

Disfarcei um sorriso.

— Se eu sou uma Tarte de Mel, faz sentido que tu sejas a Abelhinha.

Franziu as sobrancelhas, ameaçadora.

— Porquê? Porque ando atrás do teu mel? — Riu-se muito, e eu tive de me rir com ela. Se alguém ali andava atrás de mel, esse alguém era eu.

— As abelhas fazem mel, Em. — Voltei a bater com o meu ombro no seu, com força suficiente para a fazer abanar e provocar-lhe uma gargalhada. — E tu pareces empenhada em tornar-me mais doce.

CAPÍTULO DEZ

Emma

Tornar doce o Lucian Osmond? Desconfio de que ele sempre o foi, só que não sabe.

Eu estava com um bom humor fantástico na viagem de regresso a Rosemont. Embora propenso a longos períodos de silêncio e, por vezes, ríspido, o Lucian era boa companhia. Não me importava com os silêncios; eu tendia a sonhar acordada e a ficar presa nos meus próprios mundos. E a rispidez dele, os resmungos e as fanfarronices até eram adoráveis. Não que lhe tenha dito isso. Mas talvez devesse dizer; provavelmente, ele acabaria por fazer essas coisas mais vezes.

A questão era a seguinte: não percebia o que é que estava a acontecer entre nós. Eu gostava dele. Só Deus sabia como o queria. E se ele não sabia disso tudo, sabia, pelo menos, que o achava atraente. Eu não disfarçava. E também tinha reparado na maneira como ele olhava para mim. Um olhar que nunca se arrastava e que também não se demorava de mais. Mas ele parecia gostar do que via.

Quando baixava a guarda, flirtava. Mas era evidente que resistia a isso. O que era sensato. As vidas profissionais de ambos encontravam-se em suspenso; ele estava, obviamente, a lidar com muito stresse, e eu... tecnicamente, tinha acabado com o meu namorado. Em quem não pensava há dias. O Greg foi apenas uma entre várias deceções. Das duas, uma: ou eu tinha um gosto da treta, ou não sabia avaliar as pessoas. Independentemente disso, o melhor era ficar longe de relacionamentos durante um tempo. Estava a concentrar-me em ser uma pessoa melhor e tudo isso, e em manter uma simples amizade com o Lucian.

E, de repente, vislumbrei o seu grande corpo no banco do condutor, ao meu lado, com uma *T-shirt* do Capitão América que lhe modulava os ombros largos, mas que lhe caía, solta, sobre a barriga lisa. E uns calções até aos joelhos.

É suposto os joelhos dos homens serem *sexy*? As barrigas das pernas? A visão dos joelhos ossudos do Lucian, as bem delineadas coxas musculosas e as barrigas das pernas duras, levemente polvilhadas de pelos escuros e encaracolados, fizeram-me querer estender a mão e acariciar-lhe uma perna, passar a mão por baixo daqueles calções e agarrar aquilo que eu sabia que seria firme e carnudo e... Caraças!

La ser difícil manter as mãos quietas e a cabeça longe dos calções dele. O que era estranho. Eu adorava homens e sexo, mas nunca me tinha preocupado com nenhum deles. Até o conhecer.

Abri a janela quando estávamos a virar para a estrada que levava a Rosemont.

— Estou a morrer de fome. O que é que achas que é o almoço?

— Não sei. Acho que vou fazer uma sanduíche. — O Lucian olhou para mim, um brilho nos seus olhos jade-pálido. — Estás a franzir o nariz. Desdenhas uma humilde sanduíche, Em? Ou estás estragada de mimo pelas elaboradas refeições da cozinha?

— Não estava a franzir o nariz à tua sanduíche. — Se calhar, estava. O levantar da sobrelha dele dizia que me lia como a um livro. Dei uma gargalhada. — Está bem, pronto. A cozinha da casa está a estragar-me com mimos. Vou acabar com isso imediatamente e dizer-lhes que não me mandem mais refeições.

— Não exageres — murmurou, os olhos voltados para a estrada. — Vais ofender a Amalie. Ela tem muito orgulho na sua cozinha.

— Era uma falsa ameaça. Estou completamente viciada.

Os cantos dos seus olhos enrugaram-se.

— Se tens dificuldade em fazer a tua própria comida, eu faço-te uma sanduíche.

— Ei. Não sou uma princesa. Consigo fazer a minha própria sanduíche, muito obrigada.

Embora gostasse da ideia de o Lucian fazer uma para mim. De passar mais tempo com ele.

Lançou-me um olhar desafiador.

— Consegues, a sério?

— Qual é a dúvida? *OK...* sou uma péssima cozinheira, admito. Sai-me tudo insípido ou seco. Mas consigo barrar manteiga de amendoim no pão.

A expressão dele disse-me tudo o que eu precisava de saber sobre aquilo que pensava sobre a minha competência a fazer sanduíches.

— Não te preocupes, Abelhinha, haverá almoço pronto à tua espera. As refeições são uma coisa com que podes sempre contar, em Rosemont.

— Bisbilhoteira, Abelhinha... Não tenho a certeza se gosto que tenhas tantos nomes para me provocar. — Mentira. Adorava. Mas ele não precisava de saber.

No entanto, os olhos do Lucian brilharam, embora os mantivesse na estrada.

— Volta a incluir Brick na tua lista e estamos quites.

O meu coração deu um salto. Ele reparara que eu tinha deixado de lhe chamar assim. Senti-me péssima por lhe ter dado uma alcunha que, sem querer, estava tão perto da verdade. E, no entanto, ali estava ele, a desafiar-me para voltar a usá-lo. Talvez houvesse poder em abraçar o que podia ser apercebido como uma fraqueza e torná-lo seu. Ou talvez os homens fossem bichos estranhos a quem eu nunca compreenderia completamente.

Fosse como fosse, encolhi os ombros, como se aquilo não me tivesse afetado.

— E que tal Cabeça de Tijolos? Parece-me o mais indicado, na maior parte das vezes.

O Lucian riu-se e estacionou o carro no sítio do costume, à sombra de um imponente eucalipto.

— Parece-me bem.

O bom humor dele diminuiu quando viu os dois SUV estacionados à porta de casa.

— Parece que a Amalie tem visitas.

O Lucian resmungou e saiu do carro, sempre de olho nos outros dois veículos. Esperou que eu contornasse a carrinha e me aproximasse dele, antes de seguir em direção ao caminho que levava ao jardim e à minha casa. O silêncio caiu enquanto caminhávamos, e eu sentia a tensão que irradiava dele.

Não fazia ideia de como era antes, mas esta versão do Lucian Osmond não gostava de visitas inesperadas. Se eu tivesse de adivinhar, diria que queria desaparecer até muito depois de aquelas pessoas se terem ido embora.

Imaginei que aquelas visitas seriam para a Amalie. Mas, quando virámos a esquina que nos levava ao terraço da casa grande, o passo do Lucian hesitou. Ao ver as pessoas que estavam sentadas numa das mesas, com bebidas à frente, deixou escapar um «foda-se» num tom muito baixo e cruel.

Havia uma corrente de puro pânico no seu tom, e senti-me compelida a aproximar o meu braço do dele e a passar-lhe um dedo pela mão fechada num punho. Olhou-me com uns olhos cheios de dor, em pânico e um pouco surpreso. Mas senti o meu toque e o seu mindinho entrelaçou-se no meu, por um breve momento de reconhecimento.

— São teus amigos? — murmurei.

— Pode dizer-se que sim. — O Lucian afastou-se um pouco, de maneira a haver espaço entre nós.

Um dos homens levantou-se e gritou um jovial:

— Ei! Ozzy!

O Lucian avançou, preparando-se para o que aí vinha. Em teoria, eu podia ir para a minha casa. Mas isso seria má educação. Mais importante ainda, estaria a abandonar o Lucian no momento em que ele tinha de enfrentar fosse lá o que aquilo fosse.

Talvez ele não te queira por perto, a assistires a isto, segredou-me a minha voz interior. Mas era tarde de mais. Já estávamos ao pé da mesa.

Eram três pessoas, mais ou menos da nossa idade. Aquele que gritou continuava levantado, de braços abertos, visivelmente feliz. Um homem enorme, um pouco mais alto do que o Lucian, mas provavelmente com mais uns bons dez quilos. Cabelo loiro-claro desgrehado, uma barba espessa que emoldurava um sorriso interrompido pela falta de um incisivo lateral direito, aquele homem gigante aproximou-se de um Lucian com uma expressão de pedra e envolveu-o num abraço capaz de partir ossos.

— Oz — disse ele, quase levantando o Lucian do chão. — Grande sacana. Há meses que não dizes nada e, entretanto, tens estado escondido no paraíso.

O Lucian soltou o fantasma tenso de uma gargalhada.

— E, então, decidiste vir invadi-lo, hein?

— Não me deste outra hipótese, pois não? — O homem continuava a sorrir quando soltou o Lucian, mas agora estava tenso.

E percebi que não tinha a certeza de ser bem-vindo. Senti-me angustiada, porque era evidente que aquele homem fazia parte do mundo do Lucian. Os seus olhos azuis pousaram em mim e fitaram-me.

— Olá... — Fui presenteada com outro sorriso desdentado, mas encantador. —

E tu és... caracas! — A sua voz estrondosa tremeu. — És a Emma Maron, não és?

Fiquei imediatamente no centro das atenções. Era o que acontecia sempre. O meu sorriso quis, automaticamente, entrar em modo relações-públicas. Resisti ao impulso. Era um amigo do Lucian.

— Sou.

O Lucian resmungou e, depois, inclinou a cabeça.

— Emma, este tosco é o Axel Bromwell. Mas tratamo-lo por Brommy.

— Nós, jogadores de hóquei, adoramos diminutivos. — O Brommy estendeu a mão. Mas, em vez de apertar a minha, levantou-a e beijou o ar, por cima dos meus dedos. — Princesa Anya. É um prazer.

— Emma, por favor. — Já era esquisito o suficiente ter o Lucian tenso ao meu lado.

— Jesus, Brom, deixa-te disso — resmungou o Lucian. — Ela é uma pessoa, não é uma personagem.

O Brommy revirou os olhos.

— Eu sei. Enfiaste o *stick* no cu, foi? — Não parecia nada incomodado com o que acabava de dizer, e pegou-me na mão. — Desculpa lá isto, Emma. De repente, fiquei deslumbrado por te conhecer. Mas já estou bem. — Eu sorri e ele piscou-me o olho. — Mas podes chicotear-me, se eu voltar a portar-me mal.

A Princesa Anya tinha usado muito o chicote.

Atrás de mim, o Lucian rosnou um palavrão ininteligível. Ignorando-o, o Brommy levou-me para a mesa onde os outros dois recém-chegados esperavam. Reparei naquele homem. Como podia não reparar? Era uma versão desbotada do Lucian, a mesma estrutura óssea, embora o seu nariz fosse mais fino, mais elegante, e o seu rosto um pouco mais estreito. O cabelo não era de um rico e amargo chocolate, com toques de cereja, mas castanho. Tinha olhos verdes sob sobrancelhas retas, mas enquanto os do Lucian e da Amalie eram incrivelmente pálidos, como jade fosco, os dele eram de um verde-uva mais quente. Bonito por direito próprio.

O pior foi ele ter reparado que estava a observá-lo e ter gostado. Fiquei com a ideia de que presumiu que eu estava interessada. Não estava. O homem era lindo, mas eu não sentia a mínima atração por ele. Tal como o Brommy tinha feito, levantou-se e beijou-me a mão. Mas enquanto o Brommy me fez rir, aquele homem deu-me vontade de retirar a mão o mais depressa possível.

— Olá, beleza — disse ele. — Sou o Anton.

— És irmão do Lucian?

Atrás de mim, o Lucian fez um ruído que interpretei como «É como se fosse». O sorriso do Anton era dissimulado.

— Primo direito. Fiquei com os genes bons.

— Hum. — A minha atenção passou para a mulher que estava de pé e saltava, praticamente, de um pé para o outro, com impaciência. Era uns anos mais nova do que eu e giríssima.

Também tinha cabelo castanho, embora o dela se enrolasse numa auréola saltitante em volta de um rosto oval. E aqueles olhos verde-uva.

— Tina — disse ela, empurrando o Anton para o lado. Ou era muito forte, ou

ele estava habituado a que ela o empurrasse para fora do caminho. Provavelmente, as duas coisas. — Irmã do Anton e prima do Luc. E, oh meu Deus! Vou ser tão tonta como o Brommy, porque amo, amo, amo *Dark Castle* e não posso acreditar que a Mamie não nos avisou de que estavas cá. Teria vestido qualquer coisa mais bonita, arranjado as unhas, alguma coisa, qualquer coisa, para marcar esta ocasião importante...

— Respira, Tiny — interrompeu-a o Lucian, divertido.

Ela expirou profundamente e franziu o nariz.

— Merda. Sou tão parva.

Apertei-lhe a mão, a rir.

— Não! És fantástica.

A Tina sorriu.

— Já me acalmo, prometo.

— Ótimo, não quero ter de pegar no chicote.

O Lucian resmungou fazendo um som que eu já sabia significar «valha-me Deus». Olhei-o de soslaio, mas continuou com uma expressão indiferente. Estava muito perto de mim, à minha direita, mas era como se todo o seu corpo se inclinasse para a casa da piscina. Ele queria fugir dali. Queria muito. Mas parecia não conseguir sair de onde estava.

Tive pena dele. Especialmente quando todos voltaram a sentar-se e a Tina puxou uma cadeira para mim, deixando outra livre, ao meu lado, para o Lucian. Ele hesitou. Eram primos e bons amigos dele, e podia ter-se ido embora, mas, de repente, a Amalie saiu de casa, o cafetã de seda carmesim a fluir, um sorriso radiante no rosto. E percebi que as hipóteses de retirada do Lucian tinham desaparecido.

Obviamente, ele também percebeu. Com um suspiro, sentou-se na cadeira.

— Ah, que bom, já voltaram. — A Amalie sorriu, enquanto se sentava à cabeceira da mesa, uma rainha na sua corte. — Podemos almoçar.

Como acontecia sempre em Rosemont, mal ela disse aquilo, apareceu logo um dos empregados com os pratos. Não pude deixar de reparar — e suspeito de que o Lucian também não — que havia almoço a contar com toda a gente. A curiosidade fazia-me querer ver toda aquela estranha reunião a desenrolar-se, mas estava a morrer de fome, e quando me puseram o prato à frente, com uma quiche individual e uma salada verde, o meu estômago roncou.

Por baixo das suas pestanas injustamente longas, o Lucian olhou para mim e os cantos da sua boca contorceram-se. Ele tinha ouvido.

— Eu disse-te que estava com fome — murmurei-lhe.

Aqueles lábios expressivos voltaram a contorcer-se.

— Vamos ter de trabalhar mais para te manter alimentada, Abelhinha.

Ele disse aquilo tão baixo, mal mexendo a boca, que tive a certeza de que só eu tinha ouvido. Mas o Anton estava a observar-nos com muita atenção e o olhar dele dançava entre nós.

— Então, Luc, agora namoras com a princesa. Boa!

Semicerrei os olhos.

O Lucian encostou-se mais na cadeira, os membros numa atitude preguiçosa, a

desmentirem o aviso sério do seu tom de voz.

— A Emma é convidada da Mamie, Ant. Não te esqueças disso, OK?

Pela careta que o Anton fez, percebi que não gostava de ser tratado por aquele diminutivo, mas, antes de poder responder, a Amalie fez um elegante gesto com a mão.

— É exatamente isso. Vocês, rapazes, deixem a Emma de fora das vossas brigas.

— O que praticamente garantia que eu seria o centro das questões deles.

Virei-me para a Tina, que ainda continuava de olhos arregalados.

— Eles brigam muito?

A Tina parecia divertida, mas resignada.

— Desde pequenos. E não ajuda nada jogarem ambos como centrais.

— Terem jogado — emendou-a Anton, como um cretino. — Eu não estou reformado. Graças a Deus.

A declaração dele caiu como uma bola de chumbo sobre a mesa. Senti uma dor no coração pelo Lucian. O próprio Anton parecia perceber o quão horrível tinha sido. Fez uma careta, o rosto a contorcer-se de genuíno remorso.

— Merda, desculpa, Luc.

O Lucian parecia feito de granito.

— Sem problema.

O Brommy, a quem tinham servido duas quiches, inclinou-se e chamou a minha atenção.

— O Ant está picado porque perde sempre connosco em todos os *play-offs*. Não é, pá?

O Anton sorriu.

— Ganhei-vos o ano passado, não ganhei, Bromide?

— Isso foi porque não tínhamos... merda. Desculpa, Oz. — Baixou a cabeça e meteu um pedaço de quiche na boca.

Não tinham tido o Lucian na equipa. Ele devia ter perdido a última parte da época.

De repente, o Lucian bufou.

— Bem, isto é divertido.

O Brommy levantou a cabeça e piscou o olho.

— Tal como nos bons velhos tempos.

O Lucian deu uma gargalhada fraca e começou a comer. Eu descontrei o suficiente para poder fazer o mesmo. A comida era, como seria de esperar, deliciosa.

— O que é que esta quiche tem? — perguntei, tentando disfarçar um gemido de prazer.

— Tomate seco e queijo *gouda* — disse a Amalie.

— Foste tu que fizeste, Mamie? — perguntou o Anton, com um olhar manhoso.

— É fácil aquecer um forno, não? — O gelo do olhar dela impediu o Anton de a contrariar, e eu sorri, com a boca cheia de comida.

— Então? — disse a Tina, voltando-se para mim. — Sei que não podes contar detalhes, mas vamos adorar o episódio final? — Os seus olhos verdes brilhavam de excitação. — Mal posso esperar.

Por baixo da mesa, o pé do Lucian tocou no meu. Apoio.

O menor dos gestos, e, ainda assim, parecia tudo.

— Bem... — comecei a dizer, diplomaticamente. — Acho que as pessoas vão falar muito sobre o assunto. Isso posso garantir.

— Oh, eu sabia! — Chegou-se mais para mim. — Tens de me contar: como é que é trabalhar com o Macon Saint? Ele é lindo. Aquele corpo. Meu Deus!

— Ei! — interrompeu-a o Brommy. — Os homens com grandes corpos estão aqui.

— Oh, a sério? — A Tina semicerrou os olhos e fingiu que procurava em redor. — Não consigo ver nada.

— Não te preocupes, querida, eu faço-te uma visita guiada.

Depois de fazer uma careta ao Brommy, voltou-se novamente para mim.

— Conta-me tudo sobre o Saint.

— Sim — disse o Lucian, olhando-me finalmente nos olhos. Os olhos dele eram penetrantes e tinham um quê de maldade naquele momento. — Também é assim tão giro na vida real?

A Tina atirou-lhe o guardanapo.

Fiz-lhe um sorriso amarelo.

— Sim, é.

Isso fez desaparecer o ar divertido da cara do Lucian.

— É maravilhoso — disse eu à Tina, com toda a sinceridade. — Um cavalheiro com um grande sentido de humor. É extremamente generoso como ator e nunca domina a cena. Tornámo-nos muito próximos, ao longo dos anos.

O Lucian resmungou.

Continuei a olhar para a Tina.

— E tem namorada.

O Brommy deu uma gargalhada.

— Os tipos bons ficam indisponíveis rapidamente, Tiny.

— Admites, finalmente, que não fazes parte desse grupo? — respondeu, acertando no alvo.

— Ambos sabemos que isso é mentira. Ofertas não me faltam, eu é que sou esperto e não me deixo apanhar.

A Tina levantou o polegar para ele, ao mesmo tempo que revirava os olhos na minha direção.

Troquei um olhar com ela e sorri.

O Anton, que estava a ouvir-nos muito atentamente, de repente voltou-se para o Lucian:

— Por falar nisso, vi a Cass um dia destes. Parece que anda com o Cashon.

O ar parecia ter sido sugado, o que era impressionante, dado que estávamos ao ar livre. O Lucian ficou corado, o maxilar tenso.

A Amalie murmurou qualquer coisa que me pareceu «imbécile» e, depois, desatou numa ladainha murmurada em francês, ao mesmo tempo que olhava para o Anton.

Eu sabia que não devia perguntar; sabia-o instintivamente. E, no entanto, ainda

assim, a minha estúpida boca pronunciou as palavras:

— Quem é a Cass?

Olharam todos uns para os outros, como se quisessem perceber quem é que me responderia. Mas o Lucian, que se mantinha concentrado na comida, comendo mecanicamente, como se mal a provasse, respondeu de uma maneira indiferente:

— A minha ex-namorada.

E aquilo atingiu-me em cheio: o Lucian tinha perdido muito mais do que a sua profissão.

5 Brick, a primeira alcunha que Emma dá a Lucian, significa tijolo. (NT)

CAPÍTULO ONZE

Lucian

— Queres companhia? — O Brommy não esperou pela minha resposta, sentou-se logo no lugar vago, ao meu lado, no pequeno pátio com vista para o oceano. Era impressionante ele ter-me encontrado, dado o tamanho da propriedade, mas o Brommy tinha um talento para essas coisas. Enfiei a mão na pequena geleira que estava ao meu lado e tirei uma garrafa de cerveja para ele. — Obrigado.

Ouviu-se um pequeno ruído seco quando ele a abriu.

O sol tinha praticamente desaparecido atrás do mar, mostrando apenas uma brilhante lasca de ouro. Num piscar de olhos, também isso desapareceu, e o céu aprofundou-se num azul suave que me lembrou os olhos da Emma. O que era piroso como o caraças, mas ainda assim verdade.

O Brommy sentou-se mais confortavelmente, suspirou e levantou a cabeça, para olhar para as estrelas que começavam a brilhar no crepúsculo de veludo. Uma brisa afagou-nos a cara.

— Adoro este clima, meu — disse ele.

— É fantástico. Se ignorarmos as secas, os incêndios florestais descontrolados, os deslizamentos de terra e os terremotos.

O Brommy riu.

— Estás com saudades daquela humidade de merda de Washington.

— Não estávamos lá por causa do tempo, Brom.

Isso calou-me, e eu senti-me um cretino por tê-lo dito. O Brommy ficou calado durante uns momentos, a beber a cerveja e a olhar para a noite. Quando finalmente falou, o seu habitual tom jovial estava mais moderado.

— O Ant é um parvalhão.

— Não aguenta, quando está perto de mim. — Bebi um gole. — Sempre trouxemos à tona o pior um do outro. E jogarmos ambos hóquei só agravou a situação.

Mas ele tinha vencido aquele campeonato especial, não tinha? Eu poderia ter sido o melhor jogador, mas ele ainda calçava os patins.

— Aquela merda que ele disse sobre a Cass...

— Para dizer a verdade, estou-me a cagar — interrompi-o e olhei para o Brommy, que estava com cara de dúvida. — Estou a falar a sério. Sabes qual é a emoção mais forte que sinto quando penso na Cassandra? Alívio.

— Meu... — Abanou a cabeça, sombriamente divertido.

— É horrível, não é? Eu ia casar-me com aquela mulher e era tão complacente que nem reparei que não a amava. Raios, acho que nem posso dizer que gostava dela. — Às vezes, ainda não conseguia acreditar que tinha estado à beira de cometer um dos maiores erros da minha vida. Pior, deixei a Cassandra (ela nunca quis que eu lhe chamasse Cass) acreditar que a amava. É uma merda fazer isso a alguém.

— Um sorriso doce e um belo par de mamas deixam um homem cego.

— Quero acreditar que sou melhor do que isso.

— Todos nós, meu amigo. — Levantou a garrafa, numa saudação irónica. Depois acabou a cerveja. — Não te sintas mal por não teres visto a tempo. Ela é uma pro. Quer é um gajo famoso que lhe pague as contas.

— Não deixes que a Tina te oiça. Não devíamos falar nesses termos, lembras-te?

Como diria a Tina, era sexista e grosseiro. E não estava errada. Mas o Brommy também não; havia mulheres cujo único objetivo era conquistar um jogador de hóquei. Como a maior parte de nós adorava a atenção que elas nos davam, não era exatamente uma troca desigual. Mas eu não estava interessado em ter alguém assim na minha vida.

O Brommy deu um ronco eloquente, mas depois falou num tom sóbrio.

— Tive saudades tuas, meu.

Um nó do tamanho do meu punho subiu-me pela garganta. Também tinha tido saudades dele. Tantas que, às vezes, dava por mim a virar-me para o lado para dizer uma piada e só nessa altura é que percebia que ele não estava ali. Nenhum dos meus colegas estava. Tudo o que me restava eram fantasmas. Queria pedir-lhe desculpa por não lhe telefonar, por ter ignorado as chamadas e as mensagens dele. Mas como é que podia dizer-lhe que qualquer coisa que tivesse a ver com hóquei, incluindo ele, era de mais para mim? Se me aproximasse muito do jogo, ia sentir-me como um viciado em abstinência, os dedos a tremerem, o coração acelerado com a necessidade premente de voltar ao gelo.

Não podia dizer-lhe que tinha de ser tudo ou nada, quando se tratava de hóquei. No escuro, ao lado do meu melhor amigo, só conseguia olhar para baixo, para os meus punhos fechados, apoiados nas minhas coxas.

Ele falou devagar, com cuidado.

— Não vou fingir que sei como te sentes, Oz. Eu só... raios. Nem sei o que dizer, a não ser que estou aqui, quando precisares.

O nó da minha garganta cresceu, agora pressionava-me o céu da boca. Engoli convulsivamente.

— Devia ter-te ligado.

— Não tens de fazer nada que não queiras.

— Estava a sentir pena de mim próprio.

— És uma merda — disse o Brommy, acalorado. Parecia estar prestes a dar-me um pontapé no rabo.

Tive de sorrir, mas não durou.

— Pois sou, Brom, pois sou. Não, deixa-me dizer-te uma coisa. — Ou era agora, ou talvez não fosse nunca. — A questão é que qualquer atleta, um dia, tem de enfrentar o facto de o seu corpo já não poder fazer o trabalho exigido pelo desporto

que pratica. Eu sabia que isso ia acontecer-me, embora não quisesse pensar no assunto.

O Brommy rosnou, concordando. Todos sabíamos. Só não o queríamos enfrentar.

— Nada dura para sempre. Eu sei. Mas esta coisa com a minha cabeça? — Sem poder evitar, passei uma mão trémula pelo cabelo, sentindo a humidade do mar naquela massa emaranhada. — Está a melhorar. Estou a ficar curado.

— Isso é uma coisa boa — disse o Brommy, calmamente.

— Pois é. Mas não estás a perceber. A não ser a minha cabeça, o resto do meu corpo está em perfeitas condições. Estou no auge da minha vida, Brom. Merecia estar a jogar. E esta coisa tirou-me isso. Acordo a pensar que estou no gelo.

Inclinei-me para a frente, com um nó no estômago, e apertei as mãos.

— Quase gostava de ter espatifado um joelho ou qualquer coisa assim de tangível. Pelo menos, assim eu não... — Expirei fundo. — Não sei o que estou a dizer. Além de não suportar o facto de o meu único impedimento ser a minha cabeça.

O Brommy não falou logo, talvez soubesse que eu precisava de um minuto. Da casa chegou o som da gargalhada de uma mulher, à deriva na brisa noturna. Tive a sensação de levar um murro no estômago quando percebi que era a Emma. Queria estar com ela, absorver-lhe aquela gargalhada, provocando-a, para me fazer rir também. Virei a cabeça para o lado, como se pudesse bloquear tudo.

— É uma merda, Oz — disse o Brommy. — Foda-se. Mas talvez estejas a olhar para isto da maneira errada.

Olhei para ele e ele levantou a sua mão enorme.

— Ouve-me até ao fim. Disseste que teria sido melhor se tivesses lixado um joelho. — Assenti lentamente. — Não há maneira de se jogar bem com um joelho todo lixado, é claro. Mas o que te tornou grande, o que te tornou uma lenda, foi o teu sentido de hóquei. — Inclinou-se para a frente, prendendo-me com um olhar duro. — O teu cérebro, Oz, foi o que te fez a ti.

Baixei a cabeça, incapaz de a manter erguida, e fechei os olhos.

— Eu sei.

— Eu sei que tu sabes, meu. Mas vou dizer-to, de qualquer maneira. Um homem pode coxear, com um joelho desfeito, mas ainda é ele próprio. Se lixas o cérebro, ele apaga-se.

Na escuridão, a minha garganta atraíçoou-me. Queria falar, mas não conseguia.

— Francamente — disse ele. — Admiro-te como o caraças. Porque ambos sabemos que ainda há para aí uns idiotas que já nem deviam jogar. Tu saíste com a cabeça intacta. Literalmente.

O tom de voz dele acabou com a resistência que ainda restava em mim. Ele preocupava-se. Muito. E isso não era pouca coisa. Agora, mais do que nunca, eu conhecia o valor deste tipo de amizade e apoio inabaláveis.

— Desculpa. Por ter sido um estúpido.

Ele deu uma gargalhada.

— Eh pá, já estou habituado.

Lancei-lhe um olhar seco, mas continuei:

— A sério. Eu tornei-me... introvertido, ferveu em pouca água.

— Tornaste-te? — Ergueu as sobrancelhas cor de areia e riu-se, novamente. — Detesto ter de te dizer isto, Oz, mas sempre foste assim.

— O caraças é que fui.

— Não foste, uma porra — contrariou-me ele. — De repente, ficavas com aquele humor, fechavas-te dentro de ti próprio, afastavas-te de toda a gente, ficavas um filho da puta de um rabugento. Já te esqueceste das malditas épocas de *play-offs*?

Surpreendido, olhei para ele. Estava a falar a sério.

— Eu era divertido.

— Sim, eras. Mas também eras competitivo como o caraças, e ficavas insuportável quando estavas sob grande pressão.

Boquiaberto, deixei-me cair na cadeira.

— Bem, raios...

Tinha-me esquecido da exaustão, do stresse. Odiava essa parte. Odiava. Como raio é que me tinha esquecido disso?

— Não fiques surpreendido. — Deu-me uma pancadinha no ombro, com a sua mão enorme. — Nunca nos vemos completamente como somos, na verdade. Sim, agora estás um bocadinho mais enervado. De que é que estavas à espera? O teu cérebro está a curar-se, tu andas triste e stressado. Relaxa, Oz.

— Retiro o que disse. Não lamento nada, pá.

Ele riu-se e pegou noutra cerveja, depois ofereceu-me uma. Como não estava a planear ir a lado nenhum, aceitei. Bebemos em silêncio, enquanto tudo o que ele tinha dito dava voltas na minha cabeça. Eu não me sentia mais leve, mas, de uma maneira estranha, sentia-me mais à-vontade.

— Com que então... — disse o Brommy, finalmente, interrompendo-me os pensamentos. — A Princesa Anya, há?

— Não lhe chames isso.

— Que sensível! É um sinal de respeito — protestou quando olhei para ele. — Adoro-a nesse papel.

E isso era parte do problema. Eu sabia muito bem que o Brommy adorava a Emma como Anya. Lembrava-me perfeitamente de ver *Dark Castle* com ele e com o resto da equipa e isso não estava a fazer-me nada bem. Vinham-me à cabeça as merdas todas que eles tinham dito. A maneira como gemiam e comentavam: «Olha lá aquelas mamas a saltar.» Como tinham aplaudido o Arasmus por tê-la comido à bruta e depressa.

Raios. Ao contrário do Brommy e dos outros, eu não ia ao ponto de dizer em voz alta aquilo em que estava a pensar, mas a verdade é que também vi, também fiquei com tesão e também adorei ver a porra daquelas cenas. Eu tinha olhado para a Emma como um objeto, e agora, quando pensava nisso, sentia remorsos. Tratei-a mal antes sequer de a conhecer. Ela era divertida, inteligente, sensível, atenciosa. E tinha sido reduzida àquilo que parecia ser no ecrã.

Desgostava-me imenso que os meus amigos a vissem só assim. E sabia muito bem o que é que o Anton estava a imaginar quando lhe chamou princesa. Aqueceu-me

mais o sangue do que quando alguém me fazia uma rasteira no gelo. Queria esfregar-lhes o cérebro até apagar as imagens da Emma nua. O que estava errado. Ela orgulhava-se do seu trabalho, com toda a razão.

— Ela é mais do que um papel — disse ao Brommy, e a mim próprio também. Porque também era bom que não me esquecesse disso quando tivesse vontade de dar um murro no meu amigo.

Ele olhou para mim durante um momento e depois fez um grande sorriso.

— Aquelas cenas de sexo deixam-te doido, não é? Percebo-te...

— Brommy, juro por Deus, se olhares para ela da maneira errada...

Ele desatou a rir à gargalhada, a bater na coxa.

— Merda! Estás completamente caidinho por ela!

— Raios! — Passei uma mão pela cara. — E se te calasses?

— Não posso. Isto é muito bom. — Apontou um dedo na minha direção. — És mais protetor com ela do que alguma vez foste com a Cassandra. Já reparaste nisso, certo?

Não. Sim.

— Cala-te, pá!

— Em frente, meu! Ela é querida, divertida e não parece importar-se que sejas um mal-humorado do caraças.

— Ela só está aqui de visita.

— E?

— E nada. Não me meto com os convidados da Mamie. Se eu quizer ir para a cama com alguém... — *Uso a mão, como faço há cerca de um ano.* — Vou a um bar ou enrolo-me com alguém só por uma noite.

Brommy olhou longamente para mim, divertido.

— Sei sempre quando estás a mentir, meu.

Eu sabia que ele sabia. Mas isso não me impediu de lhe lançar um olhar indiferente.

— Vai-te lixar, Brommy.

— Vou, claro! — prometeu, pousando uma mão na cabeça. — Mas também me vou rir como o caraças quando te enrolares com ela.

Ainda bem que alguém se riria.

CAPÍTULO DOZE

Emma

Depois do almoço desastroso, voltei para a minha casa e escondi-me. Tinha cerca de uma dúzia de *e-mails* para ler, nenhum deles inspirador ou capaz de levantar o humor sombrio que me pesava sobre os ombros. Quase dei um salto quando o telefone da casa tocou, mas não era ele.

Era a Amalie a convidar-me para jantar na casa principal e jogar às cartas a seguir. Não tinha como recusar o convite, e, além disso, se ficasse aqui, ia ficar com a neura. Como o Lucian.

Meu Deus, queria estar com ele, ver se estava bem, tentar provocar aquele seu pequeno, mas encantador, sorriso. Tolices. Ele é crescido e tinha vivido muito bem antes de eu tropeçar na sua vida. Não precisava de mim para nada, e era o cúmulo da arrogância eu pensar que podia tornar-lhe a vida melhor.

Mas recusava-me, em absoluto, a pensar na hipótese de poder ser eu a precisar dele.

— Não. — Fechei a porta da minha casa e dirigi-me à casa principal. — Só estás a agarrar-te a ele porque a tua vida é incerta e precisas de um projeto.

Eu não estava prestes a fazer do Lucian um projeto.

Seguindo as instruções que a Amalie me dera, fui encontrá-la na cozinha, com a Tina. Era um espaço lindo, com armários em carvalho envelhecido, bancadas em mármore de Carrara, paredes de estuque claro e um teto com vigas escuras. A Tina estava sentada num banco, na enorme ilha central, enquanto a Amalie se atarefava em volta de um fogão de oito bocas.

— Bem-vinda — disse a Amalie, sorrindo por cima do ombro. — O jantar está quase pronto.

O que quer que estivesse a cozinhar cheirava lindamente. Sentei-me ao lado da Tina, que me ofereceu vinho.

— Onde está o Sal? — perguntei. Nunca tinha visto a Amalie sem o Sal a reboque.

— Foi passar uma semana a LA, numa viagem para ir às compras. — A Amalie piscou-me o olho. — O que, na verdade, quer dizer que ele sabia que eu ia ter cá os meus outros netos e não queria ser um empecilho.

— E seria?

— Não! — Fez um gesto irritado com a mão. — Mas...

— Ele não se dá bem com o Anton — interrompeu a Tina.

— Porque será? — Não consegui impedir-me de murmurar, mas a Tina riu-se.

— Nós, os Osmonds, podemos ser um grupo difícil. O Anton e o Sal odeiam-se silenciosamente, há anos, porque o Ant uma vez cometeu o erro de se referir a ele como «o criado».

Era uma coisa terrível de se dizer e eu teria ficado lívida.

— Oh, uau. O Sal deu-lhe um murro? — Eu estava a provocar um bocadinho.

— Não! — A Tina sorriu. — Mas o Luc deu.

Grande Lucian. Claro que deu! Consegui imaginar a cena com toda a facilidade e sorri. Caramba, sentia falta dele. E só tinham passado umas horas. Bebi um gole de vinho, irritada comigo própria.

— Vamos jantar lá fora. — A Tina acenou com a cabeça em direção às portas francesas, que estavam abertas para um pequeno terraço cercado por lavanda e oliveiras a farfalhar. — Ajudas-me a pôr a mesa?

— Claro.

Enquanto púnhamos a mesa, a Amalie trouxe uma panela de ferro fundido e pô-la no centro. Lá dentro, havia tomate assado coberto com pão ralado e ervas, que cheirava maravilhosamente.

— Aqui está.

A Tina foi buscar uma baguete de pão e começámos a comer.

— Está delicioso, Amalie — disse eu. — Obrigada.

Ela encolheu os ombros.

— Já não cozinho tanto como antes. Mas costumava fazer este prato para os meus filhos e os meus netos.

— Faz-me lembrar a minha infância — disse a Tina com um suspiro feliz.

A Amalie deu uma pequena dentada.

— É o teu prato preferido, não é?

— É! Os rapazes adoravam *coq au vin*. Mas eu queria sempre isto.

— Comi *coq au vin* um dia destes — disse eu, sorrindo para a Amalie. — Estava delicioso.

Ela encolheu vagamente os ombros.

— Gostamos de comer bem. É bom para o coração.

Sem aviso, pensei no Lucian e perguntei-me se ele estaria de coração partido. E embora gostasse de pensar que o meu rosto não era fácil de ler, a Amalie franziu a testa, como se soubesse que eu tinha pensado nele.

— Peço desculpa pelo meu neto — disse ela.

Abanei a cabeça, rapidamente.

— Não tem de pedir desculpa de nada. Eu própria teria ido embora mais cedo.

O Lucian não se tinha levantado da mesa. Não, ele tinha acabado de almoçar num silêncio obstinado, e depois levantou-se e desejou um bom resto de dia às senhoras que estavam à mesa. Perfeitamente educado. Perfeitamente doloroso de ver.

Os lábios carmesins da Amalie curvaram-se num sorriso suave.

— Não, estava a referir-me ao Anton. Ele foi...

— Um parvalhão — disse a Tina, acabando-lhe a frase e ganhando um olhar

reprovar da avó. — O que foi? Não há outra palavra, Mamie.

— Muito bem. Um parvalhão, pronto. — Com o seu leve sotaque, a palavra assumiu uma profundidade agradável que me fez sorrir. A Amalie impacientou-se. — Ele porta-se bem, na maior parte das vezes.

— O Anton sabia exatamente o que estava a fazer. — A Tina fez uma careta e serviu-se de mais um tomate. — E ter falado naquela cabra. Ele queria chatear o Luc.

A curiosidade borbulhava dentro de mim, mas contive-me. Se o Lucian quisesse que eu soubesse alguma coisa sobre a ex dele, havia de me contar.

— Bem, que jogo de cartas é que vamos jogar? — perguntei, animada.

Felizmente, a Tina e a Amalie perceberam a mensagem e desviaram a conversa do Lucian. Levantámos a mesa e instalámo-nos para jogar às cartas e beber mais vinho.

A Amalie passou um baralho de cartas à Tina.

— Vais passar o verão aqui, *ma fille*?

Pelo que percebi, a Tina tinha acabado a faculdade, na UCLA, na primavera, e ainda andava a pensar no que queria fazer a seguir. Coisa com que me identificava completamente. A Tina encolheu os ombros à maneira dos Osmonds, o cabelo escuro e brilhante a deslizar sobre um ombro magro.

— Ainda não tinha pensado nisso, mas se não te importas, então, passo.

O olhar reprovar da Amalie foi temperado por uma suave ondulação dos seus lábios finos.

— Sabes bem que nem tens de pedir. — E fez uma breve festa na cara da neta.

A Tina olhou para mim e franziu o nariz.

— Deves estar a pensar que é ridículo eu não saber o que quero fazer na vida. Sei que quero que seja emocionante, cheio de aventura. Mas não me sinto corajosa. Em vez disso, o meu futuro parece-me um grande vazio desconhecido e... assustador.

Eu tinha vinte e sete anos e, de repente, parecia uma velha perante a suposição dela de que a minha vida era segura e estava perfeitamente em ordem.

— Sou atriz, sou excelente a mostrar ao mundo o que quero que o mundo veja. Mas a minha vida não é perfeita. — Naquele momento, decidi confiar na Tina e contar-lhe toda a verdade sobre ter saído da série.

Ela abriu a boca, horrorizada. Sorri com força.

— Por favor, não contes a ninguém. Estarei metida num grande problema se o final da série for conhecido antes de ir para o ar.

Sentou-se muito direita.

— Nunca. Sinto-me honrada por teres confiado em mim. E acho que os produtores foram estúpidos. A Anya e o Arasmus eram os meus preferidos da série! — Apertou-me a mão. — O que vais fazer agora?

— Não sei. Procurar um novo papel. — Olhei para a Tina e para a Amalie e encolhi-me. — Faz parte da minha profissão, mas não posso deixar de me sentir um pouco perdida, ou talvez apenas numa encruzilhada.

— É a vida, minha querida. — A Amalie deitou mais vinho no meu copo vazio. — A vida nunca é a mesma. Muda e dá voltas, e nós temos de mudar com ela. O que não é uma coisa má. Que maçador que seria se nunca nada mudasse, não é?

— Achei que gostava de mudanças, mas agora? Nem por isso. Não quando se

trata de um fracasso.

A Amalie recostou-se e olhou-me com carinho.

— Um fracasso é, simplesmente, uma oportunidade disfarçada. Não conheço uma única história de sucesso que não tenha tido a sua quota-parte de fracassos pelo caminho. Tentamos, crescemos, e às vezes falhamos. Ou nos vamos abaixo e deixamos de viver a vida, ou nos levantamos e usamos a experiência para definir um novo rumo.

As palavras dela borbulharam dentro de mim, agitando qualquer coisa que era muito parecida com esperança.

O olhar da Amalie voltou-se para dentro.

— Viver é adaptarmo-nos. Estamos constantemente a reinventar-nos. Não tenham medo do fracasso ou da mudança, meus amores, isso significa que estão vivas.

Sem querer, pensei no Lucian e senti um aperto no coração. Porque tinha a certeza de que, naquele momento, a Amalie estava preocupada e a pensar nele. Eu também não queria preocupar-me com o Lucian, mas preocupava. Ele estava a esconder-se da vida, ainda mais do que eu. Pelos vislumbres que me deixava ver do seu eu verdadeiro, percebi que se havia homem que precisava de viver a vida ao máximo, esse homem era ele. Mais inquietante era o facto de eu querer estar lá, para viver essa vida consigo. Porque o Lucian a viver completamente o momento fazia-me sentir totalmente viva, também.

Durante o resto da noite, elas deliciaram-me com histórias antigas e observações divertidas. A Tina acalmou-se o suficiente para não estar sempre a olhar para mim e começou a ganhar-me a sério no *poker*. E embora eu me risse e estivesse descontraída, o Lucian continuava lá, no fundo da minha mente, a dar-me cotoveladas.

Foi por isso que, apesar de todas as minhas boas intenções, dei por mim a vestir o biquíni e a dirigir-me à piscina, na escuridão da noite.

*

Eu parecia uma adolescente, a esgueirar-me na esperança de que o meu *crush* me ouvisse e aparecesse. Tinha consciência disso e até me repreendi a mim própria, mas, mesmo assim, tirei as sandálias e a roupa. Tinha as mãos a tremer de nervos quando pus as minhas coisas em cima de uma espreguiçadeira.

A casa da piscina estava às escuras, as portas francesas completamente fechadas. Talvez ele estivesse a dormir. Talvez se tivesse ido embora. Mas a luz da piscina estava acesa, produzindo um brilho suave.

Com a maior graciosidade possível, mergulhei na água. Estava quente e acalmava-me a pele, e apesar da minha missão original, comecei a nadar, entrando no ritmo do exercício.

À quinta volta, quando cheguei ao fim da piscina, o som de Édith Piaf chamou-me a atenção. «La Vie en Rose.» Com o coração aos pulos, parei e virei-me. O Lucian estava do outro lado, a luz tremeluzente da piscina a lançar-lhe sombras no

rosto. Não devia ter ficado surpreendida; afinal, eu queria que ele aparecesse. Mas uma onda de adrenalina atingiu-me como uma droga e a minha noite sombria despertou em promessas.

Gostava tanto daquele homem. Nem sequer tinha graça.

Ele curvou os lábios num pequeno sorriso.

— Pensei que devias ter o efeito completo e ouvires a Piaf enquanto nadas.

— Se quiser ter o efeito completo, além da Piaf não vou ter também de nadar nua? — Sim, eu estava sem vergonha nenhuma.

Os seus olhos semicerrados diziam o mesmo. Mas ele nem pestanejava. Não, continuava a olhar para mim com aqueles seus olhos implacáveis.

— Não sou eu que te vou impedir. Mas ficas avisada, o Brommy e o Anton estão por aí, algures.

Esperto, este Lucian. Agora, se continuasse com a minha provocação, estaria a dizer que não me importava que alguém me visse. Se não continuasse, deixava claro que queria que só ele me visse nua.

Descansei os cotovelos na beira da piscina, a bater as pernas dentro de água.

— Porque é que não vens para a água?

— Não vou para dentro da piscina contigo, Bisbilhoteira. — O sorriso foi rápido, mas aberto. — Como já te disse, o Brommy e o Anton andam por aí.

— E não queres que eles te vejam nu — disse eu, como se aquilo fizesse todo o sentido.

— Sou muito tímido.

— Tenho a certeza que sim. — Dei um pontapé à água, salpicando-o. — Mas eu estava a falar em nadar, simplesmente.

Vestia uma *T-shirt* já muito usada, de uma cor indefinida, e calções desportivos, que lhe caíam largos.

Olhei-o de cima a baixo, gostando da maneira como ele se esforçava tanto para não mostrar que estava inquieto.

— Deixa-te de hesitações e entra.

O Lucian fez uma careta.

— Mandona! — Mas tirou a *T-shirt*, e estava tão *sexy* como da última vez que tinha feito aquilo. Mais ainda, de facto, porque agora pude vê-lo de perto e com todos os detalhes.

Franzindo-me uma sobrancelha, como se me dissesse «tu é que pediste», mergulhou no lado mais fundo da piscina.

Senti um aperto na barriga enquanto ele nadava debaixo de água, indo na minha direção. Veio à superfície a poucos metros de mim, molhado e lindo e sorrindo com os olhos. Se eu já não estivesse na água, só de olhar para ele teria derretido numa poça de luxúria.

O Lucian penteou para trás, com os dedos, o cabelo encharcado.

— Alguma razão para teres vindo nadar, Em?

— Devia haver? — Larguei a beira da piscina e aproximei-me dele.

O Lucian reagiu imediatamente, mantendo uma distância igual entre nós.

— Não te imaginava uma nadadora noturna.

Voltei a avançar, devagar.

— Fizeste isto parecer tão bom que resolvi experimentar.

Estava muito escuro para poder ter a certeza, mas quase posso jurar que ele corou. Porém, depois semicerrou os olhos.

— Estás a flirtar.

— Estou? — Estava, completamente. Não pude evitar; o Lucian era adorável quando reagia às minhas tentativas flagrantes como se estivesse confuso, mas intrigado. Desequilibrava-me, tantas vezes, com a sua autoridade severa. Era bom poder retribuir o favor.

Com alma de competidor, o Lucian preparou-se. Pousou os pés no chão; era suficiente alto para ficar de pé sem ter a cabeça debaixo de água.

— Sabes bem que sim. — O olhar do Lucian passeou com cuidado sobre mim, como se estivesse a tentar ler-me a mente. — Não estás a tentar fazer-me sentir melhor sobre mim próprio, pois não?

Parei, a flutuar, o coração cada vez mais apertado.

— Estou a flirtar contigo porque gosto. Nunca sei o que vais dizer, e isso geralmente faz-me rir.

— Ah. Estou a fazer o papel do bobo.

— Estás a ralar comigo? Queres que me vá embora?

Os olhos dele brilharam.

— Não, não quero que te vás embora.

— Então, estás a tentar irritar-me.

O riso dele era quente e fazia-me flutuar de prazer.

— É só para ficares atenta, Em.

Isso, eu conseguia fazer. Atirei-me para a frente, preparada para nadar, e ele afastou-se como se pensasse que eu podia saltar-lhe por cima. Revirei os olhos, nadando à volta dele num círculo preguiçoso.

— Estás um bocadinho nervoso, esta noite.

— Nervoso. — Parecia não ter gostado da palavra.

— Hum, hum. Como quem não sabe se deve ou não fugir.

— Exatamente. Esta conversa está a tentar-me a desatar a correr.

Divertido.

Continui a nadar em volta dele e ele seguiu-me, mantendo-me na sua mira.

— É porque já nos vimos nus um ao outro? — perguntei.

O Lucian fez um movimento tão brusco que se molhou a si próprio.

— Valha-me Deus, Em.

Evitei sorrir.

— O que foi? É verdade. Disseste-me que vias *Dark Castle*.

— A Anya não aparece completamente nua...

— Mas quase. A não ser aquele pequeno V de pelos...

— Meu Deus... — gemeu ele.

— Estava praticamente nua.

— Estás a querer matar-me. É isso, não é?

O tremor na voz dele fez-me sorrir.

— Não sejas tão puritano.

— Se soubesses o que me vai na cabeça, nunca me acusarias de ser puritano.

O meu coração voltou a bater muito depressa, e parei de nadar.

— Conta-me.

— Nem penses. — Não sei como, aproximou-se e empurrou-me para um canto.

— Agora chega. Há uma enorme diferença entre ver a Princesa Anya seminua num ecrã de televisão e ver-te nua a ti ao vivo.

Estava a defender-me com tanta veemência que só consegui olhar para ele, maravilhada.

— Não consigo perceber.

Franziu as sobrancelhas escuras.

— Para começar, não eras tu. Era a Anya, uma personagem. Ela é de faz de conta. Tu és real.

As borboletas da minha barriga subiram até perto do meu peito.

— Isso é... querido.

Como se não me tivesse ouvido, o Lucian continuou, em modo sermão:

— Depois, não posso esticar a mão para um ecrã de televisão e tocar nesses bonitos seios.

Fiquei tão atónita que quase escorreguei. As borboletas, dentro de mim, transformaram-se em tempestade, e tive de me agarrar à borda da piscina para me equilibrar. Quando falei, a minha voz estava demasiado ofegante.

— Isso implica que tem de haver toques para ser real.

Qualquer coisa tinha mudado, o Lucian já não estava nervoso. Decidido, aproximou-se até mal haver espaço entre nós. A água brilhava-lhe sobre os traços fortes do rosto, deixando molhados aqueles lábios expressivos e firmes. Eu queria lambê-los, envolver-me naquele corpo forte e duro e abraçá-lo.

Os seus olhos, pálidos como a piscina brilhante, mantinham-me presa. Tanto calor neles. Calor e urgência e uma sombra de frustração, como se ele não quisesse querer-me. Então disse, numa voz baixa e espessa como creme quente:

— Em, se estiveres nua à minha frente, eu tenho de tocar.

Sim, por favor. Agora seria bom.

— Muito presunçoso da tua parte, Tarte de Mel.

O Lucian, aquele grande sacana, sorriu, os seus olhos quentes fixos no meu rosto.

— Quem disse que tinha de ser em ti que eu tocava?

— O quê? — Mal conseguia pensar. A proximidade dele estava a deixar-me zozna.

— Não excluo a hipótese de manter tudo apenas entre mim e as minhas mãos, se for a única opção.

Imaginei-o a lidar com a sua... largura. Tive de dar um mergulho rápido.

— Oh, bem jogado...

A água moveu-se e ele estava ali, aquele corpo grande a cercar-me, a sua boca a centímetros da minha.

— Para ser claro — murmurou —, se estivesse nua à minha frente, preferia tocar-te.

Ele estava tão perto, tão vividamente presente. Deliciosamente lindo. As minhas pálpebras baixaram, os meus lábios separaram-se com a urgência de sentir os dele. Eu queria. Eu *queria*. As nossas pernas roçaram, debaixo de água, e um arrepio dançou-me nas coxas. O Lucian estava agarrado à borda da piscina, com os braços entrelaçados em mim, o que tornava tudo pior. Gotículas de água brilhavam nos côncavos e recôncavos dos seus ombros e braços, chamando-me a atenção para a força do seu corpo e para como seria bom tocá-lo.

Ele não disse uma palavra. Não era preciso; a sua proximidade era suficiente para provocar uma tempestade dentro de mim e me secar a boca.

Tive de assumir o controlo da situação.

— Queres dar uma olhada, não é?

Sobre o rumor da água a bater, ouvi-o engolir, a surpresa a cintilar no seu olhar, pouco antes de o descer para os meus seios. A voz dele era ainda mais baixa:

— Vais deixar-me ver?

A luxúria atingiu-me em cheio, pura e quente. Eu adoro sexo, a dança que o antecede, o contacto físico, a libertação. Mas a fama tinha mudado as coisas nesse aspeto. Os homens começaram a esperar de mim uma fantasia. Viam-me como uma princesa virginal que tinha de ser tratada com reverência ou como uma entrada especial na lista deles: saquei a Anya.

O Lucian deixara claro que não via a Anya quando olhava para mim. Isso, por si só, já me fazia querer mostrar-lhe mais.

A água estava fria, mas, por dentro, eu estava a ferver, enquanto a minha mão subia lentamente até à parte de cima do meu biquíni. O olhar do Lucian estava cada vez mais extasiado, os lábios abriam-se, numa respiração ofegante. Meu Deus, aquele olhar. Todo o meu corpo queria o dele. Os meus seios ficaram pesados, inchados com uma luxúria lânguida. Estava completamente consciente dele, de mim própria, enquanto traçava a linha do meu biquíni, flirtando com a ideia de o puxar para baixo.

O Lucian não pestanejava, não se mexia, mas parecia mais próximo. Os meus mamilos endureceram, roçavam o tecido fino, implorando para serem vistos por ele. Enfiei a ponta do dedo por baixo da parte de cima do biquíni e puxei-a, sentindo a resistência.

O Lucian soltou um gemido baixo e prolongado, como se o som pudesse apressar-me. A reação no meu corpo foi um delicioso aperto do meu sexo. Arqueei-me ao ouvir aquele som, as minhas pálpebras tremulavam enquanto eu puxava o biquíni mais para baixo, parando mesmo à beira do mamilo. E ele tremeu, a água a escorregar por ele.

— Em... — O apelo saiu numa voz rouca. — Querida...

Os músculos ao longo dos seus braços avolumaram-se enquanto ele agarrava a beira da piscina, como se tentasse segurar-se.

Ah, ele queria ver. Uma dor acumulava-se dentro de mim. Milhões de pessoas tinham visto os meus seios. Mas o Lucian tinha razão, não era eu. Mas aqui, agora, era eu. Era ele a querer ver-me.

A ponta do meu dedo traçou um caminho de calor ao longo da curva do meu

seio, para a frente e para trás. E ele assistiu, como um homem a morrer à fome. Parei, lambendo os lábios. Sustivemos ambos a respiração. E então, com o menor dos puxões, a parte de cima escorregou sobre a ponta redonda do meu mamilo. O Lucian gemeu, um som quase animal. Arqueei as costas, em resposta, aumentando-lhe a urgência, o meu peito nu a aproximar-se da parede do seu peito. Queria sentir a pele dele na minha.

Mas ele não se mexeu. Segurou a borda da piscina com mais força, lutando para se dominar.

— Foda-se — murmurou. O seu olhar claro no meu, um sulco entre as sobrancelhas. — Quero provar. Por favor, Deus. Por favor, Em.

O facto de ele não tomar a iniciativa quase me fez deslizar para debaixo de água. Mas a urgência nos seus olhos fez-me gemer. De pálpebras pesadas de desejo, assenti, e ele engoliu com força, a expressão a tornar-se feroz.

— Só um pouco — disse ele, como se se agarrasse a isso.

Gemi e o seu olhar quente mergulhou no meu. Passou qualquer coisa pela sua expressão: determinação, tranquilidade, não sei dizer; a luxúria e a urgência impediam-me de ter qualquer pensamento racional.

— Deixa-me provar — voltou a pedir.

— Vem — sussurrei, mal conseguindo formar as palavras.

O Lucian suspirou, a boca a aproximar-se.

— Foda-se, Em... Dá-me essa doçura.

A respiração saiu-me num sussurro. Com uma mão trémula, peguei no meu peito e levantei-o, pondo-o fora da água. Oferecendo-me ao Lucian.

Com um gemido, ele baixou a cabeça. A sua língua quente e molhada arrastava-se sobre a minha carne fria. Soltei um grito, um raio de prazer que me atingia o âmago.

Ele fez um som de fome pura, os seus lábios a beijarem-me suavemente a ponta do seio antes de a chuparem profundamente...

— O último a saltar para a piscina é burro! — O grito da Tina foi seguido por um enorme respingo quando ela se lançou na água.

O Lucian recuou, como se tivesse sido atingido, e depois virou-se para me bloquear, enquanto eu, apressadamente, puxava a parte de cima do biquíni para o sítio.

Era evidente, pela surpresa estampada nos olhos da Tina, que ela não tinha reparado em nós. Ao contrário do que transmitia o lento passeio do Brommy até à beira da piscina e o sorriso que trazia no rosto.

Seja como for, o clima tinha esmorecido. Olhei para o Lucian, mas ele já tinha levantado os muros à sua volta e abanava a cabeça com um movimento quase impercetível. Com um suspiro interior, nadei até à Tina e fingi que não tinha acontecido nada.

Não me arrependia de ter provocado o Lucian ao ponto de ele virar o jogo contra mim. Mas eu, definitivamente, ia pensar duas vezes antes de me envolver desta maneira novamente. Porque, ao que parecia, ele estava arrependido daquele seu momento de fraqueza.

CAPÍTULO TREZE

Lucian

Depois de quase ter caído sobre a Emma, na piscina, como um homem faminto, mantive-me longe dela e passei a andar sempre com o Brommy. Consegui fazer isso durante dois dias. E tive saudades dela.

Foi irracional, chato, sem sentido. Não é normal sentir a falta de alguém que mal se conhece. Não se devia sentir esta urgência de ver essa pessoa, ouvir-lhe o som da voz, sentir-lhe o cheiro da pele. Não! Caraças! Eu tinha tido o mamilo dela, rosa e doce, na boca. Ainda lhe sentia a forma na minha língua, como um fantasma de luxúria projetado para me fazer perder a cabeça.

Mas atribuí isso aos meus muitos meses de solidão sexual.

A minha única concessão era cozinhar. Para ela.

Cozinhar, para mim, foi sempre uma coisa privada, uma coisa que aprendi no colo do meu bisavô, mas nunca tinha procurado fazer mais do que isso. Mas agora? Tornou-se um desafio intensamente satisfatório encontrar novas maneiras de tentar e agradar à Emma. Alimentar a Emma, de certa forma, também alimentava a minha alma.

Ela não sabia que os brioches da sua cesta de pequeno-almoço tinham sido formados pelas minhas mãos. Ela não sabia que os *macarons* — dois por noite, enviados numa caixinha — eram feitos por mim. Mas eu sabia.

Em momentos de fraqueza, fechava os olhos e tentava imaginar os macios lábios dela a separarem-se sobre aqueles bolinhos brilhantes, a sua língua cor-de-rosa a saborear os meus sabores, conseguidos através da estranha alquimia de bater claras de ovo, infundir cremes e coar fruta madura, tudo fundido numa intensa explosão de sabor.

Será que ela preferia o de chocolate preto e chicória, o de caramelo enriquecido com manteiga ou o de pera queimada? Ou gemia de prazer com o de mel de toranja ou o de laranja e rosas?

Era suficiente para dar tesão a um homem.

E a visão daquilo que não podia ter era dolorosa.

Por isso, continuei a cozinhar para ela. Talvez quisesse ser descoberto. Podia simplesmente dizer-lhe que era eu quem fazia a comida dela, deixando-lhe pequenas guloseimas que mais ninguém em Rosemont recebia. Mas havia qualquer coisa na Emma Maron que me fazia voltar a ser o miúdo desajeitado e confuso que eu tinha sido no secundário.

A Mamie não exagerava quando dizia que eu era pequeno, em miúdo. Pequeno e tímido. Quando não estava no gelo, tinha tendência para me esconder. O hóquei havia-me transformado em alguém arrogante, extrovertido, divertido. Gostava dessa versão de mim próprio, mas depois de o hóquei ter acabado para mim, percebi que esse eu era um papel que tinha estado a desempenhar.

Já não tinha a certeza de qual era o meu verdadeiro eu, mas sabia que não estava preparado para aparecer à porta de casa da Emma com um bolo na mão.

Manter-me fechado em mim próprio, o máximo possível, parecia-me o plano mais seguro.

Porque jogar pelo seguro foi mesmo o que te levou longe na vida.

No entanto, hoje não joguei pelo seguro com a sobremesa que fiz para a Emma. Eu já estava arrependido. A escolha tinha sido pura arrogância. Havia nela demasiado de mim, de nós. Mas era tarde de mais para voltar atrás.

*

Emma

A culpa foi da tarte. E eu nem sequer me dei conta do que estava para vir. Devia ter dado. Os sinais estavam todos lá. Mas não prestei atenção. Andava a pensar num certo homem rabugento e *sexy* que eu desejava demasiado, para meu mal.

Um homem que, aparentemente, estava a evitar-me. Não o via há dois dias. Vi-o só de costas, uma única vez, quando ele ia a dobrar uma esquina, o passo determinado, aquele gingado maluco que me fazia pensar em sexo e pecado, como se ele não quisesse ser apanhado a vagar.

A culpa foi minha, por ter insistido, flirtado, quando ele estava obviamente a resistir. Mas depois foi o Lucian que quis ir mais longe, e eu ainda tremia quando pensava nele a aproximar-se, o seu olhar na minha boca, como se quisesse devorá-la. Devorar-me.

— Ugh. — Voltei para o meu sofá. — Chega de pensar nele.

Talvez devesse ir-me embora. Procurar outro sítio onde me esconder.

Senti um nó no estômago. Não queria ir-me embora.

O almoço chegou, interrompendo-me os pensamentos. Mais um cesto, desta vez trazido por uma mulher chamada Janet, que me disse que fazia parte da equipa de empregados da casa.

Era preocupante eu já estar a salivar como o cão de Pavlov? Provavelmente. Mas isso não impediu que uma expectativa vertiginosa brotasse dentro de mim. Eu ficava sempre muito excitada com as refeições diárias.

O cesto trazia uma salada verde e uma sopa. O cartão que a acompanhava informava-me, numa letra muito inclinada, que se chamava *avgolemono*: uma sopa grega de frango e limão. E podia escolher entre um *Chardonnay* frio e um chá gelado para a acompanhar.

E, então, vi a caixa da sobremesa. Comida deliciosa à parte, era isso que fazia o meu dia. Aquelas pequenas guloseimas que pareciam ter sido feitas exclusivamente

para mim. Ah, percebi que toda a gente comia as mesmas sobremesas. Mas deixei-me acreditar, nem que fosse por pouco tempo, que eram só para mim.

A expectativa borbulhava-me nas veias enquanto eu desfazia a fita dourada. Lá dentro havia um bolo cor de caramelo, do tamanho da minha mão. O creme dourado-escuro tinha sido posto de maneira a formar as pétalas de uma flor. Ao lado, como se estivesse a provar o bolo, encontrava-se uma pequena abelha feita de açúcar.

Senti-me asfixiar, sem conseguir tirar os olhos daquela abelha. Com as mãos, pequei no pequeno bolo e dei-lhe uma dentada, quase irritada. E percebi algumas coisas. Não era um bolo, era uma tarte. E não era caramelo. Era mel.

Suaves notas florais de mel, delicadamente doces, impregnavam o creme sedoso. Intenso mas leve, doce mas rico. Uma tarte de mel, feita com carinho. A minúscula abelha de açúcar, ainda empoleirada na borda da massa folhada, riu-se de mim.

Aquela pequena abelha a mordiscar a sua tarte de mel.

Uma vibração de puro calor despertou-me o sexo, lambeu-me as coxas, endureceu-me os mamilos. Dei mais uma dentada, saboreando, querendo... querendo-o a ele.

Aquilo era trabalho dele, feito com as suas mãos, a sua habilidade, a sua mente. O meu homem rabugento com a capacidade de criar doçura das maneiras mais inesperadas.

Não sei como, mas, no fundo, soube-o sempre, desde o início. Pela maneira como ele quase me mandou provar o *Paris-brest*. Pela maneira como me viu comê-lo, com aquele seu olhar estranho. Orgulho. Era o que era. Orgulhava-se do seu trabalho.

Comi a tarte de mel sem fazer uma pausa, devorando-a até que não passasse de uma pasta pegajosa nos meus dedos, migalhas amanteigadas nos meus lábios. A gemer, lambi a pele até ficar completamente limpa, como um gato. Juro que até senti que estavam a nascer-me garras, que me magoavam ao quererem sair.

Porque ele sabia, e eu não. Teria sido uma brincadeira para o Lucian? O que é que ele tinha dito? Que o *chef* era temperamental. Ah, como deve ter-se rido por dentro.

A resmungar, lavei as mãos e dirigi-me à porta, metade de mim com mais tesão do que alguma vez tive na minha vida, a outra metade pronta para matar o homem mais irritante que alguma vez conheci.

*

Demorou mais de uma hora a regressar, carregado com sacos de comida. Sentei-me no canto mais distante da grande cozinha, confortavelmente empoleirada na bancada, a comer outra tarte de mel — esta, infelizmente, sem uma abelha fofa. Ao que parecia, a abelhinha tinha sido só para mim.

Ele não reparou em mim, tal como eu pretendia, caso contrário, iria fingir que só estava a deixar ali as compras que o «*chef*» lhe tinha pedido que fizesse.

Céus! Que giro que ele estava! Apesar de estar irritada, os meus olhos beberam a sua imagem. O cabelo escuro despenteado pelo vento, os lábios exuberantes. A pele bronzada, num leve tom de azeitona, em contraste com o branco da *T-shirt*. As

mangas curtas coladas aos bíceps, que se mostravam em todo o seu esplendor enquanto ele pousava os pesados sacos.

Não havia dúvida, aquele homem era um atleta; mexia-se com a certeza de alguém que usava o corpo como uma máquina — eficiente, gracioso, forte.

Virou-se para o frigorífico e os globos do seu espetacular rabo contra as calças de ganga usadas ficaram voltados para mim. Silenciosamente, guardou lá dentro um frasco de natas e, depois, estendeu a mão para o suporte onde estavam penduradas as painéis e ficou com uma parte dos fantásticos abdominais à mostra.

Doce misericórdia! Eu ia chegar ao orgasmo só a ver este homem a trabalhar na sua cozinha. Acabei de descobrir uma tara minha que não conhecia. Talvez fosse o Lucian a despertá-la. Quando partiu um ovo com um gesto eficiente do pulso, tive a certeza de que era ele. Ele era a minha tara. Raios.

— Fazes isso tão bem. — A minha voz rompeu o silêncio e ele quase deu um salto, os olhos arregalados, em pânico. — Deves ter levado anos a aprender.

Durante um segundo, nenhum de nós falou. Com palavras. Os nossos olhos mantiveram a conversa.

Oh, foste apanhado.

É o que parece.

Devias ter-me dito.

É o que parece.

Não tens mais nada a dizer?

Parece que não.

És maravilhoso.

Esta última escapou-me sem querer.

Estava com a respiração um pouco acelerada, as narinas tremiam levemente. E aqueles olhos em pânico ficaram quentes, focados.

— Foi a tarte de mel, não foi? — A voz rouca dele rasgou o silêncio da cozinha.

Deixei de lado o resto da tarte que estava a comer e lambi a ponta dos dedos, apreciando a maneira como ele imediatamente se concentrou no que eu estava a fazer. Um gemido longo, vindo do fundo do seu peito, desencadeou lampejos de luxúria no meu. Mas ignorei-os.

— Uma escolha um bocadinho literal de mais. — Saltei para o chão. — Mas deliciosa.

Sem tirar os olhos dele, fui até à ilha, no meio da cozinha. A expressão dele tornou-se cautelosa, aqueles ombros largos ficaram tensos, como se estivesse a preparar-se para uma luta. Sorri, querendo que ele se descontrair-se. Era o que o Lucian andava a fazer por mim há dias.

— Jogador de hóquei — comecei a contar pelos dedos —, carpinteiro, *chef* temperamental, padeiro, pasteleiro... — Parei à frente dele, esmagada novamente pelo seu físico bruto. Quando estava perto do Lucian Osmond, queria-o. — Talvez devesse chamar-te homem do Renascimento. Conta-me, Brick, também pintas?

Ele pousou a sua grande mão de dedos compridos na bancada de mármore. Os músculos ao longo do braço mexeram-se quando ele se inclinou para lhe tocar.

— Também, mas só nas *pâtisseries*.

Oh, raios! Ele disse aquilo em francês, com um sotaque que soava a sexo sensual. Fiquei sem fôlego. E ele reparou. Os seus olhos semicerraram-se, descendo lentamente até à minha boca, depois voltaram a erguer-se, para se encontrarem com os meus.

— Estás zangada? — Um desafio.

— Depende — disse eu, ainda sem fôlego. Raios! — Para ti, foi uma brincadeira?

— Abelhinha, nunca brinco com as *pâtisseries*.

Céus! Diz isso outra vez. Diz mais. Respira as tuas palavras na minha pele.

Engoli em seco.

— Não me mintas, Lucian. Agora não.

Com um suspiro, deixou cair os ombros.

— Não, não foi uma brincadeira. Eu não disse nada porque... — Fez um gesto com a mão, como se procurasse a razão, e acabou por erguê-la resignadamente. — Parecia-me muito pessoal. Como se eu estivesse a expor demasiado sobre mim.

— Percebo. — Ele era um artista. Eu tinha sentido o cuidado e a consideração dele em cada pedacinho que tinha criado. Mas, mais do que isso, mostrava-o no aspeto daquilo que fazia, na forma como apresentava as suas sobremesas. — És incrivelmente dotado, Lucian.

Frouxo elogio. Mas não quis deixar de lho dizer.

Como seria de esperar, ele voltou-se e foi deitar fora as cascas de ovo.

— Faço isto para descontraír e para me manter ocupado.

Naquele momento, não queria pensar no Greg, mas foi só quando comecei a namorar com ele que percebi verdadeiramente o que era a vida de um atleta profissional. Pensei que seria como a minha, mas, como atriz, eu tinha muitos períodos de espera quando estava a filmar, e períodos de inatividade entre os diferentes papéis. Os atletas eram uma raça diferente. As suas vidas eram extremamente estruturadas, cheias de dias de treino, estágios, jogos, entrevistas, viagens. Havia pouco tempo para descansar. A maioria dos atletas profissionais adorava aquele ritmo, dava-lhes adrenalina. Como seria ser arrancado a tudo aquilo, de repente?

Nada bom.

Senti um aperto no coração e, naquele momento, só queria envolvê-lo nos meus braços e aconchegá-lo. Se havia um homem que precisava de um abraço, esse homem era o Lucian. Mas ele não ia permitir. Não ia gostar.

Mudou o peso de um pé para o outro e mexeu-se daquela maneira típica sua que significava que estava a preparar-se para ser defensivo, para se fechar no seu próprio mundo protetor.

Podes deixar-me entrar. Não vou magoar-te.

— Foi a Amalie que te ensinou? — perguntei-lhe.

Abriu a boca, surpreso, suponho, por eu estar a afastar-me do assunto óbvio.

— Foi — disse, depois de um momento, na sua voz grave. Aclarou a garganta. — Bem, a Amalie ensinou-me a cozinhar e a fazer pão. As receitas que ela aprendeu quando era pequena. — Enquanto falava, foi buscar uma balança de cozinha e farinha. Agora estava muito mais à-vontade. — O meu bisavô, Jean Philippe,

ensinou-me a *pâtisserie*. Ele era um grande nome, em França. Nas cozinhas dele havia verdadeiros exércitos de assistentes, e era sempre «*Oui, chef*». Mas, para mim, ele era simplesmente o *arrière-grand-père*, que queria ensinar-me tudo. Quando éramos todos pequenos, passávamos o verão em França, o Anton e a Tina brincavam no jardim e eu ia para a cozinha.

Sorri.

— Admito que me custa imaginar.

Os cantos dos seus olhos arquearam-se num bom humor tranquilo.

— A Mamie não estava a exagerar quando disse que eu era um miúdo pequeno. Magricela, na verdade. E tímido.

— Tu? — provoquei-o. Mas conseguia imaginar. Havia qualquer coisa no Lucian que seria sempre reservado.

Olhou-me de soslaio, mas os seus lábios sorriam.

— Sim, eu. Um *nerd* magricela. Que não era parvo; estando na cozinha, comia o que havia de melhor. E comia imenso. Além disso... — Encolheu os ombros, que, definitivamente, já não eram magrinhos. — Eu gostava. Sempre tive problemas de concentração, a menos que qualquer coisa me chamasse muito a atenção. Em casa, tinha o gelo. Em França, tinha a cozinha, as *pâtisseries*. Isso relaxava-me.

A mim, a precisão e a concentração necessárias para cozinhar deixar-me-iam de mau humor. Mas percebia.

Estávamos ao lado um do outro e eu não podia deixar de sentir o calor que emanava dele. Cheirava a mel e a sol. Queria enterrar o rosto nele e absorvê-lo.

— Vais parar, agora que eu sei? — perguntei, preocupada.

Franziu as sobrancelhas.

— Porque é que havia de fazer isso?

— Não sei. — Encolhi os ombros, e passei um dedo pela borda da bancada. — Disseste que era demasiado pessoal se eu soubesse. — Olhei para cima e os nossos olhares encontraram-se. — Pensei que pudesses não querer fazer mais nada para mim.

A expressão severa do Lucian desmentia a suavidade do seu tom.

— Abelhinha, eu faço-te tudo o que quiseses.

A promessa deslizou sobre mim como caramelo quente. Tudo o que quisesse. E eu sabia que era verdade.

Fechei a mão num punho, para não lhe tocar.

— Surpreende-me.

O seu sorriso era largo e brilhante. Livre.

— Espera e verás.

CAPÍTULO CATORZE

Emma

A cozinha tornou-se o meu sítio preferido. Pelo menos, quando o Lucian lá estava. Luminosa e quente e cheia de aromas deliciosos a pão acabado de fazer ou chocolate rico, era um lugar seguro e feliz. Era uma delícia sentar-me no banco acolchoado que corria ao longo de uma parede, com vista para a ilha da cozinha e para o fogão, onde o Lucian trabalhava. Nos últimos anos, estive tão ocupada com *Dark Castle* que até deixei de ver os programas de culinária ou de pastelaria que passavam na televisão. Mas agora vou reconsiderar. Ver o Lucian na cozinha, com tanta confiança e graça, era, para mim, pura pornografia. O céu que me ajude! A maneira como os seus antebraços musculados se moviam enquanto batia rapidamente claras de ovo ou natas — nunca usava a batedeira para essas coisas — deixava-me tão excitada que tinha de fechar bem as pernas, por baixo da mesa que tinha à minha frente.

E quando ele amassava as massas? Valha-me o Menino Jesus! Fazia um pequeno som sempre que empurrava a massa elástica com as palmas das mãos. E um som mais profundo quando todo o seu corpo tenso balançava em direção à bancada. E depois recuava, respirava, os ombros largos num movimento constante.

Para a frente. Para trás. Respirar.

Era um milagre eu não ter um orgasmo só de olhar para ele.

— Sinto os teus olhos em mim — disse o Lucian, impassível, sem quebrar o ritmo.

Aposto que sim.

— É hipnotizante.

Voltou a fazer um dos seus sons, desta vez um que eu sabia que significava: «Cada um com as suas taras.»

Sorri.

— Eu podia filmar isto, ia ser um grande sucesso nas redes sociais.

Ele olhou na minha direção, os olhos verde-inverno zangados e imediatamente desmentidos pelo sorriso dos seus lábios.

— Ex-hoquista a brincar aos padeiros? — Voltou a atenção para a massa. — Ia ser um grande espetáculo.

— A sério, tu subestimas o teu poder de atração, Brick.

Com um resmungo de troça, moldou cuidadosamente a massa, agora lisa, numa bola e pô-la dentro de uma tigela grande, que depois cobriu com um pano húmido. Lavou as mãos e foi ao frigorífico.

— O que é que se segue? — perguntei, inclinando-me para a frente, em antecipação.

— Massa para as tartes de tomate que vamos comer ao jantar. — Sorriu. — Podes ajudar, se quiseres.

— Ambos sabemos que é melhor não me meter nisso.

O Lucian deu uma pequena gargalhada.

— Sem comentários.

Ele bem andava a tentar ensinar-me, mas, até agora, eu tinha sido um completo desastre na cozinha. Se há um gene culinário, eu não o tenho. O Lucian pôs um grande pedaço de manteiga na bancada e foi buscar a farinha; eu sorri e pus-me a ler uns *e-mails* que apareceram no meu *iPad*.

Além daquilo a que chamava «incidente na piscina», não tínhamos reconhecido a atração que existia entre nós. Mas estava lá, a crescer e a aquecer. E a nossa amizade também. Eu gostava dele, caramba! Mais do que devia. A atração podia esmorecer e passar, mas gostar verdadeiramente de outra pessoa significava que perdê-la iria sempre doer muito.

Eu sabia que não podia ter o Lucian para sempre, e isso preocupava-me. Mesmo assim, não podia negar a felicidade que sentia em partilhar o seu precioso espaço de trabalho. Ele expulsava toda a gente da cozinha quando lá estava. Só a Amalie e, às vezes, a Tina tinham direito a uma visita rápida, mas mesmo elas acabavam por ser convidadas a sair, passado um minuto ou dois.

— O que é esse sorriso? — perguntou ele, divertido.

A outra coisa sobre estar na cozinha com o Lucian? Ele reparava em tudo o que eu fazia, mesmo quando pensava que toda a sua concentração estava na comida que se encontrava a fazer.

— Não interessa.

Ele disse algo muito baixinho.

Resolvi ir ver o *e-mail* e tinha uma mensagem do meu agente. O meu sorriso tornou-se menos confiante.

— Agora tens mesmo de me contar — disse o Lucian secamente.

Levantei os olhos e vi-o a olhar para mim, de sobranceiras franzidas, com uma impaciência imperiosa. Suspirei.

— Porque é que me chamas Bisbilhoteira quando tu é que metes o nariz em tudo?

— Só meto o nariz no que tem a ver contigo. Tu és bisbilhoteira com toda a gente.

Senti o estômago a tremer ao ouvi-lo confessar que só metia o nariz no que me dizia respeito. No entanto, não mostrei o que estava a sentir e revirei os olhos, antes de voltar a ler um pouco mais do *e-mail*.

— É do meu agente. Houve uns diretores de elenco que lhe mandaram uns guiões que podem ser promissores.

— Estás surpreendida?

— Não me ofereceram muitos papéis desde que estou em *Dark Castle*. Por isso, isto é... inesperado. Bom.

— Ótimo. — Sorrii brevemente, um sorriso largo e bonito que me tirou a respiração. Depois, como se percebesse que estava a sorrir demasiado, resmungou qualquer coisa e pôs-se a cortar a manteiga para a massa das tartes.

— Porque é que quiseste ser atriz?

Podia ter-lhe dado a minha resposta enlatada e pronta a servir, mas devia haver honestidade entre nós.

— Queria ser famosa.

O Lucian fez uma pausa, abanando a cabeça.

Baixei os olhos, observando as minhas mãos e pulsos finos, que, de repente, me pareceram muito frágeis.

— Eu tinha catorze anos e o meu pai estava... de mau humor. Estava a dar os Óscares, então a minha mãe e eu escondemo-nos no nosso refúgio, para vermos. E lá estavam elas, aquelas mulheres todas, ricas, bonitas e sorridentes. — Levantei os olhos e vi o olhar perturbado do Lucian. Sorri-lhe da mesma maneira que, durante anos, usei para tranquilizar os homens, mas o calmo silêncio dele apagou-o. Porque, com ele, eu não tinha de o tranquilizar ou de fingir. Engoli em seco. — Para mim aquilo era poder. E pensei que, se conseguisse ter aquele poder, aquele nível de riqueza e de fama, estaria segura. Seria livre.

O relógio do forno a pré-aquecer marcava o silêncio retumbante. A expressão do Lucian dizia-me que ele queria consolar-me. Mas eu não conseguia lidar com isso naquele momento.

— Só quando comecei a estudar teatro é que percebi que adorava o que estava a fazer. Ser atriz era desafiador, divertido, uma maneira segura de expressar as minhas emoções. Desde sempre que criei histórias dentro da minha cabeça. Mas, com o teatro, conseguia contar histórias de outra maneira.

Ele assentiu, lentamente, uma madeixa de cabelo escuro a cair-lhe sobre a testa.

— E fá-lo muito bem, Emma.

Emma. Só ele conseguia fazer com que o meu nome parecesse uma luva de veludo a deslizar sobre a minha pele.

— Obrigada. — O sucesso é uma coisa inconstante, pode desaparecer a qualquer momento. Mas eu queria que ele me visse no meu melhor. O que significava que tinha de levantar a cabeça, parar de me preocupar tanto e voltar à vida ativa. Estranhamente animada, lambi os lábios e voltei a atenção para a vasta ilha coberta de mármore. — Disseste que cozinhas porque isso te relaxa, mas é só por isso?

Inclinou a cabeça, os lábios exuberantes curvados num sorriso.

— Agora estamos a tornar-nos íntimos?

— Depois do que acabei de te contar, diria que sim.

O olhar provocador dissolveu-se em seriedade.

— Honras-me com os teus segredos, sabes disso, não sabes?

Talvez aquilo estivesse a ficar um bocadinho intenso de mais, porque tive uma súbita vontade de chorar ou de me atirar nos braços dele.

— Vais fazer o mesmo?

Ele respirou fundo.

— É pelo desafio. É necessário precisão, foco e planeamento. E embora a cozinha

e a pastelaria sejam bastante rígidas em termos de técnica, a criatividade desempenha um papel importante no objetivo final. — O Lucian encolheu os ombros. — Pode não parecer muito parecido com o hóquei, mas a verdade é que também envolve a cabeça e o corpo, que têm de trabalhar como um só e com dedicação total, se queremos alcançar o resultado.

— Já pensaste em fazer isto profissionalmente?

Voltou ao trabalho, de sobranceiras franzidas, concentrado.

— Não.

— Hum. E, no entanto, o teu bisavô preparou-te para isso. Queria que fosses pasteleiro?

Sorriu, o fino fantasma de um gesto assombrando-lhe o belo rosto.

— Por acaso, não. Queria que seguisse o meu sonho de ser jogador de hóquei. — O sorriso alargou-se. — Ele dizia que uma pessoa nunca podia encontrar a verdadeira paz e felicidade se não seguisse a sua paixão e o seu amor. Acho que sabia o que dizia. Adorava ser *chef*.

O facto de o Lucian se referir ao bisavô no pretérito deixava claro que o senhor já tinha morrido. Mas não resisti à tentação de lhe perguntar:

— Chegou a ver-te jogar?

A expressão do Lucian fechou-se.

— Uma vez. Mas ele... Bem, nunca tive a certeza se percebeu mesmo.

— Eu não... O que é que queres dizer com isso?

O Lucian suspirou lentamente, como se estivesse magoado.

— Há sete anos, foi atropelado por um carro, em Paris, quando estava a atravessar a rua. — Engoliu em seco. — O Jean Philippe sobreviveu, mas com alguns danos no cérebro. Já não era o mesmo homem, confundia-me com o meu pai, esqueceu-se de palavras, perdeu memórias e certas funções motoras. E piorou, com o tempo. A Amalie tomou conta dele. Morreu de pneumonia, há três anos.

— Oh, Lucian. Lamento muito. — Queria abraçá-lo tanto que as minhas mãos deslizaram para a frente, sobre a mesa, mas cada linha tensa do seu corpo disse-me para recuar.

— Eu também. — Baixou os olhos para a bancada de mármore, estendendo as suas grandes mãos sobre ela. — Não sei se foi pouca sorte minha ou o quê, mas comecei a ter concussões. A Amalie ficou apavorada. Eu tentava acalmá-la como podia. As lesões físicas faziam parte da vida que levava. Mas, da última vez, perdi a consciência. O meu cérebro tornou-se passivo. Há coisas dessa época de que não me lembro. Coisas que continuam difusas na minha cabeça. Mas o horror de saber que, se não tivesse cuidado, podia acabar como o meu bisavô estava sempre presente.

— Por isso decidiste parar.

— Sim, por isso decidi parar — repetiu ele, antes de soltar uma gargalhada sem humor. — Mas, por pouco, não era assim. Eu não queria ouvir. Foi preciso acordar com a Amalie, o Ant e a Tina ao meu lado e não saber quem eles eram durante uns minutos. E perguntar-lhes, vezes sem conta, o que é que me tinha acontecido sem me lembrar de que já me tinham respondido.

— Luc...

— Quando o meu cérebro melhorou o suficiente para ser capaz de pensar com mais clareza — continuou a falar, como se tivesse de dizer tudo de uma vez —, a minha família implorou-me que tivesse em conta a minha saúde, e não pude negar-lhes esse pedido. A possibilidade de morrer ajudou a tornar um pouco mais fácil a decisão de me reformar. Mas penso nisso com mágoa, todos os dias.

Vi como tudo aquilo lhe tornava o grande corpo tenso, como se ele estivesse a aninhar-se interiormente.

Não sabia o que dizer para aliviar aquela dor. Talvez nada pudesse aliviá-lo. Há coisas que cada um de nós tem de viver sem a ajuda de ninguém. Mas eu não podia deixá-lo sozinho, no escuro, com os seus pensamentos; temia que todos os outros estivessem a fazer exatamente isso, dando-lhe o espaço de que achavam que ele precisava enquanto, sem saberem, o abandonavam.

— Qual era a sobremesa favorita do teu bisavô?

O Lucian pestanejou, como se saísse de dentro de uma névoa. As suas sobrancelhas escuras franziram-se sobre aqueles olhos gelados e, por um momento, pensei que ele podia não responder, mas, finalmente, falou, a voz um pouco mais rouca.

— Ele era conhecido pelas suas inovações, mas o seu bolo favorito foi sempre o clássico *gâteau Saint-Honoré*.

— Fazes um para mim?

Ele sabia o que eu estava a fazer. Mas olhou-me com um ar matreiro.

— Estás sempre a querer provar os meus cremes, não estás, Emma?

Estava a provocar-me, a querer, claramente, fazer-me corar e gaguejar. Mas a verdade é que eu não conseguia apagar a imagem de lamber creme de cada delicioso centímetro do corpo dele. Meu Deus, que vontade que tinha de o lamber. Estava quase com água na boca.

Devolvi-lhe o olhar.

— Cuidado, Tarte de Mel. Um dia destes ainda te desafio a isso.

Para minha surpresa, ele corou. Mas segurou-me o olhar.

— Talvez o meu objetivo seja esse.

Senti um terramoto na barriga. Mas a minha resposta perdeu-se com a súbita chegada do Ant, da Tina, do Brommy e do Sal, que invadiram a cozinha à procura de petiscos, para irritação do Lucian. Ele tentou mandá-los embora, sem sucesso, e acabámos sentados à mesa, com o Lucian carrancudo, mas não verdadeiramente irritado, a dar-nos um prato de *madeleines* apenas para «ver se se calam todos».

Estavam deliciosas. Mas os seus olhares rápidos e penetrantes eram o que eu mais desejava. O problema era que, quer eu quisesse admiti-lo ou não, o Greg tinha desferido um enorme golpe na minha confiança. Eu pensara que o que tínhamos era verdadeiro, mas acabei por perceber, da pior das maneiras, que, mais uma vez, tinha andado a construir castelos no ar. Queria uma coisa verdadeira, alguém em quem pudesse confiar, e apesar do muito que gostava do Lucian, não sabia se ele era o tal que podia dar-me isso.

O Brommy ofereceu-se para me ajudar a instalar os novos armários de cozinha numa das pequenas casas para convidados. Já estávamos naquilo há algum tempo quando a Emma chegou, entrando como um céu de verão. Fiquei sem fôlego ao vê-la.

Desde que descobriu que era eu quem cozinhava, a Emma decidiu instalar-se definitivamente na minha cozinha e ver-me trabalhar. Todos os dias. Se fosse qualquer um dos outros, teria sido posto imediatamente na rua, mas, no caso dela, eu esperava ansiosamente que chegasse. Às vezes, fazia mesmo dela minha *sous-chef*. Mas a Emma tinha uma concentração péssima e preferia conversar a medir os ingredientes como deve ser. Estava destinada a comer as minhas criações, não a ajudar-me a fazê-las. Eu não me importava. Nunca me cansaria de a ver provar os meus doces. Tentado como estava a prová-la, tinha conseguido manter as minhas mãos quietas... com dificuldade. Eu era um pouco masoquista quando se tratava da Emma, é verdade.

— Eu sabia! — disse ela, sorrindo para o Brommy e para mim, enquanto equilibrávamos um pesado armário. — Só tinha de seguir o som das batidas e iria encontrar-vos, rapazes.

O Brommy engasgou-se com uma gargalhada.

— O som das marteladas, se não te importas, menina Emma. Batidas são uma coisa completamente diferente.

— Porquê...? — Uma pequena ruga vincou-lhe a pele entre as sobrancelhas durante um segundo, e depois corou. — Ah, pois, sim, estou a ver... — Interrompeu-se e riu, aquela sua gargalhada rouca que me provocava sempre arrepios.

O Brommy olhou para ela, espantado. Mas depois pestanejou e ficou com as orelhas vermelhas. Honestamente, nunca tinha visto uma mulher fazê-lo corar. Foi impressionante. E a Emma também era impressionante.

— Tecnicamente — disse eu, antes de o Brommy poder cair completamente sob o feitiço dela —, estamos a aparafusar. — Levantei o berbequim como prova.

Ela fez um grande sorriso.

— És terrível.

Estava a começar a ficar com os braços cansados e virei-me para aparafusar o armário com o berbequim, depois saltei para o chão e peguei numa toalha para limpar o pó da testa.

— Precisas de alguma coisa, Em?

Ela olhou para o Brommy e depois para mim. Ou eu estava a imaginar coisas, ou a Emma Maron estava nervosa.

— Queria falar contigo, se tiveres um minuto.

O Brommy percebeu e também desceu do escadote.

— Vou buscar mais bebidas. — Pegou na geleira que tínhamos levado e depois inclinou um chapéu imaginário em direção à Emma. — Menina Emma.

Ela fez um pequeno sorriso, com a sua boca exuberante.

— Podes tratar-me por Princesa, Brommy. Eu sei que é isso que queres.

Ele sorriu e eu fiz cara feia. Não que eles tenham reparado.

— Até já, Princesa.

— Até já, Brommy.

Com a mão, acenaram um ao outro, como verdadeiros amigos, e então ele saiu, a assobiar uma música feliz. A Emma ficou a vê-lo afastar-se, depois voltou o olhar para mim e apanhou-me a fazer cara feia. E sorriu ainda mais. Nesse momento, eu teria dado qualquer coisa para saber se ela pensava naquela noite, na piscina, se lamentava a maneira como a noite acabara. Nunca tínhamos falado sobre isso. Mas eu não tinha esquecido. Pior, a memória começava a ter arestas dolorosamente afiadas.

Concentra-te, Oz.

Ela deu uns passos e olhou em volta, observadora.

— Ainda não te disse, mas fazes um bom trabalho.

— Hum.

Os olhos da Emma iluminaram-se, divertidos.

— Gostas de trabalhos de construção?

Encolhi os ombros.

— É mais uma coisa para fazer.

Estava outra vez a fechar-me em mim próprio e não conseguia impedir-me. Sabia que ela queria dizer-me qualquer coisa. Isso era claro. E achava que eu não ia gostar. Ainda não tinha feito perguntas sobre a Cassandra. Eu estava à espera, mas pensei que ela estava a ganhar tempo. Talvez a altura tivesse chegado. Mas não ia pedir-lhe que não o fizesse ou insinuar que não estava preparado para falar com ela sobre o meu fracasso com a Cassandra.

Mas ela não fez nada disso. Apoitou-se na bancada ainda por acabar e olhou para mim como se estivesse a avaliar um imóvel. Todo o meu corpo ficou atento.

— Estou com um problema — disse ela.

Oh, passaram-me pela cabeça várias possibilidades de lhe resolver os problemas, mesmo ali, naquele exato momento. Mas enviei-as de volta para a gaveta da minha cabeça onde andava a guardá-las.

— Os membros do teu enxame estão prestes a chegar, determinados a levar-te para o ninho, no cimo de uma árvore? — perguntei.

Os cantos dos olhos dela enrugaram.

— Não, isso foi o que te aconteceu.

— Bem, espero que não estejas com inveja. *Spoiler alert...* não é tão divertido como parece.

Abanou a cabeça, irónica.

— Vais ter saudades deles quando se forem embora, Brick.

A alcunha caiu-me no coração como um pingo de mel.

— Deixa-os ir embora e vais ver.

— Estás a falar a sério? — Ela não parecia irritada; havia um tom melodioso na sua voz. E eu queria mais daquilo.

— Estou.

— Lucian...

— Gosto mais que me chames Tarte de Mel.

Suspirou e revirou os olhos, mas não conseguiu esconder o sorriso.

— Querida e doce Tarte de Mel, calas-te e ouves-me?

— Já que foste tão querida a pedir... — A verdade é que eu faria qualquer coisa por esta mulher.

Acho que ela o sabia, porque a sua expressão tornou-se vitoriosa.

— Estou convidada para um casamento, em Malibu, este fim de semana...

Inferno. Eu sabia o que vinha a seguir. Comecei a sentir picadas na pele, e o ar à minha volta tornou-se muito espesso.

— Se estás à procura de conselhos de moda, isso é mais a área do Sal e da Amalie.

— Vou ter isso em mente. Posso convidar-te para seres o meu acompanhante?

E ali estava. Parte de mim queria fazer qualquer coisa de maduro, como levantar o punho em festejo, porque ela me tinha convidado para ir com ela. Mas essa foi abafada pela chata da outra parte, que, em hipótese alguma, queria estar num evento que exigisse conversar e interagir com os outros.

— Em...

— Antes de dizeres não, o casamento vai ser muito pequeno e íntimo. É o casamento do meu coprotagonista, o Macon Saint.

— E achas que é boa ideia lebares-me?

Eu tinha a certeza de que ela sabia o que eu queria dizer. Não sou simpático. Sou muito pouco social.

A Emma encolheu os ombros, a alça do seu vestido azul-claro a escorregar um pouco sobre a curva dourada do ombro.

— Posso ir sozinha. Mas não quero. Uma mulher sozinha num casamento é alvo de dez milhões de perguntas, nenhuma delas boa. Prefiro ir protegida por um homem grande e sarcástico.

Ela precisa de ti. Diz que sim, estúpido.

— O Brommy pode ir contigo.

Imbecil.

Arqueou delicadamente uma das sobrancelhas.

— Queres que convide o Brommy?

Deixei cair os ombros, derrotado.

— Não.

— Hum.

— Eu é que digo isso, Bisbilhoteira.

Os olhos dela voltaram a brilhar.

— Mas funciona tão bem que decidi roubar-to.

Meu Deus, ela era fofa. Perfeita. Queria pegar-lhe pela cintura e sentá-la em cima da bancada, para ter a boca dela mais perto da minha. Mas contive-me e continuei a insistir. Como um imbecil.

— Estou espantado por não teres ameaçado convidar o Anton.

A Emma fingiu ficar pensativa.

— É uma possibilidade. Ele é bonito. — Sorriu. — Mas suspeito que ia interpretar isso como eu estando interessada nele.

— E não estás. — Não consegui que aquilo soasse a uma pergunta. Era difícil

imaginar. Se ela estivesse, eu iria... Foda-se, se eu soubesse... Acho que até chorava!

Mas ela franziu o nariz.

— Nem um bocadinho, Tarte de Mel.

Tinha de reconhecer que ela sabia como levar-me a fazer o que queria. Também era muito observadora, e quando deixei cair os ombros de alívio, os olhos dela riram-se.

— Alguma vez vamos falar sobre aquilo?

Não. Que inferno, não.

— Falar sobre o quê?

Mal fiz a pergunta, soube que estava em apuros. A Emma não era do género de deixar passar em branco as minhas tretas.

Os seus lábios exuberantes curvaram-se, divertidos.

— Lambeste-me o mamilo, Lucian.

Quase me engasguei, o meu corpo ficou imediatamente em estado de alerta. Mas isso não a impediu de acrescentar:

— Talvez andes por aí a lamber mamilos às mulheres todas, mas eu só concedo esse privilégio a algumas pessoas.

Raios! Senti-me privilegiado. Agradecido, até. Continuava a ser o ponto alto dos meus sonhos eróticos, desde aquela noite.

A voz saiu-me rouca e tensa.

— Não estou sempre a fazer isso. Já há muito tempo que não o fazia. — Com a cara em chamas, aclarei a garganta. — Foi uma fraqueza momentânea, por causa de... — *Te desejar desesperadamente. Dava tudo para poder lamber outra vez esse doce mamilo.* — Brincadeiras na piscina.

A luz nos olhos dela disse-me que estava a tentar não se rir ou não me estrangular. Talvez ambas as coisas.

— Então, vens?

Sim? Não? Sabia lá?! Aquela mulher tinha-me agarrado completamente. Desejava-a. Mas ela assustava-me como o caraças. Queria dizer-lhe que era um mau partido. Que ambos sabíamos que ela podia arranjar melhor. Mas não conseguia obrigar a minha boca a formar as palavras. E o momento passou-me ao lado.

— Hum — foi tudo o que ela disse.

Fiquei ali, parado. Sentindo-me um tolo. Devia ter voltado costas e ter-me afastado, devia ter-lhe dito que o melhor era ignorarmo-nos um ao outro enquanto ela cá estivesse. Mas não foi nada disso que fiz.

— Essa coisa de ires com alguém ao casamento é importante para ti?

Levantou as sobrancelhas, surpreendida. Mas não hesitou.

— É.

E assim foi. Eu podia tentar manter as mãos quietas. Podia tentar esconder o meu desejo por ela. Mas não podia vê-la dececionada.

— Muito bem, querida. Eu vou contigo ao casamento. — Limpei as mãos a um pano para evitar abraçá-la. — Mas ficas avisada. Não vou ser uma companhia simpática ou tagarela ou o que quer que seja. Se alguém tentar obrigar-me a falar sobre hóquei, vai saltar-me a tampa.

Mal me calei, senti-me um parvalhão. Mas a Emma limitou-se a sorrir, como se já estivesse à espera de me ouvir dizer aquilo.

— Ah, Brick, dizes isso porque ainda não conheces o Macon Saint.

Não faço ideia do que ela quis dizer com aquilo.

⁶ *Screwing*, no original. A autora brinca com várias palavras que têm um segundo sentido sexual e que, além do seu significado literal, também podem significar «queca». (NT)

CAPÍTULO QUINZE

Lucian

— Fala-me um pouco mais sobre este casamento e o que devo esperar.

Por deferência com a excepcional habilidade da Emma para guiar e por causa da minha propensão para ter enxaquecas quando conduzia durante mais de uma hora, ela estava ao volante e eu ia confortavelmente sentado no banco do pendura. Se preferia ser eu a guiar? Na verdade, não. Assim, tinha a desculpa perfeita para olhar para a Emma durante o tempo que quisesse. Era uma vista bem melhor do que a costa do Pacífico, do outro lado da minha janela. De longe.

Ela franzia o nariz quando se concentrava, o que era muito fofo.

— Vejamos... O Saint, que conheces como Arasmus, é uma pessoa muitíssimo reservada. Acho que, se não fosse pela Delilah, ele nem fazia festa de casamento. — Olhou na minha direção, os seus olhos pareciam safira, à luz do sol. — Ela esteve connosco durante as filmagens da temporada passada e ficou amiga da equipa.

— E tua também? — Tentei imaginar como é que me sentiria se visse a minha mulher a filmar cenas de amor com alguém. E tive de fazer um esforço. Não que a Emma fosse minha mulher. E, obviamente, aquilo era tudo a fingir. Mas isso não mudava o facto de o homem que eu estava prestes a conhecer ter tido as mãos nos seios da Emma. E de a ter beijado uma data de vezes.

Talvez tenha deixado transparecer o que estava a pensar, porque ela lançou-me um daqueles olhares «não me enganas, mas divertes-me».

— Por acaso, conhecê-la até foi bom. Ela pôde testemunhar, em primeira mão, que não há a mínima faísca verdadeira entre mim e o Saint.

— Nunca pensei que houvesse.

— Hum, hum. A Delilah também não. Não mesmo. Mas podia ser difícil tentar apagar da cabeça aquelas imagens finais. Especialmente porque pareciam mesmo muito quentes. — Os olhos da Emma iluminaram-se com um humor irónico. — Quando se vê, na realidade, como tudo aquilo é estranho, toda a equipa ali à volta, a olhar para nós, isso ajuda.

— Isso incomoda-te? Fazer essas cenas?

— As de nudez? Sim e não. Senti-me segura e respeitada sempre que as fiz. Têm imenso cuidado, só estão lá as pessoas que têm mesmo de estar. Mas nunca é uma experiência totalmente confortável. E é um fator que contribuiu para tornar as coisas um bocadinho assustadoras com alguns fãs, algo de que não gosto.

Levantei os punhos tão rapidamente que foi um milagre não ter dado um grito.

A ideia de ela ser assediada deu-me vontade de bater em alguém.

— Mas não te... nunca te magoaram ou...

— Não — garantiu, suavemente, como se tivesse de me acalmar, quando devia ser eu a confortá-la. — Nada disso. Nada além de ocasionais olhares lúbricos e da minha tola decisão, logo no início, de ler os comentários nas redes sociais. — Deu uma gargalhada curta. — Lição aprendida. Para sempre.

Odiava que ela tivesse lido coisas desagradáveis. Mas assenti, mostrando toda a minha compreensão e simpatia.

— Nunca leias os comentários, Em.

Ela olhou-me de soslaio.

— Aposto que contigo é bem pior.

— Não sei se é pior. Mas aceitei que a crítica faz parte da vida. — Encolhi os ombros. — Os fãs de hóquei são muito bons. Ouvir os comentadores desportivos que achavam que sabiam o que me passava pela cabeça quando estava a jogar era muito pior, para dizer a verdade.

— Acredito. — A Emma saiu da autoestrada e seguiu por uma estrada mais estreita, que levava ao mar. — De qualquer maneira, em papéis futuros, a menos que haja uma boa razão em matéria de desenvolvimento de personagem, não vou voltar a fazer cenas de nudez.

Sorri discretamente. A Emma parou junto a um portão e deixaram-nos entrar na propriedade. Talvez por causa do casamento, havia um funcionário a estacionar os carros. Mas foi o próprio Macon Saint que nos abriu a porta de casa e sorriu carinhosamente ao ver a Emma.

— Vieste! — Deu-lhe um grande abraço, do género daqueles que eu reservo para a Tina, e depois fê-la entrar e olhou para mim, com evidente decoro.

Era um bocadinho mais alto do que eu e tinha o tipo de constituição do Brommy — volumoso, mas todo músculo. Mas eu chegava para ele. Sou rápido, dou socos como um martelo e... Bem, caramba, ele era amigo da Emma. Não um adversário no gelo. Mas isso não me impediu de lhe devolver o olhar com uma expressão impassível.

Porém, estranhamente, a sua reserva desapareceu e ele sorriu.

— Luc Osmond?

— Exatamente.

— Caraças, meu! — Estendeu-me a mão. — Sou um grande fã.

Eu costumava gostar de coisas destas. Fãs. Gostava de conhecer as pessoas que gostavam de mim e da minha equipa. Agora, sentia-me um impostor. Mas, ainda assim, dei-lhe um aperto de mão.

— Igualmente.

— Meu, aquele jogo contra o Toronto...

— Onde está a tua querida noiva, Saint? — interrompeu brilhantemente a Emma, dando a impressão de alguém que não estava nada interessada em ouvir dois tipos a falar de desporto, mas sem ter noção do que estava a fazer. No entanto, eu sabia que ela estava a proteger-me.

Era uma sensação estranha, ter alguém que me lia tão bem. Não tinha a certeza se

gostava ou se tinha medo de nunca mais conseguir ter alguém assim depois de ela sair da minha vida. De qualquer maneira, o Saint percebeu a mensagem e afastou-se um pouco, para nos deixar entrar no grande vestíbulo da casa.

— Na cozinha, a aterrorizar a equipa de *catering* dela.

— Eu ouvi — ouviu-se dizer, com sotaque do sul. Um segundo depois, uma mulher curvilínea, de cabelo castanho-claro e olhos castanho-escuros, aproximou-se de nós. Atirou ao Saint um olhar reprovador que não escondia o afeto dos seus olhos. — Eu não aterrorizo os meus empregados.

Ele pôs um braço em volta da cintura dela e puxou-a para mais perto.

— Tu lá sabes, Croquete.

Ela franziu os lábios, mas voltou a atenção para a Emma.

— Ah! Estou tão feliz por te ter cá!

Abraçaram-se e, depois, a Emma apresentou-nos.

— Lucian, é a Delilah. Dee, é o Lucian Osmond.

— Luc Osmond — disse o Saint à Delilah, com ênfase. — Central da equipa de hóquei do Washington.

A Delilah olhou para ele de uma maneira que lhe dizia que não fazia ideia da razão pela qual ele tinha dito aquilo tudo e eu dei uma gargalhada. E peguei na mão dela.

— Estou encantado por vos conhecer a ambos. Obrigado por me terem convidado para o vosso casamento.

— Estamos muito contentes por teres vindo. — A Delilah era a perfeita anfitriã à moda do Sul e brindou-me com um longo e educado sorriso. Mas que não lhe chegava aos olhos. Não fazia ideia do que ela via em mim, mas era evidente que tanto ela como o Saint tinham uma atitude muito protetora em relação à Emma. Mas como eu também, gostei da desconfiança deles, embora o alvo fosse eu.

A Delilah voltou-se para o Saint.

— O North anda à tua procura. Eu levo a Emma e o Luc... — Olhou para mim. — Ou é Lucian?

— Pode ser Luc — disse eu, automaticamente, porque foi sempre assim que me trataram, durante a maior parte da minha vida adulta. No entanto, reparei que a Emma ficou rígida ao meu lado, porque ela me tratava por Lucian. Eu não olhei para ela. Ali não, com os seus protetores a pairarem à nossa frente.

— Eu levo o Luc e a Emma ao quarto deles.

Quarto. Ela disse *quarto*. Não tinha pensado naquilo.

Não, não tinha. E, de repente, vi-me a entrar num quarto muito bem decorado, com vista para o Pacífico. A luz entrava pelas janelas e incidia na cama *king size*. Aturdido, ouvi a Delilah e a Emma conversarem, a Delilah a dizer-nos que esperava que nos sentíssemos confortáveis. Na cama? No raio daquela cama?

A porta fechou-se e eu pestanejei. De repente, ficara sozinho com a Emma. No nosso quarto.

Foda-se!

— Não pensei bem nisto.

Pousei a minha mala ao lado da cama e virei-me para um carrancudo Lucian.

— Estás irritado com o quê, agora?

Eu sabia muito bem o que estava a incomodá-lo e até gostava um bocadinho que ele fosse um grande rabugento, por isso, não ia deixar passar mais uma oportunidade de o arreliar.

O olhar dele era gelado, mas a boca contorceu-se num sorriso.

— Não pensei que passássemos cá a noite.

— Ah. — *Espera...*

O Lucian passeou o olhar pelo quarto. Era um quarto muito agradável — adorável, mesmo — com vista para o mar, com uma generosa casa de banho privada.

— E nunca imaginei que iríamos partilhar um quarto.

Aqui estava.

— Já sabia que ias ficar irritado.

— Irritado — repetiu, como se a palavra fosse uma cobra.

— Irritado. — Deitei-me naquela cama fofa e atirei para longe as sandálias. — Para dizer a verdade, também não estava nada à espera de que nos pusessem no mesmo quarto. — Ele suspirou, divertido e relutante, depois cruzou os braços e franziu a testa, enquanto eu continuava: — Mas, a menos que queiramos constranger os nossos anfitriões, coisa que não faço, e irmos para um hotel qualquer, que será menos privado, temos de ficar aqui. Por isso, o melhor é sermos adultos e aceitarmos a situação.

— Estás bem com isto? — Olhou para a cama como se esta se pudesse levantar e atingi-lo.

— Vais tentar alguma coisa comigo sem a minha autorização?

— Não! — exclamou, obviamente chocado com a minha sugestão.

Fiz um esforço para não sorrir.

— Achas que vou tentar alguma coisa contigo sem a tua autorização?

Ele semicerrou os olhos.

— Já percebi, Em.

Finalmente, mostrei que estava divertida.

— A cama é enorme e, apesar de seres grande, há imenso espaço para os dois.

O Lucian encolheu os ombros e foi arrumar a mala dele junto à parede mais distante.

— Que crescida que tu és!

— Gosto de pensar que sim.

— Hum.

O olhar de soslaio que me lançou provocou um raio de calor e nervos que atravessou a minha alma mentirosa. Porque eu estava a mentir-lhe. A ideia de dividir uma cama com o Lucian Osmond era assustadora. Durante o sono, corria o risco de me virar e de me agarrar a ele como um macaco. Não podia garantir a mim própria que não lhe tocaria. Com toda a franqueza, nem sequer podia garantir a mim

própria não lhe tocar quando estava acordada.

Na verdade, eu também não tinha pensado muito bem nisto. Mas eu era atriz. Conseguia fingir que estava tudo bem. Mas achei que não tinha conseguido convencer o Lucian. Ele era capaz de ver através de mim. O que era muito inconveniente.

Contra a minha vontade, o meu olhar deslizou sobre o resto da cama durante um brevíssimo momento. Era uma cama enorme, com almofadas e uma bonita colcha. A tentação de agarrar a mão do Lucian e dizer-lhe: «Para o inferno com isto tudo! Come-me, por favor, imploro-te» era tão forte que os meus ossos vibravam e os meus seios ficaram duros, por baixo do *top*.

Será que ele me comeria? Será que ele derrubaria todos os seus muros e bloqueios e daria alívio a esta carência implacável? Ou olharia para mim com um olhar que dizia que me achava ridícula e, depois, fugiria do quarto?

Estava a deitar-me uma olhadela, cauteloso, mas pensativo. Em que é que estava a pensar exatamente não sei. E essa era a parte enlouquecedora.

Havia momentos em que sentia que conhecia aquele homem a um nível profundo que desafiava o pouco tempo em que estávamos na vida um do outro. Alguma coisa no Lucian fazia sentido para mim. Não conseguia explicar mais do que isto. E, no entanto, ele disse à Delilah e ao Saint para o tratarem por Luc. O que me deixou embaraçada. Eu nem sequer sabia como é que gostava de ser tratado. Parecia horrível, estranho. Isso lembrava-me que não conhecia aquele homem com quem ia dividir um quarto.

— Não queres que te trate por Lucian? — perguntei-lhe, insegura e cheia de dúvidas.

Uma pequena ruga formou-se entre as suas sobrancelhas severas.

— Eu disse-te para me tratares assim.

— Também me disseste para te chamar Oz. E à Dee e ao Saint para te chamarem Luc.

— Eu sei. — Com uma mão pousada nos seus quadris estreitos, passou a outra mão pela boca. — Pareço um tronga-monga.

— Tronga-monga — repeti, com um sorriso.

Ele fez um sorriso rápido e brilhante, que me tirou o fôlego.

— Um termo da Mamie.

— Ah.

O seu sorriso desvaneceu-se.

— Toda a gente me trata por Oz ou por Luc. E eu estou habituado. Mas contigo... — Fez uma pausa, os lábios separaram-se e ele voltou a franzir uma careta, relutante e irritado. Encolheu os ombros, mais como se os fizesse girar, para aliviar a tensão. — Tu trataste-me por Lucian desde o princípio. Soa-me bem.

Senti um calor espalhar-se por mim, lento como mel.

Os nossos olhares encontraram-se e mantiveram-se fixos, como se qualquer coisa fervilhasse entre nós. As pálpebras do Lucian baixaram, num olhar preguiçoso. Para mim, na cama. Não deixei de reparar na maneira como as suas narinas se dilataram, numa respiração arrastada, a forma como a sua pele morena escurecia. Senti a

pulsação no pescoço, firme, rápida.

— Lucian... — O nome dele rolou sobre a minha língua como creme.

Mel e natas. Queria deitar essas duas coisas sobre os abdominais bem modelados dele e lambar.

Talvez ele tenha percebido, porque estremeceu. Contraiu o maxilar e aqueles olhos verde-inverno pediram-me que me portasse bem. Mas eu não queria. Queria provocá-lo e tentá-lo, da mesma maneira como ele me tentara a mim.

Uma noite a partilhar uma cama com o Lucian. Não achei que conseguisse sobreviver àquilo.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Lucian

Aquela cama. A porra daquela cama. Seria a minha desgraça, nas próximas vinte e quatro horas. Isso e a imagem da Emma sentada à beira da cama, com um sorriso enfeitiçador, que quase me levou a deitá-la de costas e a comê-la sobre a colcha macia.

Se ela quer fingir que não há absolutamente tentação nenhuma na partilha de uma cama, tudo bem. Mas eu vi o leve rubor nas faces dela, enquanto olhava para mim, a maneira como os seus lábios se abriam como um convite para que eu os provasse. E isso só tornou tudo pior. Muito pior. Se soubesse que ela não tinha interesse em mim, cerrava os dentes e sofria sozinho, durante uma noite, na cama com ela, sem outro pensamento.

Mas saber que também estava a sofrer? Isso era um assunto completamente diferente. Parecia um imperativo físico para aliviar a necessidade dela e, assim, aliviar também a minha. E depois o quê? Quando o calor esfriasse, ainda seríamos as mesmas pessoas, eu com uma vida que não ia a lado nenhum, enquanto a da Emma estava aberta a inúmeras possibilidades.

Antigamente, quando eu era um sacana arrogante, não me importava com o depois. Atirava-me de cabeça se me apetecesse, e estava-me nas tintas para as consequências. Agora, tudo parecia muito frágil, muito real. Havia o risco de me agarrar à Emma como a uma tábu de salvação. E essa perspectiva era humilhante, porque ela ia seguir em frente com a sua vida, e isso, para mim, seria difícil de suportar.

Ainda me restava algum orgulho. Era a isso que tinha de me agarrar. E resistir à tentação.

Claro que sim, menino Ozzy.

Em consideração à Emma, tinha renunciado às minhas habituais calças de ganga e *T-shirts* e vestido uma camisola com colarinho e calças de lã, o género de roupa que vestiria para uma entrevista. Mas agora estava arrependido. O colarinho, embora desabotoado, conseguia fazer-me sentir sufocado. E as calças, apesar de largas, agarravam-se-me às pernas. Merda, tudo agarrado e colado. Precisava de ar. De muito ar.

A Emma continuava sentada na cama, uma perna dobrada sob o corpo, a outra pendurada na borda, a balançar lentamente, como um pêndulo. Sempre que a perna balançava, a coxa tonificada ficava tensa e, a seguir, relaxava. O movimento era

hipnótico. Tinha vontade de lhe tocar com a mão e sentir aquela carne dourada e firme.

— O que queres fazer agora? — perguntou ela. Tão inocentemente.

Aquela perna continuava a balançar.

Diabo de mulher.

— Preciso de ar. — Sem esperar uma resposta, fugi da porra do quarto.

O riso suave da Emma seguiu-me.

— Diverte-te!

Sim. Ela sabia. Isto ia ser um inferno.

Naquele momento, o corredor estava em silêncio, abandonado. Encostei-me à parede e tentei acalmar a respiração. Mas isso não ajudou a matar a rigidez do meu sexo. Fazia uma protuberância nas minhas calças que até a mim próprio me pareceu obscena. Era impossível a Emma não ter visto. Meu Deus, ela era boa a irritar-me. Eu não fazia a mínima ideia do que ela pensava sobre isto. Tinha vontade de voltar atrás e de lhe perguntar.

Raios, queria voltar lá e mostrar-lhe. Pedir-lhe que acabasse com aquela minha urgência. Eu seria bom, devolveria o favor com juro. Céus! Era isso que eu queria. Queria muito.

Não. Não foi isso que viemos fazer este fim de semana. Porta-te bem, Oz.

Mas agora odiava aquela voz que não se calava dentro da minha cabeça, e estava com uma ereção capaz de me fazer ir preso por indecência pública. Passei a palma da mão por ela, a todo o comprimento. Com firmeza. Gemi e senti um aperto no estômago. Repeti o gesto, inclinando o corpo em direção à parede, a minha mão livre encostada à superfície fria.

Porra, queria comer uma mulher. Não, queria-a a ela. E só a ela. Ela mexeria tão docemente na minha pila. Conseguia imaginá-la a cavalgar-me, os doces seios a abanarem na minha direção.

— Foda-se! — murmurei, o sangue a subir, e os meus quadris deram um impulso involuntário. Estava a correr o risco de me vir nas calças.

Essa possibilidade horrorizou-me de tal maneira que acabou por me acalmar a ereção. Expirando com força, endireitei-me. Doía-me o estômago como se tivesse levado um murro. Mas pelo menos agora conseguia andar normalmente. E desci as escadas, seguindo os sons da atividade e o cheiro da comida, até à bem equipada cozinha. Fiquei surpreendido ao encontrar a noiva, de pé, rodeada de meia dúzia de funcionários de *catering*. Tinha o cabelo em desordem, a pele ruborizada. Deu um grande suspiro, de puro desespero, e agarrou no telemóvel como se estivesse a tentar tirar vida lá de dentro. Era tarde de mais para recuar, ela tinha-me visto.

— Precisas de alguma coisa, Luc? — perguntou-me, educada, mas de uma maneira que deixava claro que estava silenciosamente à espera de que eu saísse dali. E eu percebi.

Levantei a mão.

— Ando só a vaguear. Não te preocupes comigo.

Ela sorriu — magra, dorida — e, depois, assentiu e deixou cair os ombros. Parecia destruída. De repente, lembrei-me de que ela era *chef*. E muito boa, ao que

parecia. Será que estava a pensar fazer a comida para o seu próprio casamento? A ideia pareceu-me uma loucura.

Antes de eu poder dizer uma palavra, o Macon Saint entrou, com uma expressão muito preocupada.

— O que é que aconteceu? — perguntou ele à Delilah, puxando-a para mais perto dele, antes de ouvir a resposta.

A Delilah soltou um gemido prolongado e agarrou-o.

— Houve um acidente na 101.

O Saint ficou lívido.

— Alguém se magoou? Quem?

— Não — disse ela. — Ninguém ficou ferido. Mas ficámos sem bolo de casamento.

— Jesus, Croquete. Assustaste-me! Pensei que tinha acontecido uma coisa grave.

A Delilah olhou para o Saint.

— Isto é grave!

O Saint encolheu-se e eu fiz o mesmo, interiormente. O pobre do homem tinha acabado de fazer asneira da grande.

— Pensei, tipo, que alguém tinha morrido... Merda, *OK*. Isto é grave.

A Delilah apertou a ponte do nariz e respirou com força.

— O meu bolo. Espalhado, aos bocadinhos, no asfalto. Como é que vou conseguir ter um bolo pronto, com tudo o que ainda tenho de fazer?

— Eu faço-te o bolo. — Fui mesmo eu que falei?

Voltaram-se ambos para mim. Sim, tinha sido eu. Raios, eu próprio estava surpreendido. Mas ver a Delilah frenética e a precisar de uma ajuda que eu podia dar-lhe desencadeou em mim uma onda de adrenalina que só costumava sentir no gelo. Aqui estava um desafio em que podia mergulhar, uma coisa que podia fazer e que valia a pena, em que podia ser útil.

O Saint adotou imediatamente uma expressão que dizia: «Agora ainda tenho de aturar este maluco.»

— Muito obrigado, mas...

— Ele não está a brincar — disse a voz da Emma, mesmo ao meu lado.

Quase dei um salto. Ela mexia-se como um gato.

Agora que tinha dado por si, todos os meus outros pensamentos se desvaneceram. Não conseguia concentrar-me em mais nada a não ser no braço quente dela a roçar no meu. Era difícil olhar para a Emma sem ter pensamentos impróprios a passarem-me pela cabeça. O que é que ela faria se eu me inclinasse e a lambesse?

— A sério — disse, invadindo-me a divagação. — Os bolos dele são os melhores que alguma vez comi.

Um rubor de orgulho cobriu-me o pescoço e o rosto. A verdade é que a opinião dela se tornara a que eu mais valorizava.

A Delilah levantou as sobrancelhas.

— A sério?

Eu conseguia fazer o bolo. E *queria* fazer o bolo.

— Bem, não sei se é o melhor de todos — respondi. — Mas sei fazer um bolo. E prometo não te arruinar o dia.

— Ele está a ser modesto. — A Emma deu-me uma cotovelada, como se dissesse: «Conta, tonto.» Mas não me deu tempo, porque continuou: — Saint, lembras-te daquela semana em que estivemos a filmar em Lyon? E de termos saído, uma noite?

O Saint sorriu, radiante.

— Oh, merda! É assim tão bom?

— Melhor. Mas posso estar a ser tendenciosa.

Eu não fazia ideia do que é que eles estavam a falar, e era evidente que a Delilah também não. Mas estava sorridente, vagamente esperançosa. O que era bom. Eu não queria ver aquela pobre mulher desfeita, no dia do seu casamento, por causa de um desastre com o bolo. Além disso, ia ser muito bom poder estar escondido na cozinha, em vez de ter de me misturar com os outros convidados e ter de me esforçar para não tirar a Emma da festa e fazer com ela aquilo que não me saía da cabeça.

O Saint olhou para a noiva.

— O que achas, Croquete?

A Delilah olhou-me nos olhos; de repente, era uma *chef* a cem por cento.

— O que é que podes fazer?

— Depende do que quiseses. Que bolo é que tinhas encomendado?

— Um pão de ló de avelã com *mousse* de baunilha e manga. Creme de baunilha com uma cobertura de *fondant* e flores.

As ideias começaram a fluir-me na cabeça, criando, mais uma vez, uma onda inebriante de excitação e desafio. Isto eu sabia. Disto eu gostava.

— São quantos convidados? Quarenta?

— Quarenta e cinco. Mas acho que devemos fazer um bolo para cinquenta.

— Suponho que vais querer um bolo com vários andares, com cobertura de creme de manteiga tradicional. Sobretudo se também quiseses uma decoração elaborada.

— O outro bolo deve estar a sentir-se amaldiçoado neste momento. — A careta da Delilah deu-me vontade de rir. Era como se estivesse pessoalmente ofendida com aquele azar, coisa que eu conseguia entender.

— Ou posso fazer um *croquembouche*. É relativamente rápido e as pessoas costumam gostar. Há infinitas possibilidades de *gâteau*. — Os meus dedos estavam impacientes para começar. — Tens alguns sabores preferidos? Há alergias alimentares?

Enquanto eu falava, a Delilah começou a sorrir.

— Não há alergias alimentares. E estás contratado.

— Faço-te o bolo de graça. — Avancei até ao meio da cozinha e olhei em volta. Era tão boa como a que eu tinha em casa. A Delilah era uma *chef* profissional e não me restavam dúvidas de que ela tinha ali tudo aquilo de que eu precisava. Mas também podia ir às compras num instantinho.

— O que é que vais querer?

A Delilah olhou para o Saint, que encolheu os ombros.

— O que quiseses, Croquete — disse ele.

— Consegues fazer um *croquembouche* com creme de manga?

As mangas deviam ser importantes para eles, porque o Saint sorriu.

— Claro. Que tal dois *croquembouche* e talvez *glace au beurre noisette* para acompanhar?

— Acho que és o meu herói — disse a Delilah, com uma gargalhada de alívio.

— Herói das sobremesas — corrigiu o Saint, mas também sorria, embora de uma maneira reservada, que me lembrava muito eu próprio. — Obrigado, meu. A sério.

— Sem problema.

— O que é aquela última coisa de que falaste? — perguntou-me a Emma, com os olhos cheios de curiosidade. Ela adorava mesmo as minhas sobremesas.

— Gelado de manteiga escurecida. Mas vou servi-lo mais como um *semifreddo*, porque não tenho muito tempo.

— Deus me ajude! — E abanou-se com a mão.

Eu devia evitar tentações com a Emma Maron. Mas não conseguia esconder o meu prazer ao vê-la ofegante. Depois, lembrei-me de uma coisa:

— Não te importas, pois não? Vou deixar-te sozinha durante algum tempo.

Raios. Não tinha pensado nisso. Eu estava ali para ser o par dela, não para fazer bolos.

Mas a Emma bocejou, como se eu estivesse a ser ridículo.

— Estás a brincar? A Delilah tem razão, estás a ser um herói ao fazeres isto.

Senti as orelhas quentes. Encolhi os ombros e voltei-me para a Delilah.

— Tenho de ver o que tens cá em casa, e depois talvez ir às compras.

— Não te quero dar esse trabalho — disse a Delilah. — Faz uma lista daquilo de que precisas e eu mando alguém comprar. Vou pôr algumas das pessoas da minha equipa de cozinha a ajudar-te.

— Muito bem, vamos a isto.

CAPÍTULO DEZASSETE

Emma

— Queridíssima Emma — disse o Dougal, o responsável pelo guarda-roupa da série, num tom de voz arrastado —, devo dizer que adoro o teu novo namorado.

E depois pôs um bocado de creme na boca e gemeu dramaticamente, pousando a mão no peito.

Dei uma gargalhada. Era, ao mesmo tempo, estranho e adorável ouvir alguém referir-se ao Lucian como «meu namorado». Não namorávamos, mas era bom saber que as pessoas com quem eu tinha trabalhado durante tanto tempo o aprovavam. Estava orgulhosa do Lucian. Isso era certo. Ele tinha chegado em grande estilo, criando não apenas duas torres de *croquembouche* envoltas em brilhantes fios de açúcar, tão finos como aletria, mas também deliciosos gelados combinados com delicados biscoitos de manteiga e mangas cortadas de maneira a parecerem lírios.

E tudo isto em tempo recorde. Na verdade, quando se sentou ao meu lado, assim que a cerimónia começou, parecia satisfeito e relaxado.

— É bom, não é? — perguntei ao Dougal, enterrando a colher no gelado.

— Presumo que estejas a falar de mim — disse-me o Lucian ao ouvido, fazendo-me dar um pulo.

— Como é que um homem tão grande como tu anda como um gato? — resmunguei.

Ele riu-se da minha surpresa e sentou-se.

— Que engraçado, acho o mesmo de ti.

— Que sou muito silenciosa, para alguém tão grande?

Ele olhou-me de soslaio, reprovador.

— Que és boa a aparecer de repente.

Tinha sido montada no terraço uma longa mesa que se estendia a todo o comprimento da casa. Sobre a toalha de linho creme havia velas de vários tamanhos. Por cima, tinha sido montada uma teia de fios de luzes, flores brancas frescas e folhagem verde.

Agora que o jantar acabara, as pessoas trocavam de lugares e devoravam as sobremesas feitas pelo Lucian.

— Fizeste um trabalho fantástico — disse-lhe, com toda a sinceridade.

— Hum. — Olhou para a minha pequena taça de gelado. — Ainda não provaste o *croquembouche*.

Franzi o nariz.

— Não digas nada à Delilah, mas detesto manga. Odeio.

O Lucian olhou para mim durante um momento, enquanto o Dougal nos observava com grande interesse. Depois murmurou qualquer coisa, levantou-se e afastou-se.

— Uh-oh — disse o Dougal, com uma gargalhada. — Chateaste o *chef*.

Chatee? O Lucian não me parecia o género de pessoa que tinha um ataque se alguém não gostasse da sua comida. Mas tinha fugido. Olhei para o Dougal, indefesa, perguntando-me se devia... Bem, eu não ia pedir desculpa, não por causa de uma coisa destas. Na verdade, se ele estivesse amuado, o melhor era deixá-lo sozinho com o amuo.

Mas ele voltou antes de eu poder pensar mais no assunto e trazia um prato com uma daquelas lindas bolinhas com creme, coberta de caramelo, que compunham o *croquembouche*. E a minha irritação aumentou um bocadinho quando ele se sentou, agarrando na cadeira daquela maneira que os homens parecem adorar, e olhou para mim.

— Estou a falar a sério, Brick. Não gosto. E não vou comer só para aplacar o teu...

— Eu sabia que não gostavas de manga. — Um leve toque de humor dançou-lhe nos lábios.

— Sabias? — Como? Como é que ele sabia aquilo?

— Ando a cozinhar para ti já há uns tempos, lembras-te? — Com a sua voz quente e amanteigada, soava indecente, ilícito.

— Lembro. — A voz saiu-me sem fôlego.

Ele percebeu, como é evidente, e sorriu com os olhos.

— Sempre que te mandei fatias de manga, nunca as comeste.

De repente, percebi tudo e lembrei-me de que, embora houvesse sempre fruta nos cestos do pequeno-almoço, só incluíram manga duas vezes. De olhos arregalados, voltei-me silenciosamente para ele.

Os dedos longos e inteligentes do Lucian pegaram delicadamente na bola recheada de creme.

— Por isso, fiz alguns com creme de baunilha e gengibre.

Eu já estava de olhos arregalados antes disto? O queixo caiu-me. Atrás de mim, ouvi o Dougal suspirar, impressionado. Mas eu só conseguia olhar para o Lucian, que parecia muito orgulhoso, mas também estranhamente tímido.

— Fizeste isso para mim? — gaguejei.

Mexeu um ombro por baixo do casaco.

— Isso e a combinação de baunilha, gengibre e manga igual à que a Delilah e o Saint queriam no bolo original.

Eu podia apaixonar-me por aquele homem. Apaixonar-me mesmo. Talvez até já estivesse apaixonada por ele, porque o meu coração estava a bater muito depressa. Ele voltou a sorrir-me e os seus olhos muito claros brilharam, com algo suave e intencional.

— Vá lá, Abelhinha — murmurou. — Prova o meu creme.

Dei uma gargalhada, chocada, e o meu rosto ficou muito vermelho, mas, tal

como ele me ordenou, abri a boca.

As narinas do Lucian dilataram-se. A mão tremeu-lhe um pouco enquanto levantava a bolinha com creme e a pousava nos meus lábios. Abri mais a boca, estiquei a língua, para receber aquele primeiro sabor a doce.

Caramelo rico, quase noz, o suave crocante da massa, uma explosão de creme leve, delicado, com um toque de baunilha e de gengibre. Mastiguei devagar, de olhos postos nos dele, o corpo tenso e a boca no céu. Ele continuou ali, deu-me mais um pouco de bolo, um resto de creme ficou no polegar dele.

A minha língua deslizou sobre a pele do seu dedo e o Lucian gemeu. Profundamente.

— Jesus! — A voz do Dougal quebrou o feitiço. — Façam isso no quarto.

Apanhados, virámo-nos para ele. Aquele homem grande e careca, com uns minúsculos óculos redondos, castanhos, e uma barbicha perfeitamente esculpida, estava tão corado que o castanho da sua pele se transformou num jacarandá profundo.

— Há quem tenha vindo sem companhia. Não há necessidade de nos estarem a provocar com esse prelúdio picante de sexo. — O Dougal abanou-se com a mão. — Que os deuses me valham, preciso de uma bebida.

Vimo-lo afastar-se e senti a cara a arder. Eu tinha estado à beira de chupar o dedo do Lucian e implorar por mais. E ele, por seu lado, não se intimidou e lambeu o polegar húmido, lançando-me um olhar perverso.

— Parvo — murmurei, fazendo-o rir; uma deliciosa gargalhada que era pura satisfação masculina.

Flirtar com o Lucian era perigoso. E magnífico. A dada altura, entre fazer as sobremesas e o início do casamento, tinha ido vestir um fato cinzento-fumo, com um corte impecável, uma camisa branca e ainda uma gravata azul-prateada. A combinação de cores tornava-lhe a pele cor de bronze e os olhos da cor do vidro marinho velho.

Fez uma pausa e ergueu as sobrancelhas escuras e espessas, em interrogação.

— Porque é que estás a olhar para mim assim?

Porque te quero.

Arrastei a ponta do dedo por um resto de creme que tinha ficado no prato e lambi-o, apreciando a forma como ele me observava, com intenso interesse.

— Não consigo resistir, Brick. Fica-te lindamente, esse fato.

Se não o conhecesse, pensaria que ficou constrangido com o elogio. A voz saiu-lhe num estrondo áspero.

— Pareces surpreendida.

Não estava minimamente surpreendida. Aquele homem conseguia fazer com que um fato de treino de veludo roxo parecesse uma boa ideia.

— Estou habituada a ver-te sempre de calças de ganga. Nem sequer sabia se tinhas um fato.

Riu-se, como se estivesse calmamente divertido.

— Querida, tenho dezenas de fatos. E todos eles feitos por medida. — Recostou-se na cadeira, mostrando a forma como o seu fato perfeitamente cortado caía

impecável no seu longo corpo magro. — Afinal de contas, sou jogador de hóquei.

— Para dizer a verdade, não vejo a ligação.

— Os jogadores de hóquei usam fatos, ou calças e *blazer*, nos dias de jogo e quando viajam. Como sinal de respeito, de união da equipa. — Acenou com uma mão ociosa. — Para mostrar que somos uns cavalheiros, pelo menos na aparência.

Aquilo era... incrivelmente *sexy*.

— E eu que pensei que eram só batalhas sangrentas no gelo.

Aquele sorriso perigoso e lindo voltou a aparecer.

— Também, também! Embora menos, nos últimos anos. Tornámo-nos mais calmos.

— Disfarçam, na melhor das hipóteses, hein? — Céus, isso também era *sexy*. Embora eu supusesse que não devia ser.

— Contigo, Abelhinha, serei sempre um cavalheiro. — Riu-se baixinho, como se estivesse a dizer-me um segredo. — A não ser que não queiras que o seja.

Eu devia ter revirado os olhos perante aquela tirada pirosa, mas ele estava tão relaxado e divertido que não pude deixar de sorrir.

— Eu faço-te saber — disse-lhe. — Até lá, fica aí sentado e porta-te bem comigo, OK?

Ele exalou profundamente, ainda com um sorriso nos olhos, e abanou ligeiramente a cabeça, como se dissesse: «O que é que faço com esta mulher?» E eu não podia concordar mais. Também não sabia o que fazer com ele. Saltar-lhe para o colo e pedir-lhe que me desse mais bolinhas com creme parecia-me a melhor opção.

— Estás linda, sabias? — disse, tirando-me do meu devaneio luxurioso. O seu olhar pairou sobre mim, observando todos os pormenores do meu vestido de seda sem alças. Mas não foi isso que lhe prendeu a atenção. Voltou rapidamente a focar-se no meu rosto, como se fosse isso que mais o cativasse. — Mas calculo que estejas sempre a ouvir isso.

Era verdade. E, sendo mulher, haviam-me ensinado desde cedo a não me sentir confortável com elogios. O que, no fundo, era uma contradição, porque também nos ensinavam que devíamos ansiar por elogios e aceitação. Mas nada disso me impediu de sentir uma quente onda de prazer por o Lucian me achar linda. Baixou a voz, que se tornou mais vigorosa.

— Quando te vi pela primeira vez fiquei chateado por seres tão bonita.

— O quê? — A palavra saiu-me com uma fífia distorcida.

O Lucian sorriu, irónico.

— Eras convidada da Amalie. Não podia olhar para ti assim.

Eu queria discordar. Mas ele não me deu hipótese.

— A verdade é que, quanto mais te conheço, mais bonita te acho.

Oh. Raios!

A respiração saiu-me num suspiro, de rajada, e senti uma dor no coração.

— Gosto de ti, Em — disse, como se a confissão lhe tivesse sido arrancada contra a sua vontade. Mas não pestanejou, não vacilou, enquanto os meus lábios se abriam de surpresa. Engoli em seco.

— Também gosto de ti.

Ao ouvir isto, o Lucian voltou a cabeça, mostrando-me o seu perfil orgulhoso. Era evidente que ficava tão desconfortável com os elogios como eu. Que pena. Ele precisava de os ouvir. Precisava de saber que tinha valor. Mas, nesse momento, a nossa delicada privacidade foi interrompida pela chegada da Delilah.

— Luc! — quase gritou ela, com um sorriso radiante. — Tenho de te dar um grande abraço.

Estava linda no seu vestido de noiva de renda e seda, com flores de laranjeira no cabelo. A única concessão à cor era o vermelho do seu batom e dos sapatos de salto alto, cuja visão tinha provocado um grande sorriso ao Saint e me fez o coração bater com mais força.

Agora tinha vindo ter connosco, e o Lucian, que se levantou imediatamente, aceitou de bom grado o abraço dela.

O Saint apareceu logo a seguir. Embora não estivesse a sorrir como a Delilah, parecia satisfeito e mais feliz do que alguma vez o tinha visto. O casamento assentava-lhe bem. Assim que a Delilah acabou de abraçar o Lucian, o Saint estendeu a mão e apertou a dele.

— Bom trabalho, meu. A sério.

— Foi um prazer poder ajudar — disse o Lucian, parecendo quase tão desconfortável com o elogio deles como tinha ficado com o meu.

A Delilah puxou uma cadeira para se sentar, mas o Saint antecipou-se e, puxando-a para si, sentou-a no seu colo. Ela envolveu-o com um braço e inclinou-se para ele com um suspiro.

— Estou arrasada.

O Saint riu-se.

— Ainda nem dançámos a música que querias.

— Oh, mas vamos dançar, meu menino. Nem penses que escapas. — Olhou para o prato de bolinhas com creme que o Lucian tinha pousado em cima da mesa. — Só preciso de descansar um bocadinho.

O Lucian reparou e pegou no prato.

— Queres um?

— Quero! — Pegou numa bolinha, deu uma enorme dentada e gemeu, antes de pôr o resto do bolo na boca do Saint. — Tão bom! — A Delilah olhou para o Lucian. — Nunca fizeste isto profissionalmente?

— Não! Só faço bolos em casa. Ou para os meus colegas de equipa.

— O bisavô do Lucian era o Jean Philippe Osmond — disse eu, imaginando que a Delilah, sendo ela própria *chef*, saberia a quem me referia. — Foi com ele que o Lucian aprendeu tudo.

O Lucian lançou-me um olhar de reprovação, mas não parecia aborrecido, apenas surpreendido por eu lhe ter puxado pelos galões. Arqueei as sobrancelhas, como se lhe dissesse: «O que é? Estás a ser muito modesto.»

A Delilah arregalou os olhos.

— Não! Caraças!

— Acho que me estás a escapar qualquer coisa — disse o Saint.

A Delilah voltou-se e, com todo o cuidado, limpou uma migalha minúscula que

tinha ficado no canto da boca dele.

— O Jean Philipe Osmond foi um dos maiores *chefs* de pastelaria do mundo. Tenho dois livros dele. Estudámo-lo durante um semestre na escola de cozinha.

O Saint levantou uma sobrancelha. Eu também.

Virei-me para o Lucian.

— Não me tinhas contado isto!

Ele encolheu os ombros.

— Disse-te que ele tinha sido um nome importante na pastelaria mundial.

— És o mestre do eufemismo, sabias?

Ele sorriu, acelerando-me o pulso.

— Bem, isso explica tudo isto. — A Delilah olhou para o Lucian e, depois, tirou mais uma bolinha com creme. — Não sei o que é que a Emma te contou sobre mim, mas vou abrir um restaurante dentro de pouco tempo. Aqui perto.

— A Emma contou-me. E também me disse que és uma *chef* extraordinária.

A Delilah olhou para mim, feliz, mas a atenção dela estava focada no Lucian.

— Tenho andado à procura de um bom *chef* de pastelaria.

Era evidente o que ela estava a querer dizer, e o Lucian sentou-se muito direito, como se tentasse distanciar-se fisicamente da ideia.

— Não sou um *chef* profissional.

— Mas és tão bom como se fosses — insistiu ela. — Isto é um dos melhores trabalhos de pastelaria que já provei, e fizeste-o com toda a facilidade.

— Sim, mas...

— O que estou a dizer é que as sobremesas são muito importantes — interrompeu ela. — Preciso de alguém que perceba de sabores e que não tenha medo de ser criativo. Muitos dos *chefs* de pastelaria profissionais com quem falei são demasiado rígidos, ou então só estão preocupados em não falhar. — Semicerrou os olhos dourados. — Não sei porquê, mas acho que não te deixas intimidar pelas críticas.

O Lucian encolheu os ombros.

— Ou as pessoas gostam da minha comida ou não gostam. O problema não é meu.

— Exatamente! — gritou ela, dando uma pequena gargalhada. — És irreverente. É disso que eu preciso.

Ele fez um som divertido, mas, por baixo da mesa, vi a maneira como apertava os dedos, como se quisesse aceitar o desafio. Mas não aceitou.

— Nunca pensei fazer algo assim.

— Querida... — murmurou o Saint, percebendo a relutância do Lucian.

Mas a Delilah ignorou-o, com os olhos arregalados e suplicantes.

— Eu percebo, isto não é coisa que se decida assim de repente. E seria uma grande mudança de vida para ti. Mas posso pedir-te que olhes para os meus planos de menu e que vejas se te despertam algum interesse criativo?

O Lucian pestanejou, evidentemente surpreso com o fervor dela. Ao contrário de mim, que não fiquei nada surpreendida. Conhecia suficientemente bem a Delilah para saber que ela era uma apaixonada por cozinha e pela comida. Por isso,

fazia sentido que ela estivesse tão animada ao conhecer alguém com o mesmo tipo de talento e paixão pela culinária. O que era engraçado é que o Lucian parecia não perceber o quanto revelava de si próprio através do seu trabalho. A Delilah tinha razão, ele era um irreverente. Mas também era um artista que evocava emoções através da sua comida. Os seus pratos eram sensuais de uma forma que eu achava que ele não percebia.

A Delilah não parava de o olhar fixamente, implorante, e ele acabou por ceder, embora parecendo querer continuar a resistir, mas sem energia para a contrariar.

— Está bem. Dou-te o meu *e-mail* e podes mandar-mos.

— Boa! — Ela levantou o punho e o Saint riu-se e puxou-lhe as costas contra o seu peito largo. Pareciam tão confortáveis juntos, tão apaixonados, que senti uma pequena pontada de inveja apertar-me o coração. A Delilah sorriu ao marido e depois sorriu para mim, feliz e descontraída. — Ele é muito melhor do que o Greg, Em. Muitíssimo melhor.

Um frémito coletivo percorreu a mesa. A Delilah percebeu que não devia ter dito aquilo e ficou claramente aflita. Sabia que não valia a pena pedir-me desculpa, mesmo que fosse só com o olhar, mas eu tinha a certeza de que ela estava arrependida. O Saint, sendo um homem muito sensível, pegou na noiva e, numa impressionante demonstração de força, ergueu-se e levantou-a com ele.

— Se nos dão licença... — disse, abraçando-a. — Tenho de reclamar umas quantas danças.

Deixaram-nos sozinhos, com o espectro do Greg a pairar sobre nós como uma coisa fedorenta. Resolvi dizer, preventivamente:

— Não quero falar sobre isso.

O Lucian olhou para mim com uma quietude predatória e eu preparei-me, imaginando como é que ele iria sacar-me informações.

— Tudo bem.

A sua aceitação simples fez-me sentir pequena em vez de aliviada. Mas não disse nada e pus-me a mexer na borda da toalha de mesa. A todo o momento havia pessoas a serem traídas. Não eram elas que deviam ter vergonha, era o traidor. Ainda assim, a lembrança do Greg entre as pernas de uma estranha percorreu-me a pele e instalou-se no meu peito. Eu sou assim tão fácil de deixar?

— Não sei porquê, mas duvido — disse o Lucian.

E percebi que, infelizmente, tinha feito a pergunta em voz alta.

Baixei a cabeça e apanhei uma migalha perdida que me tinha caído na saia.

— Podemos fingir que eu não disse nada?

— Podemos.

— Ainda estou um bocadinho... magoada.

Instintivamente, sabia que ele percebia isso; o Lucian também estava magoado com muitas coisas. O silêncio instalou-se entre nós, tomado pelo riso da festa à nossa volta. Porém, ali à mesa, estávamos na nossa própria bolha.

— Eu penso muito em ti.

Ouvi-lo dizer aquilo, em voz rouca e baixa, fez-me levantar a cabeça.

— Em mim? — Mas eu sabia. A força do seu olhar contava-me a história, a

maneira como ele parecia esforçar-se para se aproximar de mim, continuando porém absolutamente imóvel.

Uma determinação sombria cobria-lhe a boca exuberante, como se estivesse arrependido de ter falado. Mas, de repente, continuou, as palavras a caírem-me na pele como uma onda quente:

— Penso em tocar-te novamente, em saborear-te. Vou dormir com o teu nome na língua e o teu cheiro na pele.

Deixei de conseguir respirar. Não conseguia mexer-me, enredada na pulsação urgente das suas palavras.

— Acordo com tesão, a lembrar-me de como o teu doce mamilo se empinou para mim. A pensar que quero chupá-lo outra vez, que te quero comer.

Olhámos um para o outro, o calor e a tensão a enrolarem-se entre nós como um ser vivo, tornando-me os mamilos duros, roubando-me a respiração. O peito dele subia e descia, agitado, as faces estavam afogueadas.

Eu queria. Queria tanto.

Ele engoliu em seco.

— Estou obcecado por ti, Emma. Por tudo em ti.

Os meus dedos fecharam-se num punho enquanto o sangue corria pelas minhas veias.

— Também penso muito em ti. Vi-te nu, mas nunca te toquei. E quero.

O Lucian gemeu, carente.

As palavras saíram-me sem fôlego:

— Penso nisso à noite, quando estou sozinha.

Fechou os olhos, como se absorvesse um golpe. Quando voltou a abri-los, estavam extraordinariamente brilhantes.

— Nem sabes o que isso me faz sentir, querida.

— Diz-me.

Uma madeixa de cabelo escuro caiu-lhe para a testa quando ele virou um pouco a cabeça, mostrando-me o seu belo perfil.

— Sinto que te pertenço. E gosto disso.

Exalei, sentindo um terramoto dentro de mim.

Mas a sua expressão endureceu, a curva forte do seu maxilar ficou tenso.

— E não devia, Em. Não devia.

Recuei, a pestanejar; não esperava aquilo. O orgulho gritava-me que ficasse calada, mas não consegui evitar a pergunta:

— Porquê?

— Porque mereces alguém melhor do que eu. — Fez uma careta, mas não se coibiu de continuar com o olhar fixo no meu. — Tu mereces tudo.

— Lucian...

Mas, antes de eu poder dizer outra palavra, apareceram cinco dos meus antigos colegas de trabalho, bêbados e alegres.

— Emma, querida! Estás aqui — gritou o Danny, alheio à tensão que existia entre mim e o Lucian.

O Lucian manteve os olhos nos meus durante mais um breve momento, o

remorso e a aceitação irônica a escurecerem-lhos. Depois, levantou-se, parando apenas para me tocar no ombro, com a ponta dos dedos. E as suas palavras, suavemente murmuradas, deslizaram até mim:

— Desculpa, Em.

Aquilo atingiu-me no peito e fez um buraco, enquanto ele se afastava, deixando-me a lidar com algo muito pior do que falar sobre a traição do sacana do meu ex-namorado. E tive de fazer uma longa e lenta caminhada pelas memórias quando os meus amigos e colegas de elenco decidiram que aquilo de que estava mesmo a precisar era de que alguém me lembrasse de tudo o que eu tinha perdido.

Maravilhoso. Simplesmente maravilhoso.

CAPÍTULO DEZOITO

Emma

— Escolheste bem, Emma. — Com um suspiro, a Delilah inclinou-se para trás na cadeira branca de vime, com um copo de champanhe na mão. As luzinhas penduradas por cima de nós criavam um brilho suave, mas que não era nada comparado com o brilho luminoso do sorriso dela.

— Eu diria que tu é que escolheste bem. — Levantei o meu copo, num brinde.

Ela inclinou o copo na direção do meu e voltou ao assunto:

— Não queres falar sobre o teu novo namorado? Eu quereria. É lindo, talentoso e está, nitidamente, doido por ti.

A minha mente tropeçou nesse último pedaço da frase. A Delilah não sabia que ele não era verdadeiramente meu namorado; o Lucian e eu decidimos que seria mais fácil guardar isso só para nós.

E magoava. Porque eu sabia que também estava «doida» pelo Lucian. Comecei a apaixonar-me assim que o vi. Foi estúpido, estúpido, estúpido. Ele acha que não me merece e afastou-se, apesar do desejo avassalador que ferve entre nós sempre que entramos na órbita um do outro. A sensação da boca dele no meu mamilo manteve-se durante vários dias, assombrando-me com urgência e luxúria. Mas se a carne estava disposta, a mente não. O Lucian não ia ceder. Ele tinha deixado isso perfeitamente claro.

Onde é que isso me leva? A atirar-me para cima dele e a fazer figura de tola? Eu tenho orgulho. Dignidade.

Bebi um grande gole de champanhe, que me escorregou pela garganta e me deixou quente e sonolenta.

— O Lucian e eu não somos namorados a sério. Mal nos conhecemos.

A Delilah aceitou essa mentira parcial com serenidade.

— Mas trouxeste-o. Isso quer dizer qualquer coisa.

— Isto é estúpido, Dee. — Com um suspiro, virei o pescoço e pestanejei na direção das luzes. — Ele está relutante em termos um relacionamento.

— Mas veio contigo.

— Veio fazer-me um favor. — Fiz uma careta. — E, quando o fim de semana acabar, seguiremos caminhos separados, por assim dizer.

Embora isso fosse difícil enquanto eu estivesse em casa da Amalie. Precisava mesmo de deixar Rosemont e todas as suas tentações. A coisa mais inteligente e saudável a fazer era voltar à vida real o mais rapidamente possível.

— Sei que estou a meter o nariz onde não sou chamada — disse a Delilah, lentamente. — E não vou ficar ofendida se me mandares calar, mas o Greg não te iluminava como o Luc faz, só com um olhar. E podes não ter reparado, mas aquele homem ganha vida quando estás por perto.

— É pena, mas há um pormenor... — Levantei o polegar e o indicador a uns centímetros. — Ele está emocionalmente fechado e instável.

A Delilah suspirou, abanando a cabeça.

— Para algumas pessoas, é difícil conseguir confiar nos outros. Mesmo quando, secretamente, querem.

— Estás a falar do Saint? — provoquei-a.

Ela sorriu.

— Não. Estou a falar de mim. Resisti com unhas e dentes a ceder ao Macon. Porque tinha medo de me abrir a outra pessoa, ainda mais a alguém que, se quisesse, podia magoar-me.

— No meu caso, provavelmente é melhor assim. — Senti uma dor tão grande no peito que estive tentada a esfregá-lo, mas resisti e deixei a mão cair-me no colo. — Eu tomo sempre péssimas decisões quando se trata de amor. Antes do Greg, houve o Adam, um completo filho da mãe, que não me traía mas estava constantemente a menosprezar-me. Depois houve o Eric, um sacana pomposo que, provavelmente, me enganava, embora eu nunca o tenha apanhado. — Franzi o nariz. — Felizmente, nenhum deles me passou nenhuma doença sexualmente transmissível, mas tenho a certeza de que estou melhor sozinha.

Ela riu-se e bebeu um pouco mais de champanhe, depois pousou o copo na mesa, com assertividade.

— Ter esperança não é tomar uma má decisão. Se perdemos a esperança, o que é que nos resta?

— Os nossos vibradores.

Desatámos as duas a rir. E, de repente, ela agarrou-me a mão.

— Vou ter saudades de te ver nas filmagens. — A Delilah sorriu, sem saber o quanto me era penoso falar sobre aquele assunto, possivelmente porque já tinha bebido um bocadinho de mais. — São uns idiotas, nunca te deviam ter dispensado.

O meu sorriso desapareceu.

— Obrigada. Também vou ter saudades tuas.

— Não contes a ninguém, mas o Macon também vai sair da série.

— O quê? — Inclinei-me para frente, para ficarmos suficientemente perto para podermos falar em sussurros. — Porquê?

Ela encolheu os ombros.

— Não quer ficar agarrado àquela personagem para sempre. Quer fazer outras coisas.

— Percebo-o, acredita.

— É por isso que este corte te pode doer, mas acabará por passar e tu vais ser mais forte.

— Pois é — disse eu, não o sentindo, mas querendo muito. — Tens razão.

Uma voz profunda rompeu a nossa bolha de conversa privada.

— O que é que vocês estão para aí a sussurrar? — O Saint aproximou-se e sorriu com profunda afeição à Delilah.

Ela devolveu-lhe o sorriso.

— Se quiséssemos que tu soubesses, não estaríamos a sussurrar.

Ele baixou-se e beijou-a. Quando o beijo acabou, ela estava corada e sorridente.

— Adoro essa boca atrevida, Croquete.

O olhar da Delilah ficou nebulado.

— Leva-me para a cama, garanhão.

— Ou perco-te para sempre?

Revirei os olhos, mas não consegui evitar sorrir.

— Se vão continuar a citar *Top Gun*, o melhor é fazerem-no na privacidade do vosso quarto.

O Saint olhou para mim e piscou-me o olho.

— Boa sugestão! Dás-me licença que te roube a minha noiva, Em?

— Por favor. Rouba, pilha, cita-lhe filmes antigos pirosos, para felicidade dos vossos corações.

Ele riu-se e, com uma graça impressionante, abraçou a Delilah.

Ela gritou, mas agarrou-se ao pescoço dele.

— Monstro.

— Sou eu. — Assentiu na minha direção. — Boa noite, Emma. Obrigado por teres vindo.

— Obrigada por me terem convidado. Estou muito feliz por vocês. E agora saiam-me da frente, antes que vomite com tanto amor.

A rir, o Saint começou a afastar-se e a Dee disse-me adeus, por cima do ombro dele. Retribuí o aceno com um grande sorriso, mas, por dentro, sentia um grande aperto no peito. Tinha inveja dela. Deles. Com uma pequenez que me chocou. Eu queria amor. Queria carinho e conforto. Queria saber qual era o meu lugar no mundo e saber que, para alguém, eu estava em primeiro lugar.

Precisava de pôr a minha vida em ordem. E isso não ia acontecer com devaneios sobre um qualquer homem. Mas, sentada à mesa sozinha, com o Lucian algures longe da minha vista e os meus ex-colegas de elenco a rir e a conversar em pequenos grupos, fui invadida por uma sensação avassaladora de depressão. Apesar destes contratempos, tinha uma vida que os outros invejavam. Tinha saúde e amigos. No entanto, sentia-me profundamente sozinha. E não sabia como resolver isso.

*

Lucian

Encontrei-a junto às falésias com vista para o mar. Rosemont ficava no cimo das colinas e o Pacífico era apenas um vislumbre distante de azul. Ali, embatia violentamente contra a costa, criando névoa e cheiro a salmoura.

Da última vez que tinha visto a Emma, ela estava rodeada por colegas de trabalho que recordavam os melhores momentos vividos durante as gravações. Então, o

North, que era coordenador de duplos, e uns tipos de cujos nomes me esqueci puxaram-me à parte, para falarem de hóquei. Tinha sido surpreendentemente doloroso falar sobre o desporto que eu tanto amava e que tinha perdido. Talvez porque tivéssemos discutido tudo, menos o meu desempenho. Mas a Emma parecia feliz, vi-a rir-se daquele seu jeito brilhante.

Mas agora não parecia feliz.

Iluminada apenas pelas luzes da casa e por suaves lâmpadas brilhantes que cintilavam no crepúsculo, parecia efémera e pequena. Aproximei-me, sem querer assustá-la. Algo nela, na maneira como estava, como se estivesse a fazer um esforço para se manter de pé, provocou-me um aperto no peito. Eu não dava um murro a alguém há anos, mas por ela lutaria contra o mundo.

Porém, ocorreu-me que podia estar assim por causa da minha confissão desajeitada e da minha rejeição de que pudesse haver alguma coisa entre nós. Se pudesse dava um xuto no meu próprio rabo.

— Estás bem? — perguntei, parando ao lado dela. Junto à casa, as pessoas tinham começado a juntar-se aos seus pares, os casais riam. Mas ali estava escuro e solitário.

Assentiu, apática, mas depois envolveu o peito com os braços.

— Sim... Não. Nem por isso.

— Em. — Tirei o casaco e pu-lo sobre os ombros dela. — Foi por causa do que eu disse...?

— Não. — A resposta dela soou estridente na noite. Suspirou, como se tentasse recompor-se, e falou mais suavemente. — Não, não é isso. Já me resignei à ideia de que, provavelmente, somos um grande erro.

Aquilo não devia ter-me afetado, eu próprio já o tinha dito várias vezes. Mas senti um aperto no peito, como se tivesse levado uma pancada. Porque senti que estava errado, que era uma traição a tudo o que era bom e real na minha vida. Mas a Emma estava magoada e, por isso, concentrei-me nela.

— Então, o que aconteceu?

Com outro suspiro, inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu.

— Não pensei que ia ser tão difícil estar com eles.

Eles. Os antigos colegas de elenco.

A Emma riu-se sem vontade, um som fraco e que foi logo levado pelo vento.

— É uma estupidez. A vida continua, eu sei.

— Não, não é estupidez. — Toquei-lhe no braço e ela virou-se para me encarar, com os olhos escuros. — Dói muito quando aquilo que tanto valorizámos na nossa vida continua sem nós.

Ela assentiu, mordendo o lábio inferior.

— Sinto-me uma imbecil, para aqui a chorar por causa da perda de um papel quando tu estás muito pior. Pareço petulante.

Abafei uma gargalhada.

— Achas que é nisso que estou a pensar? Não, Emma. Nem por um segundo.

A Emma abanou a cabeça, mas pensei que não me tivesse ouvido. Os pensamentos sombrios ocupavam demasiado da sua atenção.

— A série é conhecida por seguir direções inesperadas e por matar personagens sem remorsos. Mas não posso deixar de pensar: porquê eu? Foi mesmo para o bem da história, ou fiz alguma coisa mal? O público estava farto de mim?

— As pessoas veem a série por tua causa — disse eu, com uma veemência que esperava que ela ouvisse. — Jesus, Em. Tu és uma grande estrela. Brilhas. Nada vai mudar isso.

Os seus olhos encontraram os meus, ainda um pouco nebulosos, mas ela estava a ouvir. Um pequeno sorriso brincou-lhe nos lábios.

— É orgulho. Ego, mais precisamente. Foi um rude golpe no meu ego, e não estava preparada para isso.

— Nunca estamos, Abelhinha.

O sorriso dela ficou mais quente.

— Não, pois não. Mas afeta-me e não consigo tirar isto da cabeça.

Raios. E agora? Em parte, a culpa era minha. Tinha confessado o meu desejo por ela porque vira a maneira como a referência ao tal Greg, fosse lá ele quem fosse, a tinha magoado. Ela vacilara, a luz desaparecera dos seus belos olhos. Não consegui perceber isso e deixei-a continuar a pensar que não era... tudo. Depois, fiz merda.

Aquela mulher virou-me do avesso, mas era preciosa e precisava de saber isso.

A música pairava sobre o relvado. Bonita e lenta, uma canção sobre amor e saudade. Junto à casa, os casais dançavam sob as fiadas de luzes. Levantei a mão.

— Dança comigo, Em.

Ela vasculhou-me o rosto, como se não tivesse a certeza de que me tinha ouvido bem. Eu alguma vez quis dançar em público? Não. Mas por ela? Com ela? Mantive-me firme.

E quando pousou a mão na minha, algo no fundo do meu peito clicou. Como uma chave na fechadura, ela encaixou-se em mim. Puxei-a para o abrigo dos meus braços, feliz por estarmos a dançar ali, na semiescuridão. Ela não parecia importar-se, encostou-se a mim com um suspiro, a cabeça apoiada no meu peito, como se não conseguisse segurá-la.

Tudo bem, eu segurava-nos aos dois. A minha mão livre deslizou pelo pescoço dela e pelo calor do seu cabelo. E ela suspirou, a ação a mover-se através do seu corpo para o meu. Fechei os olhos e baixei a cabeça, a minha cara contra o topo da cabeça dela.

— Vai ficar tudo bem.

O seu sussurro magoado partiu-me o coração.

— Como é que sabes?

— Porque acredito em ti.

O seu corpo tremeu antes de ela suspirar.

— Também acredito em ti, Lucian.

Céus! Porque é que aquilo me doeu tanto? Eu queria fazer tudo certo com aquela mulher, queria mostrar-lhe o melhor de mim, não apenas as partes quebradas. Não respondi, agarrei-a simplesmente.

Mal nos mexíamos, apenas o mínimo possível para fingir que dançávamos. A Emma largou-me a mão e aconchegou-se contra o meu corpo, com os braços em

volta da minha cintura. Senti um nó na garganta enquanto lhe seguia o exemplo, envolvendo-lhe a cintura fina com o meu braço, segurando-a. Segurando-a, apenas.

Não era dança. Era um abraço. Porque ela precisava. E embora a minha cabeça captasse os pormenores — a pressão dos seus seios contra o meu peito, a maneira como as suas coxas tocavam nas minhas, o calor do seu corpo —, aquilo não parecia puramente sexual. Parecia salvação. Abracei-a, mas ela virou-se de costas. Tinha sido um ano solitário, vazio e frio, mas ali, na escuridão, senti-me completo. Abracei-a porque também eu precisava.

A emoção era quase demasiada. Como quando se mexe numa ferida aberta. Mas ela sentia-se bem e não queria soltar-se. E eu estava cansado de tanto resistir. Estava cansado de tudo, menos dela.

Balançámos ao som da voz rouca de Fiona Apple a cantar «I Know» e, quando acabou, ouviu-se outra música, um pouco mais otimista, mas a Emma não se mexeu.

— Obrigada — disse ela finalmente, voltando a cabeça para me olhar nos olhos.

O rosto dela era luz e sombras, os olhos brilhavam no escuro. Eu queria tocar-lhe na face, ver se era tão suave como parecia, mas não conseguia fazer o gesto. O olhar dela passou pelo meu rosto e senti o momento exato em que começou novamente a pensar. O seu corpo direito, apenas o suficiente para pôr um pouco de espaço entre nós. Eu queria apagar outra vez aquele espaço, mas contive-me e falei numa voz suave:

— Estás bem? — perguntei.

— Que pergunta — disse ela, com uma pequena gargalhada.

Dei por mim a sorrir.

— Eu sei que é difícil avaliar esses sentimentos, Bisbilhoteira.

Ela semicerrou os olhos.

— Isso é nome de cão, não sei se sabes.

Disse aquilo como se estivesse um pouco ofendida, como se eu nunca antes lhe tivesse tratado por aquela alcunha. Mas estava tudo ali, na cara dela, a necessidade de provocar e ser provocada, de aliviar o clima que tinha caído sobre nós. Percebia-o. Na verdade, também eu precisava disso.

— Um cão giro.

— Estás a comparar-me a um cão. — Levantou muito as sobrancelhas. — Um cão!

Meu Deus, ela era querida!

— Tens alguma coisa contra os cães?

— Nada. — Voltou a pousar a cabeça no meu peito. — Só não quero que me chamem cão.

Esforcei-me para não sorrir, voltei a Emma para mim e recomecei a dançar com ela.

— Deixa de andar à pesca de elogios, Em. Não precisas.

— Não?

— Ah, vá lá, já te disse que és a mulher mais bonita que alguma vez conheci. — Olhei para a cara dela, voltada para cima, e perdi o fôlego. — És deslumbrante.

— Ainda estás triste por causa disso, Brick?

O meu queixo tocou o topo da cabeça dela.

— Ainda.

— Durante anos, preocupei-me com a possibilidade de os homens só se interessarem pela minha aparência. E agora chegas tu e dizes-me que sou bonita. — Parecia tão ofendida que tive vontade de rir.

— Deslumbrante — corrigi-a, e sorri quando ela resmungou. Os meus lábios pairavam sobre a sua pele quente, junto às têmporas. — É difícil estar longe de ti.

Um tremor atravessou-lhe o corpo magro, mas falou num tom calmo:

— E achas que era mais fácil se eu não fosse atraente?

Fiz uma pausa, considerando a questão.

— Não, nem assim.

Ela respirou fundo e eu sabia que vinham aí mais perguntas.

Coisas que mudariam este momento de tranquila perfeição.

Pousei a mão na cabeça dela e guiei-a até ao meu peito, um sítio que já parecia pertencer-lhe.

— Deixa de pensar tanto. Descansa aqui um bocadinho e dança apenas, Abelhinha.

— Tens sorte por seres um apoio tão confortável — resmungou, sem fulgor. — Caso contrário, ia protestar por me teres encostado a ti à força.

Mais uma vez, descansei a face sobre a cabeça dela.

— Não te preocupes, podes vingar-te e seres tu a dar-me ordens daqui a pouco.

Estranhamente, eu estava a contar com isso.

7 No original, Lucian chama «Snoopy» («Bisbilhoteira») a Emma, o nome do famoso cão da banda desenhada *Peanuts*. (NT)

CAPÍTULO DEZANOVE

Emma

A fuga não podia continuar indefinidamente. A qualquer momento, ia ser preciso ceder. O Lucian e eu ficámos na festa de casamento até o último dos convidados se ir embora. E, depois, também fomos. Para o nosso quarto.

No início do dia, quando chegámos, tinha sido muito divertido provocá-lo por nos terem posto aos dois no mesmo quarto. Mas agora era tudo diferente. Porque ele dançara comigo à luz das estrelas e dissera que acreditava em mim. Nunca ninguém me tinha dito aquilo. Não assim, vindo diretamente da alma. O Lucian acreditava em mim. E isso mudava tudo. Eu queria-o. A ele. E a mais ninguém.

Tinha a ponta dos dedos frias e a pele tão tensa que os meus movimentos não pareciam naturais, enquanto me vestia para dormir, na ultrassilenciosa casa de banho. Imaginei que iria passar aquela noite sozinha, por isso trouxe uma camisa de dormir de algodão muito fina que me dava só pela parte superior das coxas e uns calções curtos.

Para dizer a verdade, tinha mostrado bem mais na piscina. E o Lucian, tal como milhares de pessoas, já me tinha visto praticamente nua na televisão. Ah, que arrogante que tinha sido ao provocá-lo. Agora já não achava tão divertido.

Estava a fazer tempo na casa de banho, à espera que os meus malditos mamilos deixassem de estar excitados, enquanto punha creme nos pés e nas pernas. Mas o meu coração continuava a bater contra a frágil parede do meu peito.

Às tantas, percebi que se ficasse mais tempo ali, na casa de banho, o Lucian iria começar a perguntar-se que raio é que eu estava a fazer, e por isso deixei aquela relativa segurança e voltei para o nosso quarto. Ele estava de costas, a olhar lá para fora, através das portas de vidro que davam para o mar.

A sua voz suave ressoou ao longo da minha pele ansiosa.

— O vento está a aumentar... — Virou-se e interrompeu o que ia dizer. Os seus olhos verde-cristalino percorreram-me da cabeça aos pés, quentes, lentos e minuciosos. Engoliu em seco, e o movimento subtil da sua garganta, acompanhado por um estalido suave, provocou-me um baque no coração e quase fiquei sem fôlego.

O Lucian fechou os olhos com força durante um momento, como se estivesse a preparar-se. Quando voltou a abri-los, estavam claros e frios. Uma mentira.

— Vou arranjar-me. — Passou por mim como um homem com uma missão.

Boa sorte com isso, Brick.

Não tinha exagerado quando falou do vento. Uma rajada bateu nas janelas e nas

portas com tal força que as fez abanar. Saltei para a cama, procurando a segurança das cobertas. Pelo menos foi o que disse a mim própria. Que estava a esconder-me do vento. Mas quando, uns minutos depois, o Lucian abriu a porta da casa de banho, o som reverberou através de mim como um tiro.

Não consegui deixar de olhar para ele enquanto andava silenciosamente pelo quarto, a apagar as luzes que eu tinha deixado acesas na minha tentativa de chegar à segurança da cama, o que era uma grande ironia, já que a cama era o sítio menos seguro daquele quarto.

Tal como eu, não lhe passara pela cabeça que ia dividir o quarto comigo, e por isso só tinha trazido uma *T-shirt* velha que lhe moldava os músculos do peito. Mas tinha trocado as calças do fato por umas calças de ganga. Não consegui evitar um sorriso enquanto ele, lentamente, se encaminhava para a cama, deixando apenas aceso o candeeiro da minha mesa de cabeceira.

— Estás a pensar dormir assim? — perguntei-lhe.

O Lucian, que estava a abrir a cama para se deitar, ficou petrificado, depois endireitou-se e apertou a parte de trás do pescoço.

— Não trouxe mais nada. Pensei que ia dormir sozinho.

— Eu sei. — A culpa misturava-se com uma estranha ternura protetora por aquele homem. O que era ridículo, suponho, porque ele era mais do que capaz de tomar conta de si próprio. — Eu também.

Ele ficou ali, a olhar para mim, com um olhar indefeso, o maxilar tenso. Suspirei e encostei-me às almofadas rechonchudas.

— Tira isso. Não vou sentir-me confortável a saber que estás a dormir de calças de ganga.

Sorriu e os seus olhos brilharam.

— Isso é uma lógica um bocadinho estranha, Bisbilhoteira.

— Não, não é. — Comecei a contar pelos dedos os meus argumentos. — A ideia de estar dentro de uma cama de calças de ganga parece-me incrivelmente desconfortável; portanto, saber que estás desconfortável deixa-me incrivelmente desconfortável.

— Posso dormir por cima das cobertas.

— Lucian. Estás a encanar a perna à rã.

— A encanar a perna à rã?

— Sim! — Disso sabia eu. Porque também tinha estado a encanar a perna à rã na casa de banho. — Tira isso e mete-te no raio da cama.

Ele não pôde evitar sorrir.

— És uma mandona, apesar de gostares de disfarçar.

— Disfarçar? — Expirei com força e senti-me logo muito melhor. — Nunca disfarcei. E até acho que gostas que eu seja mandona, Brick.

— Pois gosto. — Com os olhos fixos nos meus, ele desabotoou as calças de ganga e deixou-as deslizar para o chão.

Erro. Grande erro ter-lhe pedido para as tirar. Meu Deus! As coxas dele! Pode chamar-se lindas às coxas musculadas de um homem? Fechei com força as minhas, tentando fazer desaparecer o desejo de enfiar entre elas uma daquelas coxas

levemente peludas e poderosas e montá-la.

No entanto, não deu resultado.

O Lucian ficou de *boxers*. Cinzento-pomba. Abraçando suavemente toda aquela dureza...

Não olhes. Não... Mas a *T-shirt* só lhe chegava um bocadinho abaixo da cintura. O resto estava muito à mostra.

Arregalei os olhos e reparei que os dele estavam muito divertidos. Resmunguei e virei-me para apagar a luz do meu lado.

Na escuridão, o Lucian deu uma lenta gargalhada. A cama mexeu-se quando ele entrou, as cobertas farfalhando com os seus movimentos. Enrosquei-me mais na roupa e tentei ficar confortável.

— Isto é divertido. — A voz dele, bem-humorada, soou alto na escuridão do quarto.

Virei-me de frente para ele, deixando os meus olhos adaptarem-se à pouca luz. Tínhamos deixado os cortinados um pouco abertos e o quarto estava mergulhado num azul-escuro e profundo. Os olhos dele brilhavam na penumbra e o seu cabelo era uma mancha escura nas almofadas brancas.

— Este vento é assustador — murmurei. — Podíamos contar histórias de fantasmas um ao outro.

Ele só respondeu:

— Hum.

Como se estivesse a avaliar a ideia.

Meu Deus! Ele estava tão perto. Conseguia sentir o cheiro a sabonete na sua pele e o leve aroma a hortelã da pasta de dentes. Queria aconchegar-me nele, colar a minha boca à sua e prová-la. Agarrei-me à minha almofada como a uma tábua de salvação. Não ia dar o primeiro passo. Uma rapariga tem o seu orgulho.

— Por falar em fantasmas — disse ele, finalmente, em voz baixa. — Quem é o Greg?

Pestanejei e o meu corpo ficou tenso.

— Eu sei que nunca quiseste falar sobre isso até agora. E podes mandar-me calar, se preferires. — A preocupação invadiu-lhe o rosto, enquanto o seu olhar prendia o meu. — Mas a maneira como os teus amigos falam do assunto deixou-me preocupado. O gajo magoou-te?

Talvez fosse porque lhe contei que o meu pai me batia, ou talvez estivesse, simplesmente, na sua natureza proteger as pessoas, mas a preocupação dele com o facto de eu poder ter sido magoada aqueceu-me o coração e fez esvoaçar borboletas dentro do meu estômago.

— Fisicamente, não. — Suspirei. — O Greg é o Greg Summerland, o meu ex.

A cama tremeu.

— O *quarterbacks*?

— Sim. — Detestava a ideia de o Greg ser um herói para muita gente. Esperava, sinceramente, que o Lucian não fosse um dos fãs dele. Mas parecia mais surpreendido do que reverente. Acho que fazia sentido, já que também ele era um atleta profissional. — Quando fui, literalmente, decapitada da série, fui para casa

chorar no ombro dele e encontrei-o a pinar com uma miúda de dezanove anos, no chão da minha sala.

— Ui!

— Não parecia muito confortável, estavam de joelhos.

— Em. — A voz dele tocou-me como uma carícia. Eu não queria simpatia.

Não no que se referia ao estúpido do Greg e à sua pila errante.

— O que é que posso dizer? Foi um golpe. Mas acho que devia ter sentido mais do que raiva. Devia ter ficado de coração partido. Mas a verdade é que esse ficou intacto.

O Lucian permaneceu pensativo por uns segundos, antes de falar.

— Ainda bem.

— Também acho — disse eu, com um certo atrevimento.

Ele começou a sorrir, mas depois a sua expressão turvou-se.

— O Greg é uma estrela do desporto.

— Eu sei.

— Não imaginava que conhecias esse mundo.

— Referes-te à vida louca com fãs furiosos e cheia de viagens e treinos?

— Sim, isso. — Não parecia muito feliz.

— Não é assim tão diferente da minha.

Ele ficou em silêncio durante um segundo.

— Pois... suponho que não.

O Lucian parecia tão descontente que evitei sorrir. Mas o meu bom humor desapareceu, de repente.

— Acho que pensei que, apesar do que eu tinha ouvido dizer, ele não era do género de não poder ver um rabo de saia. E ele próprio me dizia que não era, quando começámos a sair.

— Ele fez com que ficasses com má impressão de nós, não foi?

— Nós? — perguntei.

— Os desportistas profissionais.

As borboletas agitaram-se na minha barriga com uma força inexplicável. Aninhei-me mais, pressionando o corpo contra a cama.

— Estás a tentar dizer-me alguma coisa, Tarte de Mel?

Ele deu uma leve gargalhada, mas não sorriu.

— Nem todos somos assim, Em.

As borboletas passaram para o meu peito.

— Eu sei.

Ele respondeu com um resmungo adorável. Fiquei tentada a perguntar-lhe porque era tão importante para si que eu não ficasse com má impressão sobre todos os desportistas. Mas não tive coragem. Uma rejeição naquele momento ia deixar-me de rastos. Aquele homem tinha-me abraçado, tinha-me apoiado quando eu estava em baixo e com pena de mim própria. Tinha dançado comigo, no escuro, como se significasse alguma coisa. E eu queria que significasse alguma coisa, era essa a minha fraqueza. Ele ficou calado durante um momento, antes de falar com clara relutância:

— Nunca me fizeste perguntas sobre a Cassandra.

— Achei que, se me quisesse falar dela, terias falado.

Sorriu com os olhos.

— Estás a dizer-me que tenho mais é de me meter na minha vida, em vez de fazer perguntas sobre o Greg, o imbecil?

— Imbecil, há?

— Se lixou tudo contigo, é o que é.

Ri-me.

— Sim, é o que é. E não, não estou chateada por teres perguntado.

Assentiu levemente, como se não estivesse a ouvir, e o seu olhar deslizou para longe.

— Quando a Cassandra soube que eu ia reformar-me, foi-se embora. Pôs o anel em cima da mesa do vestíbulo da entrada e saiu.

Oh, Lucian.

Senti uma dor no peito por ele.

— A imbecil!

Uma sombra de sorriso aflorou-lhe a boca e ele fez um ruído de concordância. Menos tenso, virou a cabeça na minha direção.

— Ela queria ser atriz.

Oh, a ironia.

— Dizes isso como se fosse uma palavra de oito letras.

Ele contraiu o canto da boca.

— Acho que não tem oito letras, tem cinco.

— Tens a certeza?

— Sei contar. Tenho a certeza.

— Estou a falar da maneira como disseste a palavra atriz, como se significasse «porcaria». Mas é bom saber que sabes contar até cinco.

— Dás comigo em doido, sabias?

— Vou aceitar isso como um elogio.

— Não sei porquê. — Havia uma leveza surpreendente na voz dele. A ideia de que o mal-humorado Lucian Osmond estava outra vez a flirtar comigo fez-me ferver o sangue.

— Pelo menos tenho algum efeito sobre ti. É muito melhor do que indiferença.

Ele resmungou, baixo e descontente. O silêncio caiu entre nós como uma cortina, cada vez mais espesso, mais potente. Mordi o lábio, à espera, recusando-me a ser a primeira a falar. E, de repente:

— Achas que me és indiferente?

— Acho que já chegámos à conclusão de que não sou.

Ele resmungou novamente.

— Em...

— Lucian.

Conseguia ouvi-lo a vibrar de aborrecimento, indeciso em prosseguir o assunto ou não. Exalou, com a respiração ofegante.

— Completamente louco.

Baixei a cabeça para esconder o sorriso.

— Eu sei.

— E adoras. Admite.

— Não estou disposta a admitir isso e a perder a minha vantagem, não é?

— Raios!

Sorrindo vitoriosa, aconcheguei-me na cama e tentei relaxar, para dormir. O Lucian, ao que me pareceu, tentou o mesmo. Os lençóis farfalharam quando nos acomodámos. Uma vez instalados, ficámos deitados lado a lado, demasiado conscientes um do outro para fazermos o menor dos movimentos. Lá fora, o vento uivava e batia contra o vidro, como se estivesse a protestar por não poder entrar. O Lucian aclarou a garganta e depois calou-se. Os meus lábios contraíram-se quando veio à tona o nervosismo reprimido durante toda a noite. Um som estranho subiu-me pela garganta. Tentei controlá-lo, sem sucesso. O silêncio tornou-o ainda mais audível. Perdi a guerra e ri-me.

— Qual é a graça? — perguntou ele na escuridão. Pelo seu tom, percebi que estava a tentar não sorrir.

Voltei a rir, tentando, em vão, parar.

— Não sei — disse eu, entre gargalhadas abafadas.

— Por amor de Deus! — exclamou ele, soando exasperado, o que só me fez rir ainda mais. Senti-o virar-se para mim. — Vais dizer-me o que é que tem tanta graça? — A voz dele soava de uma maneira estranha, no quarto às escuras.

— Tudo. Esta situação, não teres trazido roupa para dormir... — Voltei a rir à gargalhada.

— És impossível — disse ele, tentando soar severo.

Mordi o lábio para não me rir, mas escapou-me uma réstia de riso. Houve uma pausa silenciosa.

Ele relinchou na escuridão. O som despertou-me o riso e o meu riso despertou o dele, até que, às tantas, estávamos ambos a rir incontrolavelmente, com a cama a tremer por baixo de nós.

— Oh, já chega! Já me dói o estômago — disse eu, ofegante. Era dos nervos. Sabia que fora isso que me tinha provocado o riso, mas não conseguia controlar-me.

— Foste tu que começaste!

Baixei a voz, para o imitar.

— Posso dormir por cima das cobertas.

— Olha quem fala! Devias ter visto a tua cara.

A Lua escolheu aquele momento para espreitar através das nuvens e o seu brilho azul entrou pela janela, iluminando o quarto. O Lucian estava a olhar para mim, os olhos dele nos meus, a língua de fora, numa expressão verdadeiramente tola.

— É isso... — Peguei na minha almofada e bati-lhe com ela.

Ele riu-se, em protesto.

— Pois é, querida.

E retaliou, atirando-me uma almofada macia à cara.

Gritei de indignação, bati-lhe no peito e mergulhei nos lençóis antes de ele poder agarrar-me.

Ele puxou as cobertas para trás e atirou-se para cima de mim, com uma

gargalhada calorosa. Cobri a cabeça com as mãos, para me proteger, mas ele puxou-mas para baixo, segurando-as com a sua grande mão, e bateu-me com a almofada.

Gritei e tentei soltar as mãos da sua. Isso fê-lo rir-se ainda mais. Consegui libertar uma mão e espetei-lhe o polegar nas costelas. O Lucian afastou-se com um salto, mas eu tinha encontrado o seu ponto fraco e fui atrás dele.

— Oh, nem penses! — Rolei para o lado, na direção dele, e, sem piedade, fiz-lhe cócegas na zona das costelas.

Céus, ele era adorável quando se ria assim, despreocupado, como um miúdo. E era sorrateiro. Num piscar de olhos, deitou-me de costas.

Voltei a gritar, tentando desesperadamente fazer-lhe cócegas, mas não consegui, porque tinha as mãos presas debaixo do corpo. Consegui libertar uma mão, mas ele pegou nela e puxou-a para cima da minha cabeça. Isso fez-nos ficar frente a frente.

Permanecemos quietos, peito contra peito. Os olhos do Lucian vasculharam os meus, a respiração dele no meu rosto, suave. Nenhum de nós se mexia. Pestanejei ao perceber a ereção dele contra o meu sexo, apenas com a barreira das nossas cuecas a impedi-lo de deslizar para dentro de mim.

— Devemos ter acordado a casa inteira — disse eu, num sussurro estrangulado.

De olhos semicerrados, estava tão tenso que estremeceu. E, por um breve segundo, pensei que ele não me tinha ouvido. Mas, de repente, engoliu em seco e a voz saiu-lhe rouca e tensa:

— É a minha deixa para fazer uma piada, mas a minha mente está em branco, Em, porque não consigo... não consigo. — Fechou os olhos e depois abriu-os bem. — Não consigo lutar mais contra isto. Quero-te! Quero-te muito, muito!

Comecei a respirar muito depressa. Ele olhou para a minha boca e depois novamente para os meus olhos. Atravessou-o outro tremor.

— Queres?

Má ideia. A pior.

— Sim — disse eu, sem hesitar. — Sim!

8 *Quarterback* é uma posição específica ocupada por alguns jogadores numa equipa de basebol. (NT)

CAPÍTULO VINTE

Lucian

Sim. Era tudo o que eu precisava de ouvir. Senti a palavra ao longo da pele, provei-a na minha língua. Um simples sim que me fez tremer. Iluminada pelo luar, ela olhou para mim, os olhos índigo arregalados e desejosos, os lábios abertos, à espera.

Saiu-me um gemido do fundo da alma, baixei a cabeça e tomei aquela boca que estava ansioso para reclamar. Sim, sim e sim. Os lábios dela moviam-se contra os meus, macios, exuberantes, perfeitos. Meu Deus, ela era perfeita. Beijei-a, esfomeado, desesperado. Ela sabia a salvação, uma água doce e fresca depois de muito tempo a queimar.

As minhas mãos deslizaram-lhe pelo cabelo, enquanto eu movia a minha boca sobre a sua. E ela abriu-se para mim, arqueando as costas para pressionar os seios contra o meu peito enquanto me beijava com um fervor que me envolvia todo o corpo. A luxúria corria por mim a uma velocidade tal que me deixava com a cabeça às voltas.

Lambi-lhe a boca quente, perdendo-me nela. Aqueles lábios de veludo moviam-se com os meus. Encontrámos um ritmo, doce e profundo. Eu investia contra a maravilhosa dádiva da sua boca e ela acolhia-me. Cada beijo enviava uma pulsão de alívio através do meu corpo como se, finalmente, estivesse a receber exatamente aquilo de que precisava. Cada beijo me deixava mais frenético. Libertação e urgência. Libertação e urgência.

As cobertas fizeram barulho quando as tirei do caminho e puxei a Emma mais para mim. Ela encaixou-se no meu corpo como se tivesse sido feita para estar assim. Era a primeira vez que tinha a Emma Maron nos meus braços. E só conseguia pensar: *Onde é que estiveste este tempo todo?*

Já tinha saudades dela mesmo antes de a conhecer.

— Lucian — sussurrou contra os meus lábios, as mãos a agarrarem-me os ombros. — Lucian.

O meu nome repetido como uma oração. Céus, queria realizar-lhe todos os desejos.

— Em. — Deslizei a perna para o meio das quentes coxas dela. Um calor húmido penetrou-me no músculo, ao mesmo tempo que ela a apertava entre as suas e movia os quadris com um pequeno gemido indefeso. — É bom, querida? — Ela encontrava-se quase completamente na escuridão e eu estava cheio de vontade de acender uma luz, para a ver melhor. Mas isso implicava ter de parar, e não queria

largá-la. Decidi confiar no toque e passei os dedos pelo seu braço, até ao pescoço, onde o suor lhe orvalhava a pele. — Gostas de cavalgar a minha perna?

— Sim. Sim. — Aquela palavra, outra vez. A melhor palavra de sempre.

Os lábios dela faziam cócegas nos meus enquanto ela ofegava, o seu doce sexo a mover-se em pequenos círculos. Tomei-lhe a cara entre as mãos e comi-lhe a boca, enquanto ela gemia de prazer. Há tanto tempo que ansiava dar-lhe isto. Há tanto, tanto tempo. As suas mãos pousaram no meu peito e deslizaram para baixo, traçando um caminho ao longo do meu tronco. Não era nada de especial, mas aquela exploração simples, a forma como ela gemia e ofegava na minha boca, provocavam lambidelas de calor sobre a minha pele.

Quando a sua pequena mão me alcançou a pila e a apertou, através da fina barreira dos meus *boxers*, arrancou-me um gemido. Estremeci, como se tivesse cortado o fio que me ligava à escuridão e me reclamasse todo para ela.

— Tira-o — pedi, rouco, dobrando a coxa, já sabendo o que ela sentiria. Precisava da mão dela na minha pele nua. — Por favor.

Habilmente, ela meteu a mão dentro dos meus *boxers* e enrolou os dedos em volta do meu sexo carente, dando-lhe um puxão firme. E, então, fui eu que gemi e fiquei ofegante, ali, a foder dentro da mão dela e a sentir-me no céu. Doce alívio, prazer quente. Vivo. Ela fazia-me sentir vivo.

Com a mão trémula, procurei-lhe a cintura, onde a camisa de dormir se amarrava entre nós. Deslizei a ponta dos dedos por baixo do tecido, à procura da pele sedosa.

— Em. — Beijei-a. — Posso ver-te?

Por favor. Por favor.

Ela chupou-me o lábio inferior, a mão ocupada a acariciar-me, contudo afastou-se um pouco, de maneira a poder prender o meu olhar. Os seus olhos estavam brilhantes, os lábios inchados e molhados.

— Tira-me isto. Tira-me isto.

Como se não conseguisse respirar. Ajudei-a.

Tentei levantar-lhe a camisa de dormir, mas dei uma gargalhada.

— Vais ter de me largar a pila, querida.

Ela beijou-me novamente, um apertar ganancioso de lábios.

— Não quero.

Sorri, o meu peito enchendo-se de luz líquida.

— Acredita... — Beijei-lhe a boca macia. — Também não quero que a largues.

— Afundi a cara no pescoço dela e lambi-lhe a pele lisa. — Mas, depois, voltas a agarrá-la.

— Oh, pois volto. — Sorrii, um brilho perverso nos olhos, aproximou-se, cavalgando-me a coxa, e de repente ela abriu a mão e soltou-me. Senti imediatamente a falta dela, mas não perdi tempo e tirei-lhe a camisa. O luar coloria-lhe os seios em prata pálida, os mamilos eram sombras escuras. Tremiam, quase a tocarem no meu peito, enquanto ela respirava, os braços em volta do meu pescoço, o olhar expectante.

— Meu Deus, és linda! Absolutamente linda, Em. — Mesmo às escuras, era

linda.

A curva do seu peito nu encheu-me a palma da mão e gememos ambos de prazer. Belisquei-lhe o mamilo duro, adorando a maneira como as suas pálpebras tremiam enquanto os seus lábios se abriam. Ela arqueou o corpo, a cabeça inclinada para o lado. Beije-i-a ao longo do pescoço dela, beliscando-lhe aquele mamilo doce, puxando-o.

Oh, como ela gostava daquilo, gemendo e mexendo-se, levantando aqueles doces seios ainda mais, incentivando-me. Passei a língua por aquele botão delicioso. Ela fazia um som tão sujo, quente e guloso que a minha pila pulsava. Segurei-lhe o peito suculento com a palma da mão, e lambi, chupei e beije-i como me apeteceu.

— Lucian...

A Emma precisava de mais, os seus quadris moviam-se na minha coxa com movimentos descontrolados. Desloquei a mão livre para o rabo dela — aquele rabo espetacular — e agarrei-o.

Puxei-a mais para mim, a minha boca à procura da sua.

— Cavalga-me, querida.

Encaixei-a mais na minha coxa, segurando-lhe o rabo, enquanto ela balançava o calor suave do seu sexo para cima e para baixo. A cada impulso para cima, os seios da Emma faziam-me cócegas no peito, os seus lábios sobre os meus. A nossa respiração misturou-se e eu roubei-lhe um beijo, desordenado e frenético. A minha pila latejava em busca de alívio, doía de desejo. Mas ver as suas pálpebras a tremer, a forma como o seu lindo rosto se iluminava de prazer, compensava a minha tortura.

— Vou-me vir se tu... — ofegante, mordiscou-me o lábio inferior — continuares a fazer isso.

— Boa! — disse, rouco, dobrando a perna, tocando-a mais depressa. Oh, ela adorava aquilo. — Vem-te em cima de mim, querida. Deixa-me ver-te mexer.

A cabeça dela caiu sobre meu ombro, os lábios aconchegaram-se no meu pescoço. Ela balançava e enfiava-se na minha coxa, quente e molhada. Mas, mais uma vez, a mão deslizou para baixo e agarrou-me o sexo carente. Soltei um ruído que parecia de dor, mas era de prazer puro e fez-me penetrar ainda mais fundo na mão dela.

— Sem ti, não — disse ela, deslizando a mão ao longo da minha pila. As nossas bocas encontraram-se e o beijo tornou-se selvagem. Beije-i-a até não conseguir respirar, depois beije-i-a novamente. E ela moveu-se sobre mim, a mão acariciando-me e puxando-me.

O calor invadiu-me a pele, lambeu-me o sexo. Senti um aperto no estômago e gemi, enrolando-me nela com um estremecimento de pura luxúria.

— Estou quase.

— Estás?

— Sim.

Agora, movíamo-nos mais depressa, com mais violência. O ar fervia e ela tremeu.

— Agora, Lucian. Agora.

— Foda-se.

— Oh! — O seu gemido profundo, a maneira como se agarrava ao meu corpo

enquanto o orgasmo a fazia tremer, fizeram-me vir também. Libertei-me com um grito, foi tão forte que senti a cabeça leve.

Durante longos momentos, ficámos deitados, os nossos corpos emaranhados um no outro, a tentar recuperar o fôlego. Fechei os olhos e acariciei ociosamente os seus cabelos húmidos, o coração trovejava-me no peito. Ainda nem sequer tínhamos fodido e, mesmo assim, não me lembrava de alguma vez ter tido sexo tão bom com alguém.

A Emma aconchegou-se mais a mim, envolvendo-me a cintura com um braço, enquanto traçava uma linha ao longo das minhas costas.

— Uau.

Sorri levemente.

— Essa é uma das palavras para isto.

— Tens outra? — A voz dela era rouca e baixa. Sexo puro. A minha pila reagiu. Sacana gananciosa.

Baixei a cabeça para lhe espreitar o rosto ruborizado.

— Mais? Outra vez? Por favor?

Ela sorriu ainda mais, a mão nas minhas costas, com mais propósito.

— Também gosto dessas palavras.

Dei-lhe um beijo suave e ri-me. Mas, de repente, parei, porque me lembrei de uma coisa terrível.

— Porra!

Ela beijou-me o canto da boca.

— O que foi?

Suspirei e preendi o olhar dela no meu.

— Diz-me que tens preservativos.

A sua cara de decepção até podia ter sido engraçada se eu não estivesse à beira de chorar. Pelo menos a minha cabeça mais pequena queria chorar. Bem, a minha cabeça maior também.

— Raios! — disse ela.

Vê-la assim, desiludida, fez-me sorrir. Os meus dedos enrolaram-se nos seus cabelos, agarrando-os, enquanto a minha boca se encontrava com a dela.

— Temos de fazer outras coisas.

E era isso que eu ia fazer. Ia fazer outras coisas com ela, durante toda a noite.

*

Emma

— Não aguento mais.

A sua língua lambia-me o mamilo, numa provocação insuportável.

— Claro que aguentas.

Tudo me doía; a minha barriga retorcia-se em doces nós de prazer. Suavemente, beijou-me o mamilo. Tão suavemente. O calor invadiu-me. Mordi o lábio, fazendo um esforço para ficar quieta, adorando o desejo tenso que me invadia o núcleo. Ele

agarrou-me, abocanhando-me o peito com uma mão firme, torturando-me o mamilo e dando-me beijos no peito com o mais suave dos toques, para me fazer perder a cabeça.

E adorei aquilo. Adorei.

Deparámo-nos com o ligeiro obstáculo de nenhum de nós ter preservativos. Embora eu tivesse a certeza de que algures, naquela casa, os haveria, não estava disposta a ir à procura. *OK*, a minha carne estava mais do que disposta, mas eu não conseguia fazê-lo. Nem queria deixar o Lucian ir procurá-los. Íamos parecer uns miúdos universitários a mendigar preservativos aos colegas.

Além disso, nenhum de nós queria separar-se do outro. Resolvemos passar a noite aos beijos e aos apalpões. Sem línguas abaixo da cintura, só mãos.

— Quando finalmente te comer — tinha declarado o Lucian — vou querer afundar-me completamente em ti. Preciso disso, Em.

Muito bem.

Eu era boa com as mãos. Pelo menos achava que era. Agora? Agora, ele estava a dismantelar-me lentamente. Beijando-me durante horas. Beijos lentos e profundos até os meus lábios ficarem inchados e o meu corpo pedir mais. As mãos a explorarem-me, provocando-me os seios, acariciando-me a pele. Habituei-me ao território do seu corpo, reconhecendo os altos e baixos da sua carne firme, dos músculos tensos, da pele quente.

Os nervos atentos, os músculos tensos. Com as cobertas puxadas para trás, deitámo-nos num emaranhado quente de membros e pele suada. Só o tecido fino da nossa roupa interior nos mantinha separados.

Uma medida necessária. A não ser que...

A mão dele deslizou por baixo das minhas cuecas, as pontas dos dedos ao encontro do meu sexo encharcado. Gemi, depois contorci-me, enquanto ele lentamente brincava com o meu clitóris.

— Céus! És adorável! — Os seus solenes olhos verdes a observarem-me, ruborizada e ofegante enquanto ele me acariciava e provocava. — Esses teus gemidos. Vou ouvi-los nos meus sonhos, Em.

Gemi outra vez. A visão da mão dele a desaparecer por baixo das minhas cuecas enquanto me tocava provocou um arrepio ilícito na minha pele e segurei-me ao braço dele, mantendo-lhe a mão onde precisava dela.

— Eu sei, querida. — Os seus lábios roçaram os meus. — Eu sei. Vou entrar aí, em breve, Em.

— Quero-o já.

Isso fê-lo rir-se.

Lambi-lhe o lábio superior, depois acariciei-o. Adorava a boca dele. Adorava a maneira como me beijava, de um modo um bocadinho obsceno, oh... tão completo. Ele adorava-me com a boca, devorava-me e libertava-me. Beije o Lucian mais profundamente, precisava disso. Precisava dele.

O dedo largo e comprido do Lucian deslizou para dentro de mim e eu gemi, um gemido doloroso.

— Isso — disse, numa voz rouca, enfiando e desenfiando o dedo, em

movimentos agonizantemente lentos. — Foda-se, é isso.

Eu estava ofegante, um pouco zozza, as minhas coxas a apertarem-lhe a mão, numa tentativa de segurar aquela sensação.

— Abre mais as pernas, querida. Deixa-me entrar. Linda menina. — Segurou-me o pescoço com a mão livre, a sua testa contra a minha. — Em breve, vou meter a minha pila dentro dessa caixinha de mel doce e foder-te durante horas.

As minhas coxas tremiam, o calor incendiava-me, e eu sentia um aperto no estômago.

— Lucian...

Mexi a anca.

Ele acrescentou mais um dedo, fodendo-me de uma maneira que me fazia gozar de prazer.

— Aqui, Em. Aqui é onde anseio estar.

E eu queria-o tanto ali. O meu corpo movia-se com ele, balançando contra a sua mão.

— É aqui que vou venerar-te. — Beijou-me suavemente, um simples encontro de bocas, enquanto o seu polegar serpenteava e brincava com o meu clitóris. Pressionava-o, com mais força, agora que eu arqueava o corpo e me oferecia mais a ele. Exatamente como eu gosto. Senti dentro de mim uma explosão e vim-me numa onda apressada que me fez agarrar a ele.

— Diz o meu nome. — Esfregou-me o sexo escorregadio, os seus dedos bem fundo dentro de mim.

— Lucian — soluzei. — Lucian.

A mão dele, na minha nuca, estava quente e tranquilizadora enquanto ele me beijava.

— Isso mesmo, miúda — disse quando o meu orgasmo acabou, o meu corpo a tremer. — *A minha* miúda.

Voltei ao presente quando ele tirou a mão de dentro das minhas cuecas. Levou-a à boca e, prendendo-me o olhar com os seus olhos verde-cristalinos, chupou os dedos molhados até ficarem limpos.

Um sorriso perverso curvava-lhe a boca exuberante enquanto a sua voz rolava sobre mim como mel quente:

— Delicioso.

Dei uma pequena gargalhada e deixei-me cair sobre o seu peito húmido.

— Lucian Osmond, deixaste-me de rastos.

Envolveu-me os ombros com um braço e depositou um beijo no topo da minha cabeça.

— É justo. Tu andas a deixar-me de rastos desde o momento em que te conheci.

CAPÍTULO VINTE E UM

Emma

Acordei com o farfalhar das cobertas e uma mão quente pousada suavemente na minha cara. Abri os olhos e ele estava ali, o cabelo escuro em desordem, os olhos verdes brilhantes. Sorrii, um amanhecer lento sobre os seus traços austeros, tornando-os macios e abertos.

— Olá, Em.

— Tarte de Mel.

Ele abriu ainda mais o sorriso, chegando-me ao coração e fazendo-o dar um salto. E então ele inclinou-se para mim, a boca a mover-se sobre a minha num beijo amanteigado que me derreteu as entranhas. Foi suave, reverente. Uma promessa. Sorri contra os seus lábios, e ele também, desviando-se um pouco para encontrar o meu olhar mais uma vez, como se precisasse de confirmar que eu estava realmente ali.

Então, como se não pudesse evitar, voltou a baixar a cabeça e beijou-me com mais ousadia, sorvendo-me o lábio inferior, acariciando o superior. Pousei-lhe a mão na curva forte do pescoço e agarrei-o, aproximando-o de mim. Mas ele terminou o beijo cedo de mais, com uma gargalhada rouca.

— Vou levantar-me para ir às compras.

— Às compras? — Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse.

Franziu a sobrancelha, numa expressão carregada de significado.

— Sim, às compras. E depois vamos para casa, para fazermos bom uso da minha compra.

Finalmente, percebi o que é que ele estava a querer dizer-me.

— Ah! Sim. Levanta o rabo e vai às compras depressa, Brick.

Ele deu outra gargalhada, beijou-me os lábios rápida e superficialmente, demorando-se apenas um pouco no final. Com um gemido, saiu da cama. Fiquei sem saber se devia ignorar a enorme ereção que ele ostentava ou mostrar-me impressionada com ela. Não, ignora, pensei, enquanto ele me lançava um olhar irónico, mas completamente impenitente, e saltitava para a casa de banho, os globos das suas nádegas a movimentarem-se como poesia.

Senti uma vertigem. Eu já me tinha apaixonado por outros homens. Tive casos amorosos e namoros longos. Isto devia ser um território familiar. Mas não era. Era a diferença entre ser figurante numa peça de teatro e conseguir o papel de protagonista. Tudo era simplesmente *mais*.

E isso devia ter-me assustado. Mas não assustou. Pelo menos, não no início. Não enquanto estávamos a regressar a Rosemont, o vento no meu cabelo, o Lucian ao meu lado. Só conseguia sentir expectativa. Urgência. Luxúria. Felicidade.

A felicidade era uma coisa tão frágil na minha vida. Eu encontrava-a, agarrava-a com as duas mãos e ela desaparecia quando eu não esperava.

Só quando entrei no estacionamento de Rosemont é que percebi que alguma coisa não se encontrava bem, que o Lucian já não estava descontraído e a sorrir. Movia-se com rigidez, o olhar longe de mim.

— Estás bem? — perguntei-lhe, nervosa. Estaria arrependido por ter baixado a guarda?

Virou a cabeça, o corpo tenso.

— Estou cansado.

Cansado. Céus! Parecia uma das frases que eu usava com o Greg quando não queria fazer sexo com ele. Senti uma dor no coração, que começou a bater muito depressa.

O Lucian pegou na nossa bagagem e dirigiu-se ao carro. Segui-o, sem saber o que dizer.

Estávamos quase na bifurcação onde o caminho se dividia em dois, um levava à minha casa e o outro à casa da piscina, onde o Lucian vivia. Fiquei tensa, desconfortável, e perguntei-me qual das direções é que ele tomaria. Mas, antes de isso acontecer, apareceu o Sal, a passear, com um ar despreocupado.

O Lucian parou.

— Isto quer dizer que o Anton se foi embora?

O Sal fez uma expressão irónica, os seus lábios rosa-quentes contorceam-se.

— Não! Significa que, embora eu ame a minha *mami*, não aguentava nem mais um dia com ela a ver telenovelas a toda a hora.

— Se calhar devias arranjar um sítio teu onde viveres — disse o Anton atrás de mim, fazendo-me dar um salto de surpresa.

O Sal e o Lucian voltaram-se para trás, com uma careta de surpresa quase igual.

— E tu, não tens outro sítio onde estar? — perguntou-lhe o Sal. — O inferno, por exemplo?

O Anton sorriu.

— Eu sou demasiado quente para o inferno. Por isso, parece que vais ter de levar comigo. Pelo menos, até começar o estágio da pré-época... — Calou-se, com uma careta, e olhou para o Sal, como se tivesse escorregado por culpa dele.

O Lucian ficou estático como uma tábua, mas os seus lábios abriram-se num sorriso irónico.

— Parem com isso. Que maçador! — E, dizendo-o, afastou-se, deixando-nos a todos para trás.

Não me importava que ele se afastasse do primo, mas doía-me que se tivesse esquecido de mim. Além disso, fiquei irritada. Sem olhar para o Sal e para o Anton, fui atrás dele.

Andava depressa, embora o seu passo fosse constante. E só o apanhei quando ele já estava a abrir a porta da casa da piscina.

— Deixaste-me ficar para trás.

Ele ficou muito quieto e depois praguejou, em voz muito baixa. Mas não voltou a cabeça.

— Desculpa, Em. Não me lembrei.

— Não te lembraste — repeti. E então senti-me uma completa tola. Só tínhamos passado uma noite juntos. Uma noite de beijos, como adolescentes desesperados e com tesão. Não tinham sido feitas promessas. Nada de concreto, pelo menos. Talvez eu tivesse visto coisas que não existiam.

Ele abriu a porta e entrou; mais uma vez, tive de ir atrás dele.

A minha irritação aumentou, provocando-me picadas no estômago. *OK*, talvez, depois da noite passada, eu tivesse mais expectativas do que o Lucian. Para mim, tinha tido significado, e ia ficar lixada se ele deixasse as coisas por ali.

— Que raio está a acontecer?

Ao pousar as malas no chão, ele baixou a cabeça e respirou fundo.

— Nada. Foi uma noite longa e talvez devêssemos descansar...

— Lucian.

Ele levantou a cabeça e os seus olhos encontraram os meus. Os dele estavam avermelhados, com uma expressão tensa.

Respirei fundo e disse:

— Tens duas opções. Ou me mandas embora, ou me deixas entrar. Espero que escolhas a segunda.

Ele pestanejou e deixou cair os ombros rígidos.

— Desculpa — disse, numa voz rouca. — Não consigo... Agora não... — Preparei-me, enquanto a deceção se abatia sobre mim. Ele levantou a mão, num gesto entre o indefeso e o frustrado. — A minha cabeça. É a minha cabeça, Em. Não consigo...

Ah. *Ah*...

Dei um passo em frente, mas ele resmungou e fez-me parar.

Com força, agarrou a parte de trás do pescoço.

— Nem sabes o horror que sinto em ter de dizer à mulher que mais quero acima de tudo que não posso fazer nem dizer nada porque estou com uma dor de cabeça do caracas. Deve ser uma piada cósmica, mas não tenho a mínima vontade de rir.

Parecia tão infeliz, tão dececionado, que o meu coração deu um grande salto.

— Também não me estou a rir — disse eu, suavemente. Agora que ele tinha falado disso, consegui ver os sinais. Havia estado tão distraída com a minha luxúria e as minhas inseguranças que nem tinha reparado. Ele estava outra vez com uma enxaqueca, a sofrer. Muito.

— Emma... Querida... Não quero que me vejas como um fraco.

— Bem, isso é bom. Porque só vejo força.

O Lucian engoliu em seco, incapaz de responder. As linhas duras do seu rosto falavam de sofrimento, mas ele não cedeu, teimoso até ao âmago. Com movimentos rápidos, fechei a porta, e depois puxei os pesados cortinados de toda a casa, bloqueando a brilhante luz do sol e mergulhando-nos num silêncio fresco e sombrio.

O Lucian ficou como uma estátua, a olhar para mim. Aproximei-me dele, reparando na maneira como o seu grande corpo parecia balançar com a exaustão.

— Mete-te na cama, bebé.

Um tremor atravessou-lhe os lábios.

— Bebé?

— Como doce, amorzinho, querido Lucian.

— Vais fazer-me corar.

Ficou parado. Como se eu não percebesse. Homem tolo.

— Ainda bem. — Não resistiu quando lhe peguei na mão e o guiei até à cama. Eu ia tratar de si. A cama estava feita, os lençóis limpos. — Já para a cama.

Parou apenas um momento, o olhar a passear entre mim e a cama. Finalmente, aquele teimoso parecia estar a perceber que eu também não ia ceder e lançou-me um sorriso débil.

— Sim, minha senhora.

Lentamente, despiu-se até ficar só em *boxers*, e depois meteu-se na cama com um suspiro que revelava que estava com dores. Tapei-o, acariciei-lhe a curva rígida do ombro e fui à casa de banho procurar um medicamento. Encontrei vários, incluindo comprimidos para as enxaquecas. Surpreendeu-me, mais uma vez, a dor física com que os atletas têm de lidar. Ele estava quase a chorar por causa das dores de cabeça, e isso dizia-me o quão mal se sentia.

Peguei no medicamento, fui à cozinha buscar o resto das coisas e voltei para o quarto. O Lucian estava estendido, com o braço a segurar uma almofada.

— Lucian — sussurrei, e ele mexeu-se, um olho de jade a espreitar. Mostrei-lhe o comprimido. — Toma isto.

Com um suspiro, voltou-se e, apoiando-se num cotovelo, tomou o comprimido com o chá gelado que lhe tinha trazido.

— Bebe tudo — disse-lhe.

— Sim, minha senhora... — Interrompeu-se ao ver-me tirar o vestido. Com o copo a meio caminho da boca, acompanhou os meus movimentos com um olhar contemplativo. — És linda.

Senti-me inundada de prazer. Mas lancei-lhe um olhar reprovador.

— Não é altura para elogios. Bebe o chá.

Um sorriso minúsculo tocou-lhe os lábios e ele fez o que pedi, entregando-me o copo vazio assim que acabou de beber tudo. Eu sabia que estava só em cuecas e que ele não tirava os olhos de mim quando peguei no saco de gelo.

— Onde queres isto? No pescoço ou na testa?

Qualquer coisa se moveu através dos olhos dele, uma emoção que eu não conseguia identificar, e o Lucian engoliu em seco. Quando falou, a voz saiu-lhe entorpecida:

— No pescoço. Por favor.

— Muito bem, chega-te para lá.

Atento, mas devagar, abriu espaço para mim, e quando me encostei nas almofadas, fiquei chocada porque o Lucian se enroscou no meu corpo, apoiando a cabeça nos meus seios. Quando lhe pus o saco de gelo na parte de trás do pescoço

duro como ferro, ele suspirou, satisfeito, e envolveu-me a cintura com um braço.

Sorrindo, passei-lhe os dedos pelo cabelo espesso. A noite anterior tinha sido frenética e cheia de desejo. Agora, ao acalmá-lo, podia apreciar a simples sensação daqueles cabelos sedosos. O cabelo dele era excepcionalmente grosso, com ondas. Injejava-o. O meu, naquele momento, devia estar sem graça nenhuma.

O Lucian gemeu, como se o som lhe tivesse sido arrancado. Os seus ombros ficaram mais rígidos. Olhei para baixo e vi a sua expressão dorida.

— Estás mal, não estás? — murmurei.

— Estou. — Respirava muito pelo nariz, como se tentasse controlar a dor. Eu sabia como era difícil suportar uma enxaqueca assim. Tinha dentes que cravavam e nos estraçalhavam como a um boneco de pano. Era difícil e exaustivo livrarmo-nos de uma dor daquelas. Mas eu conhecia uma maneira.

— Lucian? Já tiveste uma enxaqueca por causa de sexo?

Ficou muito quieto, um tremor de surpresa a atravessar-lhe o corpo e a entrar no meu.

— Em... quero muito, mas...

— Não, não estou a perguntar isso.

— OK... — Parecia confuso, as palavras pesadas. — Não, o sexo não me faz dores de cabeça. Quando me sentir melhor, vou estar pronto para isso. Prometo.

Não consegui evitar sorrir.

— Tenho a certeza. — O mais suavemente possível, desembaracei-me dele e deslizei para baixo, para o olhar nos olhos. As suas pálpebras mal se abriram e eu acariciei-lhe a cara. — Quero experimentar uma coisa que talvez te ajude a melhorar. Confias em mim?

— Não estaria agarrado a ti se não confiasse. — A sua mão moveu-se na minha cintura, como se fosse uma prova. — Em que é que estás a pensar?

— Quero dar-te um orgasmo. — Ele abriu muito os olhos e eu continuei: — Pode ajudar. A mim ajuda-me, quando estou assim.

Ele estava com os olhos marejados, os movimentos lentos, mas o sorriso que flirtava com a sua boca deixava claro que tinha muito a dizer. Depois, semicerrou os olhos.

— Estás a dizer-me que, quando estás com enxaquecas, arranjas alguém que te faça vir?

Desenhei-lhe as sobrancelhas com o polegar.

— Não. Faça-me vir sozinha. Mas agora prefiro fazer-te vir, se deixares.

Ele sorriu.

— Às vezes penso que não és real, que estou a sonhar.

O sentimento era mútuo.

Instalei-o melhor na almofada.

— Não estás a sonhar. Agora relaxa. Deixa-me fazer isto por ti.

Ela disse que não era um sonho. Eu não tinha tanta certeza. Ela parecia um sonho, as suas mãos frias nos meus ombros, pondo-me de costas enquanto ela se elevava acima de mim, o halo do seu cabelo como um luar no quarto escuro. Os seus olhos índigo sorriam enquanto me acariciava o pescoço. E tive vontade de chorar.

Era da dor de cabeça. Enfraqueciam-me sempre emocionalmente. Não era dela. Não podia ser.

Eu era exímio a mentir a mim próprio.

As suas mãos suaves deslizavam sobre o meu peito, explorando, como se quisesse aprender-lhe a forma só pelo toque. Apesar da pressão que sentia no crânio, ameaçando abri-lo, o prazer ondulava ao longo dos caminhos que as mãos dela traçavam. Tocava-me como se eu fosse um tesouro inesperado que acabara de encontrar, explorando-me com um prazer tranquilo.

Estremeci e apoiei os braços por cima da cabeça, esticando-me para ela, implorando silenciosamente por mais.

Toca-me em todo o lado. Sou teu.

Ela murmurou de satisfação e baixou-se para me beijar. Eu estava dividido: a cabeça a doer-me e o corpo cheio de suave prazer. Não duvidei da palavra dela quando me disse que um orgasmo ajudaria. A Emma não era o género de pessoa que se aproveitava dos outros. Mas não sabia como era bom ter os lábios dela a tocarem-me suavemente a pele. A minha tensão diminuiu e eu fechei os olhos, deixando a cabeça cair para o lado, afundar-se na almofada. Sentir, apenas.

Mãos suaves, lábios macios e pequenas exalações quentes no estômago. Prazer, um xarope espesso derramando sobre os meus membros. O meu sexo levantou-se, pesado de desejo. Era tudo tão novo entre nós, por todas as razões, e sentia-me loucamente ofegante, tentando assumir o controlo. Mas eu era como cera quente, moldando-me lentamente à vontade dela.

A Emma tocou-me por cima dos *boxers*, e eu gemi. Queria tirá-los, para que não houvesse barreiras entre nós. Como se tivesse ouvido o meu pedido silencioso, beijou-me um mamilo e, devagar, puxou-os. Levantei o rabo para a ajudar. A pila bateu-me na barriga ao ficar livre. A Emma murmurou de apreço e, a seguir, envolveu o meu sexo nos seus dedos atrevidos.

— Por favor — sussurrei. Sentia o corpo fraco, mas a minha urgência estava cada vez mais forte, abafando tudo o resto. Ela obedeceu, os seus lábios acariciaram-me a parte inferior do abdómen, provocando-me ao longo do V que levava aos meus quadris. — Em... — O meu apelo transformou-se num gemido quando a boca quente dela me envolveu o sexo. Não havia mais palavras. Deixei-a possuir-me, fazer-me o que quisesse, e fiquei-lhe agradecido por isso.

E senti-me tão bem que só consegui deitar-me e aceitar, tentar não lhe penetrar a boca como um animal. Mas ela parou, com um estalo lascivo, e olhou para mim.

Levemente ofegante, olhei para si, pronto para lhe prometer qualquer coisa, o que ela quisesse, quando me beijou a pulsante ponta do sexo.

— Vamos! — disse ela. — Fode-me a boca.

Quase me vim naquele momento. Ela voltou a chupar-me profundamente e arrancou-me um som que era em parte dorido, em parte «oh, meu Deus, por favor,

não pares». Aquela mulher dava cabo de mim da melhor das maneiras.

Ondas de calor lambiam-me a pele enquanto eu lhe penetrava suavemente a boca, mantendo os movimentos leves, porque não queria magoá-la e porque negar-me era pura tortura. E estava a adorar.

Ela chupava-me como se eu fosse uma sobremesa, sem nunca deixar de me acariciar, em círculos, a pele tensa e sensível do meu abdómen inferior. Foi esse toque, saber que ela estava a fazer aquilo porque queria cuidar de mim, que me levou diretamente ao limite.

A minha mão trémula tocou-lhe o topo da cabeça.

— Em. Querida, eu vou... — Ofeguei enquanto ela me fazia qualquer coisa verdadeiramente inspirada com a língua. — Vou...

Ela soltou-se com uma última chupadela e subiu para me beijar, com a mão a envolver a minha pila dorida e a acariciá-la. Ofegante na boca dela, num beijo frenético e desordenado, vim-me com um estremecimento de prazer. E toda a tensão, toda a dor, se dissolveu como um cubo de açúcar quando mergulha no chá quente.

Com um gemido, deixei-me cair para trás, o corpo mole e sem ossos de um homem bem usado. A Emma beijou-me levemente a boca, depois saiu da cama e foi buscar um pano lavado. Fechei os olhos e deitei-me, preguiçoso, enquanto ela me limpava cuidadosamente. A ternura do seu toque ameaçava quebrar o que restava de mim e engoli em seco convulsivamente, incapaz de abrir os olhos.

A Cassandra tinha cuidado de mim, claro, mas ela nunca vira o meu verdadeiro eu em toda a minha glória imperfeita e humilde. No fundo, eu sabia disso. Gostava disso. Sentia-me seguro. Era fácil. Nada na Emma era seguro ou fácil. Ela conhecia-me de uma maneira que ninguém mais conhecia. E ali estava, a tratar de mim.

Ela voltou para a cama, descansando a cabeça perto da minha.

— Melhor?

Estava melhor? A minha enxaqueca tinha-se dissolvido, tal como o resto de mim. Mas será que estava melhor? Não. Estava em verdadeiro perigo de perder o coração e a alma, completamente. Enquanto adormecia, um pensamento não me saía da cabeça: a perspetiva de mostrar a esta mulher as minhas feridas era aterrorizadora.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Lucian

Acordei fraco, mas sem dores. A Emma tinha mesmo tratado do assunto. Parte de mim perguntava-se se eu sonhara com aquilo. Mas como estava nu, os meus testículos e os meus abdominais macios, satisfeitos, sabia que era real. Ela tinha feito aquilo por mim. Tocara-me com uma ganância que me fez vir cedo de mais. Tocara-me com uma gentileza que se enrolou em volta do meu coração e o apertou com força.

Com tanta força que doía. Era desconfortável, essa sensação, essa exposição, como uma crosta arrancada cedo de mais. Esparramado na cama, olhei para o teto, querendo que o meu corpo e o cérebro voltassem a ficar bem e seguissem em frente. A Emma não estava ao meu lado. Não conseguia lembrar-me de a ver ir-se embora, mas a verdade é que eu tinha adormecido e dormido o melhor sono da minha vida. Ouvi sons para lá dos cortinados que separavam o meu quarto do resto da casa. Senti um leve arrepio de alarme; ela estava na cozinha. Aquela mulher era uma ameaça na cozinha.

Resmungando, levantei-me da cama. Demorei um segundo a adaptar-me ao quarto, e depois, com os passos de um velho, fui até à casa de banho. Tinha-me retirado do hóquei por causa da síndrome de concussão, mas a verdade é que o meu corpo, tal como o de muitos dos meus companheiros de equipa, levava muita pancada ao longo dos anos. As dores físicas gostavam de se manifestar sempre que eu acordava.

Naquele momento, sentia as velhas pontadas no joelho esquerdo, os gritos de protesto ao longo das costas e do ombro direito. Mas essas dores eram boas; lembravam-me de que estava vivo. A cheirar mal e dorido, tomei um banho quente, desfazendo-me dos restos da enxaqueca. O sol já estava a pôr-se; tinha perdido um dia inteiro por causa da dor e do sono. Não era assim que queria tê-lo passado.

A boca da Emma tinha sido uma bênção gloriosa, um sonho febril, e eu queria dar-lhe prazer. Prová-la. Tomá-la. Não ficar ali desamparado e carente. Queria comê-la.

Depois de me secar com a toalha, vesti uns calções e fui para a sala. Mas quase apanhei um susto quando a vi, de pé, em frente ao meu fogão. Ela ainda não me tinha visto e cantarolava, baixinho, enquanto mexia uma panela que cheirava à sopa de tomate que havia sobrado. Vestida com uma das minhas *T-shirts*, que lhe chegava a meio da coxa, deixando-lhe nuas o resto das bonitas pernas, olhar para ela tirava-

me o folego e fazia o meu coração bater de maneira selvagem e errática.

Esfreguei o peito, com medo de estar a ter um ataque. Mas era ela. Só ela. A aquecer a sopa. Esta mulher tinha o potencial de me virar a vida de pernas para o ar. Raios, já o tinha feito.

Como se tivesse ouvido o meu pânico interno, virou-se na minha direção. Lançou-me um sorriso brilhante e feliz que me atingiu mesmo no centro do peito.

— Olá! Já acordaste. Estou a aquecer um pouco de sopa. — Ela riu-se e o som das suas gargalhadas fez-me cócegas na pele. — E a constatar o óbvio.

Senti-me a derreter como creme de manteiga sobre bolo quente. Fiz um esforço para não suspirar como um tolo. Mas acho que não consegui, porque ela fez um grande sorriso, feliz por me ver. Senti-me fraco, desajeitado até, quando fui cumprimentá-la, deslizando a mão pela parte de trás do seu fino pescoço antes de me baixar para lhe beijar aquela linda boca cor-de-rosa.

Sabia a limonada e a Emma, um sabor a que eu não conseguia resistir e que estava a tornar-se o meu favorito. Ela murmurou de prazer quando me afastei.

— Estou esfomeado — disse-lhe, com voz rouca.

Tinha fome dela. E ela sabia-o. O seu rosto estava demasiado expressivo. Em mim, considerava isso uma fraqueza, mas na Emma era diferente, eu queria observá-la, descobrir o que estava a pensar só de olhar para a maneira como as curvas delicadas do seu rosto se moviam.

Mas também me sentia enfraquecido. Por isso, sentei-me e deixei que ela me servisse, sabendo que tinha prazer em fazê-lo. Eu percebia. Alimentar as pessoas, dando-lhes prazer com a comida, é qualquer coisa de profundamente gratificante.

A proposta da Delilah passou-me pela cabeça, fazendo disparar as minhas pulsações e pondo-me o coração a bater mais depressa. Não parava de me perguntar se, tal como o meu bisavô Jean Philipe, também eu devia tornar-me *chef pâtissier*. Mas ele não tinha idealizado isso para mim. Nunca chegou a ver-me jogar. O que é que pensaria de mim agora? A vaguear sem rumo... Acho que odiaria ver-me assim.

Com o estômago a tremer, sorri falsamente à Emma quando ela me pôs a tigela à frente.

— Obrigado, Bisbilhoteira.

Sentou-se ao meu lado e começou a comer, com um olhar hesitante.

— Estás bem?

Ela disse-me que via força quando olhava para mim, mas eu sentia que só mostrava fraqueza.

— Estou! — Os meus lábios desenharam mais um falso sorriso. — Especialmente depois do teu... como é que lhe vamos chamar? Remédio?

— Alfinete de peito, diria eu — respondeu a Emma, com um sorriso atrevido.

— Parece-me bem. — Comemos em relativo silêncio, e deixei-a tratar de mim, arranjando-me fatias de pão e um copo de limonada. Porque isso a fazia feliz. E quando a Emma estava feliz, brilhava com uma luz interior de que eu não conseguia tirar os olhos.

Esperei até ela levantar a mesa, vendo o seu rabo mover-se por baixo da fina proteção da minha *T-shirt* quando ela se curvou para pôr as tigelas na máquina de

lavar loiça. Quando voltou a aproximar-se, pus-lhe o braço em volta da cintura e puxei-a para o meu colo.

Ela sentou-se de bom grado, rindo um pouco, como se estivesse assustada. O seu peso encaixou nas minhas coxas, quente. As minhas mãos procuraram as suas suculentas nádegas, que apertei enquanto a aproximava mais de mim. Poder tocá-la agora era um presente. Um sonho.

A Emma pousou as mãos no meu peito. E senti aquele toque no centro do meu ser.

— Olá — sussurrei, sorrindo, enquanto a beijava suave, levemente. Um pequeno olá. Um pequeno sabor.

Senti o sorriso dela contra o meu.

— Olá.

Voltei a beijá-la. Em agradecimento.

— Obrigada por tomares conta de mim, Emma.

A concessão valeu a pena, só para ver como os seus olhos se iluminavam de felicidade.

Enfiou as mãos no meu cabelo.

— De nada, Lucian.

Queria fazer amor com aquela mulher. Devagar, para aprender os seus segredos, o que a fazia suspirar, o que a fazia clamar por misericórdia.

A minha boca deslizou sobre a pele acetinada da cara dela até à curva do seu pescoço. Ela tremeu, inclinando a cabeça para me dar espaço, as pontas dos dedos a empurrarem-me mais o peito. Ela cheirava bem, a doce. Os seus seios duros roçavam-me o peito e a minha respiração estava ofegante, as minhas mãos a agarrarem-lhe o rabo com mais força.

Carente. Ela fazia-me sentir carente. Desmontara-me de maneiras que eu não conseguira prever.

Adorei. Odiei. Mas não parei de a beijar, a minha língua a deslizar para lhe provar a pele.

Ela tremeu novamente, balançou o corpo, os seus dedos enfiados no meu cabelo.

— Lucian?

— Hum... — Baixei as pálpebras enquanto lhe acariciava a curva do pescoço.

— Quero perguntar-te uma coisa, mas tenho medo de que fiques chateado.

As suas palavras fizeram crosta sobre a minha pele, deixando-me calado. Depois respirei fundo, fingi que o meu pulso não tinha acelerado. Mas ela estava tão perto que o mais provável era ter percebido.

Mais interessado em beijá-la do que em falar, levei os meus lábios até à linha do seu queixo.

— Isso soa a desafio, querida.

— E é. — Beijou-me a testa. A maçã do rosto. — Mas é uma coisa séria.

Eu tinha duas opções. Recuar ou ceder. Como a última opção me permitia continuar a tocá-la, cedi.

— Pergunta! — Mordisquei-a ao longo da graciosa linha do pescoço. — Eu vou continuar a tratar-te do pescoço.

Ela deu uma pequena gargalhada.

— Combinado. É sobre as tuas dores de cabeça. Já foste ao médico?

Não fiquei surpreso. Nem sequer dececionado; ela estava a perguntar porque se preocupava comigo. Mas senti-me exposto. Fraco. Respondi-lhe num tom neutro, as mãos ocupadas a sentirem-lhe as curvas maduras.

— Fui, Em. Estou a ser seguido. Ainda na semana passada fiz um *check-up*. O meu cérebro está a melhorar. Na verdade, até está muito bem. — O meu médico tinha ficado bastante impressionado com a minha recuperação. — Na verdade, a frequência das dores de cabeça está a diminuir. As enxaquecas aparecem em momentos de stresse, só isso.

A rápida expressão de horror da Emma provocou-me uma careta.

— Meu Deus, Luc...

— Eu não quis dizer que tu...

— Tiveste uma quando me conheceste. E outra quando nós... — Ela corou e olhou para mim, preocupada. — Eu stresso-te?

Agarrei-a firmemente, os meus olhos postos nos seus.

— Não, Em. *OK*? A palavra «stresse» é enganadora. O que aconteceu ontem à noite foi uma coisa que eu queria desde que te conheci.

Ela acalmou-se um pouco, mas a preocupação manteve-se e eu dei-lhe um leve abraço.

— Eu estava... não sei como explicar. — Expirei profundamente. — Foi emocionante. Os altos e baixos emocionais repentinos podem causar-me enxaquecas, é isso.

Ela pareceu querer ripostar e eu parei-a, com um leve beijo.

— Estou bem, Bisbilhoteira. Juro! — Queria concentrar-me noutras coisas, como em levá-la para a cama. Mas ela agarrou-me a cara entre as mãos e olhou-me nos olhos. — Juro, Em. Não vou ficar mal se nós...

— Eu sei. Fico feliz. *OK*? Estou... muito feliz por estares bem. — O seu olhar terno e a forma como a sua voz me envolvia enchiam-me a cabeça e deixavam-me tonto. Se não estivesse sentado, teria cambaleado. Conhecíamos-nos há pouco tempo. Não devia estar a sentir já tudo isto. E ela também não. Mas ela também estaria assim? Não tinha a certeza.

A incerteza e a vulnerabilidade fizeram-me falar sem pensar.

— Acho que vou acabar por ficar curado. E nessa altura... — Merda. Não tencionava ir por ali. Era muita informação. Demasiada exposição.

A Emma franziu a testa.

— E nessa altura...?

Senti-me tentado a fugir ao assunto com uma piada. Mas eu queria dizer-lhe, testar as águas, talvez. Ou talvez só dizer aquilo em voz alta. Fitei-a, recostei-me na cadeira, mantendo as mãos levemente pousadas nos seus quadris. E disse à Emma aquilo que nunca tinha dito a ninguém, a não ser ao meu médico, aos meus treinadores e ao meu ex-diretor de equipa.

— Posso esperar um pouco e, quando estiver curado, voltar.

— O quê? Tu... queres fazer isso?

Parecia horrorizada.

— Às vezes, penso nisso. Raios, sonho com isso! Mas depois também penso no Jean Philipe, no que a minha família passou, no destroço de homem em que ele se tornou. Não quero que a minha família passe novamente por isso.

Todos os dias dizia aquilo a mim próprio. Mas, nos cantos mais escuros da minha alma, sentia-me tentado. Tentado como o caraças.

A Emma tocou-me com a mão na face, puxando-me de volta ao presente.

— Obrigada — sussurrou, os seus dedos a roçarem-me a têmpora, como se isso pudesse acalmar-me o cérebro maltratado. — Por tomares conta desse teu cérebro. Fico muito contente.

Senti-me perdido. Não estava preparado. A minha vida era um naufrágio, incerta e instável. E ela passeava com o seu sorriso, à luz das estrelas, impenitente, desafiando-me constantemente. E dizia-me que eu ainda valia alguma coisa. Que eu significava alguma coisa. Para ela.

Mas isso assustava-me como o raio! Porque, mais cedo ou mais tarde, ela acabaria por ver que eu era um homem a viver uma vida pela metade.

Agarrei-lhe as coxas lisas, como se quisesse segurar-me, mas, ainda assim, sentia o meu mundo a cair.

— Em...

— Titou? — A voz da minha avó, seguida de leves pancadas na porta, fez-nos a ambos congelar. — Estás aí?

— Merda! É a Amalie. — O sussurro agitado da Emma cortou o silêncio e ela saiu do meu colo, praticamente em pânico. — O que é que fazemos?

Dei uma gargalhada.

— Escondemo-nos?

— Lucian! Isto é sério. Estou com uma *T-shirt* tua vestida. — Fez um gesto para baixo, atraindo os meus olhos para as suas pernas nuas. Tivera-as nas minhas mãos durante muito pouco tempo. — Merda. Onde é que estás o meu vestido?

Já ia na direção do quarto, mas ouviu-me rir — não consegui evitar — e olhou para trás, por cima do ombro. Estava adorável.

— E veste uma *T-shirt* — mandou.

— Porque é que não me dás a que tens vestida? — Em vez de despir a *T-shirt*, mostrou-me o dedo.

— Titou? Eu sei que estás aí.

— Achas que a minha avó nos consegue ouvir respirar? — sussurrei ao ouvido da Emma enquanto ela se apressava a voltar do quarto, ainda a enfiar o vestido por cima dos seus belos seios e atirando-me a *T-shirt* contra o peito nu.

Apesar do olhar que me lançou, começou a sorrir.

— Meu Deus, quantos anos é que nós temos? — Ignorando a *T-shirt*, agarrei-a pela cintura e puxei-a para mais perto de mim, depositando-lhe um beijo na curva do pescoço. — Porque é que estás assustada?

— Porque... — Levantou uma mão indefesa e agitou-a. — É um desrespeito para com a Amalie eu ter...

— Teres chupado o neto dela?

— Oh, meu Deus! — Deu-me um murro no braço, horrorizada, enquanto os seus olhos brilhavam, divertidos. — És completamente doido.

— Titou! — Agora a Amalie parecia irritada por eu não responder.

Voltei-me para ir abrir, mas a porta mexeu-se e começou a abrir-se. Voltei o olhar para a Emma.

— Não fechaste a porta!

Merda. Eu estava despenteado, sem camisa, e a Emma ainda estava meio despida. Ela sorriu ao ver o pânico nos meus olhos.

— Algum problema, Tarte de Mel?

— Ela vai ser implacável. — Afastei a Emma com o máximo de cuidado possível, embora quisesse chegar à porta antes que esta se abrisse completamente, e saltei por cima dos meus sapatos, contornando uma cadeira. Mas era tarde de mais. A minha avó entrou com um olhar de falsa surpresa enquanto assistia à cena.

— Bem — disse, animada —, agora percebo porque é que demoraram tanto a responder.

E ali estava eu, completamente corado, à frente da minha avó. Era o *karma*, o troco por ter provocado a Emma. Ela estava parada, à minha direita, mas o seu silêncio falava muito alto. Eu sabia que, se me virasse e olhasse para si, veria escrito nos seus olhos: «E agora, quem é que se está a rir?»

Sentia o maxilar preso.

— Mamie... Precisas de alguma coisa?

O olhar da Mamie ia de mim para a Emma e vice-versa.

— Oh, de nada, na verdade. Nada com que valha a pena interromper-vos. — Bateu palmas, os pesados anéis nos seus dedos a tilintar. — Ah, mas isto é maravilhoso. Sempre esperei que isto...

— Estávamos só a almoçar — interrompi-a.

Quase consegui sentir a Emma a ficar rígida. E eu próprio senti, internamente, um estremecimento. Apesar dos seus protestos, não achei que ela tivesse gostado de me ouvir dizer que estávamos só a almoçar.

A Mamie sorriu sorrateiramente, e aquele sorriso dizia-me exatamente o que ela pensava da minha desculpa esfarrapada.

— É assim que vocês lhe chamam agora?

Meu Deus. Recusando mostrar-me embaraçado, olhei para ela de olhos semicerrados. A Mamie sorriu discretamente.

— Muito bem — disse. — Vou deixar-vos a... comer.

Acenou-nos, numa pose de rainha, e depois deixou-nos sozinhos, fechando silenciosamente a porta atrás de si, com um clique definitivo.

Durante um longo momento, nenhum de nós falou. De repente, a voz musical da Emma, tingida de ironia, flutuou sobre o silêncio espesso.

— Só a almoçar, hã?

Vencido, olhei para ela. A Emma estava de pé, ao lado da mesa, o cabelo despenteado, lábios ainda suavemente inchados dos meus beijos, os olhos a brilhar de humor ou irritação. Não consegui ter a certeza.

Raios! Tinha de me explicar.

— Eu...

A Emma desatou à gargalhada.

— Céus! Foi horrível! Senti-me uma miúda de quinze anos apanhada no quarto de um rapaz.

Não pude deixar de sorrir.

— Entravas nos quartos de muitos rapazes, não entravas?

— Não, infelizmente. Estava sempre em casa, só consegui que alguém me convidasse para sair quando já estava na faculdade. Mas sonhava com isso.

Eu não conseguia imaginar um momento em que não a quisesse.

— Se nos tivéssemos conhecido na adolescência, eu tinha-te convidado para ires ao meu quarto. Ou tinha arranjado maneira de ir ao teu.

— Não, não tinhas — disse ela, com uma certeza irreverente. — Nem terias dado por mim.

— Claro que tinha! Como é que podes dizer uma coisa dessas? — Não havia razão nenhuma para estar a discutir hipóteses com ela, a não ser o facto de preferir isso a ter de me focar no pânico que senti quando a Amalie nos encontrou juntos.

— Tu eras um dos rapazes mais populares, não eras? — Olhou para mim como se conseguisse ver a minha versão adolescente. — E devias ser muito giro.

— Bom, se era muito giro, não sei, mas era muito popular, sim. — Mudei o meu peso de um lado para o outro, esfregando a parte de trás do pescoço. — Era por causa do hóquei. E do basebol.

— Jogavas as duas coisas?

— Era *catcher*. Mas o basebol era secundário. Precisava de uma coisa para me manter em forma durante os meses de defeso.

— Admira-me que ainda tivesses tempo para as raparigas. — Não se tinha mexido do sítio onde estava, ao pé da cadeira. A luz do candeeiro que ela acendera, por deferência com a minha enxaqueca, lançava um brilho dourado sobre o seu ombro.

Dei por mim a ir na direção dela, levado pela necessidade de tocar naquela pele lisa, sentir as curvas suaves do seu corpo.

— Mas tinha. Demasiado, até.

Quando cheguei junto de si, a Emma cedeu e entregou-se nos meus braços com um suspiro. O cabelo dela cheirava ao meu champô, mas a pele tinha o seu aroma, quente e único, viciante. Aproximei-a ainda mais de mim, respirando fundo.

— Eu teria reparado em ti.

Os seus dedos subiram-me pelos ombros.

— Como é que podes ter tanta certeza?

— Porque não consigo imaginar o contrário. — As palavras saíram-me apressadas e honestas. Eu não era do género de falar sobre sentimentos. Fechei os olhos e engoli em seco, mais uma vez atingido pela sensação desconfortável de estar em queda-livre. Estar abraçado à Emma só piorava a situação. Quanto mais a tinha perto, mais eu precisava dela.

Já tinha perdido muito, não conseguia perder mais.

— A Amalie parecia muito contente — disse a Emma, secamente.

Engoli novamente em seco, fazendo um esforço para falar.

— Desde o início que ela nos queria ver juntos. — E caramba, eu tinha provado que a minha avó tinha razão. Ela ia cantar vitória, não havia dúvida. *Não ficava surpreso se, a partir de agora, começasse a falar em bisnetos.* — Ela está convencida de que somos a resposta para os problemas um do outro.

A Emma bufou, mas sem rancor, por simples diversão.

— É uma romântica. Há quem ache que o amor resolve tudo.

Amor.

Uma onda de frio varreu-me as costas e as palavras jorraram-me da boca, incontroláveis.

— Não te preocupes. Vou deixar muito claro que isto é uma brincadeira.

A Emma recuou, como se tivesse sido picada, as sobrancelhas franzidas.

— Uma brincadeira.

— Bem, não lhe vou dizer exatamente assim. É minha avó. Mas vou dizer-lhe que não é nada sério.

A minúscula ruga entre as sobrancelhas dela aprofundou-se.

— Pois. Nada sério.

Foda-se. Aquilo estava a correr mesmo mal. Mas eu não conseguia parar.

Ou calar o raio da boca!

Acariciei-lhe a pele, tentando acalmá-la, apesar de eu próprio ter entrado em pânico.

— Sabias, desde o início, que não estava à procura de um relacionamento. Não planeei isto. Não estava... à tua espera.

— Eu também não estava à tua espera. Pensei que vinha de férias, que ia ler uns giões e pôr o sono em dia.

As minhas mãos não conseguiam parar. Continuavam a movimentar-se sobre a sua pele acetinada como se fosse a minha última oportunidade de a sentir. E podia mesmo ser. Porque eu não conseguia ficar de boca fechada.

— A verdade é essa, Em, tu estás de férias. Quanto tempo vais cá ficar?

A Emma afastou-se. Senti imediatamente a perda, o meu corpo ficou gelado. Enfie as mãos nos bolsos para não a agarrar. Todas as egoístas células do meu muito ferido corpo protestavam.

Ainda a franzir a testa, ela encostou-se à bancada da cozinha.

— Não sei. Talvez um mês. A Amalie não me pôs um limite.

— Nem era preciso. Por amor de Deus, Em, não estou a tentar fugir de ti. Estou a tentar lembrar-te de que isto não é sério para nenhum de nós.

— «Sério», outra vez. Como se só essa ideia fosse horrível.

— Bem... — *Merda. Cala-te, Oz.*

O olhar dela tornou-se penetrante.

— Será porque eu disse a temida palavra começada por A?

— O quê? Não. — *Talvez. Foda-se.*

— Eu só quis dizer aquilo em termos de romance e idealismo — continuou ela, defensiva e ruborizada.

— Eu sei. Não estou chateado por tu teres dito am... A palavra começada por A.

Ela bufou ostensivamente.

— Nem sequer consegues dizê-la.

— Tu também não — respondi-lhe, mas hesitei imediatamente, porque percebi que estava a fazer figura de petulante e imbecil. E o olhar dela disse-me que concordava comigo. — Merda. Não é que seja... — Passei a mão pela boca, sentindo a barba que tinha crescido durante a noite. — Honestamente, querida, não sei que porra estou para aqui a dizer. Além de tu te ires embora, eu... eu não sei nada sobre relacionamentos...

— Já estiveste noivo — disse ela com alguma aspereza. — Acho que sabes um bocadinho como é que as coisas se passam.

— Essa é a pior parte de todas. Quando ela se foi embora, percebi que eu não fazia merda nenhuma naquela relação. Ela é que tratava de tudo como queria... — Levantei a mão, esforçando-me. — Era uma assistente pessoal, alguém que estava ali para garantir que eu nunca tivesse um momento de desconforto.

— Jesus.

— Não me orgulho disso. Tenho vergonha de só ter percebido o que era aquilo quando acabou.

A voz da Cassandra fez-se ouvir, de repente, na minha cabeça: *Pensei que eras mais do que hóquei, Oz. Agora, vejo que estava enganada.*

Não queria pensar na Cassandra. Não com a Emma a olhar para mim, com mágoa nos olhos. Foi um golpe ver a decepção dela. Mas não podia mentir à Emma.

— Não quero que aquilo se repita.

— Ótimo, porque não é isso que vais ter comigo.

— Acredita em mim, Bisbilhoteira. Eu sei. A verdade é que, neste momento, sou um naufrágio ambulante. Estou sempre a fazer asneiras.

Meu Deus, foi como se lhe tivesse dado um estalo. Afastou-se de mim como se precisasse de pôr o máximo de distância possível entre nós.

— Estás arrependido do que fizemos.

— Não! Foda-se, não! — Aproximei-me, mas o seu olhar duro fez-me hesitar. — Eu quero-te, Emma. Mais do que alguma vez quis qualquer outra mulher. E o problema é esse. Se nos tivermos um ao outro, vai ser intenso. E tu podes estar à espera de que seja... para sempre.

Assentiu, lentamente, mas era como se não estivesse realmente ali. Uma parte dela tinha recuado de uma maneira que eu nunca tinha visto. E odiava.

— Tens razão — disse ela. — Não em relação a eu esperar que seja para sempre. Não estou aqui sentada a contar que me professes o teu amor eterno ou coisa do género. Mas esperava mais do que «uma brincadeira». — Deu uma gargalhada dorida. — Pensei que nós... Não sei, que íamos tentar qualquer coisa verdadeira, pelo menos.

— Em...

— Mas isso é um problema meu. Estou sempre a construir castelos no ar, só para depois descobrir que não há nada sólido em que confiar.

Exposto naqueles termos severos, não podia discordar. Raios! Era o que eu estava a tentar dizer. Mas isso não impediu que a decepção me desse um murro no estômago.

Eu tinha sido um idiota por falar naquilo. Podia tê-la levado para a cama e preocupar-me com os pormenores mais tarde.

E porque sou gajo, um idiota ganancioso que tinha acabado de perceber o seu erro, fiz ainda pior:

— Mas ainda podemos...

— Curtir? — sugeriu, de lábios franzidos. — Dar umas quecas, sabendo que não vamos a lado nenhum.

— Dizes isso como se fosse uma coisa má. — Merda. *Cala a boca, porra*. Mas não calei. — O sexo não tem de significar alguma coisa.

A expressão dela azedou.

— Mas significaria, Lucian. Contigo, significaria. — Levantou o queixo, o corpo inflexível, e afastou-se de mim. — Lamento se isso te deixa desconfortável...

— Deixa. — Céus! Ela era uma dádiva. E eu tinha-a deitado fora. Dei um passo em direção a ela, um pouco desesperado, sabendo que a estava a perder.

Mas ela recuou.

— E pode ser fácil para ti deixares a emoção fora disto...

— O problema é esse, Em. Não consigo. Contigo, não consigo.

Um sorriso triste tocou-lhe os lábios exuberantes.

— Não! O problema é que tu sabes que isto pode ser mais qualquer coisa e não queres isso.

Quero. Só não mereço. Vou destruir-te. Como me destruí a mim.

— Não quero magoar-te.

O sorriso dela transformou-se num esgar doloroso.

— Não te preocupes. Acabaste com tudo antes de isso poder acontecer. — Inspirou audivelmente e passou a mão pelo cabelo, como se estivesse a recompor-se. — Vou andando.

— Não! — Dobrei os dedos, tentando descobrir como salvar qualquer coisa entre nós, tentando não ir atrás dela. Tinha sido minha durante tão pouco tempo. Não o suficiente.

É o melhor. Faz isso por ela.

— Podemos continuar a sair — sugeri, mas encolhi-me ao ouvir-me dizer aquilo. — Ser...

— Amigos? — Ela abanou a cabeça, olhando para mim como se eu fosse de compreensão lenta. — Não consigo ser amiga de alguém com quem quero ir para a cama.

— Caramba, querida, estás a dar cabo de mim.

Ela não sorriu; os seus olhos estavam sem brilho, aquela bonita boca que eu não tinha provado o suficiente era uma linha reta.

— Não sei porquê, mas acho que vais conseguir sobreviver, Lucian.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Emma

Não aceitei nada bem a rejeição do Lucian. Poderia pensar-se que os anos de luta para vencer num dos meios profissionais mais difíceis do mundo me tinham tornado imune à rejeição. Disseram-me não de tantas maneiras, em termos tão duros, que devia ter sido fácil ouvir mais um.

Mas, como atriz, o «não» era uma resposta esperada. Apanhamos a pancada e continuamos em frente. Ouvimos dizer que somos muito baixos, muito gordos, muito magros, muito jovens, muito velhos, e levantamos a cabeça. Dizemos a nós próprios que temos de aguentar aquelas merdas todas porque há ouro no final do arco-íris. Há dias em que isso resulta. E há dias em que não.

A rejeição do Lucian, no entanto, foi uma coisa completamente diferente. Foi um pontapé nos dentes, um murro no peito. Doeu-me.

O pior de tudo foi ele ter sido o adulto na sala, o responsável. Eu tinha-me esquecido completamente onde estava, quem eu era, quem ele era. Nada disso importava. Só o queria a ele. Mas o Lucian tinha razão; eu estava de férias e ele não estava sequer disposto a tentar manter um relacionamento. Era melhor deixar isso claro antes que todo o género de emoções confusas se envolvessem.

Com ele, eu não podia ter só um caso de sexo sem consequências. Tanto eu como ele sabíamos isso. Mas menti-lhe e disse-lhe que não estava magoada. Apesar de a bola fria da rejeição e do arrependimento ter tomado proporções épicas no meu peito.

E cresceu ainda mais e tornou-se mais pesada quando acordei e encontrei mais uma cesta de pequeno-almoço à minha porta. O Lucian não tinha poupado esforços e mandou-me as minhas frutas favoritas, perfeitamente maduras, fatiadas e moldadas de maneira a parecerem flores. Iogurte fresco, espesso e cremoso, com um molho de mel dourado e nozes torradas. Quatro tipos diferentes de compotas e, claro, os pães. Uma variedade de pequenos pães doces e salgados à minha escolha.

Devolvi o cesto sem ter tocado em nada. Era mesquinho, mas eu não tinha fome. E também não conseguia comer a comida dele. Não conseguia! Magoava-me demasiado. E também me irritava. Não era aquela a atenção que queria dele. Se não podia ter tudo o resto, também não queria aquele bocadinho.

Veem? Mesquinhoha.

Não é mesquinhez. É cuidado. Tenho de me proteger.

Suspirei, fiz um café — não tão bom como o dele —, bebi-o e depois fui falar

com a Amalie. Tinha de lhe dizer que me ia embora. Não podia continuar em Rosemont.

A Amalie mandou-me uma mensagem a dizer que estava na sala de estar vermelha. Felizmente, também me mandou um mapa da casa, o que me fez sorrir. A casa principal de Rosemont era enorme, mas com proporções graciosas que a faziam parecer, bem, não exatamente aconchegante, mas confortável.

Atravessei o grande terraço das traseiras. A luz do sol brilhava por cima das tecas entrelaçadas de glicínias roxas, que pendiam como uvas. Cada uma das divisões daquele lado da casa tinha um enorme conjunto de portas de vidro, todas abertas, para deixar entrar o ar fresco.

Por fim, encontrei a Amalie numa bela sala que podia ter acabado de sair do tempo da Espanha colonial, com as vigas de madeira à mostra, azulejos espanhóis pintados à mão, a azul e dourado, e paredes de estuque suavemente gastas. A Amalie estava instalada num grande sofá de damasco creme. Como uma rainha, acenou-me girando graciosamente o pulso.

— Minha querida, tenho-te negligenciado, não tenho?

— Não, de maneira nenhuma — disse eu, sentando-me ao lado dela. Na mesa de centro quadrada, em carvalho envelhecido, havia um tabuleiro de prata com pequeno-almoço para dois. O meu estômago começou às voltas, em protesto, apesar de eu estar com água na boca. Maldito homem! Tinha-me treinado tão bem as papilas gustativas que temia nunca mais conseguir livrar-me de querer sempre mais uma dentada.

— Toma! — A Amalie inclinou-se para a frente e pegou numa delicada chávena de café cor-de-rosa, com um friso dourado. — Conversamos enquanto comemos. — Fez uma pausa, como se lhe ocorresse um pensamento. — Ou já tomaste o pequeno-almoço?

— Já, já — menti. Estava com fome e queria desesperadamente comer, mas aquela comida também tinha sido feita pelo Lucian. O pequeno-almoço da Amalie era um pouco diferente do meu: frutas simples, em taças, sem a forma de flores, pães estaladiços, em vez de uma variedade de pães doces, e ovos cozidos e presunto. A diferença entre aquele pequeno-almoço, completamente normal, e a extravagância do meu provocou coisas engraçadas dentro de mim.

Para meu horror, o meu estômago fez um barulho nada subtil. Com a cara a escalear, ignorei o barulho e sorri à Amalie.

— Vou beber só um café. — Meu Deus, não me estava a sair lá muito bem. Maldita fome traidora!

Felizmente, a Amalie não fez nenhum comentário, pôs café nas duas chávenas e, depois, acomodou-se no sofá, com um suspiro.

— Então, de que é que precisas? Peço desculpa, mas pareces-me aborrecida. — Os seus olhos verde-pálido, tão desconfortavelmente semelhantes aos do Lucian, estudaram-me. — Passa-se alguma coisa?

— Eu...

— Mamie — chamou uma conhecida voz profunda, vinda do vestíbulo. — Vou às compras...

O Lucian entrou na sala e parou ao ver-me, as suas palavras a cortar o silêncio. Ele ficou prostrado onde estava, pálido, a olhar para mim, e eu, com o coração aos saltos, não conseguia tirar os olhos dele. Aquele homem era demasiado bonito. Não era perfeito, não tinha uma beleza impecável, mas, ainda assim, era bonito.

E agora eu sabia como era senti-lo contra a minha pele, na minha boca. Conhecia a sua expressão facial quando se vinha, conhecia-lhe os sons, aqueles profundos gemidos agonizantes de prazer. E ele também me conhecia a esse ponto. Ele tinha-me reduzido a um ser ofegante e carente, apenas com a boca e as mãos.

E esse conhecimento pairava entre nós como fumo, espesso e sufocante.

Nunca mais faríamos nada daquilo. Tinha acabado ainda antes de começar.

Como se o mesmo pensamento lhe ocupasse a cabeça, o olhar do Lucian aprofundou-se com o que parecia arrependimento, ou talvez um pedido de desculpas. Ou talvez fosse isso o que eu queria ver. Já não sabia.

Ele engoliu em seco, com força, depois pestanejou, como se quisesse sair de uma névoa.

— Olá.

Não havia dúvidas sobre com quem é que ele estava a falar. Senti os lábios dormentes e desajeitados quando lhe respondi.

— Olá.

Lindo! Estávamos reduzidos àquilo.

Ele disse qualquer coisa inteligível, mudou o peso de um lado para o outro, um homem a decidir se era melhor ficar ou fugir dali. Encheu-se de coragem, pousou as mãos nos quadris.

— Não comeste nada ao pequeno-almoço.

Semicerrei os olhos, aborrecida.

— Pois não.

Nem morta me ia justificar. Mas não me podia esquecer de que tinha a Amalie sentada ali mesmo ao meu lado. Lancei um olhar rápido ao Lucian. Como é que ele se atrevia a expor-me à frente da Amalie? Devolveu-me um olhar de pura teimosia, como se pudesse obrigar-me a comer a sua comida. Que pena! Esses tempos tinham acabado.

O Lucian pestanejou novamente e tive a estranha sensação de que ele estava a absorver um golpe. Mas, de repente, a sua expressão transformou-se em pedra e dirigiu a atenção para a avó.

— Recebi a tua lista de vinhos. Precisas deles para hoje?

A Amalie, que tinha estado pensativamente quieta durante a nossa conversa, voltou a animar-se.

— Sim, meu querido. Se fizeres o favor. — Não sabia de que é que eles estavam a falar, nem queria saber. A vida deles não me interessava. — A Tina queria dar uma volta. Se calhar podias levá-la contigo, não achas?

O Lucian olhou para mim e aquele bocadinho de atenção incendiou-me a pele. Mas não se prolongou muito. Concentrou-se na Amalie; o único sinal externo de que eu estava na sala era a linha dura do seu maxilar. Tínhamo-nos tornado um incómodo um para o outro.

— Eu levo-a. — Mais uma vez, olhou para mim, como se quisesse dizer-me alguma coisa. Mas não disse. Não me disse mais nada. — Volto daqui a um bocado, então.

Hesitou, a pairar no limiar da sala, os largos ombros rígidos. E um agudo sentimento de tristeza esbofeteou-me. Durante uns dias, eu tinha posto os olhos naquele homem e isso fez-me sentir viva, saber que podia provocá-lo, que ele me daria o seu melhor. E que podia aliviar a escuridão dos seus olhos.

Agora, ele passava por mim um olhar impessoal, retraído, nada mais.

— Emma.

— Lucian. — A voz saiu-me tão trémula que me encolhi, por dentro. Mas mantive uma expressão neutra. Educada, até. E era horrível.

Trocámos o mais estranho dos acenos e ele foi-se embora, levando consigo toda a vida daquela sala. Era por isto que eu tinha de me ir embora. E era por isto que ele tinha razão, teria sido pior se tivéssemos ido mais longe. Devia agradecer-lhe.

Mas ainda não conseguia. Por enquanto, não.

A Amalie esperou um minuto, talvez para ter a certeza de que o Lucian já não conseguia ouvir-nos, e depois virou-se para mim. Preparei-me para as perguntas dela, mas limitou-se a beber o café.

— Então, quais são os teus planos para hoje? — perguntou, finalmente.

Enterrei-me mais no canto do sofá.

— Aluguei um carro e vou a Los Angeles.

Ela arqueou as sobrancelhas escuras, perfeitamente arranjadas.

— Vais a guiar até Los Angeles?

— Sim. Tenho de começar a procurar casa. Pensei dar uma olhadela a algumas, e talvez fique por lá durante o fim de semana. — Preferia estar num hotel durante umas noites do que saber que o Lucian estava por perto.

— Hum. — Bebeu um pouco de café.

Ah, ela estava a estudar-me muito atentamente. E eu recusei mostrar-me.

— Quanto mais cedo arranjar uma casa, mais depressa lhe desamparo a loja.

A Amalie pousou a chávena com um clique suave.

— Minha querida, não tens de me «desamparar a loja», mas nunca devemos descurar as coisas importantes da vida. Pores a questão da tua casa em ordem parece-me uma ideia maravilhosa.

Ter-me sentido dececionada por ela ter concordado tão rapidamente era um sinal claro do triste estado em que me encontrava. Senti-me desapontada e desconfortável. Claro que ela não podia ter deixado de perceber o ambiente estranho que havia entre mim e o Lucian. Era horrível imaginar que podia estar a pensar que eu o magoara e que, por isso, me queria o mais longe possível do seu neto.

Pus-me de pé, mas as minhas pernas não estavam tão firmes como gostaria.

— Bom, vemo-nos daqui a uns dias. — Num impulso, inclinei-me e beijei-lhe a cara macia, que cheirava a *Chanel N.º 5*. — Obrigada por tudo, Amalie.

Acariciou-me o braço.

— Ah, minha querida, obrigada por teres vindo. Trata do que tens a tratar. E

vemo-nos em breve.

Já estava ao pé das portas que davam para o terraço quando as palavras dela voltaram a fazer-me parar.

— Lembra-te: não interessa até onde vais, porque vais estar sempre onde está o teu coração.

As palavras atingiram-me como dardos e fechei os olhos, brevemente, de costas para ela. O meu coração estava no meu peito. No sítio onde tinha de estar, raios! Iria repetir aquilo quantas vezes fossem precisas, até acreditar.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Lucian

— Paraste de pestanejar — disse o Brommy, interrompendo-me os pensamentos. — E é assustador.

Estávamos sentados nas espreguiçadeiras à beira da piscina a beber cerveja, enquanto o sol se punha. A certa altura, parei de ouvir o Brommy divagar e, aparentemente, parei de pestanejar.

Tirei os olhos da água e olhei para ele.

— Bem, assustador é tu estares a olhar para mim há tanto tempo que até reparaste nisso.

Ele bufou, depois bebeu um grande gole de cerveja.

— Meu, estou para aqui a falar sozinho há dez minutos sem tu responderes. Às tantas, até te perguntei se gostas mais de te depilares com cera ou de rapar os pelos.

la beber um pouco, mas parei a meio.

— E eu respondi?

— Grunhiste. — Ele riu-se e pousou a cerveja no chão. — O que é que se passa, Ozzy? Estás com o pior humor de sempre, pá. Não, esquece. Estás é num vazio. Um vazio estranho como o caraças, estás a assustar-me.

Embora tentasse, não conseguiu esconder que se encontrava verdadeiramente preocupado, e foi isso que me fez responder-lhe, em vez de grunhir novamente.

— Estou chateado, só isso.

Chateado. Era uma maneira de dizer. Chateado. Não destroçado.

Ter visto a Emma naquela manhã tinha-me deixado de rastos. Pensei que conseguiria lidar com a situação. Que conseguiria estar com ela com o mesmo desprendimento com que, agora, enfrentava a maior parte da minha vida. Que piada!

Mal olhei para ela, fiquei logo sem fôlego. Completamente em branco, sem saber o que dizer ou fazer. Ali sentada naquele sofá, tão bonita que até doía olhar para ela, distante e inacessível. O sorriso atrevido daqueles olhos azul-escuros tinha desaparecido. A sensação de intimidade tinha desaparecido. Senti-me como se tivesse perdido um braço ou uma perna.

E eu sabia que tinha feito tudo mal. Muito mal.

Não me tinha salvado de um possível desgosto. Já estava apaixonado pela Emma.

— Ela não comeu o pequeno-almoço que lhe mandei.

— O quê? — O Brommy franziu as sobrancelhas, confuso.

Merda. Disse aquilo em voz alta. Esfreguei o centro do peito, exatamente onde me doía. Era ali que o meu coração estava. Sentia cada um dos dolorosos batimentos. Mas continuava frio e vazio.

— A Emma — resmunguei. Raios! Até dizer o nome dela era doloroso. — Recusou o pequeno-almoço.

O Brommy sentou-se um pouco mais direito.

— És tu que estás a fazer os pequenos-almoços aqui?

Rosnei, ofendido.

— Quem é que achavas que era? — Ele já me tinha visto cozinhar muitas vezes. Caraças! Estava sempre a cozinhar para eles, a fazer pão, bolos. Até houve uma altura em que, durante dois anos, me chamavam de Bolo, o que não tinha graça nenhuma.

O Brommy encolheu os ombros, sem convicção.

— Não pensei no assunto, para dizer a verdade.

Senti um certo desconforto e perguntei-me se não seria patético eu estar a cozinhar para toda a gente. Há um ano, não teria feito isso. Oh, mas teria feito pão e bolos, porque isso me relaxava. Mas não teria assumido a responsabilidade de cozinhar todas as refeições, para toda a gente, todos os dias.

Mas agora isso mantinha-me a cabeça ocupada e sem pensar nas coisas que queria ignorar. Infelizmente, não funcionava quando se tratava da Emma. Pensei nela a cada segundo enquanto lhe fazia o pequeno-almoço. Pus nessa tarefa todos os meus remorsos e a esperança de que ela estaria bem.

E ela devolveu tudo sem sequer lhe tocar.

Voltei a esfregar o peito. A culpa era toda minha.

A espreguiçadeira do Brommy chiou quando se virou para mim.

— OK, esclarece-me lá isto. Estás a olhar para o fundo da piscina porque fizeste o pequeno-almoço à Emma e ela não comeu?

— Não, não é por *isso*.

— Andas feito um mentiroso de merda, Oz. — Inclinou-se para trás, estendendo-se e instalando-se mais confortavelmente. — Vocês enrolaram-se no casamento?

— O quê? — ripostei. Merda. Eu *não* ia pensar nisso. Não conseguia pensar na pele macia da Emma, na sua boca contra a minha. *Não. Não penses nessa porra.* — Onde raio é que foste buscar isso?

Encolheu os ombros.

— Não é preciso fazer um grande esforço. Andas doido com ela e está na cara que ela te acha... — fez uma careta — atraente. Os casamentos são sempre acontecimentos românticos, acho eu. Pelo menos, parecem deixar as pessoas com tesão.

— Jesus.

— E vocês passaram lá a noite. Então, Oz? — Os olhos dele riam-se. — Sou eu, pá! Eu conheço-te. Comeste-a e...

— Não vás por aí, Brom. Não a comi. OK? — Raios! Bem queria. Devia tê-la comido. *Sou o gajo mais estúpido deste mundo.*

— Se tu o dizes... — Voltou a encolher os ombros. — Sim, talvez seja melhor

dizeres isso, se ela agora recusa a tua comida. Deve ter sido... Bem, acontece-nos a todos, algum dia.

— Acontece o quê? — perguntei, sombrio.

Sorriu, maligno.

— Tu sabes. — Ergueu o dedo indicador e depois fê-lo cair.

Olhei para ele. Sério.

— Ouve lá, eu não murcho. Não houve sexo porque... — O calor subiu-me pelo pescoço. Porque é que estava a falar daquilo com o Brommy? Porque não tinha mais ninguém com quem falar do assunto. E porque precisava de tirar aquilo do peito. Encolhi os ombros, tenso. — Não tínhamos preservativos.

Ele fez uma pequena pausa.

— Ah. Não estavas preparado. Coisa de novato, Ozzy.

— Estar preparado implicava estar à espera de qualquer coisa.

— E não estavas, honestamente? — Parecia genuinamente perplexo.

Exalei profundamente.

— Acredites ou não, estava a tentar manter-me longe.

— Mas por que carga de água é que te querias manter longe da Emma Maron? — Estava quase apoplético.

Passei a mão pela cara e encostei a cabeça à espreguiçadeira.

— Não sei, Brom. Porque ela não é o género de mulher de uma só noite?

— Pois não, não é — concordou sinceramente. — Ela é mais o género de mulher «oh, meu Deus, ela gosta de mim, vou retrair-me e esperar que ela nunca descubra que sou um grande parvalhão».

— Obrigado. E isso vindo do Sr. Nunca me Comprometo...

O Brommy apoiou o meu namoro com a Cassandra, mas quando a pedi em casamento, achou muito má ideia e foi inflexível.

— Ei! Eu nunca digo nunca. Se encontrar uma miúda que me faça sorrir nas horas mais sombrias, vou fazer tudo para ficar com ela.

Senti um buraco no peito. A Emma foi a única pessoa que alguma vez conheci que podia fazer isso por mim. E o facto de o Brommy também saber isso só demonstrava o quão teimoso eu tinha sido.

Passei a minha vida toda a proteger aqueles que amo ou a viver para provar a mim próprio que era o melhor no meu desporto. Sempre fui completamente independente. Não queria que fosse de outra maneira. Porque não sabia o que estava a perder. Não conhecia a Emma.

Engoli com dificuldade.

— Disse-lhe que era um erro começarmos qualquer coisa. Que só estávamos a curtir.

— Estúpido! — disse ele, com simpatia.

Concordei, com um resmungo.

— Tenho de falar com ela.

— Ela não está cá. — A voz do Sal fez-nos saltar a ambos.

— Credo! — protestou o Brommy. — Como é que consegues andar sem fazer o mínimo ruído?

— Muitos anos a esquivar-me. — O Sal sentou-se na ponta da espreguiçadeira vazia que estava ao meu lado. — É a melhor maneira para ouvir tudo.

— Adoro a falta de vergonha com que ele diz isto — comentou o Brommy, dirigindo-se a mim.

Eu estava prestes a concordar, mas, de repente, fiquei petrificado.

— Espera. O que é que queres dizer com «ela não está cá»?

O Sal pôs-se a olhar atentamente para uma das suas unhas.

— Foi-se embora. Há bocado.

— Foi-se embora? — Sentei-me, direito. O sangue pulsava-me nos ouvidos, o meu coração disparou. — Foi-se embora?

— Não é por repetires muitas vezes que passa a não ser verdade — disse o Sal.

— Sal!

— O que foi? — Olhou para mim, a bater as longas pestanas, e juro que estive à beira de o atirar para a piscina. Ele deve ter percebido, porque soltou um suspiro exagerado. — Foi passar o fim de semana a Los Angeles, para procurar casa. Disse que quanto mais depressa arranjar casa, mais depressa desampara a loja à Amalie.

— Conseguieste saber isso tudo com uma esquivadela, foi? — perguntou-lhe o Brommy.

— Não. A Amalie contou-me. Contamos tudo um ao outro. — E lançou-me um olhar cheio de significado.

Devolvi-lhe o olhar. Mas o meu coração não estava ali. Não, o meu coração estava a fazer tudo para sair do meu maldito peito ou para me rastejar pela garganta acima. Parecia não conseguir decidir.

Ela queria ir-se embora. Por minha causa.

E porque é que não haveria de querer, parvalhão? Disseste-lhe que não estavas interessado em nada sério.

— Mas já é sério.

O Brommy e o Sal olharam para mim, preocupados.

— O quê? — perguntou o Sal.

Passei a mão pela cara.

— Nada.

Levantei-me de um salto, com a cabeça a mil, a antever o jogo, a ver o panorama completo, todas as opções de jogadas. Pela primeira vez.

— Sal — disse. — Vais dar bom uso a esses teus dotes sorrateiros.

Ele inclinou-se para trás e olhou-me, divertido.

— Ah, vou?

Ele não estava a brincar. Eu conhecia-o e sabia que ia alinhar.

— Vais! Faz a mala, porque vais a Los Angeles. Eu pago tudo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Emma

— Os móveis foram todos feitos por medida, por artesãos locais — disse, pela terceira vez, o Remington, o agente imobiliário, enquanto percorríamos a casa.

Murmurei qualquer coisa apropriada, mas o meu coração e a minha cabeça não estavam ali, e continuei a andar pela sala fria e de tetos altos, os saltos dos sapatos a baterem e fazendo clique-claque no chão.

— Esta casa não tem nada que ver contigo — disse a Tate, a amiga que me acompanhava, sem se preocupar em baixar a voz. — É muito impessoal.

— Impessoal? — protestou o Remington, levantando as sobrancelhas. — Olhem para esta luz! E tem o canal aqui mesmo à porta! Não sabe que é um verdadeiro achado encontrar uma casa boa no canal?

Andávamos a ver casas na zona de Venice, porque o Remington me disse que era o sítio certo para se viver em Los Angeles. Talvez fosse. Mas não ia continuar a ver casas. Sentia a cabeça pesada e doíam-me os ombros. Queria uma bebida gelada e uma espreguiçadeira onde me estender.

E, quem sabe, talvez um bolo bonito, que me enchesse a boca com o seu sabor e me fizesse o coração vibrar...

Não. Isso não.

Exasperada, passei a mão pelo cabelo e arranhei o coró cabeludo, tentando levar um pouco mais de sangue à cabeça.

— A Tate tem razão. Esta casa não tem nada que ver comigo. E estou cansada. Por hoje, já chega.

O Remington não ficou nada contente com o que ouviu e dardejou a Tate com o olhar. Mas ela sabia defender-se bem. Atirou-lhe um beijo, lentamente, e eu desatei a rir.

A Tate era a minha amiga de Hollywood mais antiga. Conhecemo-nos quando ainda éramos novatas, numa audição para um anúncio de cereais. Eu fui rejeitada porque era «demasiado “loira da Califórnia”», apesar de ter nascido e crescido em Fairfax, na Virgínia, e muito baixa, apesar de ser uma das atrizes mais altas do grupo. E, ao que parecia, o meu sorriso era um convite para sexo. A Tate rira que nem uma doida com isso. Até lhe dizerem que ela tinha um peito muito grande e lhe perguntarem se estava disposta a pintar de preto-corvo o seu cabelo loiro.

Fomos almoçar juntas para dizermos mal dos diretores de elenco, que eram todos uns embirrantos e não faziam a mínima ideia do que andavam a fazer. Na verdade,

não eram; com o tempo, ambas acabámos por descobrir que havia outros intervenientes muito piores neste mundo estranho e confuso da nossa profissão. Desde esse dia, ficámos amigas para sempre.

Agora a Tate dava-me o braço, enquanto atravessávamos o hotel, rodeadas de papel de parede de um verde luxuriante e *kitsch* de folha de bananeira.

— Vais acabar por encontrar qualquer coisa — disse ela, dando-me um aperto de apoio enquanto percorríamos o caminho através do jardim.

— Eu sei. Mas estou cansada. — Abri a porta do extravagante bangalô que tinha alugado. Podia ter ficado num quarto simples. Podia ter ficado em casa da Tate. Mas estava a lamber as minhas feridas cercado-me de um luxo que, há uns anos, jovem e sem dinheiro, me teria feito encolher de horror.

A Tate largou a carteira numa mesa de apoio e deixou-se cair no sofá com um suspiro.

— Olá, Marilyn — disse ela, dirigindo-se à fotografia a preto e branco de Marilyn Monroe que havia numa das paredes. — Chegámos!

Eu também acenei à Marilyn e enrosquei-me na outra ponta do sofá.

— Queres pedir uns *cocktails*? — perguntou a Tate, olhando para mim. — Ou ir até à piscina?

Piscinas, não. Não sabia quando conseguiria aproximar-me de uma piscina, mas não era naquele dia, com toda a certeza.

— Estava a pensar fazer uma sesta. — Atirei as sandálias de salto alto para longe e mexi os dedos dos pés. Como ela não disse nada, levantei os olhos e vi que estava a fazer uma careta sombria.

— Estás bem? É por causa de teres saído da série?

A Tate foi a única amiga a quem contei que tinha sido decapitada por um machado. Bem, além da Amalie, da Tina e do Lucian. Afastei o nome dele da cabeça. Ou tentei, pelo menos.

— Estou bem — menti. — E não é por causa da série. Não mesmo. Já me conformei com isso. — Porque um homem mal humorado e bonito me abraçou, no escuro, e me disse que não havia problema em chorar.

Senti um aperto no peito e desviei o olhar para a expressão sensual de Marilyn. Alguém me disse, uma vez, que ser uma estrela é brilhar sozinha no céu noturno. Sempre admirada, sempre sozinha. Eu tinha-me rido daquilo. Porque é que não podia ter tudo?

Os meus olhos turvaram-se e apertei a ponta do nariz.

— Eu... — Fui interrompida pela chegada de uma mensagem no meu telemóvel que provocou uma vibração aos meus pés.

Como não queria ir-me abaixo e chorar no ombro da Tate, tirei o telefone da carteira.

Sal: Não posso acreditar que foste para LA sem mim!!!

Abanei a cabeça, a sorrir, enquanto escrevia a resposta.

Quem é e como é que tem este número?

Houve uma breve pausa.

Sal: És má, Emma! E pensar que te ia dizer que encontrei um vestido de baile *Dior vintage*, dos anos 50, em seda azul-clara. Do TEU tamanho!

Mandou-me uma fotografia do vestido e eu fiquei sem fôlego. Era lindo.

— Caraças! — exclamou a Tate, que era uma coscuvilheira e estava a espreitar a troca de mensagens por cima do meu ombro. — Quem é esse Sal? E, se não quiseres o vestido, diz-lhe que eu o quero.

Empurrei-a, com uma gargalhada.

— É o assistente pessoal da Amalie. É um querido e especialista em moda. — Eu já tinha contado à Tate tudo sobre a estadia em casa da Amalie. Bom, não lhe tinha falado do Lucian. Não conseguia. Ainda não.

Só de pensar nele naquele momento fez o meu sorriso desaparecer. Tinha saudades suas.

Raios! Não devia ter saudades de um homem que mal conhecia.

Mas eu conhecia-o. Não há muito tempo, mas em profundidade de caráter. Afastei esses pensamentos e respondi ao Sal.

Desculpa, Sal! Ou nunca me perdoarei a mim própria! :)

Sal: Tu só queres é o vestido.

Sim. Mas presumo que vens c vestido?

Sal: Isso é uma provocação, querida Emma?

Ri-me.

Boa tentativa, Sally.

Sal: :P Já comprei o vestido. É teu.

Amo-te, Sal!!!

Olhei para a Tate.

— O vestido é meu!

— Cabra! — Ela fez beicinho e, depois, bateu com o pé dela no meu. — Quando é que o conheço?

Antes de poder responder, o Sal mandou-me outra mensagem.

Sal: Então, onde estás instalada? Por favor, diz-me que é um sítio fabuloso. Deixa-me sonhar.

Vais gostar disto, então. Bangalô 1, no Beverly Hills Hotel.

Sal: O MARILYN!?! Sem MIM???

Ri à gargalhada e mostrei a mensagem à Tate.

— Oh, adoro esse homem — disse ela.

— Eu também. — Gostava de toda a gente em Rosemont. Senti uma pontada provocada por uma saudade alarmante. Respirei fundo, devagar. Não podia ficar apegada.

O Sal mandou mais uma mensagem.

Sal: Diz-me que vais sair e divertir-te!

Ah, não... Acho que vou arrastar o rabo até ao *lounge* para jantar, mas só isso.

Sal: Chataaaaaa!

Sou assim. Vou dormir a sesta, agora!

Perguntei-me se ele iria gozar comigo por causa disso, mas não o fez.

Sal: Dorme bem, bela Emma.

Aquilo docu-me. Porque queria ouvir aquelas palavras de outra pessoa. Queria falar com ele. Só o queria... a ele.

— Ele tem razão. És uma chata! — A Tate voltou a tocar-me com o dedo do pé e eu afastei-a com uma pequena palmada. Ela fez um ruído de protesto. — Vamos sair.

— Não. — Pousei o telemóvel. — Não consigo. Eu... — A minha voz ficou presa, e não consegui dizer mais nada.

O olhar da Tate tornou-se mais aguçado.

— Passa-se qualquer coisa contigo. Conta-me. O que é?

Tinha um «não» na ponta da língua. Mas as palavras saíram-me num tropel, sem eu lhes dar autorização.

— Oh, nem sei por onde começar.

— Pelo princípio.

— Acho que vamos precisar de uma bebida.

Ela já estava a caminho do minibar.

— Vamos a isso!

E, assim, contei-lhe tudo o que me ia no coração. Mas, quando acabei de falar, não me sentia melhor.

A Tate conseguiu arrastar-me até ao *lounge* e acabámos no pátio, escondidas num canto com privacidade, encobertas por uns por vasos com árvores.

A Tate pediu ostras e *gimlets*¹⁰ para ambas.

— O quê? Nada de sumos de fruta? — provoqueei-a.

— Tem limão — disse a Tate, muito séria.

Fingi que me engasguei.

— Que graça!

— Cala-te! Adoras.

Trouxeram-nos os *cocktails*. A Tate sacudi o longo cabelo para trás dos ombros e respirou de forma dramática. Rodeada por estuque cor-de-rosa e móveis brancos de ferro forjado, parecia um pouco uma Rita Hayworth moderna.

— Aqui estamos nós, com bons *cocktails* e uma noite sem homens.

— Ámen.

— Emma?

Ficámos ambas petrificadas ao ouvirmos aquela voz que tão bem conhecíamos. E senti um turbilhão dentro de mim.

— Ah, por amor de Deus — protestou a Tate, olhando para o intruso.

Eu não olhei, mas fiz a minha melhor cara de «estou feliz e perfeitamente bem». Porque o Greg, o sacana do Greg, estava ali, à minha frente.

— Não tens a certeza? — perguntei-lhe.

Ele ficou com uma expressão confusa.

— Não tenho a certeza de quê?

— Se sou a Emma ou não.

Ele inclinou a cabeça. O Greg nunca tinha sido bom em jogos de palavras.

— Claro que sei que és a Emma.

— Mas preguntaste. — Naquele momento, lembrei-me de que tinha provocado o Lucian de maneira semelhante quando nos conhecemos, e ele percebera imediatamente. Raios! Não podia estar sempre a pensar nele.

Olhei para aquele filho da mãe, que há um mês me tinha partido o coração e que agora estava outra vez ali, a coçar a nuca, nitidamente nervoso. Estava condenada a ter de esbarrar com ele, mais cedo ou mais tarde. Jogava no Rams, por isso, a menos que tivesse jogos fora de casa, andava sempre algures por ali, na mesma cidade. Que tinha quatro milhões de pessoas. Caramba, porque é que tínhamos de nos encontrar?

— Fiquei surpreendido. — Encolheu os ombros. Tinha uns bons ombros, tenho de reconhecer. — É bom ver-te.

— Não posso dizer o mesmo.

A Tate quase se engasgou com o *gimlet*. Atirei-lhe um olhar divertido e, depois, voltei a minha atenção para o Greg, com uma expressão indiferente. Eu conseguia ser adulta.

— Ainda não encontraste casa?

Eu tinha contratado uma empresa para ir buscar as minhas coisas todas a casa

dele, mas ele havia-me enviado uma enxurrada de mensagens a dizer que, se não continuasse a viver lá com ele, também não aguentaria lá continuar. A minha empatia foi nula.

— Não. — Contorceu a boca e olhou para mim com um carinho que não me deu qualquer conforto. — Não consigo encontrar nada que me pareça bem.

— Muito bem. — Levantei o meu copo. — Desejo-te uma boa noite.

Veem? Adulta.

Agora, vai-te foder, Greg.

Ele franziu a testa. Mas não saiu do sítio onde estava.

— Estás acompanhada?

— Estou sentada ao lado dela, acho eu — disse a Tate, exasperada.

Ele olhou rapidamente para ela, depois voltou a concentrar-se em mim, puxando pelo charme.

— Ouve, Emma. Temos de falar.

Eu costumava derreter-me com aquele sorriso doce. Devia ser por causa da covinha. O Greg fazia uma grande covinha. Só numa das bochechas. Acrescente-se a isso o cabelo castanho-caramelo e os olhos azuis e até parecia um tipo às direitas. Quando, na verdade, era um sacana de um mentiroso e de um traidor...

Mordi o interior do lábio e olhei para ele, com frieza. Ou, pelo menos, assim esperava.

— Não estou interessada em falar contigo. Por isso... — Fiz um movimento a enxotá-lo.

— Então, querida? Vivemos juntos durante um ano. As coisas não podem acabar assim.

Assim? Ele tinha acabado as coisas a enfiar a pila noutra vagina.

Eu não queria nada estar naquela situação. Não queria falar com ele ali, em público, correndo o risco de poder haver alguém a fotografar-nos ou a gravar a conversa. Não queria falar com ele em lado nenhum, para dizer a verdade. Nada que pudesse dizer me faria mudar de ideias. Mesmo ouvir a explicação dele já exigia muito esforço.

O problema é que ele não estava a aceitar um não como resposta, o que significava que eu teria de o tirar dali e dizer-lhe isso tudo na privacidade do meu bangalô. Que iria ficar contaminado pela presença dele. Raios partam aquilo tudo!

— Guarda-me umas ostras — pedi à Tate, com um suspiro.

Ela ficou com uma cara preocupada.

— Vais conversar com esse pénis com borbulhas?

— Pénis com borbulhas? — repetiu o Greg, com uma careta.

— Isso é muito pior — declarou a Tate.

Pousei a mão no braço dela.

— Quero fazer isto em privado.

Ela olhou para mim, para ter a certeza de que eu estava mesmo bem, e apertei-lhe o braço, tranquilizando-a.

— Eu já volto.

— OK. Mas se ele te causar um desgosto... — Lançou um olhar significativo ao

Greg, que revirou os olhos.

Peguei na carteira, levantei-me e, propositadamente, fiquei longe do alcance do Greg.

— Anda lá, borbulha. — Não esperei por ele e saí com um passo gracioso de «estou a controlar isto tudo».

— Ouve, Emma...

— Nem uma palavra — interrompi-o, enquanto atravessávamos o jardim deserto, em direção ao meu bangalô. — Só vou falar contigo num sítio com total privacidade.

— OK.

O pequeno bangalô em estilo espanhol, pintado de rosa crepúsculo, ficava fora do carreiro e tinha uma grande rampa de ladrilhos de terracota que levava à porta da frente. Era isso que eu estava à espera de ver. Mas não com o Lucian Osmond ali, de pé, à minha espera.

Banhado pelo brilho dourado das luzes do alpendre, também ele parecia surpreendido, como se tivesse sido apanhado, mas, de repente, percebi que estava a olhar para o Greg, que ia ao meu lado.

Demasiado surpreendida para conseguir pensar noutra coisa que não fosse o facto de ele estar ali, à minha porta, com as suas habituais calças de ganga e uma camisola de malha verde-seco, não conseguia tirar os olhos dele.

De repente, o seu olhar fixou-se no meu e a emoção despertou ao longo da minha pele, quente e aguda. O meu coração desatou aos pulos, a tremer.

— Em.

Meu Deus, a voz dele. Sempre que o ouvia, os meus joelhos tremiam um pouco. Sustive a respiração.

— Estás aqui.

Ele não desviou o olhar.

— Sim.

— Luc Osmond? — O Greg. Tinha-me esquecido dele. — Oz?

O Lucian ficou muito sério.

— Sim.

O Greg ultrapassou-me, dirigindo-se ao Lucian.

— Greg Summerland. És o monstro do gelo, meu.

Eu não devia ter comparado aqueles dois homens, mas não consegui evitar. Ambos tinham uma altura e uma largura de ombros semelhantes. O Greg era um pouco mais entroncado, coisa que eu sabia que ele preferia, dada a quantidade de golpes que enfrentava todas as temporadas. O corpo do Lucian era mais magro, os músculos desenhados com uma precisão que me fazia suspeitar ser fruto do trabalho físico constante, fora do hóquei.

Mas era, sobretudo, a maneira como eles andavam. O Greg tinha um passo lento, de quem quer ter a certeza de que toda a gente o observa. Enquanto o Lucian possuía a graça fluida de uma pantera à espera. Podia mexer-se com a rapidez de um relâmpago, se quisesse, mas, na maior parte das vezes, fluía simplesmente. Gingava.

Ficaram frente a frente, o Greg, com aquele seu olhar expectante de «vamos

trocar elogios» com que ficava sempre que estava ao pé de outros atletas famosos, e o Lucian, com a sua reserva sombria.

O Greg estendeu a mão, mas o Lucian olhou para baixo, como se aquilo fosse lixo. Os seus olhos verde-inverno dirigiram-se depois para encontrar o Greg, mas não lhe apertou a mão. Em vez disso, voltou a atenção para mim.

— É má altura?

Eu sabia o que é que ele estava a perguntar. Eu queria o Greg ali? Tinha voltado para ele?

Senti um nó na garganta. Tinha saudades dele. Só passara um dia e já tinha saudades dele. Sentia-me tão zozza.

— O Greg vai-se já embora.

O Greg, que, aparentemente, ao ver o grande Luc Osmond ali, se esquecera de mim, fulminou-me com o olhar.

— Nós temos de falar.

— Sabes que mais? Não estou para conversas contigo. — Com um gesto da cabeça, indiquei a rampa.

— Andas com o Oz? — perguntou-me, incrédulo. Depois, abanou a cabeça e disse, antes de eu poder responder: — Acho que tens um género.

Cerrei os dentes com tanta força que fizeram um ruído.

— A menos que com género queiras dizer «homem», o Lucian não é nada parecido contigo.

O Lucian fez um barulho ininteligível. Mas eu já o conhecia tão bem que consegui perceber que estava surpreendido. No entanto, não conseguia olhar para ele, ainda não. Primeiro tinha de lidar com um ex que puxava cada vez mais pelos seus galões.

— Já chega. Vai-te embora, por favor, Greg.

Como o Lucian estava com um olhar de alerta que o Greg não podia ignorar e eu fiquei quieta, ele suspirou e disse:

— Está bem. Ligo-te depois.

— Gostava que não o fizesses.

Não respondeu, mas parou ao meu lado, inclinou-se e deu-me um beijo na cara antes de eu ter tempo de me desviar.

— Até depois, Emma.

Mantive o olhar no do Lucian, o meu coração a bater descompassado contra o peito. Ele olhou para trás, a expressão fechada. Dei por mim a avançar.

Ao mesmo tempo, o Lucian desceu as escadas para vir ter comigo. Parámos a uns centímetros um do outro. Senti o cheiro da pele dele, açúcar queimado e chocolate amargo; tinha estado a fazer bolos, outra vez. Senti o calor do seu corpo. Tive vontade de me agarrar a ele, de o absorver.

Fiquei quieta e procurei o seu rosto. Ele olhou para mim com uma expressão solene. Quando falou, a sua voz profunda soou mais rouca.

— Não há problema por eu estar aqui? Posso voltar depois. — Disse-o como se forçasse as palavras a saírem-lhe dos lábios. Mas disse. O Lucian nunca me importaria nada que eu não quisesse.

Sorri fugazmente, comovida.

— Estou feliz por te ter aqui. O Greg não parava de insistir que queria falar comigo e eu estava a tentar livrar-me dele o mais depressa possível.

O Lucian soltou uma respiração rápida e audível. Só então reparei que trazia uma pequena caixa branca na mão. Eu conhecia aquelas caixas. Tinha-me trazido um bolo.

A esperança lutou com a cautela. Preparei-me para o pior e esperei o melhor.

— Queres entrar?

Ele ainda não tinha tirado os olhos do meu rosto.

— Quero.

Esta simples declaração fez o meu coração dar um salto. Acenei apenas com a cabeça e fui até à porta, a fingir que não estava a tremer por dentro, de nervos e de urgência. Peguei no meu telefone e enviei uma mensagem rápida à Tate, depois pulo em silêncio, antes de ela ter tempo de me responder com uma enxurrada de perguntas.

— Tinha uma amiga à espera, no *lounge* — expliquei enquanto entrávamos.

Ele franziu ligeiramente a testa.

— Queres ir ter com ela? Eu nem sequer te avisei que vinha. — Tão cuidadoso. Estaria arrependido de estar ali?

— Não. Ela mora aqui perto. — Dei uns passos pelo interior do bangalô. O serviço de quartos tinha lá estado e deixaram algumas luzes acesas, em sítios estratégicos, para criar um ambiente romântico.

O Lucian parou no centro da pequena sala de estar, os ombros largos tensos, apoiado na planta dos pés, como se fosse começar a correr de repente. E isso disse-me que ele estava nervoso. Curiosamente, fez-me ficar menos nervosa.

— Queres beber alguma coisa?

— Não. — Olhou para as mãos e franziu a testa, como se estivesse surpreendido por ver que estava a agarrar numa caixa. — Isto é para ti.

Estendeu-me a caixa, o que significava que eu tinha de me aproximar.

— Obrigada. — Senti os dedos dormentes quando peguei no presente. A caixa parecia estranhamente leve, o que me espicou a curiosidade, mas não a abri. Pousei-a e os meus olhos encontraram o olhar perturbado do Lucian.

— Encarregaste o Sal de descobrir onde eu estava, não foi? — perguntei, no momento em que esse pensamento me surgiu na cabeça.

Ele percebeu que eu estava a dizer e sorriu, irónico.

— Foi.

— Diz-me só uma coisa — pedi, com a devida seriedade. — O vestido ainda é meu? Ou vou ter de vos matar aos dois?

O verdadeiro sorriso do Lucian apareceu.

— O vestido ainda é teu. — O sorriso com que lhe respondi espalhou-se como a luz do sol pelas minhas veias. O Lucian reteve a respiração. — Tive saudades desse sorriso.

Ele *não* ia fazer-me chorar!

— Só passou um dia.

— Só? — Aproximou-se mais de mim.

— Meio dia, na melhor das hipóteses — balbuciei, o coração a bater freneticamente.

Ele continuou a aproximar-se, os olhos de jade quentes, mas perturbados.

— Pareceu-me um ano.

— Lucian...

Parou a uma curta distância de me poder tocar. Perto o suficiente para que eu tivesse de levantar a cabeça para lhe encontrar os olhos. Estavam cheios de remorsos.

— Quis proteger-te. E proteger-me a mim. — Levantou a mão e deixou-a a pairar no ar, como se quisesse tocar-me na face, mas ainda não ousasse. — Mas era tarde de mais.

— Tarde de mais? — Fiquei com a mente em branco no momento em que ele se aproximou.

— Sim — disse, em voz rouca, enquanto, com a ponta do dedo, me acariciava a testa. — Para mim, pelo menos. Comecei a sofrer no segundo em que te deixei ir e nunca mais parei.

Fechei as pálpebras trémulas enquanto aquelas palavras me inundavam. Mas eu tinha sofrido tanto com a rejeição dele que precisava de ir com todo o cuidado.

— Foi por isso que vieste?

— Vim para te perguntar se queres voltar para mim. Seja lá por quanto tempo for. Fica comigo.

Balancei, cheia de vontade de me encostar a si.

— Apesar de a nossa situação não ter mudado?

— Sim. — Ele baixou a mão, mas não se afastou. — Para mim, isto é a sério. Não é só andar por andar. Gosto de ti. Muito. Gosto tanto de ti que chega a doer-me. E isso assustou-me como o caraças. — Observou-me atentamente o rosto enquanto o seu tom se tornava sério. — Foi tão rápido, tão forte, que entrei em pânico, Em.

Senti um arrepio de emoção.

— Achas que não estou assustada? Acabei de sair de um relacionamento de merda com o Greg, aquele pénis com borbulhas.

— Pénis com borbulhas? — repetiu, com um sorriso, apesar de o ar entre nós ainda estar cheio de incertezas.

— Sim. E tu acabaste de romper o noivado com a Cassandra, a imbecil.

— Admito que a Cassandra me perturbou mais do que esperava. É perturbador perceber que alguém só estava comigo por causa da fama, e eu nem percebi, ou não me importei. — Pestanejou um pouco. — Fez-me reavaliar as minhas relações com as mulheres.

Não o condenava por isso. O Greg tinha feito o mesmo comigo, em relação aos homens. O pior de alguém nos destruir a confiança é que depois torna-se mais difícil dar-mo-la novamente a outra pessoa.

— E, ainda assim, queres tentar? — Não tinha a certeza porque é que continuava a insistir naquilo. Eu também queria. Parte de mim gritava-me que me calasse. Mas eu queria que ele tivesse a certeza do que estava a fazer.

— Sim, Emma, quero.

Senti um soluço subir-me no peito. Gostei daquelas palavras. Muito.

— Mesmo que possamos falhar espetacularmente?

— Perdeste a parte em que eu te disse que tenho saudades tuas? Que este dia me pareceu um ano? Em... és a primeira pessoa a fazer-me sorrir desde que me retirei. Mesmo que ainda jogasse hóquei, eu ia querer-te. Estou vivo como nunca antes estive. O meu mundo é mais brilhante, mais real, quando tu estás nele. Fui um tolo...

Aproximei-me mais e envolvi-lhe a cintura com os braços.

— Também tive saudades tuas. Tudo ficou muito melhor por estares aqui.

— Raios! — Abraçou-me com tanta força que o senti nos meus ossos. Mas não me importei. Beijou-me o topo da cabeça e inspirou fundo, antes de afastar a boca, numa exalação arrepiante. — Obrigado.

— Porquê? — perguntei contra o calor aconchegante do peito dele.

Enfiou os dedos longos no meu cabelo e afastou-me um pouco, para me sorrir.

— Por seres tu.

Depois, beijou-me. Suave, reverente, um pedido de desculpas. E senti-me tão bem que me levantei na ponta dos pés, entregando-me àquele beijo. Com um pequeno gemido, ele apertou-me mais contra si, com a cabeça inclinada, para me beijar mais profundamente. As nossas línguas tocaram-se, um primeiro sabor. Toda a nossa reserva cuidadosa se derreteu, substituída por toques tensos, lambidelas, beliscões.

O meu corpo a lembrar-se do quanto adorava os beijos do Lucian, o seu gosto, o calor a espalhar-se sobre mim como uma onda que me fazia gemer dentro da boca dele. Com uma mão nas minhas costas e outra pousada na minha cara, o Lucian levava-me para onde queria, devorando-me gananciosamente a boca.

— Diz-me que, desta vez, tens um maldito preservativo — implorei contra os lábios dele.

Ele afastou-se um bocadinho, para me olhar nos olhos. Cabelo despenteado, lábios inchados, parecia um pouco atordoado.

— Eu...

— Se dizes que não, mato-te! — avisei-o, roubando-lhe um beijo rápido.

Ele riu-se baixinho e, de repente, pegou-me ao colo, um braço por baixo do meu rabo, o outro a segurar-me os ombros. O sorriso dele era doce e sensual.

— Não queria parecer presunçoso, mas como está em jogo uma ameaça de morte, sim, tenho preservativos.

Enrolei as pernas em volta da cintura dele.

— Então, leva-me para a cama, Brick. Foi um dia longo.

— Um ano — murmurou, sorrindo e beijando-me a boca, enquanto se apressava a levar-me para o quarto. — Talvez mais. Senti que foi uma eternidade, Em.

Sim, foi.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Emma

Pensei que ia ser rápido, frenético. Mas, quando entrámos no quarto, silencioso e fresco, o Lucian deitou-me. Não tirou de mim o seu olhar penetrante enquanto descalçava os sapatos.

— Agora, os teus — disse ele, na sua voz profunda e rouca.

Imitei-o, tirando as sandálias de salto alto sem desviar o olhar do dele. A sua boca abriu-se num pequeno sorriso, quando levou a mão à nuca e agarrou a gola da camisola, para a tirar pela cabeça. Mas quando me preparava para tirar a blusa, ele levantou a mão para me impedir.

— Não. Quero ser eu a fazer isso. — Aproximou-se de mim e parou tão perto que conseguia sentir o calor da sua pele. Os pelos escuros e finos polvilhavam-lhe o peito, flirtando em volta das pontas duras dos seus pequenos mamilos.

Perante aquela força masculina, dei por mim a chegar-me mais para perto dele, a precisar de o beijar, tocar, acariciar.

O olhar dele era uma coisa viva, deslizando como seda líquida ao longo da minha pele sensível. Ele respirou fundo, com firmeza, mas o tremor na base da garganta traiu-o. Com infinito cuidado, passou a ponta dos dedos pelos folhos da minha blusa, para a frente e para trás, brincando com o tecido.

Observava os seus próprios movimentos com uma atenção silenciosa, como se precisasse de testemunhar o que me estava a fazer. Os seus dedos deslizaram por baixo da minha blusa e fiquei quase sem fôlego. Olhou para mim, quase a sorrir, mas parou ao encontrar o meu mamilo, que acariciou em círculos preguiçosos.

O calor invadiu-me, tão forte que senti os joelhos fraquejarem.

A gemer, agarrei-lhe o braço, para me amparar.

— És minha — disse ele, envolvendo-me a cintura com o outro braço.

Mas não desistiu. Com a outra mão, apalpava-me levemente o peito, enquanto baixava a cabeça na minha direção. Os seus lábios macios deslizavam ao longo da pele sensível do meu pescoço. E prendeu-me assim, com uma mão na nuca, enquanto me beijava, demorando-se na curva do meu pescoço.

— Como é que queres, Em? Devagar e suave? — Beliscou-me o mamilo. — Depressa e violento?

Encostei-me a ele, os lábios colados à curva sólida do seu ombro.

— Quero tudo! Tudo!

O Lucian gemeu.

— Boa resposta.

As nossas bocas encontraram-se num beijo urgente. Senti-o nas coxas, ao longo das costas, no pulsar entre as minhas pernas. Beijou-me com todo o querer. Como se nunca tivesse querido outra coisa. E eu correspondi ao beijo, adorando a sensação e o sabor dele. Adorando tê-lo ali, comigo, e poder beijá-lo.

— Preciso de ti, Em. — Os dedos agarraram-se mais à minha cintura, a sua boca moldou-se à minha. — Preciso de ti.

Com um movimento hábil, despiu-me a blusa e, logo de seguida, a saia, capturando-me novamente os lábios, enquanto tropeçávamos em direção à cama. O Lucian sentou-se na beira, as suas grandes mãos a agarrarem-me pelos quadris, para me encaixar entre as suas coxas.

O seu olhar brilhava de calor enquanto deslizava para os meus seios nus. Devagar, os seus dedos foram subindo e a voz dele era baixa e rouca.

— Provavelmente é errado, mas sonhei muito com isto.

Ri-me, mas a minha gargalhada interrompeu-se quando ele se inclinou para me beijar levemente a ponta do mamilo. Afundei as mãos no seu cabelo, apoiando-me assim enquanto ele me beijava, a boca levemente aberta, para me chupar só um bocadinho. Era a pior das provocações. E a melhor. Senti a sua respiração quente ao longo da minha pele.

— Sonhei contigo todas as noites, Em. Quis-te em sonhos febris. — A sua grande mão envolveu-me o seio, pondo-o mais a jeito para o poder lambe a seu bel-prazer.

Senti a cabeça zozna, o desejo a provocar uma onda de calor na minha barriga. Manteve-me assim, lambendo-me e chupando-me, atormentando-me os mamilos doridos. Cada movimento da sua boca puxava algo profundo de dentro do meu sexo, fazia-o latejar, provocava-me doces espasmos.

Lentamente, as suas mãos desceram até aos meus quadris, traçando o contorno das minhas cuecas antes de as puxar para baixo. Olhou para mim, ao mesmo tempo que a sua mão se introduzia por entre as minhas coxas. Os olhos verdes a arderem de desejo.

— Nunca desejei ninguém como te desejo a ti. — A ponta calejada dos seus dedos deslizavam ao longo do meu sexo inchado e escorregadio. — Agora que te tenho, não sei por onde começar.

Tremiam-me as pálpebras, com as mãos agarradas aos seus ombros; sentia-o acariciar-me o sexo, para a frente e para trás.

— Aí é bom — disse eu.

O seu sorriso era um pecado e uma promessa.

— Gostas, querida?

— Gosto.

Brincou com a entrada do meu sexo, parando ali para me provocar apenas o suficiente para eu o sentir e o querer.

— E aqui?

— Isso é... — Fiquei sem fôlego. Continuou a torturar-me com os seus dedos longos e fortes, enchendo-me.

— É o quê? — murmurou, rouco, aqueles dedos talentosos a foderem-me lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. A contundente ponta do seu polegar procurou o meu clitóris inchado e circundou-o.

Gemi novamente, caindo contra ele, com os braços a envolver-lhe o pescoço.

— É bom. Muito bom.

Ele fez um ruído, possessivo e ganancioso, a boca no meu mamilo, os dedos longos a entrarem cada vez mais dentro de mim.

— Meu Deus, és perfeita. Absolutamente perfeita.

Os seus dedos ágeis atingiram um ponto sensível, e foi assim. Vim-me em ondas, a tremer, o calor a inundar-me o corpo todo. Os seus olhos fixaram-se nos meus, enquanto ele continuava a comer-me, dando-me mais prazer.

Com um gemido que parecia quase de dor, o Lucian deslizou para o chão, encaixando os ombros largos entre as minhas pernas. Segurou-me as coxas com as mãos, para me manter no sítio onde estava. E, então, com um gemido impaciente, inclinou-se e beijou-me o clitóris latejante. Beijou-o como se me beijasse a boca, gulosa e profundamente, lambendo-o e chupando-o, mordiscando com lábios firmes.

Gritei de prazer. Os joelhos tão fracos que ele teve de me agarrar com força. Comeu-me como a uma sobremesa, deliciando-se na minha fenda antes de enfiar a língua dentro de mim.

Não aguentei. Era demasiado prazer. Vim-me novamente, na boca dele.

— Isso — disse ele, entre beijos frenéticos. — Isso, Em. Vem-te na minha boca.

Oh, céus!

Caí, desamparada, no colo dele. Agarrei-me à sua nuca e beijei-o, sorvendo a sua respiração, enquanto ele gemia e me devorava.

O Lucian levantou-se, levando-me consigo. Caímos os dois na cama e eu cheguei-me para o lado, as minhas mãos, atrapalhadas, a desapertarem-lhe as calças de ganga, para lhas despir. O seu sexo, grande e quente, caiu-me na mão e agarrei-o firmemente, acariciando-o como sabia que ele gostava.

— Foda-se. — Os quadris dele tremiam. — Deixa-me...

As suas mãos entrelaçaram-se nas minhas e, juntos, conseguimos despir-lhe as calças. Depois, quase as atirei para fora da cama, mas ele conseguiu apanhá-las no ar e tirou do bolso um pacote comprido de preservativos. Sorrii brevemente, satisfeito, e eu ri-me, suavemente. Ele fez uma pausa, o seu olhar no meu rosto.

— És tão bonita, Em.

Palavras simples que me tocaram profundamente no coração. Assim que ele pôs o preservativo, puxei-o para cima de mim, querendo sentir-lhe a força e o peso. Querendo estar cercada por ele.

Encostou ao meu sexo a coroa quente do sexo dele e parámos os dois, olhos nos olhos.

— Em.

Eu sabia o que ele queria dizer. Aquilo era diferente. Era mais do que sexo. Não desviou o olhar enquanto entrava lentamente dentro de mim, o seu sexo quente a sentir-se em casa.

Gemi e abri mais as pernas, querendo-o todo dentro de mim. Ele era grande. E estava ali. E senti-me tão bem que mal consegui respirar. O Lucian baixou a cabeça, e o esforço para ir devagar fazia-o tremer.

— Meu Deus, meu Deus! És... — Interrompeu-se, com um gemido torturado e um empurrão duro, enchendo-me completamente.

Fechei os olhos, as minhas mãos a alisarem-lhe as costas húmidas.

— Tão bom, Lucian. Tão bom.

Era tudo do que ele precisava. Movendo-se como líquido, entrava e saía de mim, beijando-me a boca, sussurrando que precisava muito daquilo, que me queria. Incendiámo-nos ao mesmo tempo, o calor a lamber-nos os corpos, em ondas.

O Lucian fodia da mesma maneira como fazia quase tudo, com perfeita delicadeza e determinação feroz. A gingar. De repente, estávamos ambos ofegantes, a mover-nos mais depressa, a chegar ao clímax, mas a querermos prolongá-lo.

— Não quero que isto acabe — disse ele, a boca colada na minha. Mas, depois, mexeu a anca e atingiu-me naquele ponto que me iluminou e me fez gritar.

E deixou de haver delicadeza e coreografia. Só cio. Fodemo-nos um ao outro como se pudéssemos morrer em breve sem termos outra oportunidade. E quando o Lucian se veio, olhei para ele, para aqueles músculos tensos, aqueles olhos verde-inverno a brilharem de luxúria e surpresa, como se ainda não acreditasse no quão bom tinha sido.

Também eu não acreditava. Porque nunca nada tinha sido assim.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Emma

— Meu Deus, precisava mesmo disto.

Deitada contra o peito húmido do Lucian, senti o seu corpo ficar tenso, de surpresa, e depois ele deu uma gargalhada, fazendo tremer a cama. Sorri contra a sua pele e aconcheguei-me mais. Ele tinha um corpo tão duro, tão firme, que era maravilhosamente confortável estar agarrada a si.

A sorrir, virou-se para mim e ficámos frente a frente. Os seus olhos estavam agora quentes e o seu sorriso alargou-se.

— Ah, sim?

Incapaz de parar de lhe tocar, passei os dedos pela elegante linha da clavícula dele.

— Pareces surpreso. Tens dúvidas sobre a tua habilidade para me dar prazer, Brick?

Rápido como um raio, agarrou-me a mão e mordeu-me a ponta dos dedos. Gritei, apesar de não me ter doído, e ele sorriu novamente.

— Se tivesse falhado, da próxima vez tentava ainda mais.

Cheguei-me mais a ele, e os meus seios, ao roçarem contra o seu peito, provocaram-me um arrepio luxuriante ao longo do corpo.

— Tanta dedicação altruísta.

O Lucian fechou os olhos sonolentos e deslizou a mão pelo meu ombro, pousando-a no meu pescoço.

— Ou damos tudo de nós, ou o melhor é não dar nada.

— Bom lema. — Percorri-lhe os bíceps. Deus do céu! Tinha uns braços fantásticos, musculados, sem serem desagradáveis.

— Hum-hum — concordou. — É com a prática que se atinge a perfeição.

Eu ri-me e o Lucian puxou-me completamente para si. Pele com pele. A voz dele tornou-se mais profunda.

— Eu também precisava muito disto.

Beijos leves, mas persistentes, salpicavam-me a testa, a cara. Apertava-me nos seus braços, quente e firme, o cheiro a açúcar queimado e a sexo almiscarado.

Fechei os olhos, envolvi-lhe o pescoço com o braço. Deslizei a língua pelo ombro dele e provei-lhe a pele salgada. O Lucian tremeu, gemeu, deliciado.

— Dá-me cinco minutos — pediu, acariciando-me o cabelo. — E praticamos mais.

— Cinco minutos? — provoqueei, numa voz suave como mel.

— Rapariga! — barafustou ele, a boca encostada ao meu pescoço. — Tiveste-me três vezes seguidas. Dá-me um bocadinho de descanso.

Ri-me, a felicidade a borbulhar dentro de mim. Éramos amantes recentes, mas parecia que estávamos juntos desde sempre. Não no sentido de eu o querer. Isso era tão novo e forte que me perguntava se alguma vez conseguiria acalmar a sede que tinha dele. Mas no à-vontade que sentia com ele. Era divertido. E não me lembrava de o sexo alguma vez ter sido divertido. Tudo era fácil com ele.

Talvez com as outras pessoas fosse diferente. Mas eu costumava pensar demasiado, preocupava-me com a maneira como me portava, com aquilo que dizia. O meu verdadeiro horror era poder algum dia ser atriz na cama, fingir. Não ser eu própria.

Mas, com o Lucian, não corria esse risco. Mesmo que quisesse, ele ia dar por isso. E tirar-me-ia da concha onde eu me tivesse escondido. Com um gesto suave, empurrou-me, pondo-me de costas, e depois, deitado ao meu lado, apoiou a cabeça na mão. E pousou a outra mão suavemente entre os meus seios, como se me guardasse o coração. Um gesto tão terno que me provocou um aperto no peito. Não parecia reparar, mas estava a estudar-me com uma expressão feliz.

— Tens sede?

Não tinha pensado nisso até ele me perguntar.

— Sim, acho que preciso de um pouco de água — disse eu.

As linhas de riso, em volta dos olhos dele, aprofundaram-se.

— Já volto. — Beijou-me a boca e, depois, com um movimento gracioso, sem esforço, rebolou e saiu da cama.

Recostei-me nas almofadas e fiquei a vê-lo andar, nu, pelo quarto. O gingado do Lucian quando estava nu era digno de ser visto, o movimento das nádegas, a cada passo que ele dava. Nele, até as barrigas das pernas eram impressionantes. Mas foi uma visão demasiado rápida, porque entrou logo na casa de banho, para se lavar.

Quando acabou, foi à cozinha. Acomodei-me na cama, ajeitando as almofadas e esticando e alisando os lençóis que, não sei como, estavam todos enrolados. O chocalhar de loiça num tabuleiro anunciou-me o regresso do Lucian. Encostei-me às almofadas, a respirar muito depressa, e levantei uma mão.

— Devagar! — implorei. Ele franziu as sobrancelhas, confuso. Eu sorri. — Deixa-me olhar bem para ti.

O rubor começou por lhe cobrir o pescoço e espalhou-se até às orelhas. Mas obedeceu e pôs-se a andar muito devagar.

— Está bem a esta velocidade?

— Acho que tenho de filmar isto, para a posteridade. Acho que nunca apreciei tanto as pernas de um homem.

Isso fê-lo sorrir, embora parecesse mais um «esta rapariga é ridícula, mas eu gosto».

— Se fores boazinha, deixo-te cavalgar a minha coxa daqui a bocado — disse ele, pousando o tabuleiro na mesa de cabeceira.

Aquilo não devia ter-me deixado o sexo a pulsar, quente, em antecipação. Mas

deixou. O Lucian olhou para mim.

— Embora deva dizer que não te portaste muito bem, ao vestires a blusa.

— É assim tão mau?

— Muito! — disse ele, severo. — Ou a tiras, ou não há cavalgada na minha coxa para ninguém.

— Sim, Lucian.

A sorrir, entregou-me um copo de água gelada com um toque de limão. Sorri.

— O que foi? — Sentou-se na beira da cama.

— Tu. Puseste uma rodela de limão na água. — Bebi um gole.

— Melhora o sabor — resmungou, ainda ligeiramente corado na zona das orelhas.

— Pois melhora. — Bebi mais um pouco e passei-lhe o copo. — És tão querido.

— Ele revirou os olhos e bebeu um gole de água. — Gostas de tomar conta das pessoas.

O Lucian ofereceu-me mais água.

— Gosto de tomar conta de ti.

Bebi mais um grande gole.

— E estou em verdadeiro perigo de te deixar fazer isso sempre. Mas é mais do que isso. Tens esse dom inato de olhares para qualquer coisa normal e de a tornares absolutamente extraordinária.

— Estás a tentar envergonhar-me, não estás? — Aceitou o copo e bebeu o resto.

— Não. Estou a fazer-te um elogio.

Ele pousou o copo, com uma expressão confusa no rosto.

— Não sei como lidar com isso.

A honestidade dele surpreendeu-me.

— És bajulado por quase toda a gente que te conhece. Até o sacana do Greg te lambeu as botas.

O Lucian baixou a cabeça, abanando-a um pouco.

— Mas eu já não sou esse homem. Mesmo quando jogava, os elogios pareciam-me um ritual. Eram mais sobre o meu desempenho do que sobre mim, como pessoa.

Assenti, lentamente.

— Quando as pessoas me dizem que adoram a Princesa Anya, não consigo deixar de pensar: «Claro que sim. O meu trabalho é esse, fazer-vos gostar.»

— E, no entanto, se protestam, não podes deixar de pensar que são tolos, que não apreciam o talento quando o veem — disse ele, com o humor seco de um homem que tinha vivido isso.

Ri-me.

— Sim, é verdade. Embora seja horrível ouvir-te dizer isso em voz alta.

— A fama é uma coisa estranha. — Voltou a abanar levemente a cabeça, depois voltou-se para o tabuleiro e pegou na caixa do bolo. — Não a abriste.

— Estava muito nervosa. — Estendi a mão e ele deu-me a caixa, com indisfarçável expectativa.

— Fiz-te ficar nervosa? Eu estava disposto a pôr-me de joelhos, Em.

O coração deu-me um salto no peito e atrapalhei-me com a fita que fechava a

caixa. Depois, esta desatou-se, com um pequeno puxão, e a caixa, desenhada para abrir como uma flor, revelou o seu conteúdo.

Deixei escapar um suspiro. Aninhado numa nuvem branca de algodão doce estava um *gâteau* perfeito, em forma de esfera, coberto de chocolate tão escuro e brilhante que parecia o céu da meia-noite. Mas não foi isso que me deixou de boca aberta de espanto.

Pousada no cimo da esfera havia uma borboleta rosa e dourada, feita de vidro de açúcar. As delicadas asas eram tão finas e leves que a luz brilhava através delas. Parecia tão real que fiquei surpreendida por não a ver voar para longe.

— Lucian...

— É assim que te vejo, às vezes — disse ele, em voz baixa, os olhos no *gâteau*. — Bela e rara, algo não para ser contido, mas estimado.

Fiquei com os olhos cheios de lágrimas. Comovida. Já me tinham dito que era bonita, mas nunca assim. E, no entanto, temia que ele me visse como fugaz. Eu não queria ser um breve momento na vida dele. Mas não consegui dizer-lhe isso. Não com aquele presente na mão.

— É lindo. Perfeito. — Olhei para ele, com medo de ter o coração nos olhos. — Não consigo comer isto!

Franziu as sobrancelhas.

— Porquê?

— Isto é arte. Não posso fazer como o Godzilla e cortá-lo aos bocadinhos.

O Lucian engasgou-se com uma gargalhada.

— Tens mesmo uma grande imaginação. Isso foi feito para ser comido, Bisbilhoteira.

— Não estejas tu a bisbilhotar-me. Estou num momento especial.

A rir, o Lucian estendeu a mão e tirou o pequeno bolo do ninho. Com a minha falta de jeito, teria estragado aquilo tudo. Mas as mãos dele estavam firmes, os dedos ágeis, quando arrancou a borboleta e a voltou a pôr no ninho, entregando-me depois o bolo.

— Prova, Em.

Estava com água na boca, mas contive-me, um momento.

— Isto vai ser sempre uma coisa especial contigo, não vai? Fazeres bolos para mim, quero dizer.

Ele depositou os olhos na minha boca.

— Vai. Estou a tentar não procurar os motivos. É só porque me dá prazer.

As palavras dele acariciaram-me o peito, provocando qualquer coisa de muito profundo dentro de mim. Antes do Lucian, nunca tinha provado a comida com toda a minha alma. Tinha passado a vida a observar, a imitar, para entretenimento. Com ele, cada momento era para ser apreciado, saboreado.

Com os olhos nos seus, abri a boca para ele me ar um pouco de bolo. As narinas tremiam-lhe quando pousou o doce entre os meus lábios.

O chocolate amargo, muito escuro e profundo, cobriu-me a língua. Depois, mordi o bolo macio, libertando uma *mousse* cremosa e suave. Não era chocolate, talvez café ou caramelo, um sabor esquivo. Mas a combinação do chocolate amargo

com a doçura do creme suave era qualquer coisa de novo, rico, mas nada enjoativo.

Fiz um ruído de satisfação e o olhar do Lucian ficou arrebatado.

— É bom?

— Requentado. — Lambi os lábios. — Mais.

Ele susteve a respiração.

— Raios! Não pensei nisso.

Baixei os olhos e voltei a lambe os lábios. O sexo dele estava duro, inchado. Tão glorioso. Grosso e pulsante. Levantei uma sobrancelha, passei o dedo pelo bolo recheado de creme, que ficou agarrado à minha pele.

— É melhor ficares com o resto — avisei-o. — Eu vou estar ocupada.

— O que...

Pus o creme em cima da cabeça da pila dele e engoli-o.

— Oh, foda-se... oh... — Saiu-lhe da garganta um gemido torturado. Ele agarrou o lençol com uma mão, a cabeça atirada para trás. — Em...

Ele era lindo. E delicioso. Saboreei-o da maneira que ele merecia ser saboreado, devagar, completamente. Até ele estar a gemer o meu nome, desfeito e ofegante.

Só mais tarde, quando ele caiu sobre mim, apoiando a cabeça no meu peito, com o braço à volta da minha cintura, como se precisasse de se agarrar para se acalmar, é que a interpretação completa daquela sobremesa me atingiu. Toda aquela escuridão a engolir a luz. Uma beleza brilhante que não era feita para durar.

— Eu sou a borboleta. Tu és o bolo.

Ele voltou completamente a cara para o meu seio e deu-lhe um beijo leve.

— Querida, para mim, és ambas as coisas.

Mas eu não estava convencida. E também não achava que ele estivesse. Mas, naquele momento, era o suficiente.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Emma

Uma das vantagens do bangalô que eu reservara é que tinha uma sala de jantar para seis pessoas. Como a Tate não tinha parado de me bombardear com mensagens a pedir pormenores e o Lucian acabara por me dizer que o Brommy e o Sal tinham vindo com ele e também estavam hospedados no hotel, convidámo-los para almoçar, preferindo a privacidade dos meus aposentos.

Embora a Tate e eu pudéssemos usar chapéus grandes e óculos escuros e, muitas vezes, conseguir escapar impunes sem sermos fotografadas, eu não tinha dúvidas de que o Lucian e o Brommy, juntos, seriam instantaneamente notados. Eram dois homens demasiado bonitos para não causarem agitação. E apesar de eu não saber se Los Angeles era uma cidade com grandes ligações ao hóquei, o Lucian já tinha sido reconhecido por uma data de gente, e o mais provável era que isso voltasse a acontecer ali também. Juntando-se o Sal, com o seu brilho ousado, a essa mistura, então era o mesmo que almoçar com um anúncio de néon por cima das nossas cabeças.

— Só posso dar graças a Deus — murmurou-me a Tate enquanto eu lhe servia um pouco de champanhe, junto ao carrinho do bar, montado a um canto da sala. — Cheguei a pensar que ia receber uma mensagem a dizer que tinhas voltado para o Greg.

— Ei! — Franzi o nariz. — Não acredito que tenhas pensado uma coisa dessas. Não me conheces?

Ela fez uma cara autodepreciativa.

— Eu sei, eu sei. Mas as pessoas estão sempre a fazer coisas estúpidas. — Ela olhou para o Lucian, que, apesar de não ter cozinhado a refeição, estava a pôr a mesa com a sua típica atenção aos detalhes. — Aquele ali é a melhor escolha não profissional que já te vi fazer.

O calor inundou-me a cara, mas levantei um pouco o meu copo e fizemos um brinde.

— Isto é uma conversa só de raparigas ou qualquer pessoa se pode juntar? — perguntou o Sal, aparecendo ao meu lado.

Vestia um fato verde-seco, ao estilo dos anos de 1940, com uma gravata de bolinhas vermelho-cereja. A roupa dele tinha impressionado tanto a Tate que, mal foram apresentados, ela pousou uma mão no peito dele e exclamou: «Estou maravilhada!»

E isso cimentou uma amizade instantânea.

Entreguei-lhe um copo.

— Não sei. Primeiro, fala-me desse tal vestido que vai ser meu.

Ele fingiu estar envergonhado.

— Fui matreiro, eu sei! E não devia ter feito aquilo, mas o pobre Luc estava tão comovente. — Sorriu para o Lucian, cuja cabeça se voltara ao ouvir o seu nome, olhando na nossa direção. — Além disso, ameaçou transformar-me num hambúrguer de carne de Sal.

O Lucian revirou os olhos.

— Não ameacei nada!

— Talvez não verbalmente — contrapôs o Sal, levando consigo a garrafa de champanhe para a mesa. — Mas houve olhares. E todos sabemos como os teus olhares podem ser ameaçadores.

— Foste apanhado — disse eu, com um sorriso, sentando-me no lugar que o Lucian me indicou.

O Lucian resmungou e sentou-se ao meu lado.

— Bem, mas agora ele está muito feliz. — O Brommy sentou-se entre mim e a Tate. — Até parece estar a ronronar, lá por dentro. Fico descansado por saber que o deixo nas tuas mãos, Emma.

— Sentares-te desse lado da mesa não te livra de levaraes um pontapé no rabo — disse o Lucian, num tom arrastado.

Na verdade, agora estava com um ar muito descontraído. Parecia um homem satisfeito, o seu grande corpo solto e relaxado na cadeira. Era bom vê-lo assim. E ficou melhor ainda quando o seu olhar se encontrou com o meu, recordando sem palavras o que tínhamos feito na noite da véspera e nessa mesma manhã.

Quero outra vez, disse-me o seu olhar.

O calor inundou-me.

Em breve, respondeu-lhe o meu.

Uma pequena ruga na testa dele.

Mais vale em breve do que nunca, querida. Estamos combinados.

Um som de diversão acabou com a nossa comunicação visual e, quando me voltei, vi o Brommy a observar-nos, com um sorriso.

— Estava só a olhar para ele. — O Brommy gesticulou expansivamente, com as suas mãos enormes. — A comer-te com os olhos e a sorrir como um adolescente que apalpou a primeira mama...

Foi atingido na cabeça com um pão.

O Lucian franziu a testa e lançou um olhar de aviso ao Brommy.

— Cala-te ou atiro-te o próximo à boca.

O Brommy riu-se.

— Igual ao Oz de antigamente. — Limpou uma lágrima imaginária, mas depois levantou as mãos, em sinal paz, quando o Lucian rosnou. — *OK, OK*, eu calo-me.

Escondi um sorriso e comecei a comer a minha salada. O Brommy tinha sido bruto, mas não estava errado, o Lucian parecia feliz. Eu causara isso, fazia-o sorrir com os olhos, fazia-o rir com facilidade. Depois de uma série de desaires e

contratempos pessoais, poder experimentar um pouco de felicidade com alguém que também tinha sofrido parecia a luz do sol em estado líquido a fluir-me nas veias.

Sem nos prestar atenção, a Tate estava a conversar com o Sal, que lhe mostrava imagens da roupa que ele tinha comprado na sua mais recente viagem.

— Tens de me levar contigo na próxima vez que fores às compras — exigiu a Tate, fazendo o beicinho que costumava usar com homens desprevenidos.

— *Chica*, podemos ir já hoje, se quiseses. Embora eu possa ter qualquer coisa para ti... — O Sal pôs-se à procura nas fotografias que tinha no telemóvel. — Este!

A Tate pegou no telefone e deu um grito:

— Quero!!!

O Brommy, que desde que chegara não fizera outra coisa senão tentar chamar-lhe a atenção, inclinou-se e olhou para o telefone.

— Vais ficar linda com esse.

A Tate olhou para ele, contorcendo a boca vermelha.

— Não vou dormir contigo, por isso, nem tentes.

O Brommy sorriu.

— Ficaria desapontado se dormisses.

A Tate olhou para ele e desatou a rir, genuinamente divertida. E percebi logo que ela estava apanhada. O que me surpreendeu, porque a reação normal dela seria dar cabo dele verbalmente.

— Santo Deus — murmurei ao Lucian, com a cabeça quase colada à dele, sobretudo porque cheirava bem e queria estar mais perto de si. — Isto pode ter funcionado.

— Nem penses. — Os lábios dele tocaram a concha da minha orelha e demoraram-se. — Há anos que ando a ver isto.

A minha mente ficou um pouco turva com aquele toque, com a proximidade dele. Respirei fundo e olhei para cima, para o olhar nos olhos. Como sempre, os seus olhos tiveram a capacidade de me tornar fraca. De me fazerem querer.

A atenção dele concentrou-se na minha boca.

— Que ideia foi esta de os convidarmos a todos?

— Estavam a entupir-nos os telemóveis com mensagens e somos bons amigos.

— E nós íamos acabar por vos descobrir — disse o Brommy, em voz alta.

— Ele tem ouvido de morcego — sussurrei ao Lucian, que se riu.

— E reflexos de gato — acrescentou o Brommy.

O Lucian levantou uma mão e apanhou um pão que voava na direção dele. Eu dei um grito, saltando na cadeira. Fora tão rápido. O Lucian virou-se e lançou um olhar presunçoso ao Brommy.

— O central derrotou o gato.

E, naquele momento, vi toda a força do Oz, o grande e poderoso jogador que reinou na sua modalidade. Vi-o a brilhar, a confiança e a arrogância a escorrerem-lhe dos poros, até lhe ocorrer que já não jogava ao centro. Essa percepção que se abateu sobre ele foi dolorosamente clara; de repente, a sua expressão tornou-se sombria e a tensão fê-lo endireitar as costas, rígido.

Sofri por ele. Porque aquela agonia, assim exposta, num breve momento, falava

de um homem que já não sabia quem era. Sorrateiro e indesejado, veio-me à memória o único conselho que a minha mãe me dera sobre os homens quando comecei a reparar neles.

Não tentes colar os bocados partidos. Nunca conseguirás pô-los novamente no sítio certo.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Emma

— Estás a apertar com muita força.

— Não estou nada. Estás a ser picuinhas.

— Não se trata de ser picuinhas, trata-se de fazer as coisas bem feitas. Segura com firmeza; não tentes arrancar-lhe a vida, ou vai espirrar para todo o lado. E cuidado com a ponta.

— Não acredito que me estás a criticar. Só estou a começar.

— Bisbilhoteira, nunca vais aprender se não aceitares uma crítica.

Com um suspiro, pousei o saco de pasteleiro e limpei a testa com o antebraço.

— Diz lá, como é que isto é relaxante?

Os dentes brancos do Lucian cintilaram quando ele se riu. Encostou-se à bancada e, com todo o cuidado, afastou-me da cara uma madeixa de cabelo que me estava a fazer cócegas.

— Acho que é preciso ter um mínimo de paciência, Abelhinha.

— Paciência — murmurei. — Ainda não te estrangulei, pois não? A dizer-me que estou a apertar de mais...

Ele sorriu e beijou-me os lábios com carinho.

— Neste caso, sim. Mas se quiseres experimentar isso em mim...

Fiz-lhe cócegas e ele esguichou, com uma profunda gargalhada masculina que me fez sorrir.

— Não te ponhas com indiretas. Estou zangada.

Pegou-me pelo pulso e levou a minha mão à boca.

— És maravilhosa.

Olhando-me nos olhos, chupou-me o dedo com a sua boca quente, a língua a acariciar-me a pele. O calor inundou-me as pernas, mas era o olhar dele, todo carinho e afeto, que me provocava um terramoto interior.

— Estás perdoado.

O Lucian respondeu-me com um beijo um pouco mais longo, muito mais doce. Inclinei-me para ele, já esquecida do bolo, os braços em volta do seu pescoço. E permiti-me apreciá-lo, soltar-me e sentir, apenas.

Desde que tínhamos voltado a Rosemont que não perdíamos tempo e não conseguíamos estar longe um do outro mais do que uns escassos minutos. Mas estávamos a ser cautelosos, cada um à sua maneira, protegendo os nossos corações, fazendo questão de não falar muito ou muito profundamente sobre as nossas

emoções, que guardávamos para nós próprios.

Disse a mim própria que era a coisa mais inteligente a fazer. Mas a cada dia passado na companhia do Lucian, não dizer aquilo que sentia parecia-me cada vez menos uma segurança e cada vez mais um erro. Eu era atriz; sabia como desempenhar um papel. Mas não queria fazer isso com ele. O problema é que não sabia como derrubar os muros de cautela que tínhamos levantado entre nós.

Era fácil distrair-me, especialmente quando o Lucian fazia coisas como pegar-me ao colo e sentar-me na bancada, abrindo-me as pernas com autoridade silenciosa, para se encaixar entre elas e me beijar mais profundamente.

— Meu... — queixou-se uma voz profunda. — Na cozinha, não! — Afastámo-nos um do outro e olhámos para o Anton, que fazia uma careta enojada. — Por amor de Deus! Tu fazes a nossa comida aqui, Luc.

O Lucian continuou com a mão na minha nuca e exalou.

— Se continuares a interromper-me, vais ter de fazer a tua própria comida.

— Olá, Anton — disse eu, feliz por continuar a estar entre os braços do Lucian, apesar do olhar de soslaio que o primo dele nos lançava.

O Anton apontou-me um dedo reprovador.

— E tu, princesa da América...

O Lucian deve ter-me sentido ficar tensa, porque apertou mais o abraço, transmitindo-me apoio. Mas o estrago estava feito. A minha alegria tinha fugido e sido substituída por um nó no estômago.

Tinha tirado uma noite para ler os guiões que me haviam mandado. Nenhum deles me interessava, eram todos más cópias do meu papel de Princesa Anya ou comédias românticas desinteressantes. Não que eu tivesse alguma coisa contra uma boa comédia romântica, perspicaz e com verve, mas os guiões que tinha lido não eram assim. E também não queria ficar presa para sempre ao mesmo género de papel. Francamente, queria qualquer coisa suculenta em que meter os dentes. Um papel que fosse o oposto da Princesa Anya.

— Com essa cara doce e bonita — tinha dito o meu agente —, vai ser difícil convencer os realizadores. Veem-te como uma princesa.

— Em *Dark Castle* matei, pelo menos, cinco homens com a minha espada — protestei. — Fui uma das personagens que mais mataram. Não há nada de doce nisso.

— E, no entanto, é assim que eles te veem.

Aquilo tinha-me deixado um sabor amargo na boca, e virei-me para roubar um pouco do creme de chocolate que estava em cima da bancada. O Lucian olhou para mim com uma calma preocupação, enquanto eu lambia o dedo. Normalmente, ver-me chupar o dedo teria provocado nele uma resposta diferente. Mas já me conhecia o suficiente para perceber o que se passava na minha cabeça. Acariciou-me a pele, sob a cortina do meu cabelo, e depois voltou-se para o Anton.

— Queres alguma coisa ou andas só por aí a chatear as pessoas?

Não pude deixar de reparar no lampejo de decepção nos olhos do Anton. Apesar da aparente alegria que sentia em espicaçar o Lucian, incomodava-o ser dispensado tão depressa. Talvez até estivesse magoado. Mas o meu papel não era ser árbitro entre

eles.

— O Carlos disse-me que recusaste ir à angariação de fundos da Raston.

Os olhos do Lucian semicerraram-se, alerta.

— Pois recusei.

— Quem é o Carlos? — dei por mim a perguntar.

— O nosso agente. — O Anton estendeu a mão e tirou uma maçã do cesto de fruta que estava na bancada oposta.

Francamente, surpreendeu-me que eles tivessem o mesmo agente, já que se davam tão mal um com o outro. Mas também me pareceu estranho eu ainda não saber aquilo. Não havia nenhuma razão para ter de saber, mas não conseguia afastar de mim a sensação de não saber absolutamente nada sobre muitos aspetos da vida do Lucian.

O Anton deu uma enorme dentada na maçã e falou entre mastigadelas.

— A angariação de fundos da Raston é um evento de solidariedade anual em que o menino Ozzy sempre participou.

— Ant.

Mas ele ignorou a forte repreensão do Lucian.

— Arrecada uma quantidade incrível de dinheiro para crianças desfavorecidas — continuou o Anton, falando comigo numa voz entrelaçada de admoestação. — Crianças que são convidadas a andar de patins ao lado dos seus heróis, como aqui o bom e velho Luc.

A mão do Lucian deslizou do meu pescoço quando ele se afastou e pegou num esfregão que estava no lava-loiça. Os seus ombros moviam-se por baixo do tecido da *T-shirt* enquanto ele limpava metodicamente a bancada, dedicando-se à tarefa como se a superfície imaculada precisasse de um bom polimento.

— Como disse ao Carlos — rosnou, sem deixar o que estava a fazer —, já não jogo, a minha presença seria supérflua.

— Se fosses supérfluo, não tinhas sido convidado — insistiu o Anton.

— Sinceramente, até fiquei surpreendido com o convite — disse o Lucian, sem levantar o olhar.

— Então, não só és teimoso como estás completamente enganado. Os fãs adoram-te. Querem ver-te.

— Desanda, Ant.

O Anton suspirou e olhou para mim, as suas sobranceiras espessas tão semelhantes às do Lucian.

— Vê se lhe metes juízo naquela cabeça, OK? Ele a mim não me ouve, e aqueles miúdos são mais importantes do que o ego ferido dele.

E saiu da cozinha, deixando-me com um homem decidido a esfregar a bancada até fazer um buraco no mármore.

— Acho que está limpa — disse eu, fazendo um gesto com a cabeça em direção à bancada.

O Lucian fez uma pausa, pestanejou lentamente, depois atirou o esfregão para o lava-loiça.

— Não tentes convencer-me, porque não vai funcionar.

Bufei baixinho, mas de maneira a ele ouvir e saber que tinha ficado chateada.

— Fazes questão de ser sempre desagradável, não é? — Ele ficou rígido e eu pestanejei, percebendo que a conversa podia tomar um caminho que eu não queria. — Lucian... — disse, mais suave, arrependida. — Não estou aqui para te convencer. Estou aqui para te apoiar. Se tu deixares.

Voltou-se para mim, com uma expressão teimosa, e cruzou os braços.

— Isso funciona nos dois sentidos?

— Sim... — Franzi a testa. — Porque é que estás a olhar para mim assim?

— Não tem nada que ver contigo.

— Hum... Então, explica-me esse sorriso, porque estou armada com o saco de pasteleiro cheio de creme e disseram-me que aperto muito. — Peguei no saco de pasteleiro, para demonstrar. Ele fez um meio-sorriso, que era aquilo que eu queria. Mas que desapareceu rapidamente.

— Queres falar dos guiões que tens andado a ler, Em? — O tom dele era calmo, mas havia nele uma leve acusação.

Pousei o saco de pasteleiro.

— Achas que, como não te falei da porcaria de guiões que me mandaram, também não tens de me dizer nada sobre o que acaba de acontecer aqui com o Anton?

O Lucian encostou-se à bancada.

— Funciona nos dois sentidos, não é? Queres que me abra contigo. Porque é que não fazes o mesmo?

— Muito bem. Eu abro-me contigo. Estou preocupada. Quero mais para a minha carreira do que aquilo que estão a oferecer-me. E tenho de descobrir como conseguir isso. Quando não estou contigo, penso muito nisso. Às vezes até tenho dores de estômago. E, às vezes, a meio da noite, tenho de fazer um esforço para não me passar, porque sei que estou muito melhor do que a maioria das pessoas e que é ridículo protestar só porque sou uma atriz famosa que não consegue fazer o que quer. Mas estou assustada e insegura e odeio isso. — Parei e exalei, trémula. — É partilha suficiente para ti?

O Lucian afastou-se da bancada, a linha da boca sombria. Alcançou-me em dois passos e, antes de eu poder protestar, puxou-me para si, envolvendo-me nos seus braços. Afundei-me na parede larga do seu peito, com um estremecimento.

— Desculpa — disse, com voz rouca, contra o meu cabelo, os dedos firmemente pousados na minha nuca. — Odeio que te sintas assim.

Assenti e pousei a mão na sua carne firme.

Ele aconchegou-me mais contra o seu corpo, como se tentasse eliminar completamente o espaço entre nós.

— Não, a sério. Não devias estar a lidar com isso sozinha.

— Como tu fazes?

O meu suave sussurro acalmou-o. Depois, respirou fundo.

— Sim, como eu faço.

Acariciei-lhe o peito.

— A questão é essa, Brick. Se estamos a tentar ter uma relação, temos de ser

capazes de dizer essas coisas um ao outro.

Ele deu uma gargalhada sombria.

— É isso que é uma relação?

— Acho que sim.

O Lucian suspirou e passou os dedos pelo meu cabelo.

— Não estava a exagerar quando te disse que não era bom nessas coisas.

— Pois não, não és — provoqueei-o.

Ele resmungou.

— Peste! — Fez-me cócegas e eu ri-me e afastei-me um pouco, olhando-o nos olhos. Os olhos dele estavam carinhosos, mas cansados. — A Cassandra queria que eu partilhasse os meus problemas. Ainda tentei, no início, mas achei mais fácil não o fazer.

— Porquê?

— Isto vai parecer-te ridículo, mas ela concordava sempre comigo, mesmo quando, no fundo, eu sabia que estava errado ou não tinha razão. — Encolheu os ombros, a pestanejar. — Não era esse apoio que eu queria.

— O Greg dizia-me: «Deixa de te queixar, querida. A tua vida é tão fácil comparada com a minha.»

O Lucian fez uma careta.

— Estúpido de merda.

— Pois é. — Sorri. — E só agora é que percebi o mal que isso me fazia à cabeça.

Ele assentiu, mordendo o lábio inferior, pensativo. E, durante um minuto, nenhum de nós falou. Tínhamos tantos muros, uns escondidos e outros que havíamos sido nós a erguer, que era como se estivéssemos sitiados. Ele tinha-me avisado de que era um desastre emocional, mas talvez eu também devesse tê-lo avisado a ele.

— Imagino ir a este evento e ficar para ali parado, como um triste letreiro de advertência — disse, com súbita franqueza, os olhos sombrios. — Olhem o pobre Oz, não pode jogar, retirado no auge da carreira. Apertem-lhe a mão, miúdos, deem-lhe um grande abraço de apoio.

— Oh, Lucian...

Ele ergueu as mãos, afastando-me, com os olhos a brilhar.

— Estar ali, com as pessoas com quem costumava jogar, contra quem competia. Gajos que ainda jogam. E ali estou eu, aquele que vai para casa quando aquilo acabar, porque já não joga.

— Então, não vás. Se te magoa tanto...

— Dói de muitas maneiras. — Passou a mão no rosto, com um resmungo. — É patético ir. E é patético não ir.

— Não és patético.

Fez um sorriso amargo e distorcido.

— Estou sempre a dizer isso a mim próprio, mas sem resultado.

Eu estava a sofrer por ele, e ele sabia. Ficou claro pela maneira rígida como se abraçou, olhando-me com um misto de cautela e advertência. Pousei a mão na suavidade fria do balcão.

— Eu não queria ir ao casamento do Macon e da Delilah. Imaginei os meus amigos e ex-colegas de trabalho a olharem para mim, com pena e... — Estremeci. — O orgulho é uma coisa complicada, não é?

Ele fez que sim com a cabeça. Afastou o olhar e eu soube que estava a tentar recompor-se.

— Mas ter ido acabou com todos esses «ses». Fui. Pronto! A vida muda e, ao contrário do que imaginei, ninguém olhou para mim com pena.

O Lucian fitou-me por baixo da franja das suas espessas pestanas.

— Mas há uma grande diferença, querida.

— Que é? — Eu sabia o que era, mas queria que ele dissesse. Porque não ia ser a mulher que lhe facilitava a vida.

— Tu continuas a ser atriz.

— Tu não queres...

— Não com esta exposição. Não... — Respirou fundo. — Raios, Em. Acho que não aguento voltar a entrar num rinque de gelo, sabendo que não posso voltar ao hóquei.

O gelo. Ele amava o gelo com toda a sua alma. Eu sabia-o. Bastava vê-lo jogar para saber. O gelo fazia parte dele e tinha-lhe sido tirado sem aviso. Fixei o meu olhar no seu, deixando-o ver que o entendia.

— Se te dissesse que não sabia andar de patins, ensinavas-me? — Ele pestanejou, mas um sorriso genuíno desenhou-se-lhe na boca.

— O quê?

— Ensinavas-me? — repeti. — Por diversão? Fazias isso por mim, se te dissesse que era má patinadora?

Ele sorriu ainda mais.

— Raios! Tu és boa!

— Boa?

— Não me atires com esses grandes olhos azuis inocentes, Bisbilhoteira. — Tocou-me na cara. — Sabes exatamente o que estás a fazer, tentando-me assim.

— Está a resultar? — Peguei-lhe na grande mão, colocando-a entre as minhas. — Vais patinar comigo, Lucian?

— Raios! — murmurou, mas não estava zangado. Os seus olhos verdes brilharam com uma emoção sem nome. — Combinado, querida. Eu levo-te a patinar. Vou tentar. Por ti.

CAPÍTULO TRINTA

Lucian

O gelo tinha um cheiro, nítido, metálico e puro. O meu amor por aquele perfume estava tão enraizado que sempre que eu sentia aquele cheiro, a minha frequência cardíaca aumentava imediatamente e o sangue corria-me pelas veias com um propósito maior. Mas um rínque? Aquela mistura de gelo e borracha húmida, com um leve resíduo de cloro sob tudo aquilo? Esse era o cheiro de casa. A minha religião.

Ou tinha sido.

Respirei fundo aquele aroma enquanto conduzia a Emma pelo vestíbulo principal da pista de gelo e, pela primeira vez na vida, o cheiro provocou-me guinadas nas entranhas e um suor que me cobriu a pele. A minha frequência cardíaca disparou, sim, mas não de excitação. O coração ameaçava saltar-me do peito, ferido.

Os meus passos diminuíram, até que pararam, o espaço à minha volta parecia fechar-se e expandir-se, num balanço doentio. A Emma procurou a minha mão e pegou-lhe. Nada mais do que isso. Fiquei ali, ao lado dela, e agarrei-me. Fiz caretas, a tremer, ofegante, a pele gelada, a sentir-me febril.

Só tinha de estar grato por termos ido fora das horas de mais movimento, por isso, estávamos sozinhos. Imaginar que alguém podia ver-me naquele estado deixou-me um sabor amargo na boca e engoli convulsivamente.

— Vamos sentar-nos um bocadinho — disse a Emma, guiando-me suavemente. Agarrei-me à mão dela como a uma âncora, apesar de estar envergonhado. Não queria que me visse assim. Mas não podia fazer nada.

— Já vou ficar... bem.

— Claro que sim.

Conduziu-me a um comprido banco de madeira e sentou-se ao meu lado, sem nunca me largar a mão. Fechei os olhos, concentrei-me na respiração. Para dentro. Para fora. Para dentro. Para fora. Eu conseguia. Era fácil. Era pera doce. Por que raio se dizia «pera doce»?

Esse pensamento agarrou-se à minha mente como creme de manteiga e concentrei-me nisso, em coisas doces. Em bolos e cremes, *gâteaux* e *tartes au citron*. E, lentamente, o meu coração foi-se acalmando, até chegar a um ritmo aceitável. Depois de uns minutos agonizantes, consegui voltar a respirar sem ter de fazer esforço.

— Isto irritou-me — disse, finalmente.

O polegar da Emma acariciava-me o nó dos dedos.

— O quê?

Olhei para si. Ela olhou-me nos olhos, um mar calmo no centro da minha tempestade. Obriguei-me a abrandar a força com que me agarrava à sua mão.

— Entrar em pânico só por ter entrado num ringue. Estes sítios eram a minha casa. A personificação de tudo o que estava certo no mundo.

Tudo o que tinha perdido. Eu sabia. Ela sabia.

— Quando é que aprendeste a patinar?

Fiquei surpreendido com aquela pergunta feita em voz suave. Estava à espera de que ela tentasse confortar-me com chavões. Voltei-me para as portas que levavam ao gelo.

— Aos sete anos. Queria voar. — A saudade e a tristeza abateram-se sobre mim.

— Foi o mais próximo que consegui chegar.

Merda. Eu *não* ia chorar. Não ia fazer isso. Pestanejei rapidamente e respirei fundo. *Respira, Oz.*

A Emma encostou a cabeça ao meu ombro.

— Vamos voar, Lucian. Só tu e eu.

Voar. Com ela.

De coração apertado, beijei-lhe o topo da cabeça.

— Muito bem, Abelhinha. Vou levar-te a voar.

Numa situação normal, conseguia calçar os patins de olhos fechados. No entanto, naquele momento, os meus dedos tremiam e atrapalhavam-se com os atacadores, enquanto eu só pensava que queria sair dali. Mas ia conseguir lidar com a situação. A Emma queria patinar.

Quando acabei, ajoelhei-me aos pés dela, os patins ainda por calçar. Ao contrário de mim, ela tinha pedido um par de patins artísticos.

— Deixa ver — disse eu, verificando-lhe os atacadores, para ter a certeza de que estavam bem apertados.

Refiz um, lançando-lhe um olhar de reprovação, mas temperando-o com um pequeno sorriso. Porque ela estava muito gira com os seus patins brancos e um gorro vermelho de lã na cabeça.

— Melhor, Brick? — perguntou-me, inclinando-se para ver.

Capturei-lhe a boca com um beijo, demorando-me, porque ela sabia bem e beijava ainda melhor.

— Perfeito, Bisbilhoteira.

Esfreguei as mãos nas coxas dela. Estava de calças de ganga, por causa do frio da pista. Senti falta das suas saias esvoaçantes e disse-lho.

Riu-se com os olhos.

— Tu queres é enfiar as mãos por baixo das minhas saias.

— Culpado, confesso-me — Inclinei-me para me aconchegar entre os seus seios, as minhas mãos a serpentear por baixo da camisola dela, em busca da sedosa pele da sua barriga.

— Tenho a certeza de que estou viciado.

— Hum... — fez ela, com prazer, enquanto eu lhe beijava suavemente os seios. Ela meteu-me os dedos no cabelo e interrompeu-me com ternura. Quando olhei para cima, fixou em mim uns olhos solenes, que me disseram que já chegava de adiar a situação. — Já estás pronto?

Não.

— Sim.

Pus-me de pé, sentindo instantaneamente a mudança do meu corpo, a altura adicional dos patins, a forma como a memória muscular se ajustava para acomodar o equilíbrio sobre as finas lâminas. Tudo em mim acordou. Concentrei-me na Emma.

Estendi a mão e ela pegou-lhe, deixando-me puxá-la.

Sorrindo, olhou-me.

— Parece uma árvore, em cima desses patins.

— Devas ver-me todo equipado.

Os lábios dela contraíram-se.

— Homem-montanha, hã?

— Praticamente. — Agarrei-lhe a mão com firmeza e olhei-lhe para os pés. Os patinadores novatos, muitas vezes, posicionam mal os tornozelos, correndo o risco de se lesionarem. Mas ela tinha os tornozelos direitos. Um bom sinal — Vamos a isto.

A primeira explosão de ar mais frio fez-me respirar fundo, quando chegávamos ao gelo. Eu queria esperar pela Emma, ir devagar, mas mal pisei o gelo senti-me como um homem acabado de sair da cadeia. O branco puro e imaculado estendia-se diante de mim, uma pista perfeita.

E voei, o vento a beijar-me o rosto, o ar a encher-me os pulmões. A patinar a grande velocidade, dei uma volta inteira ao ringue, rodopiando, como nos treinos do tempo em que andava na escola. As minhas mãos dobravam-se, à procura de sentir o *stick*. Eu sentia a falta disso. Sentia falta do disco e de jogar.

Um assobio cortou o ar e vi a Emma a bater palmas e a felicitar-me pelo que estava a fazer. Parecia muito impressionada por me ver fazer aquelas coisas tão simples que me exibi para si, patinando ainda mais depressa, esquivando-me a adversários imaginários. Desenhando círculos, fui ter com ela, mas parei suavemente e a uma distância segura, porque podia ser um exibicionista, mas não era cretino e não ia salpicá-la toda de gelo.

Ela sorriu-me, com as bochechas muito cor-de-rosa, olhos índigo a cintilar.

— É lindo!

— Essa deixa é minha. — Estendi a mão. — Anda! Vamos pôr-te a patinar.

Ao longo dos anos, colaborei com diferentes instituições de solidariedade social, ensinando crianças a jogar hóquei e a patinar. Gostei imenso. Ver os olhos de uma criança iluminar-se quando, finalmente, apanha o jeito, ver os seus corpinhos deslizar no gelo, fez renascer o miúdo que havia em mim e que se lembrava de como era encontrar algo maravilhoso, algo que pudesse moldar e controlar. E tinha-me esquecido disso.

A Emma mordeu o lábio inferior e olhou-me com clara hesitação. Eu também conhecia aquele olhar. Estava nervosa. Senti o calor espalhar-se pelo meu peito e

sonri-lhe, encorajador.

— Vamos fazer isto devagar... — Interrompi-me abruptamente quando a Emma saiu disparada, a patinar sobre o gelo. Passou por mim a voar, toda ela graça e beleza fluida. De boca aberta, fiquei atordoado a vê-la patinar muito depressa e a fazer figuras artísticas. Durante um momento, senti-me confuso. Ela não tinha dito que não sabia andar de patins? Mas ali estava, a deslizar como se tivesse nascido para estar no gelo. Quando executou uma das reviravoltas artísticas mais complicadas, desatei a rir. A marota tinha-me enganado. Tinha-me enganado e bem.

Vi-a movimentar-se, o cabelo dourado a voar como uma bandeira, e aquilo atingiu-me com toda a força, completamente: eu adorava aquela mulher. Estava louco por ela.

Fui ter com a Emma, mantendo uma distância de segurança para não chocarmos um com o outro acidentalmente. Ela ruborizou, mas deslizou no gelo para se aproximar de mim. Nenhum de nós parou, mas patinámos lado a lado, com toda a facilidade.

— Ensinar-te a patinar, hã? — Dei uma gargalhada.

Ela fez uma cara de culpada.

— Tecnicamente, aquilo que eu perguntei foi: «Se não soubesse patinar, ensinavas-me?»

— Hum... — Arrastei o som do resmungo, para a deixar na dúvida. Sobretudo porque adorava provocá-la. Ela respondia sempre lindamente às minhas provocações.

— Estás zangado? — perguntou, ligeiramente sem fôlego.

— Pareço zangado, Bisbilhoteira?

Ficou muito querida, de nariz enrugado, a olhar para mim.

— Não... Pareces... estranhamente presunçoso.

Foi isso que ela viu?

Sorrindo, dei-lhe a oportunidade de se adiantar um pouco a mim; depois, corri para ela, levantando-a nos meus braços e fazendo-a gritar de surpresa. Enroscou as pernas em volta da minha anca e agarrou-se a mim.

— Lucian!

Beijei-lhe a testa.

— Apanhei-te.

— Apanhaste-me; quem é que te apanha a ti? — brincou, relaxando um pouco.

— Acabaste de me citar um super teatral Super-Homem dos anos setenta? — perguntei, a rir.

— Tu é que começaste. — Agarrou-se a mim com mais força. — Com o teu corpo de super-herói e tal.

— E tal? — Acariciei-lhe a cara, traçando-lhe um caminho de beijos ao longo da pele macia, enquanto dava uma volta inteira à pista, com toda a calma.

— Estás a patinar comigo ao colo como se isso não fosse nada de especial — disse ela, inclinando mais a cara para mim e permitindo-me traçar-lhe a linha do maxilar.

— És leve como uma pena — respondi. Ela suspirou, irónica, e eu beijei-a novamente. — Fala-me mais sobre esta coisa do corpo de super-herói.

— Põe-me no chão e eu mostro-te os meus pontos preferidos.

— Espera — disse-lhe, e rodopiei com ela nos braços, fazendo-a rir e gritar. Pousei-a no chão, junto à grade, mas continuei abraçado a si. — Onde é que aprendeste a patinar assim?

Fazendo jus às suas palavras, a Emma deslizou as mãos pelo meu peito, acariciando-o com apreço.

— Havia um rinkue a dois quarteirões da minha casa. Foi lá que aprendi, depois das aulas.

As minhas mãos encontraram o caminho para a curva redondinha do rabo dela.

— Nem imaginas como me excita que saibas patinar.

— Faço uma ideia, sim. — Pressionou a anca contra a minha. — Por causa de uma certa pista bem proeminente aqui, Lucian.

— Vais poder apreciar melhor essa pista quando chegarmos a casa, Em.

Ela desatou a rir à gargalhada, com os olhos a brilhar de humor.

— Não sabia que eras tão fácil.

— Claro que sabias! — Baixei a cabeça e capturei-lhe os lábios com os meus, beijando-a devagar e profundamente, aquecendo-me na boca dela. De repente, lembrei-me de que estava numa pista de gelo e que estava a divertir-me. Feliz. Eu estava feliz.

— Obrigado — disse quando o beijo terminou.

Os seus lábios estavam um pouco inchados e suavemente abertos.

— Porquê?

— Por me teres trazido aqui, por me teres feito voltar ao gelo. — Toquei-lhe na face, afastando uma madeixa de cabelo. — Pensava que nunca mais ia querer patinar na vida. Mas isto é bom. Necessário.

Ela também. Ela tinha deslizado para a minha vida num dos piores momentos possíveis e, no entanto, agora que ali estava, a ideia de me separar dela era inimaginável. Senti-me inundado de gratidão e apoiei a testa contra a sua. Como se soubesse que eu estava perdido, envolveu-me a cintura e abraçou-me.

Antes da Emma, eu não abraçava as minhas namoradas. Não via qual era o sentido de abraçar alguém, a menos que fosse um membro da família. Mas não tenho vergonha de admitir que, com a Emma, ansiava por abraços. A pressão das suas pequenas curvas contra o meu grande corpo fazia-me querer embalá-la com cuidado. Mas a maneira como me abraçava, com força, fazia-me sentir protegido. Isto não era uma loucura?

Envolvei-a nos braços e suspirei, querendo dizer-lhe o quanto significava para mim, mas incapaz de encontrar as palavras.

— Eu vou ao evento de solidariedade — foi a única coisa que consegui dizer.

Ela beijou o centro do meu peito.

— És muito boa pessoa, Lucian. E tenho orgulho em ti.

Não conseguia perceber porque é que ela se orgulhava de mim, a única coisa que tinha feito na vida fora jogar hóquei o melhor que sabia, mas aceitei o elogio e guardei-o no meu coração. Não sei quanto tempo ficámos assim. Sentia-me tão bem que não tinha a mínima vontade de me mexer. Mas, às tantas, ela recuou um pouco.

- Vamos lá, mostra-me quão rápido consegues andar de patins.
- Queres que te mostre, Em?
- Quero.
- Nesse caso... — Dei um impulso ao corpo e mostrei-lhe.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Emma

A angariação de fundos da Raston teve lugar em Los Angeles, com patinagem durante o dia, para as crianças, e um jantar à noite, para todos os doadores. O Lucian esteve calado e tenso durante toda a viagem, mas, de vez em quando, estendia a mão e pousava-a no meu joelho, como se dissesse que ainda estava ali, comigo.

Deixei-o com a sua solidão, sabendo que às vezes temos de resolver algumas coisas sozinhos. Se ele precisasse de mim, eu estava ali. Quando chegámos ao Staples Center, ele abanava uma das pernas a um ritmo rápido e fez uma careta ao olhar para o estádio.

— Ei — disse eu, antes de pararmos junto do serviço de arrumadores, que estavam a estacionar os carros de outros jogadores.

Os seus olhos verde-inverno sombreados pelas sobrancelhas severas olharam para mim. Perguntei-me se ele realmente me via, naquela agitação em que estava. Em deferência às regras do seu amado desporto, tinha vestido um fato cinzento-claro e uma gravata azul-gelo, o que o tornava devastadoramente bonito e distante.

— Percebe uma coisa. — Toquei-lhe no joelho irrequieto. — Estas pessoas adoram-te.

Pálido, olhou para mim e pestanejou uma vez. Como se saísse de um transe, respirou fundo e sorriu-me.

— Eu estou bem, Bisbilhoteira.

Não conseguiu enganar nenhum de nós, mas havia de ficar bem. Eu acreditava muito nisso. Tinha de acreditar.

Depois de entrarmos, seguimos caminhos separados. O Lucian foi instantaneamente cumprimentado e cercado pelos seus ex-companheiros de equipa e por outros jogadores de outras equipas, enquanto eu era levada para uma zona VIP, destina aos convidados dos jogadores.

— Está aqui convidada por...? — perguntou-me uma mulher da minha idade, com um lindo cabelo preto que lhe caía, como um lençol brilhante, pelas costas elegantes. A cara dela parecia-me familiar, mas não sabia de onde a conhecia.

— Lucian — disse eu, e ela franziu a testa, não conseguindo reconhecer o nome dele. — Luc Osmond.

A expressão dela abriu-se e fez-me um grande sorriso.

— O Oz está cá? A sério?

— Sim.

— Oh, meu Deus, fico muito feliz por ouvir isso. Sentimos muito a falta dele, sabes?

Fiquei toda orgulhosa e retribuí-lhe o sorriso. Radiante, de facto. Porque ela estava genuinamente feliz, e o Lucian era o meu homem.

Ela estendeu-me a mão.

— Sou a May Chan. Mulher do Drexel Harris.

Demos um aperto de mão e, finalmente, percebi de onde conhecia a cara dela.

— A May Chan que é dona das lojas Daisy Chain?

— A própria.

Eu já tinha estado, várias vezes, nas lojas de roupa *vintage* dela, mas só a tinha visto de longe.

— Adoro as tuas lojas. Têm roupa fantástica.

A May olhou para o meu vestido *vintage* dos anos 1940, em linho azul-escuro, com pequenas borboletas castanhas bordadas no corpete e sorriu.

— Esse é da Daisy Chain, não é?

— É.

— Mais uma cliente satisfeita. É assim que eu gosto.

As nossas gargalhadas foram interrompidas pelo começo do programa. As luzes apagaram-se e os jogadores de hóquei começaram a entrar na pista de gelo, cada um deles escoltado por uma criança em patins. Era tão querido que dei por mim a bater palmas e a sorrir. Os jogadores foram anunciados por ordem alfabética. Quando a vez do Lucian se aproximou, as minhas entranhas revolveram-se, em antecipação.

No momento em que o Lucian deslizou sobre o gelo, de mão dada com uma menina de rabo de cavalo escuro e um sorriso radiante, o estádio explodiu numa onda de aplausos. Fiquei completamente arrepiada.

Equipado, parecia, de facto, um completo homem-montanha, enorme e eterno. O sorriso forçado era o mesmo que me tinha lançado antes de nos separarmos, mas, à medida que continuava a acenar e a multidão continuava a gritar e aplaudir, surgiu-lhe na boca um verdadeiro sorriso, fugaz e tímido, e os meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Ele parece muito bem — disse a May.

Claro que sim. Mas fiquei surpreendida por as pessoas pensarem que o Lucian estava diminuído e com um aspeto doente quando se retirou. Era isso que ele temia que acontecesse quando aqui chegasse? No entanto, tinha razão em pensar que ia receber muita atenção.

Mas não se mostrou minimamente tenso ao tomar o seu lugar junto dos outros jogadores, e depois começaram uma simulação de jogo, com os profissionais a fazer par com as crianças. Vi o Brommy e o Anton no gelo, cada um deles a ajudar um miúdo. Mas os meus olhos mal se afastavam do Lucian. Meu Deus, ele ficava tão bem ao lado da miúda que lhe tinha calhado como par. Ficava bem no meio daqueles jogadores todos.

Mexia-se como se tivesse nascido no gelo. E o meu coração partiu-se um pouco mais. Queria abraçar aquele homem grande e forte que passara por tanta coisa em tão pouco tempo.

— Não acredito que ele está aqui — disse uma voz de mulher, atrás de mim. Não me virei, mas observei o Lucian enquanto outra mulher respondia.

— Pensei que não podia patinar.

Não sabia se estavam a falar do Lucian, mas era bastante possível. Endireitei as costas, tensa, e fiquei de ouvido na conversa delas.

— Bem, ele estava um caco quando o deixei. Nem sequer saía da cama.

— Oh, que tristeza. Coitadinha de ti.

Levantei uma sobancelha ao ouvir aquilo.

— Pois é. Mas foi o melhor. Ele não era o homem que eu pensava ser, e precisei de seguir em frente.

— Uma pena. O Ozzy teria sido uma lenda.

— Mas já não. Agora, não passa de... — Senti um suspiro, atrás de mim, agitar-me o cabelo. — Um espetáculo paralelo.

Nessa altura, voltei-me para trás. Não consegui evitar. Estava irritadíssima, e a raiva fazia o meu estômago dar voltas. Ao meu lado, a May também ficou tensa. Era evidente que também tinha ouvido a conversa.

Duas mulheres, uma pálida e loira, outra morena e de cabelo escuro, estavam com expressões trágicas. A loira, que só podia ser a Cassandra, tinha uma beleza do género das modelos de catálogo: impecável, mas igual a uma boneca. Não era nada caridoso compará-la a uma *Barbie*, mas, naquele momento, eu não estava a sentir-me nada generosa.

Os seus grandes olhos castanhos pousaram em mim e ela sorriu-me abertamente.

— Oh, meu Deus, és a Emma Maron?

— Sou. — As palavras mal passaram pelos meus dentes cerrados. Queria era dar um estalo àquela mulher. O que era chocante, já que nunca quis bater em ninguém. Nem sequer no Greg, quando o encontrei na cama com outra. Mas a minha mão contorceu-se junto ao meu corpo.

A Cassandra não pareceu sentir o perigo e aproximou-se.

— Sou grande fã da tua série. Cassandra Lavlin. Sou a noiva do Adam Cashon.

— Olhou para mim, com expectativa.

— Muito bem. — Queria voltar-lhe as costas. Queria atirar-me a ela. Mas estava petrificada.

Ela pestanejou, obviamente à espera de que eu dissesse mais qualquer coisa.

— E tu, com quem vieste?

— Com o Lucian Osmond.

Foi muito gratificante ver a cor desaparecer do rosto dela.

— Oh. Eu... ah... eu conheço o Luc... o Lucian, quero dizer.

— Eu sei.

— Sabes? — Pareceu ficar satisfeita com isso e olhou para o gelo. Não era preciso nenhum talento especial para saber que ela estava a olhar para o Lucian. *Não mereces pôr os olhos nele.*

— Sim, o primo dele, o Anton, disse-me que o Lucian esteve noivo de uma Cassandra.

O sorriso dela ficou um pouco menos firme e olhou-me com cuidado.

— Que sorte teres arranjado um novo noivo tão depressa.

A May fez um ruído estrangulado de diversão e a amiga da Cassandra abriu muito os olhos.

— Uh... — A Cassandra franziu o nariz e percebi que estava a tentar entender se eu a tinha insultado ou não. — Obrigada.

A minha resposta foi um sorriso gelado.

— Eu é que tenho de te agradecer.

— Agradecer-me? — Confusa, pestanejou várias vezes.

— Sim. Se não tivesses deixado o Lucian, talvez eu nunca o tivesse conhecido. Ele é o melhor homem que alguma vez encontrei. Por isso, muito obrigada.

E, com isto, virei-lhe as costas. Eu podia ter dito mais, ter dito pior, mas ela não merecia. Ia sentar-me quando a mão dela me fez parar. Afastou-se da amiga e ficou frente a frente comigo, na escada.

— Olha, sei que aquilo que disse sobre o Luc soou mal. Mas tens de saber que é o hóquei que o define. Sem isso, ele não passa de uma concha.

— Estás enganada. O Lucian é muito mais do que isso.

Ela sorriu, hesitante.

— Espero que tenhas razão. Porque o homem que eu conheci não era capaz de amar nada nem ninguém a não ser o hóquei.

Como se sentisse o meu olhar, o Lucian levantou a cabeça e olhámo-nos nos olhos. Qualquer coisa leve e doce cintilou nos olhos dele, e ele sorriu, acenando-me. Mas o seu sorriso diminuiu quando viu a Cassandra ao meu lado. Fiz-lhe um enorme sorriso, mas ele não retribuiu.

Ao meu lado, a Cassandra assistiu a tudo.

— Boa sorte com o Luc — disse-me, e foi-se embora.

Aquela parte do programa acabou e os jogadores foram rodeados por mais fãs e pelos pais das crianças, todos a quererem cumprimentá-los e falar com eles. Desci as escadas de cimento com os saltos dos sapatos a fazerem clique-claque, ao ritmo do meu coração. Queria tocá-lo, ouvir-lhe a voz, estar perto dele. Precisava disso.

O Lucian veio ao meu encontro, de patins. Um lindo homem-montanha. Olhou para mim com ternura e carinho, mas a sua cara tinha uma expressão dura.

— Ela incomodou-te?

Estava com cara de quem se ia zangar muito e tomar medidas se eu dissesse que sim. O Lucian preocupava-se comigo. Preocupava-se muito, mas raramente deixava que alguém percebesse. Mas eu percebia. Inclinei-me para a frente, apoiando a barriga na vedação que nos separava.

— Não, não me incomodou. E a ti, ela incomoda-te?

— Não. — Sorriu, mas preocupado. — Já não.

Procurei o rosto dele, querendo tranquilizá-lo, querendo-o.

— Aquela mulher não te merecia.

A luz encheu-lhe os olhos de uma felicidade tranquila.

— Não tínhamos nada que ver um com o outro. Eu fui feito para ti.

— Beijá-me.

O Lucian contorceu a boca, mas já não estava tenso.

— Isto está cheio de jornalistas, Bisbilhoteira. Não há problema em seres vista comigo?

— Depende. Não te importas que saibam que és meu?

Pousou uma mão enluvada na minha nuca.

— Se quiseres, até uso um crachá a dizer isso, querida. — E deu-me um beijo suave e profundo.

Senti aquele beijo na barriga, no apertar do peito que se enchia de saudade e satisfação. Pousei as mãos nos seus ombros volumosos e, agarrada à camisola dele, retribuí-lhe o beijo. Só parei quando ouvi um assobio e a voz do Brommy a chamar-nos.

O Lucian sorriu-me e lançou-me um olhar cheio de promessas para mais tarde.

— Foste fantástico — disse-lhe, um pouco ofegante, sem vontade de me afastar dele.

Ele sorriu.

— Foi divertido. — Apertou-me levemente a nuca. — Anda! Vou apresentar-te a toda a gente.

Tinham posto uma passadeira vermelha em cima do gelo, para as pessoas poderem ir cumprimentar os jogadores. O Lucian levou-me para junto de um grupo de amigos, todos eles altíssimos, em cima dos patins. Apresentou-me aos amigos, àquelas pessoas que eram uma parte tão importante da vida dele.

Era evidente que todos o adoravam e o respeitavam imenso. Pareciam sentir tanto a falta do Lucian como o Lucian sentia a falta deles, mas estavam resignados. Todos teriam de enfrentar a mesma situação, mais cedo ou mais tarde.

Um homem de cabelo grisalho, na casa dos cinquenta anos, aproximou-se de nós.

— Em, este é o Davis Rickman, o meu antigo treinador. Rickman, esta é a...

— Emma Maron. Vejo religiosamente a sua série. — Deu-me um aperto de mão. — Prazer em conhecê-la.

Como toda aquela gente via *Dark Castle* e sentia a necessidade de me dizer, estava a tornar-se um bocadinho mais fácil ouvir os elogios. Não interessava o que tinha feito na vida; com a minha presença na série, tinha agradado a muita gente. E isso era, por si só, uma recompensa.

O Rickman fitou o Lucian.

— Tudo bem com a próxima etapa da festa?

O Lucian, às vezes, parecia feito de mármore.

— Claro que sim.

A metade seguinte foi uma exibição de corrida em patins, golos e, na minha opinião, patinagem extravagante. Ver o Lucian a patinar depressa e a fazer passes com o disco foi *sexy* como o raio! Meu Deus! Ele era lindo a patinar. Alegre, mas também focado, aquela expressão severa, os olhos verde-gelo a criar uma combinação que fazia muitos fãs gritar e assobiar de pura luxúria. Eu era um deles. Mas, depois, ia para casa com ele.

Era uma sortuda.

— Ele é extraordinário, não é?

Virei-me e vi o Rickman ao meu lado.

— É. — Mas não estava a referir-me à sua prestação no hóquei.

Não gostei da maneira como o Rickman olhava para o Lucian, como se estivesse a avaliar todos os movimentos que ele fazia. Havia ali qualquer coisa de cobiça que me incomodava.

— Teve sorte em ter um treinador que o deixou sair.

O Rickman voltou-se para mim, os olhos um pouco escondidos sob as sobrancelhas grossas.

— Foi uma decisão dele. Não minha.

— Queria que ele ficasse?

Encolheu os ombros.

— Estávamos de mãos atadas. Mas ele continua a ser o melhor jogador que já treinei em toda a minha vida. Um hoquista inteligente, com que qualquer treinador sonha.

Não sabia o que responder e comecei a bater palmas quando o Lucian passou.

— É uma pena, de facto — murmurou o Rickman.

— Está vivo — disse eu. — Pena era se tivesse morrido.

Os seus olhos azuis fixaram-se em mim, uma certa dor naquele rosto teimoso.

— Alguns jogadores diriam que era melhor morrerem a terem uma carreira interrompida.

Senti a raiva borbulhar-me nas minhas veias, mas consegui manter um tom ligeiro.

— É porque são doidos.

O Rickman limitou-se a encolher os ombros e voltou a observar os jogadores.

— Não é a mim que tem de convencer disso.

*

Lucian

— Então. — A Emma sorriu, pondo o braço em volta da minha cintura, enquanto saíamos do estádio.

— Então — repeti, sorrindo-lhe.

Ela era absolutamente adorável, e gostava de a ter ali, ao meu lado, agarrada a mim. Fez-me cócegas nas costelas, a malvada. Mas consegui não me rir. Agarrei-lhe a mão marota e dei-lhe um beijo na ponta dos dedos.

— Divertiste-te, Bisbilhoteira?

— Diverti! — Encostou a cabeça ao meu ombro. — Foste espetacular. És um jogador verdadeiramente fenomenal.

Tinham-me dito aquilo tantas vezes, de tantas maneiras diferentes, ao longo dos anos, que havia perdido o significado. Mas ouvir aquelas palavras saídas da bela boca da Emma, num tom reverencial e cheio de espanto, fez-me inchar o peito de puro orgulho. Tive vontade de cantar, de dançar... de lhe pegar ao colo e fazê-la girar, pela felicidade de a ver rir.

Ela tinha conhecido um bocadinho daquilo que eu tinha sido, de quem eu era,

no meu melhor. Tinha visto os fãs a torcerem por mim e aplaudiu-me com eles, os seus olhos a brilharem de orgulho. E isso fez com que eu quisesse ser a razão daquele olhar, todos os dias da minha vida. Queria a admiração dela, queria deixá-la orgulhosa, sempre. Subitamente, senti uma tal dor no peito que tive de respirar fundo. Mas a Emma não reparou. Continuava a falar sobre as minhas «competências inatas», o que era muito querido da parte dela, mas fazia-me sentir uma farsa.

Vê-la a falar com a Cassandra não ajudou. A troca de palavras não me pareceu amigável, e até conseguia adivinhar o que a Cass lhe tinha dito, mas não queria perguntar à Emma. Sobretudo porque não queria que ela deixasse de me olhar como um herói.

Pensei que eras mais do que hóquei, Oz. Agora, vejo que estava enganada.

Irritado por ter pensado nas últimas palavras que a Cassandra me disse, atirei-a para o fundo da minha mente e dei a mão à Emma.

Já na rua, na passeadeira que dava acesso ao sítio para onde estavam a trazer os nossos carros, havia uma pequena multidão, à espera. Alguns jogadores já ali estavam, a dar autógrafos. Quando nos aproximámos, ouviram-se gritos e muita gente a chamar o meu nome. A Emma mexeu as sobrancelhas douradas.

— O teu público espera-te.

— Importas-te?

— Porquê? Os teus fãs merecem-te.

Dirigimo-nos à multidão e fui rapidamente inundado por pedidos de autógrafos. Mas quando ouvi gritarem o nome dela, olhei para cima.

Tinham reparado na Emma. E todos aqueles obstinados fãs de hóquei se aglomeraram à nossa volta. Havia segurança nas proximidades e a Emma não parecia estar nada nervosa. Pelo contrário, sorria, graciosa e linda, enquanto dava autógrafos e posava para *selfies*.

— Ela é mesmo tua namorada?

O tipo que acabara de me pedir para assinar uma camisola com o meu nome e o meu número olhou para a Emma e depois para mim, como se não pudesse acreditar. Havia dias em que eu próprio também não conseguia, não por causa de quem ela era para o mundo, mas pelo simples facto de não haver mais ninguém de quem eu gostasse mais do que dela.

— É! É a minha namorada.

— Sortudo do caraças, pá! — Estava nos últimos anos da adolescência, a acne crivava-lhe a cara, o corpo ainda não completamente constituído. Lembrei-me desses anos. Não me recordava de, com aquela mesma idade, alguma vez ter sido tão franco, mas não consegui contrariá-lo.

— Mais do que imaginas. — Devolvi-lhe a caneta e a camisola. Queria ir ter com a Emma. Mas não conseguia mexer-me. Céus! Ela brilhava.

Naquele momento, percebi o muito que a confiança dela estava abalada quando chegou a Rosemont. É claro que era bonita, inteligente e teimosa, mas, ao chegar, não irradiava esse nível de autoconfiança e felicidade.

Rosemont tinha-a curado.

Eu também queria ter algum crédito na sua transformação. Sem dúvida, ela trouxera-me de volta à vida, fez-me querer ser um homem melhor. Mas eu não tinha também feito algo semelhante por ela? Sabia que a Emma gostava de estar comigo. Mas será que se orgulhava de mim? Porque, depois da festa, eu voltaria a Rosemont como um homem sem rumo.

A estrela dela estava em ascensão, enquanto a minha tinha caído. Fitei-a, com um nó na garganta. Talvez tenha sido profético, ou talvez um desejo concedido, mas a verdade é que o meu telefone vibrou, anunciando-me a chegada de uma mensagem do Carlos, o meu agente.

Senti um murro no peito.

O Rickman e o diretor-geral da minha equipa, o Clark, queriam conversar comigo.

Carlos: Não te estou a prometer nada. Mas eles têm algumas ideias interessantes e acho que os devemos ouvir.

Olhei para a Emma, ainda a dar autógrafos no meio da multidão, e os meus dedos apertaram o telemóvel com força, uma onda estranha de medo e de esperança a girar dentro de mim. Mas, quando lhe respondi, os meus dedos estavam firmes:

Lá estarei.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Emma

— Anda comigo. — Peguei na mão do Lucian e levei-o para o pátio privado do nosso bangalô. Tínhamos estado separados durante todo o dia, o Lucian em reuniões e eu em reuniões, e depois fui sair com a Tate. Tinha muita coisa para lhe contar. A excitação e a expectativa borbulhavam-me nas veias como champanhe recém-aberto. Mas isso podia esperar. Ali e agora era o nosso momento.

O Bangalô Marilyn estava ocupado, por isso o Lucian reservou o Bangalô 5, que tinha uma característica particular que eu queria usar. Uma piscina.

Ele parou mesmo à beira da água, com um sorriso nos lábios.

— Como é que eu sabia que acabarias por me trazer aqui?

Descalcei as sandálias.

— É o que dá quando se tem um corpo *sexy* e se atormenta mulheres inocentes com espetáculos aquáticos noturnos.

Ele riu-se, uma gargalhada rica e estrondosa. Livre. O Lucian podia não estar completamente curado na mente e no espírito, mas, a pouco e pouco, estava a perder a tensão que o sufocava e começava a sair da sua concha. E eu estava a adorar ver isso.

— Corpo *sexy*, hã? — Os seus olhos verde-inverno cintilavam no crepúsculo.

— Tu bem sabes, Brick. És um incentivo ambulante ao sexo. Tentação com gingado.

As narinas dele tremeram, mas o seu tom de voz era suave como creme.

— Dizes-me coisas fantásticas, Bisbilhoteira.

— Hum... Agora, despe-te, Tarte de Mel.

O Lucian franziu as sobrancelhas, mas, durante um momento, ficou demasiado distraído a ver-me tirar o vestido para poder responder. Quando falou, a sua voz estava rouca.

— Estás a despir-te.

Eu sorri.

— Estamos muito observadores esta noite, não estamos?

Ele contraiu os lábios.

— Queres mesmo fazer isto?

Eu sabia o que ele queria dizer. A piscina estava completamente cercada por paredes altas e vegetação, mas não era uma casa particular. Corríamos o risco de sermos vistos por um *paparazzo* empreendedor que tivesse escalado o muro. Era uma possibilidade infinitesimal, mas existia. O Lucian e eu tínhamos consciência da

nossa fama. Mas eu já me estava nas tintas para isso. Se alguém estivesse na disposição de ir tão longe para me constranger, não havia nada que eu pudesse fazer. Queria viver. Queria ser feliz, só isso.

Levei as mãos às costas e tirei o sutiã. E o Lucian gemeu, baixinho, quando o atirei para o chão.

— Caramba, Em. Acho que nunca vou deixar de te querer.

A intensidade do seu olhar era uma luva de veludo ao longo da minha pele.

— Ótimo, porque me vais ter. Completamente.

Gemeu, fazendo um som satisfeito e ligeiramente predatório. Uma nova onda de calor subiu-me pelas coxas e fez-me pulsar o sexo.

Levei as mãos às cuecas, mas parei.

— Não te estás a despir.

O Lucian pestanejou, como se saísse de uma névoa, e lançou-me um olhar irónico, ao mesmo tempo que tirava a camisa. Céus! Era tão bem constituído, forte, mas gracioso, definido e duro. O tom azeitona da sua pele ganhou tons de azul-pálido e cinzentos na penumbra da noite. Prendeu o olhar no meu enquanto desabotoava as calças de ganga. Sorri e tirei as cuecas.

— Foda-se... — Expirou com força e ficou parado, a ver-me.

Eu dei uma gargalhada, entrei lentamente na água e quase fiquei sem fôlego, por causa do frio repentino.

A primeira vez que o Lucian se despiu para mim, tinha feito um espetáculo. Agora, isso era muito evidente. Desta vez, tirou a roupa num abrir e fechar de olhos, fazendo-a voar para cima de uma das espreguiçadeiras, cheio de pressa. Não tirou os olhos de mim enquanto se aproximava da piscina e se atirava para dentro de água. Mas assim que chegou perto de mim, a nadar, afastei-me.

— Então é assim, hem? — Olhou-me, com os olhos a rir. Depois, foi atrás de mim.

Gritei, divertida, e fugi. A piscina não era muito grande nem muito profunda, e a verdade é que eu não estava a tentar fugir-lhe. Ele apanhou-me rapidamente, a rir, e puxou-me contra o seu corpo duro e quente. Gargalhando, agarrei-me aos escorregadios ombros dele e afastei-lhe da testa uma madeixa de cabelo molhado.

— Apanhaste-me. E agora, o que é que me vais fazer?

Ele suspirou.

— Estou a fazer mentalmente uma lista.

As suas grandes mãos deslizaram pelas minhas costas e apertaram-me as nádegas, encostando-me à sua ereção impressionante.

Riu-se novamente quando eu me contorci contra ele, mordendo o lábio com luxúria e impaciência. A sua boca exigiu a minha e ele chupou-me o lábio inferior. Mas não fez mais nenhum movimento. Não precisava. Ambos nos deliciávamos no simples ato de nos agarrarmos um ao outro, de nos beijarmos devagar, completamente.

— Devia ter feito isto na primeira vez em que estivemos juntos numa piscina — disse ele contra os meus lábios, quente e preguiçoso.

Beijei-o.

— Eu bem te tentei.

— Tentaste. — O Lucian deu uma gargalhada que acabou num gemido. — Acabei a foder a minha própria mão, durante toda a noite, e a desejar que fosses tu.

Enrolei as pernas em volta da cintura dele e mexi-me só o suficiente para ele sentir o meu sexo contra o seu. Gemeu novamente e apertou-me as nádegas com mais força. Mordi-lhe o lábio inferior.

— Eu também.

— Foda-se, Em...

Durante longos momentos, beijámo-nos, murmurando palavras de urgência e encorajamento. O Lucian levou-nos até à borda da piscina e agarrou-me com mais força. A água prendia-se nas suas longas pestanas e os seus olhos verde-pálido estavam cheios de afeto.

— Não devia ter-te resistido. Era um esforço condenado ao falhanço.

— A resistência é inútil.

O Lucian riu-se, lenta e profundamente, mas a sua expressão manteve-se pensativa.

— Pensar que podíamos estar a fazer isto há tanto tempo...

Salpiquei-lhe a cara de beijos, depois parei e sorri.

— Bem, mais vale tarde que nunca.

Ele tocou-me na testa, enxugando um fio de água, enquanto o seu olhar me vasculhava o rosto.

— Céus, Em, parece...

— O quê? — disse eu, em voz rouca, com o coração a bater muito depressa.

— Feliz — respondeu, a sorrir. — Parece tão feliz.

— Porque estou. — Olhei para ele. — Por tua causa.

O Lucian engoliu em seco, com força.

— Eu faço-te feliz?

— Claro que fazes! — Prendi-lhe a cara entre as minhas mãos. — Tens dúvidas?

Ele olhou para mim um momento, e depois beijou-me ferozmente. E aquele beijo iluminou-me o corpo, atravessando-me a barriga, esvoaçando no meu coração.

— Em... — A sua boca a perseguir-me e a acarinhar-me. — Tu não sabes... como podes saber... — Beijou-me o pescoço, a cara, a boca, outra vez. — Estava tudo escuro e vazio na minha vida, até tu chegares. Sem sabor. Sem alegria.

Ele estremeceu, apoiando a testa contra a minha.

— Estou muito feliz por te fazer feliz.

Apertei-o contra mim, as nossas respirações a misturarem-se.

— Vivo num mundo de egos e de faz de conta. Pensei que a fama era aquilo de que eu precisava, que estaria segura se a tivesse. — A água bateu nos nossos peitos quando lhe tomei o rosto. — Não estás seguro, Lucian. Mas és real. Quando estou contigo, sinto-me viva. Sou apenas eu. E foi preciso conhecer-te para perceber que isso é a melhor coisa que qualquer um de nós pode ser.

A noite caiu, a água cintilava enquanto olhávamos um para o outro. O peito do Lucian subia e descia, agarrado a mim, absorvendo-me as palavras. Quando falou, a sua voz parecia vir do mais profundo do seu ser.

— Não sei o que fiz para te merecer, Em. Mas juro que vou fazer o possível e o impossível para merecer o direito de ficar contigo para sempre.

Antes de eu lhe poder dizer que já tinha conquistado esse direito, beijou-me novamente, e depois, pegando-me ao colo, saímos da água e levou-me para a cama.

*

Lucian

— Céus! Sabes tão bem. — Deitados de frente um para o outro, os nossos corpos entrelaçados, entrei no suave calor da Emma e gemi. A tremer, fiz-lhe uma festa na cara ruborizada e beijei-lhe a boca macia. Fiz amor com ela durante horas, lentamente, cada centímetro de mim a gritar para se libertar, mas adiando sempre, o máximo tempo que pude. Estivemos assim a noite toda e também agora, sob o sol quente da manhã.

— Lucian. — Ela arqueava-se comigo, as pontas dos seios roçando-me o peito.

Gemendo, coleí-me mais a ela, procurei-lhe o mamilo doce e inchado e exigi-o. Em resposta, as paredes do sexo dela estreitaram-se e a Emma agitou a anca, num gemido. Tão bom!

Tão bom que me senti a voar.

A Emma estava nos meus braços e estava tudo bem no mundo. Não conseguia identificar o momento exato em que isso se tornou a minha verdade; talvez tenha sido a partir do momento em que nos conhecemos. Desde o primeiro minuto, ela fez-me sorrir, fez entrar sol e ar no meu mundo escuro e fechado.

Precisava dela como tinha precisado do gelo, como precisava de comida e água. Voltei a beijá-la, lambi-lhe a curva rechonchuda do lábio inferior.

— Em... Nunca foi assim — murmurei. — Nunca foi assim.

Os nossos olhos colidiram quando a minha pila lhe tocou num ponto que a fez vir-se e o sexo dela apertou o meu com tanta força que vi estrelas. Segui-a com um gemido longo e entrecortado, vindo-me nela com golpes selvagens, duros.

Aliviado e satisfeito, puxei-a impossivelmente para mais perto, com um suspiro. Durante um longo momento, ficámos em perfeito silêncio, felizes por estarmos só abraçados um ao outro. De repente, ela inclinou a cabeça para olhar para mim.

Um sorriso sonolento, mas feliz, iluminava-lhe os olhos.

— Deixaste-me de rastos.

Passei a mão pela curva sedosa da cara dela.

— Deixa-me fazer isso outra vez.

Estava a falar quase a sério. Achei que não ia conseguir mexer-me durante algum tempo.

Ela também me tinha deixado de rastos.

Com um gemido dramático, atirou-se para trás e aconchegou-se na curva do meu braço.

— Primeiro, preciso de um longo banho quente. E de café. — Pestanejou. — Meu Deus! Era capaz de matar para poder comer um dos teus *croissants* neste

momento.

Sorri. Como ainda estávamos no hotel, isso teria de esperar.

— É gratificante saber que me queres pelos meus bolos.

— E pela tua pila também.

Engasguei-me com uma gargalhada, depois baixei a cabeça para lhe acariciar o pescoço.

— Atrevida, Bisbilhoteira.

— Hum. — O dedo dela acariciou-me os pelos do peito. — Ontem tive uma conversa muito boa com o meu agente.

Depois da angariação de fundos, a Emma teve uma reunião com o agente dela e eu fui conversar com o Rickman e o Clark. Não tínhamos tido hipótese de falar disso um com o outro porque, mal voltámos a encontrar-nos, no hotel, ficámos como dois adolescentes cheios de tesão. Não que eu estivesse com pressa de lhe contar as minhas novidades, sabia que não ia correr bem. Por isso, resolvi concentrar-me nas novidades dela.

— O que é que o teu agente disse?

— Ofereceram-me um papel. Tanto o realizador como os produtores me querem. É um drama baseado num *thriller* que é um grande *bestseller*.

Ela disse-me o título e eu assobieei baixinho.

— Que papel te querem dar?

— O de Beatrice.

Eu conhecia o livro. Beatrice era a protagonista, que ou estava a enlouquecer lentamente ou estava, na verdade, a ser perseguida por um assassino. O público só saberia no final. Se a Emma conseguisse aquele papel, tornar-se-ia uma grande estrela.

— Tu consegues! — disse eu, com convicção.

Ela agarrou-me no braço.

— Eu sei. Sinto-o. É o papel da minha vida.

Beijei-a rápida e suavemente.

— Onde vai ser filmado?

— Quase todo aqui, em Los Angeles. E acho que há umas cenas no Nevada. — Sorri. — Não estarei muito longe.

Aquela promessa fez-me parar; a realidade da nossa situação e de como eu, rapidamente, iria alterá-la fez-me um nó no estômago. Ainda não lhe tinha contado as minhas novidades. E, agora, não podia. Não podia estragar-lhe a felicidade em que estava.

Afastei esse pensamento e concentrei-me em beijar-lhe os lábios, uns beijos leves que não tinham de levar a sítio nenhum, mas que me provocavam arrepios de prazer na espinha, sempre que lhe tocava.

Ela fez um ruído de contentamento, os dedos a pentear-me o cabelo.

— Oh, e há mais uma coisa.

— Uma coisa ainda maior do que um papel do caraças num filme que tem tudo para ser um grande sucesso mundial?

— Bem, não tão bom, mas acho que é fantástico.

— Conta, querida Em.

Ela abraçou-se a mim.

— Quero levar-te a um sítio. Posso?

— Não me dizes onde?

— É surpresa.

— Misteriosa... Gosto disso. Vou!

Afastei o edredão para longe, desnudando-a ao meu olhar.

— Mas, primeiro, vou tratar de ti.

Depois de uma longa e minuciosa troca, viemo-nos os dois.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Lucian

A casa era em Los Felizes, onde a estrada subia para as colinas, em direção ao Observatório Griffith. Escondida atrás de um portão e de um muro, era uma propriedade de estilo revivalista espanhol da década de 1920. Em muitos aspetos era uma versão mais pequena de Rosemont, com um telhado de terracota, paredes de gesso branco, portas escuras com arcos e tetos com as vigas expostas. Havia roseiras a trepar pelas paredes e a pontilhar o pátio.

Caminhámos com passos tranquilos enquanto ela me conduzia através de uma grande sala de estar com uma lareira de pedra esculpida, passando por uma biblioteca revestida de carvalho e por uma cozinha cheia de luz, com amplas janelas com vista para uma piscina. As bancadas de mármore desgastada estendiam-se, frias e lisas, sob a minha mão. Reparei nos fornos de parede dupla e no fogão de oito bocas. Esta era a cozinha de um *chef*. E, obviamente, o coração de uma casa muito amada.

— Tem privacidade — disse a Emma, dirigindo-se às portas duplas arqueadas que se abriam para o exterior. — E é sossegada.

— Tem ótima luz. — Percorri a cozinha com o olhar, apreciando a enorme despensa e a zona de refeições. Eu tinha a antiga mesa de cozinha do Jean Philipe guardada num armazém. Cabia perfeitamente ali, brilhando à luz do sol. Armários e prateleiras envidraçados forravam a parede do fundo. Havia espaço mais do que suficiente para guardar pratos, travessas, utensílios de cozinha, louças. Olhei para a Emma, sentindo o olhar dela.

Sorriu-me timidamente.

— Gostas?

— Gosto. — Mas não lhe expliquei porque é que tinha o coração a bater tão depressa.

— Vou comprá-la.

Cá estava. Eu estava à espera. Por que outra razão é que ela me levara a ver uma casa que estava à venda? Mas, ainda assim, a confirmação atingiu-me como um pontapé.

— Tem quantos quartos?

— Cinco. — Não se mexeu do sítio onde estava.

— É enorme só para uma pessoa.

— Pois é. Mas sinto-me bem aqui. Sinto-me em casa. — Não tirou os olhos de

mim.

Casa. Dela. Longe da minha. Mas será que eu tinha verdadeiramente uma casa? Rosemont era da Amalie. Sim, eu seria sempre bem-vindo ali e tinha sido o meu refúgio. Mas era a minha casa ou um sítio seguro para me esconder do mundo? Mais uma vez, passei a mão pela bancada. Ao contrário de muitas outras bancadas das casas de luxo da Califórnia, esta era antiga. Tinha uma história, uma história contada através de ténues manchas e da suavidade sedosa do mármore. Seria excelente para temperar chocolate, amassar pão.

Um lar. A tentação de criar um com a Emma fez-me arder o estômago, como açúcar a ferver, doce mas doloroso. Porque eu não podia fazer isso. Pelo menos, não agora.

— Quando é que te mudas?

As tábuas do chão rangeram quando ela se aproximou um pouco.

— O mais depressa possível. Dentro de duas semanas, talvez.

Absorvi aquilo. Eu sempre soubera que isso ia acabar por acontecer. E aquela casa não ficava longe de Rosemont. Porque é que me sentia assim? Porque é que senti aquele frio na pele, como se ela já se tivesse ido embora?

Foda-se. Doía. Ela tinha dito que eu a fazia feliz. Queria fazê-la feliz e orgulhosa.

— Lucian?

— Sim? — Tentei soar leve, mas a palavra saiu-me brusca.

A expressão dela era dolorosa, mas acolhedora, como se estivesse a tentar dizer-me qualquer coisa que continuava a faltar-me.

— Onde é a tua casa?

— O que queres dizer com isso? Vivo em Rosemont.

Uma pequena ruga formou-se entre as suas sobrancelhas.

— Viveste sempre lá?

— Não, claro! — Passei a mão pela nuca. — Tinha um apartamento em Washington. Num sítio fantástico, em Georgetown, com vista para o Potomac. Vendi-o porque deixei de precisar dele.

Será que ela achava que eu estava sem dinheiro? Cristo, eu tinha sido uma estrela. Ganhei mais de oitenta milhões durante os anos em que joguei, mais o dinheiro que recebia de outras coisas, como os anúncios publicitários. Eu era um homem rico. Para dizer a verdade, o mais provável era até ter mais dinheiro do que ela. Mesmo sem jogar. Senti-me imediatamente um parvalhão por pensar nisso.

Talvez a minha cara dissesse mais do que eu imaginava, porque ela abanou a cabeça, como se estivesse a pedir-me desculpa.

— É que... nunca falámos disso. Da tua vida. Estás em Rosemont como se estivesses a esconder-te...

— Não estou a esconder-me. Estou lá porque... — A garganta contraiu-se-me e tossi um pouco, para a limpar. — A Mamie precisa de companhia.

Merda. Que desculpa completamente ridícula. E ambos o sabíamos.

— Então é isso? — perguntou, num tom suave. — Vais dedicar o resto da tua vida a fazer companhia à Amalie?

Senti as entranhas revolverem-se e gemi, desviando os olhos dela, mas depois

fiquei irritado comigo mesmo e voltei a olhar para ela, desafiador.

— É a minha avó.

— Eu sei. Mas e a tua vida? — Agora, estava mesmo à minha frente, do outro lado da longa ilha da cozinha. — És tão novo. Tens tantas opções...

— É verdade, tenho — interrompi-a, sentindo aquele velho ressentimento, aquela velha frustração a acumular.

Ela fez uma pausa, as sobrancelhas novamente franzidas.

— Pois tens — repetiu, insegura.

Respirei fundo.

— Não queria falar disso agora, mas estive a conversar com o Rickman.

— O teu antigo treinador?

Assenti.

— O Rickman, sim. E com o Clark, o diretor-geral da minha equipa, e o Jack Morison, o dono. — Estendi as mãos sobre a bancada, pressionando para me apoiar. — Se os meus médicos me derem alta e se eu me sentir bem a jogar, eles querem-me de volta.

Foi como se, de repente, a cozinha tivesse ficado sem ar. A Emma abriu a boca e olhou para mim, horrorizada.

— Querem-te de volta? — Estava pálida. — Mas tu puseste fim à tua carreira.

— Todos sabemos isso, Em.

— Retiraste-te — disse ela, com veemência —, porque corrias o risco de ficar com danos no cérebro. Permanentemente.

— Eu sei — disse eu. Depois respirei fundo. — Mas ainda estou em grande forma. Ter voltado ao gelo... fez-me sentir bem. Ainda consigo jogar. Eu só...

— Tu o quê? Podes morrer? — disse ela, esganiçada, depois mordeu o lábio, fazendo um esforço para se acalmar.

— Eu vou ter cuidado — disse, contendo-me, porque só me apetecia gritar. — Vou ter muito cuidado.

— A jogar hóquei! Um desporto de contacto! — Ela respirou fundo, fazendo uma careta. — O desporto que te deixou na situação em que estás.

— Emma...

— Emma, uma ova! — Fez um gesto com a mão, como se estivesse a afastar a irritação. — Não tentes... convencer-me!

— Não, não tento. — Agarrei-me à borda da bancada. — E tu não me dês sermões como se eu fosse um miúdo ignorante.

— Então, não te portes como um miúdo ignorante — retrucou, acalorada. — Usa esse teu fantástico e muito precioso cérebro. Isso é completamente irracional...

— Oh, por amor de Deus!

— Usaste esse teu cérebro brilhante quando te retiraste. Usa-o outra vez, caramba!

Cerrei os dentes com toda a força, incapaz de responder sem gritar.

A energia crepitava em volta da Emma, iluminando-lhe os olhos, desenhando as linhas do seu corpo com um relevo nítido. Estava linda, aterrorizadora.

— E a proposta da Delilah? Adoras pastelaria, adoras criar sobremesas. És um

artista...

— Sou jogador de hóquei! — O meu grito ecoou na cozinha e atingiu-me com força. — É o que sempre fui e o que sempre quis ser! — O som da minha voz era como o de um animal ferido, envergonhando-me, enfurecendo-me. Dei um murro na bancada. — Não me dês sermões sobre aquilo que sou quando tenho a oportunidade de... de... Foda-se.

Afastei-me, a garganta entupida. Ofegante, pousei as mãos nos quadris e pestanejei rapidamente para aliviar as picadelas que me magoavam os olhos.

O silêncio foi pesado e frio. Fechei os olhos e respirei fundo.

— Estou na melhor forma da minha vida, Em. Eu consigo. Desta vez, vou ter cuidado. Sei o que está em jogo.

As minhas palavras eram tão frágeis como algodão-doce. Mas ela não as esmagou como eu esperava. Não discutiu comigo. Suspirou suavemente, como se soprasse o ar. Eu nem sequer a teria ouvido se não estivesse tão atento à resposta dela, à espera de uma discussão que queria ter.

— Nunca vais ser feliz com mais nada, pois não? — perguntou-me.

Senti-me submerso numa onda e tudo o que consegui fazer foi abanar a cabeça, dizendo que não. A última coisa que esperava era que ela me abraçasse por trás, que se encostasse a mim e me agarrasse com força.

Não esperava. Mas quando ela fez aquilo, o meu corpo reagiu com um arrepio e o meu coração começou a bater com toda a força. Apertei-lhe os braços magros, acariciando-lhe a pele sedosa, precisando daquele contacto.

— Não quero discutir contigo — disse ela.

Virei-me e puxei-a para mim.

— Eu também não.

Ficámos quietos, abraçados, na cozinha que ia ser dela. Pousei a cara na sua cabeça, respirando o cheiro do seu cabelo, absorvendo o calor do seu corpo. Mas, pouco depois, a Emma afastou-se e inclinou a cabeça para trás. O seu olhar índigo a observar-me o rosto.

— Se jogares na tua antiga equipa, significa que voltas a Washington.

A verdade foi como uma pedra atirada a um lago. Mais uma vez, ela tinha dito algo que eu não quisera dizer. Mas que, agora, estava dita. Larguei-a, embora tudo o que quisesse fosse abraçá-la ainda com mais força.

— Não está nada decidido. É só um teste, mas sim, se voltar a jogar... a minha base será em Washington, apesar de ter de viajar muito.

— Eu sei como é. — O sorriso dela era irónico e forçado. — Também vou estar ocupada. A rodagem do filme começa em breve. Na verdade, a primeira reunião é já para a semana. Vamos discutir algumas ideias, conhecer o resto do elenco, essas coisas...

Afastou-se de mim, vagueando pela cozinha.

— Isto precisa de uma boa mesa. Qualquer coisa do género da que a Amalie tem. E talvez um suporte para pendurar as panelas e frigideiras de cobre por cima da ilha.

A Emma a balbuciar não era um bom sinal. Senti um nó no peito, que crescia à medida que ela ia dizendo o que queria fazer com aquela casa.

— O quarto principal tem uma varanda com vista para a piscina... — disse ela, franzindo a testa. E eu sabia que ela estava a pensar na varanda da sua pequena casa em Rosemont e na noite em que me viu nadar nu.

A tristeza inundou-me. Senti-me a morrer. O fim da nossa história. Queria parar aquilo. E podia parar. Só tinha de dizer as palavras certas. Mas seriam mentira. Tinha de tentar, ou passaria o resto da vida a pensar se tinha ou não tomado a decisão certa. Nunca mais seria capaz de me recompor da perda. E não aguentava mais uma perda na minha vida. Não agora.

— Não te quero perder — disse-lhe.

A Emma olhou para mim, uma expressão desconfortável desenhando-lhe as linhas sérias do rosto.

Olhei para ela, implorando-lhe que entendesse.

— Acabei de te encontrar. Mas não posso virar costas a esta última oportunidade. Quero voltar a sentir-me outra vez eu, Em.

Deixou cair os ombros e suspirou.

— Eu sei. — Engoliu em seco. — Eu não vou a lado nenhum, Lucian.

Mas eu ia. E ambos sabíamos que isso me levaria para longe dela.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Emma

Não estava entorpecida. O entorpecimento implicava não sentir, e eu sentia-me em todos os sítios. Uma horrível sensação de cólicas. Não sabia que era possível sentir tanto medo por alguém que estava determinado a ignorar o perigo que enfrentava.

Olhei para o perfil duro do Lucian enquanto ele se concentrava nos toques finais do almoço de salmão que estava a preparar. A luz do sol entrava pela grande janela da cozinha e fazia-lhe brilhar o cabelo escuro. Ele parecia calmo, mas não feliz.

Não podia ser ajudado. A viagem de regresso a Rosemont tinha sido tensa, ambos calados, cada um entregue aos seus próprios pensamentos. Odiei aquilo. A verdade é que o Lucian tinha ocupado um lugar central no meu mundo e eu não conseguia sentir-me feliz se ele não estivesse lá.

Mas nenhum de nós queria admitir que estava a travar uma batalha que ameaçava ser longa. Eu era muito boa a fingir que não estava magoada, e ele também. Uma solução horrível, porque a minha ansiedade e a minha mágoa aumentavam a cada segundo que eu mantinha a boca fechada. Agora, um dia depois de termos voltado, estávamos a preparar o almoço para a família dele. Ou seja, o Lucian estava a cozinhar e eu fazia-lhe companhia no meu habitual poleiro, no banco da cozinha.

Suspirei silenciosamente. Estava à espera de que ele adorasse a cozinha da casa que eu ia comprar. Estava à espera de que visse a possibilidade de transformar aquela casa num lar para nós os dois. O que era pura estupidez da minha parte. Era muito cedo para esperar que ele quisesse ir viver comigo. Nem sequer tinha tido coragem para lhe perguntar. Nunca falámos de amor ou de «para sempre». Porque é que eu tinha estado à espera de alguma coisa? Mas a verdade é que tinha. Mais uma vez, havia construído castelos no ar, imaginando-nos naquela versão mais pequena de Rosemont. Um lugar só nosso. E ele esmagou-o de uma só vez. Ia-se embora. Podia ter sido mais fácil de aceitar se a razão da partida não fosse uma carreira que podia matá-lo. Fiz uma careta e olhei para o lado.

— Está pronto. — A sua voz profunda cortou o silêncio.

— Eu levo o pão.

O tom era estranho, nada genuíno. Era assim que agora falávamos um com o outro.

Engolindo convulsivamente, peguei no grande cesto de pão enquanto ele me observava com aqueles olhos verde-frio. Eu sabia que ele estava aborrecido por eu não ter apoiado o seu plano. Tal como sabia que ele não tinha tido a mínima

intenção de me magoar. Estávamos simplesmente num impasse.

O Lucian levou o prato principal e a Tina encontrou-se connosco, ao ir à cozinha buscar o chá gelado.

— Muito bem — disse a Amalie, batendo palmas com as mãos cheias de joias. — Está com um aspeto fantástico.

O Sal afastou um prato de gomos de tomate, para arranjar espaço para o peixe.

— Estou a morrer de fome.

— Estás sempre com fome — disse o Lucian secamente, e o Sal deu-lhe uma palmada com a mão de unhas pintadas de verde-alface.

— Onde está o Anton? — murmurou a Amalie, olhando para o terraço, como se esperasse vê-lo sair de um arbusto.

Mas ele apareceu vindo da cozinha, a ajudar a Tina com as bebidas, trazendo nas mãos duas garrafas de vinho.

Sentei-me e observei a maneira como os Osmonds se portavam quando estavam todos juntos, as expressões de paz e expectativa nos seus rostos atraentes. E, no meio deles, o Lucian, severo e vigilante, a liderá-los.

A tristeza em conflito com o afeto. Por todos eles. Eram pessoas que amavam a vida, adoravam boa comida e boa conversa. E partilhavam-nas com quem precisasse desses confortos.

O Sal serviu um copo de *Chardonnay* à Amalie, que levantou o copo, com um brilho nos seus olhos de jade, enquanto olhava para cada um de nós. O Lucian podia ser o capitão, mas ela era a rainha.

— *On trinque?*

Os seus netos responderam imediatamente como se fossem um só.

— *À votre santé.*

O Sal e eu imitámo-los e seguimos o ritual de tocar nos copos uns dos outros. Quando o Lucian se virou para tocar no meu copo, prendeu os meus olhos nos dele e murmurou:

— *À ta santé.*

Baixei as pálpebras, sentindo-me invadida de repente por uma grande emoção. E ele sabia-o. Os seus lábios roçaram-me a testa e murmuraram o meu nome:

— Em.

Eu amava aquele homem. E isso estava a devastar-me.

Quando nos separámos, vi a Amalie a sorrir, feliz. Pestanejei, para segurar as lágrimas, e aceitei o prato de tomate que a Tina me passou.

— Muito bem — disse a Amalie. — Agora que tenho os meus bebés todos aqui, vou fazer um anúncio.

Houve um murmúrio à volta da mesa, e todos, exceto eu, pareceram preparar-se.

— Tenho saudades de França. Por isso — agitou a mão com elegância —, vou voltar a Paris.

— Vais sempre a Paris na primavera — disse o Lucian, surpreendido.

— Oh! — Fungou, como se estivesse ofendida, mas todos sabíamos que não estava. — Vou mudar-me para Paris. O meu tempo aqui acabou. Quero ter uma nova vida.

Aquela mulher tinha setenta e cinco anos e, mesmo assim, tomou as rédeas da sua vida e estava a levá-la para onde queria. Era isso que eu queria: ter o destemor da Amalie, o seu desejo de vida.

— Vais vender Rosemont? — O Lucian não conseguia esconder o medo na sua voz. Era natural. O seu refúgio e as recordações da sua infância estavam ali.

— Claro que não! — disse a Tina, lançando-lhe um olhar ligeiramente irritado.
— Vai dar-ta.

— A mim?

O Anton bufou.

— Até parece que estás surpreendido.

O olhar do Lucian estreitou-se e ficou gelado.

— Porque estou mesmo. Não tenho mais direito a Rosemont do que qualquer um de vocês.

— Oh, por favor. És o neto preferido.

— E tu só não és, Ant, porque és um parvalhão...

A Amalie bateu palmas, uma única vez.

— Calados! Todos! — Olhou para cada um deles. — Claro que não vou vender, Lucian. Que ridículo! E vocês os dois. Como é que se atrevem a sugerir que mostro favoritismo pelo vosso primo?

A Tina pestanejou.

— Desculpa, Mamie. Só que o Lucian viveu aqui contigo quando era pequeno, e tem andado a arranjar isto tudo.

O Anton grunhiu.

A Amalie bebeu lentamente um gole de vinho antes de continuar.

— É claro que tenciono vir cá, de vez em quando, mas Rosemont fica para vocês os quatro, em partes iguais.

— Quatro? — O Anton pestanejou, confuso.

A Amalie levantou uma sobrancelha.

— Tu, o Lucian, a Tina e o Salvador.

O Sal fez um som como se estivesse a asfixiar, a sua pele de cobre tornou-se bronze escuro.

— Amalie... tu... eu...

— Para mim, és como um neto, meu querido — disse ela, com aço na voz e bondade nos olhos. — E não aceito um não como resposta.

A ameaça de que lutaria contra qualquer um dos seus netos verdadeiros que se opusesse à sua decisão também era muito clara.

O Sal recostou-se na cadeira, com um suspiro estrangulado.

O Lucian lançou-lhe um sorriso divertido.

— Enfrenta a realidade, Sallie! Oficialmente, és um de nós.

— *Putá...*

A Tina inclinou-se e deu-lhe umas palmadinhas nas mãos.

— A Mamie tem razão. Nós amamos-te, Sal.

O Anton limitou-se a encolher os ombros.

— Fazes tanto parte de Rosemont como a Mamie. — Voltou-se para a avó. —

Mas, Mamie, eu não posso vir viver para cá para tratar disto. Também podes...

Ela calou-o com um olhar.

— Vamos lá ver! Não espero que nenhum de vocês aqui viva durante todo o ano, embora, se essa for a vossa escolha, o possam fazer. De qualquer maneira, existe um fundo para tratar da manutenção e dos impostos.

O Lucian e o Anton trocaram um olhar. Eu conhecia suficientemente bem o Lucian para saber que nenhum deles recorreria a esse fundo para pagar as despesas de Rosemont. Eram ambos ricos e tinham dinheiro suficiente para tratarem da propriedade. Quanto à Tina, eu não fazia ideia do que é que ela ia fazer. Mas esclareceu-me rapidamente:

— Eu gostava de viver aqui. — Virou-se para o Lucian e o Sal. — Se vocês os dois não se importarem.

O Lucian sorriu com os olhos.

— Querida, ouviste o que a Mamie disse, isto é tanto teu como meu.

— Sim, mas tu é que tens vivido cá. Não quero atrapalhar-te.

— Estás a perguntar-me a mim? — O Sal riu-se levemente. — Eu ainda estou a beliscar-me.

— Toma, deixa-me ajudar-te. — O Lucian fingiu beliscar o Sal, que se afastou rapidamente. O Lucian riu-se, mas muito brevemente, e mexeu-se na cadeira. — A verdade é que não vou ficar em Rosemont durante muito mais tempo.

— Oh? — A Amalie olhou para mim, atenta, como se estivesse à espera daquilo. Tive vontade de me esconder debaixo da mesa. Ela estava completamente enganada. — Conta, Titou.

O Lucian aclarou a garganta, bebeu um gole de chá gelado e, a seguir, aclarou novamente a garganta.

— Fui convidado pela minha antiga equipa para voltar e ver que tal me dou a jogar outra vez.

Parecia que uma bomba tinha explodido ali, no meio da mesa.

— Estás doido, porra?

— Luc, não!

— *Madre de Dios.*

— *Non! Non, non, non!* — A Amalie enfatizou cada não com uma palmada na mesa. Ficou com os olhos cheios de lágrimas. — Não podes, Titou. Não podes.

O Lucian levantou o queixo, naquele seu jeito obstinado.

— Posso, Mamie.

Os olhos dela deitavam chispas.

— Só porque podes não quer dizer que devas.

— Nada está escrito em pedra. Eles querem ver como estou, e eu quero ver como é que me sinto no gelo outra vez.

— Prometeste-me, Lucian. — A voz da Amalie quebrou ao dizer o nome dele, e ela desviou o olhar.

— Eu sei. — Estava tenso. — Mas tenho de fazer isto por mim. Não por ti ou por qualquer outra pessoa.

Encolhi-me quando voltaram os seus olhares indignados para mim.

— Não olhem para a Emma — disse o Lucian, num tom duro. — Ela não tem nada que ver com isto.

Aquilo doeu-me mais do que eu esperava e baixei a cabeça, os meus dedos a torcerem o guardanapo de linho no meu colo.

— Eu não quero fazer parte disto — disse a Amalie, levantando-se. A voz tremia-lhe ao olhar para aquele neto teimoso e orgulhoso. — Amo-te com todo o meu coração, mas não vou ficar a ver-te destruíres-te.

Ela afastou-se e eu vi qualquer coisa quebrar-se nos olhos do Lucian. Mas ele não tentou impedi-la. Naquele momento, percebi que o Lucian jamais imploraria por carinho ou compreensão. Não sabia como é que isso se fazia.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Lucian

As minhas notícias foram recebidas exatamente como eu esperava, ou seja, pessimamente. Mas mesmo já estando à espera, aquilo doeu-me. Tinha uma dor no peito, um nó no estômago.

Um a um, foram deixando a mesa, obviamente dececionados, tristes. Todos, exceto a Emma. Continuava tranquilamente sentada ao meu lado, de ombros caídos.

— Bom — disse eu. — Bela merda.

Ela ficou calada durante tanto tempo que pensei que estava a ignorar-me, mas de repente engoliu em seco, com força, e levantou a cabeça. Os seus olhos índigo estavam cheios de tristeza.

— De que é que estavas à espera?

Vacilei, odiando vê-la dececionada, sobretudo.

— Exatamente disto.

Ela exalou eloquentemente, mas não disse mais nada.

Virei-me na cadeira para olhar para ela.

— Diz o que tens a dizer.

A face dela ganhou um pouco de cor. Ainda bem. Eu queria discutir.

— O que é que queres que diga, Lucian?

— Tudo. A verdade.

— Não queres ouvir a verdade.

Afastei-me da mesa.

— Eu sei que vocês estão todos preocupados...

— Não — interrompeu-me, dura. — Estamos aterrorizados.

Aceitei a pancada e respirei fundo. Ela não percebia. Nenhum deles percebia.

— Quero que tenhas orgulho em mim.

— E tenho. Em muitas coisas. És inteligente, tens imensos talentos, és divertido e muito forte. És um lutador, Lucian. Admiro muito isso em ti.

— Então, como é que não vês que isto sou eu a lutar? Estou a fazer o caminho de regresso ao topo.

Agarrou a borda da mesa e inclinou-se.

— Estás agarrado a um ideal. Isso não é lutar. É desespero.

Irritou-me. Aquilo era pior do que qualquer raiva que ela pudesse ter de mim. Agarrou-se à minha pele, sufocando-me.

— Foda-se — resmunguei. — E dizes que me conheces? O que é que sabes sobre

perda? Vieste para cá para te esconderes depois de um pequeno contratempo. Ainda tens uma carreira.

A Emma levantou-se com a dignidade de uma rainha e afastou-se da mesa.

— Muito bem. Já vejo que estamos na fase de ataque da nossa discussão.

— O que é que esperas que eu faça? — atirei-lhe, o desespero e a raiva a tornarem as minhas palavras afiadas e rápidas. — Que me porte como um cobarde?

— Não sei. — Agitou a mão, num gesto desesperado. — Talvez dares um passo atrás e veres, com clareza, o que estás a fazer. Foste tão corajoso quando te retiraste. Corajoso e forte.

— Não foi coragem. Foi medo.

— A coragem é ter medo e, ainda assim, fazer o que tem de ser feito.

— Frases feitas. Ótimo. — A Emma olhou para mim, o rosto ruborizado. Mas eu continuei: — Como é que não vês? Estou a fazer isto por nós. Estou a tentar ser alguém que pode manter a cabeça erguida e estar em condições de ficar ao teu lado.

Foi como se lhe tivesse dado um estalo. Ela balançou, literalmente, e depois voltou a ficar muito direita. Demorou um pouco até responder e, quando o fez, a sua voz era lenta e firme.

— Pareces pensar que uma relação tem a ver com a fama e o reconhecimento que podes trazer para cima da mesa. Mas não é nada disso que eu quero. Isso era com a Cassandra. E lamento que ela te tenha feito pensar que só existe isso.

— Não é... — Calei-me, porque não sabia se o que ela tinha dito era verdade. E isso frustrava-me imenso. Precisava dela. Só dela. Não precisava da Cassandra, nem de ninguém. Pensei que a Emma me entendia a um nível profundo, da alma. Como é que ela não conseguia ver que eu precisava muito desta oportunidade?

— No melhor e no pior — disse ela, interrompendo-me os pensamentos. — Na saúde e na doença. Não é assim que deve ser?

Não conseguia olhar para os seus olhos tristes. Queria gritar. Estava destroçado por dentro, as palavras dela tinham-me deitado abaixo.

— Uma vez, disseste-me que eu brilhava — disse ela. — E que nada podia mudar isso. Nem a perda de um papel nem um retrocesso. Porque é que não consegues ver isso em ti próprio? Porque tu brilhas, Lucian. Brilhas tanto...

— É isso que estou a tentar fazer, porra! Disseste-me que estava escondido em Rosemont. Tens razão. E estou a tentar mudar isso.

O pânico rastejou-me pela alma.

— Lucian... Meu Deus! Porque é que não consegues ver? Eu... — Ela levantou as mãos e depois deixou-as cair, derrotada. — Não sei que mais dizer.

O tom definitivo com que falou provocou-me um arrepio até ao âmagô.

— Então é isso? Estás a acabar comigo?

Todos me deixaram. Mas ela tinha ficado. Eu esperava...

— Não, Lucian. Não te vou deixar. Estou a dizer-te o que sinto. Estou a dizer-te que essa ideia me aterroriza e me parte o coração. — Encostou o punho ao peito. — É uma escolha tua. Tu é que decides para onde vamos, a partir daqui.

— Isso a mim soa-me muito a um ultimato, Em.

Logicamente, sabia que ela tinha razão. Sobre tudo aquilo. Mas e o meu coração?

O meu coração dizia-me que tinha de tentar. Que devia seguir a minha paixão. O Jean Philipe tinha percebido isso. Tinha-me avisado de que nunca estaria satisfeito se não desse o meu melhor para conseguir o que mais queria. E tinha razão; eu ficara destroçado quando deixei o hóquei. Se pudesse voltar a ter isso e a Emma, sentir-me-ia inteiro.

A voz suave da Emma interrompeu-me os pensamentos.

— Não te estou a pedir que faças isto ou aquilo. Estou a dizer-te que escolhas. Escolhe a vida que quiseses, mas depois não te admires se as pessoas que gostam de ti não conseguirem ficar a ver.

*

Emma

Assim que cheguei à segurança da minha casa, encostei-me à porta e desatei a chorar. Com grandes soluços que me sacudiam o corpo e me faziam tremer. Fui para o quarto aos tropeções, procurei uma caixa de lenços e deitei-me na cama, para chorar um pouco mais.

As comportas estavam abertas e não havia maneira de as fechar. Doía-me a alma, estava de coração partido. Feito em cacos. Sentia-me a sangrar por dentro, rios gelados de dor e de arrependimento.

Ele ia voltar ao desporto que podia matá-lo. Que lhe podia destruir o cérebro.

Queria agarrar-me a ele e implorar-lhe que ficasse longe daquilo, em segurança. E queria gritar-lhe e dar-lhe pontapés pela estúpida teimosia, pela arrogância. Só eu tinha visto o desespero nos olhos dele, a dor. Ele também estava desfeito e nada que eu dissesse ou fizesse podia mudar isso. Ele só iria cavar mais fundo, e eu haveria de me ressentir ainda mais.

O Lucian disse que não queria perder-me. Mas já tinha matado uma parte importante daquilo que éramos. Ele não tinha de me escolher a mim em vez da vida, jamais lhe pediria isso. Mas decidi jogar à roleta russa com a vida. Como é que eu podia assistir a uma coisa dessas?

E essa foi a primeira mentira que lhe disse. Que não ia deixá-lo. Mas a verdade é que não podia ficar e vê-lo fazer aquilo. Não conseguia.

Eu amava-o. Amava cada centímetro dele. Foi o sentimento mais puro e o melhor que já tinha experimentado por alguém. E também o pior. Uma aterradora queda livre sem paraquedas.

Sentia-me a ser engolida pelo chão, o inevitável a instalar-se com uma certeza entorpecente. Alguém me disse uma vez que assim que a nossa vida se tornasse perfeita, o destino encontraria uma maneira de a escangalhar. O destino estava a chamar-nos; o sacana tinha-me tirado o chão de debaixo dos pés.

Gemi, um som gutural, e enrolei-me sobre mim própria, abracei-me pela barriga, tentando segurar a dor.

Senti uma mão quente a agarrar-me o ombro e assustei-me. Pestanejei, olhei para cima e vi o Lucian, de pé, ao lado da minha cama.

— Em... — A voz dele tremeu ao dizer o meu nome. — Querida.

Afastei-me dele, horrorizada por me ter encontrado naquele estado, não queria que me visse assim. Mas era demasiado tarde. Ele deitou-se ao meu lado e abraçou-me.

— Em... não...

Tapei a cara com as mãos.

Suavemente, pegou-me nos pulsos.

— Emma. Querida...

— Não. — Eu não sabia o que estava a dizer. Só sabia que me queria esconder.

— Sim! Olha para mim, Emma.

Baixou a cabeça, e os seus olhos tristes encontraram os meus.

Os meus lábios tremiam.

— Eu só... eu só... — desviei o olhar, as lágrimas a cegarem-me.

Mas ele sabia. Claro que sabia. O Lucian conhecia-me a um nível a que ninguém nunca tinha conseguido chegar.

Agarrando as minhas mãos com as dele, baixou-se e beijou-me. Resisti por um momento, depois cedi, levantando-me para ir ao encontro dele. Os seus lábios moveram-se sobre os meus, dando e confortando-me. Voltou a beijar-me. E mais uma vez. Como uma penitência. Como uma absolvição.

Pousou uma mão na minha nuca, agarrando-me. Docilmente. Deixei-o agarrar-me, tomar-me, tirar-me lentamente a roupa do corpo dorido, acariciando-me a pele nua com toques suaves, como se estivesse a decorar cada uma das minhas curvas, para as guardar na memória.

Beijou-me como se fosse a última vez e a primeira. E quando, finalmente, entrou dentro de mim, suspirámos os dois, e fechei os olhos, as pestanas trémulas, para só sentir.

Fez amor comigo naquele quarto frio e escuro, adorando-me com o seu corpo, as suas mãos, a sua boca, dando-me tudo. E quando eu já não aguentava mais, quando lhe implorava por libertação, ele tranquilizou-me com beijos calmos e investidas lentas.

E voltou a partir-me o coração. Porque eu nunca tinha sido amada assim. Nunca tinha sido tocada como se fosse absolutamente preciosa e completamente necessária.

Agarrei-o enquanto ele se vinha, com profundos arrepios que lhe rolavam pelo corpo. O Lucian abraçou-me com força, a sua respiração irregular e quente na minha pele. Durante um longo momento, ficámos ambos calados, mas quando ele finalmente falou, a voz saiu-lhe num sussurro contra a minha cara.

— Desculpa, Em. Desculpa.

Estava arrependido. Mas não ia mudar de ideias. E agora eu também não.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Lucian

Toda a gente estava chateada comigo.

A Mamie não me olhava nos olhos. Uns dias depois de lhe ter dito que ia voltar ao hóquei, ela pegou na Tina e no Sal e foi para Paris «descansar» e fazer compras.

O Anton tinha abanado a cabeça e tinha murmurado que era uma idiotice. Não falávamos há semanas.

E agora o Brommy. Patinava ao meu lado, o queixo levantado, os olhos duros e focados. Normalmente, estaria a dizer piadas e a patinar em círculos até o Rickman lhe dizer que fizesse a porra daquilo que ele nos tinha mandado.

Quando me juntei à equipa para uma sessão de treino durante o estágio, ficaram todos em choque, num silêncio tão profundo que teria sido possível ouvir cair um alfinete. Mas a maior parte dos meus colegas recuperou rapidamente da surpresa e recebeu-me de braços abertos. Eu sabia que estava ali apenas provisoriamente. Ia experimentar, enquanto o meu agente discutia as coisas com a administração.

Tecnicamente, ainda faltava um ano para o meu contrato acabar. Havia uma data de questões legais, mas, em resumo, o clube podia ficar comigo ou recusar-me. Mas eu não pensava nisso. Estava novamente no gelo, adaptei-me e sentia-me muito bem. Fisicamente, pelo menos.

Olhei para um Brommy mal-humorado.

— Diz o que tens a dizer e acaba com isto de uma vez por todas.

O Brommy olhou para mim.

— Muito bem. Isto é uma estupidez. Uma idiotice do catano. Foda-se, Oz, nunca pensei.

Senti o calor picar-me na garganta.

— Eu sei o que estou a fazer.

— O caraças é que sabes! — Seguiu em frente, trocou umas palmadas com o Linz, depois aproximou-se do Hap, na baliza, e ficou a conversar com ele. Estávamos à espera do Dilly, o nosso treinador de ataques, e dos seus assistentes para começarmos os exercícios.

Num tom sombrio, pedi um disco e um dos assistentes atirou-me um. Ignorando o resto do campo, fiz o meu próprio treino, trabalhando várias situações. Mas, pouco tempo depois, o Brommy estava outra vez ao meu lado.

— O que é que a Emma diz disto tudo?

Emma. Só o nome dela tinha o poder de me abrir. Ela não me tinha deixado, eu é

que a tinha deixado a ela.

Durante duas semanas tínhamos fingido que nada mudara. Mal mantivemos as mãos afastadas um do outro. Havia qualquer coisa de quase frenético naquilo, um desespero para chegarmos o mais perto um do outro e o mais profundamente possível, durante o tempo que nos restava. Ela retilava e provocava-me e fazia-me rir, todos os dias. Eu fazia-lhe doces e *gâteaux*, adorando a maneira como ela gemia e os devorava, como muitas vezes me devorava a mim, com total abandono e uma alegria luxuriosa.

Mas era uma ilusão e ambos o sabíamos. Uma ilusão que acabou quando ela me levou ao aeroporto.

— Tenho de fazer isto — disse-lhe. — Não quero passar o resto da vida a pensar «e se?», Emma.

— Eu sei. — Mas os olhos dela estavam tristes, o seu espírito já fugia de mim.

— Isto não é um adeus, Em.

Os lábios dela tremeram. Mas não chorou. Não voltou a chorar desde a noite em que a encontrei enrolada na cama. O sorriso dela era frágil, de uma estranha.

— Vamos chamar a isto um «até nos voltarmos a encontrar».

Mas senti-me a morrer.

Ainda falávamos. Mas as nossas chamadas foram-se tornando menos frequentes. Eu estava em Washington, a treinar e a fazer exames, a esforçar-me, todos os dias. A Emma estava em Los Angeles, a mudar-se para a nova casa — aquela casa perfeita, com uma cozinha que eu adorava poder experimentar — e ocupada com reuniões e com a preparação do próximo papel.

Irritado com o Brommy, fiz cara feia.

— Não metas a Emma nisto.

— Porque não? É tua namorada, não é?

Fechei o punho.

— Baza, Brom.

Ele fez um ruído de aborrecimento, mas não me importei.

Tinha saudades dela. Sentia a falta dela com uma saudade tensa, que me fazia olhar pelo canto do olho, na esperança de vislumbrar o seu sorriso. Sentia a falta do calor dela, do aroma doce e fresco da sua pele, do som da sua voz.

Precisava da Emma.

Era assim a vida no hóquei; muitas vezes estávamos longe daqueles que amamos. Toda a gente na equipa tinha de lidar com isso.

Mas eu não queria. Estava cansado. Exausto.

Sem aviso, a imagem de uma cozinha brilhou na minha mente. A luz do sol a brilhar nas bancadas de mármore, o cheiro a pão acabado de cozer e delicadas rosas vermelhas dançando no parapeito das janelas escancaradas.

Não era a cozinha da Mamie, percebi, com um sobressalto. Era a da Emma.

A cozinha que também podia ser minha. Estava lá, nos olhos dela, aquela promessa, a pergunta que ela não tinha feito. Porque eu tinha estragado tudo.

Zangado, abanei a cabeça e foquei-me no agora. O meu sonho.

A minha paixão.

— Estou a fazer isto — disse eu ao Brommy. — Podes querer fazer parte ou não, mas eu voltei.

Ele mostrou os dentes, quase a rosnar-me.

— Arranjaste os dentes — disse eu.

Isso animou-o e fê-lo olhar para mim, como se eu não tivesse percebido nada.

— Sim, Ozzy. Arranji os dentes. Sabes porquê? Porque o meu dentista disse que aquele que me faltava ia começar a afetar os outros todos. Por isso, fiz o que era inteligente e arranji a boca.

— Subtil, Brom.

— Gosto de pensar que sim. — Baixou os olhos e suspirou. — Foda-se. Faz o que quiseses, Luc. Por muito estúpido que seja. — Olhou para mim com um sorriso que tinha pouco de humor. — Amo-te como se fosses meu irmão. Por isso é que me preocupo contigo. Percebes?

— Já, percebo. — Peguei no meu *stick*. — Também te amo, urso do caraças.

Ouviu-se o apito e começámos a trabalhar. E foi horrível.

— Oz, tira a cabeça do cu — gritava-me o Dilly, a cara muito vermelha por causa do esforço.

Perdi três passes, fiz trapalhada num golo. O meu desempenho foi péssimo. Estava longe dali. Dei por mim a pensar em combinações de sabores em vez de jogadas. Sempre que me aproximava da vedação, um suor frio irrompia-me sobre a pele. Patinava tenso, à espera de uma pancada que nunca chegou. Porque os meus colegas estavam a facilitar-me as coisas.

Havia de melhorar, disse a mim próprio. Mas estava a ter dificuldade em acreditar nisso.

*

O dia seguinte foi pior.

A imprensa soube do meu «interesse» em voltar. Cercaram-me como moscas na fruta. Tinha sentido falta daquilo? Não conseguia entender o porquê de tanto interesse, enquanto me esquivava às perguntas intermináveis e ao *flash* constante das câmaras. Uma vez mais, senti falta do zumbido quente da cozinha, da sensação de um batedor nas mãos e de saber que era eu que tinha total controlo de tudo.

Fechado na casa de banho, vomitei o pequeno-almoço, as mãos a tremer como folhas de outono. No gelo, retraí-me, quando devia ter atacado. A minha cabeça continuava à deriva, a pensar na Emma, perguntava-me se ela estaria a comer bem, queria estar com ela.

O hóquei não me parecia amor ou liberdade. Parecia-me trabalho. Pior. Parecia-me uma farsa. O fim do dia foi um alívio.

— Ei, Drexel — chamei o avançado quando ele saía do chuveiro e se dirigia para o seu cacifo, do outro lado do balneário. — Vais sair hoje à noite?

O Brommy andava com uma miúda que tinha vindo assistir aos nossos treinos durante toda a semana. Eu tinha tido ofertas semelhantes, mas ainda pertencia à Emma. Seria sempre dela. Mas isso não significava estar sempre dentro do meu

quarto de hotel. O Drexel e eu costumávamos sair muitas vezes depois dos treinos. Íamos a um bar, víamos desporto e falávamos de banalidades.

Ele sacudiu a cabeça ainda húmida, espalhando gotículas de água.

— Não posso. Tenho de ir para casa ter com a Sarah e com o bebé.

— É verdade. Tens um filho.

E foi quanto bastou para o Drexel me mostrar uma data de fotografias do seu filho de cinco meses, um bebé gordinho, de pele rosada e enormes olhos castanhos. Fingi interesse, mas, por dentro, sentia-me triste.

O Drexel saiu e o balneário ficou em silêncio. Há muito que todos os outros tinham ido para casa. A minha casa era na Califórnia, tinha uma piscina que se estendia diante de uma janela da cozinha e eu podia olhar para ela enquanto amassava pão ou temperava chocolate.

Não. Não. A minha casa era ali. Eu tinha feito uma escolha. Aquela era a minha vida agora. Só precisava de tempo para voltar a estar em sincronia com os meus colegas de equipa.

Voltei a sentir vontade de vomitar. Não conseguia aguentar nada no estômago. Como se as minhas entranhas estivessem cheias de lama. Fechei os olhos, senti as várias dores provocadas pela prática de um desporto ao mais alto nível. As minhas coxas doíam-me, em protesto, e fartavam-se de gritar sempre que eu as dobrava. As minhas costas matavam-me quando tentava endireitá-las. Mas esse género de dor era esperado. Fazia parte da vida.

Não tens de te magoar.

Mas o que é que eu seria?

Serás dela. Serás livre. Serás feliz.

A olhar para o chão, quase não percebi que tinha recebido uma mensagem.

Distante, tirei o telemóvel do saco e li-a.

EmmaMinha: Pensei em ti há pouco. O sol está a entrar pelas janelas da cozinha e ilumina a bancada. Lembrei-me daquele dia, em Rosemont, em que estavas a fazer *macarons* de *Earl Grey* e creme de limão e a luz batia na tua cara, exatamente assim. Aquele teu rosto forte e sério, tão embrenhado na tarefa de fazeres com que tudo ficasse tão perfeito e delicado que mal pestanejaste.

Engoli em seco, convulsivamente, quando a mensagem seguinte chegou.

EmmaMinha: Era arte. Era amor. Nunca o admitiste, mas eu soube, naquele momento, que adoravas fazer as pessoas felizes com a tua comida. E eu nunca te disse o quanto me senti mimada ao comer as tuas criações. Quão viva me senti. Acordaste-me, Lucian. Fizeste-me ver que a vida está no momento presente, não num sonho distante.

O ecrã do telemóvel ficou turvo, pestanejei com força e senti uma dor no peito que quase não me deixava respirar. Ela tinha razão, era amor. Mas não apenas pela

comida. Era um trabalho de amor. Para ela.

EmmaMinha: Talvez eu não devesse estar a dizer-te isto por mensagem. Talvez esteja apenas a sentir-me melancólica. Os dias são longos aqui, e o trabalho é... trabalho.

As mensagens dela pararam e o meu coração começou a bater muito depressa, os dedos inquietos, a quererem responder. Mas eu não conseguia mexer-me. Por dentro, sentia-me dividido. Precisava...

Chegou mais uma mensagem.

EmmaMinha: Só queria dizer-te que, aconteça o que acontecer, conhecer-te como te conheci em Rosemont foi a melhor coisa que já me aconteceu. Tu és um bom homem, Lucian. Sempre foste.

O meu corpo ficou gelado e, depois, tão quente que parecia arder.

Quando pensei na Emma naquele momento, não a vi, mas senti-a. A suavidade acetinada da sua pele, como eu adorava acariciá-la, tocá-la, só para ter a certeza de que era real. Pensei na forma como me beijava um determinado ponto do pescoço e me cheirava, como se estivesse a memorizar o meu cheiro. Ouvi o som rouco do riso dela nos meus ouvidos e lembrei-me de como isso me fazia sempre sorrir e me provocava uma excitação quente na pele. Pensei na forma como podíamos falar durante horas e nunca ficar sem coisas para dizer. Em como ela se enroscava em mim, a meio da noite, descansando a mão sobre o meu coração como se, mesmo em sonhos, o protegesse. E eu puxava-a mais para mim, cheio de ternura, sabendo que tinha recebido um presente.

Emma Minha. Mas já não era.

Tentei evitar, mas não consegui. As minhas pernas cederam e eu caí. Encostado às portas duras dos cacifos, chorei como não fazia desde criança. Todos os sentimentos feios e assustadores jorravam de mim, em soluços sufocantes, deixando-me vazio e sozinho no chão húmido.

O Brommy encontrou-me ali algum tempo depois.

— Oh... Caraças, Luc.

— Por favor, não digas «eu avisei-te». — Descansei a cabeça nas mãos enquanto ele se sentava ao meu lado.

— Não, não digo nada disso. — O ombro dele encostado ao meu. — Está tudo bem, Oz?

— Vai-te foder.

— Portanto... não?

Deixei escapar uma gargalhada fraca e tapei os olhos com as mãos. Tinha a cabeça a latejar, o pulso baixo, mas sabia que em breve dispararia.

— Sou um estúpido do caraças.

— Eu disse-te, há umas semanas.

Olhei para ele, só com um olho.

— Pensei que não ias dizer «eu avisei-te».

— Não acho que tenha usado essas palavras. — Ele sorriu e o seu olhar estava cheio de compreensão. — Fala comigo, Oz.

— Durante todo este tempo, pensei que, se voltasse a ter o hóquei... — Calei-me, abanando ligeiramente a cabeça.

O Brommy assentiu, mas não disse nada. Não era preciso.

— Pensei que era isso que me definia.

— Peço a Deus que faça com que toda a minha existência nunca dependa só do hóquei — disse o Brommy, sombrio, mas com uma pitada de humor que me fez sorrir.

Invadiu-me uma onda de solidão e saudade.

— A Emma tentou fazer-me ver isto. Ela disse-me que eu era mais do que o hóquei. Mas agarrei-me com tanta força à porra desta ilusão... — Baixei a cabeça. — Foda-se, Brom. Magoei-a. Matei uma coisa muito boa que havia entre nós. E ela...

— Ela ama-te.

Aquela palavra atravessou-me o coração e fez-me vacilar.

Nunca tínhamos dito um ao outro que nos amávamos. Houve momentos em que pensei que ela podia amar-me como eu a amava, de uma maneira plena, com toda a minha alma. Mas ela nunca tinha dito aquelas palavras. E eu também não; teria sido estúpido, dito na hora errada, dado que eu a deixaria.

Eu deixei-a. E ela permitiu, deixou-me fugir. Porque essa tinha sido a minha escolha. Sem perceber que, sem ela, a vida não passava de dias planos e noites vazias. Eu deveria tê-la valorizado em detrimento de um sonho que nada mais era do que orgulho e medo. Tinha de responder às mensagens dela. Mas o que tinha a dizer precisava de ser dito cara a cara.

Levantei-me e girei os ombros, para aliviar a dor. Estranhamente, senti o corpo leve como já não sentia há muito tempo. O Brommy sorriu, enquanto me observava.

— Vais ter saudades minhas, Brom?

Ele riu-se.

— Ná! Tu nunca vais sair da minha vida. Só vais para casa.

Casa.

Era exatamente para lá que eu ia.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Emma

A vida era... boa. Estava tudo bem.

Tinha um papel importante, suculento e intenso. Um elenco e uma equipa que trabalhavam bem em conjunto. Tinha uma casa linda que era toda minha. Era perfeita. Cheia de luz, mas acolhedora e segura.

Tecnicamente, tinha um namorado que amava. Mesmo que esse namorado estivesse noutra cidade, num trabalho que podia... Retive a respiração e enrolei-me na cama.

Não queria pensar no Lucian. Acabaria a chorar.

E já tinha chorado muito.

Tinha pensado em acabar tudo com ele. Mas não fui capaz. O hóquei estava tão intimamente ligado ao seu sentido de identidade que se sentia perdido sem isso. Eu teria feito alguma coisa de maneira diferente se tivesse a oportunidade de recuperar uma parte intrínseca de mim própria? Como é que podia cobrar-lhe isso?

Eu amava-o. E se isso significava ter de o deixar seguir o seu sonho, mesmo que tal me deixasse para trás, então era o que tinha de fazer. Por isso, deixei-o ir, sem lhe pedir que ficasse. Sempre que estive com ele, valorizei os momentos que tivemos. Mas, por dentro, estava desfeita. Pior, ele não parecia ter reparado que estávamos a afastar-nos. Não respondeu às minhas mensagens. Meu Deus, isso magoou-me! Se calhar, assustara-o.

Ou talvez tenha ficado irritado.

Bem, foi muito mau. Era demasiado esperar que me respondesse? Mesmo que fosse uma coisa tão simples como um «obrigado»? Eu ter-me-ia contentado com isso. Merda. Não queria acomodar-me. Com qualquer coisa. Não devia. A dolorosa verdade estava à vista, tinha de acabar tudo com ele. Não podia continuar assim.

Com um suspiro, bebi um pouco de vinho e olhei fixamente para o teto de estilo mourisco que se estendia por cima de mim. Era mesmo muito bonito. E eu não conseguia desfrutar de nada daquilo, nem da casa, nem do papel, nem da minha vida.

A noite caíra, o tempo estava fresco, mas não tanto que me impedisse de ter deixado abertas as portas duplas que levavam à varanda. Ao longe, a luz que se refletia na piscina criava sombras azuis que dançavam nas paredes.

Fechei os olhos e tentei não pensar nele. Não ajudava o facto de Édith Piaf ter começado a cantar sobre não se arrepender de nada. Porque eu tinha oceanos de

arrependimentos quando se tratava do Lucian. A música inchou e agarrou-se à minha garganta, com amargura. Trombetas a soar numa carga insistente, cordas a subir de esperança.

Abri muito os olhos. Estava mesmo a ouvir música, não era imaginação. Levantei-me da cama, aos tropeções, e fui à varanda.

Ele estava no outro extremo da piscina, as mãos nos quadris, naquela sua postura arrogante, a olhar para mim, desafiador. Todo fanfarrão.

Devia ter ficado irritada. Devia ter gritado com ele por causa da ausência, da insistência teimosa dele, do seu silêncio.

Mas, em vez disso, um sorriso desenhou-se nos meus lábios e tudo se iluminou dentro de mim. Para o bem e para o mal, aquele homem iluminava-me sempre, fazia-me sentir viva.

— Vais ficar aí espicado toda a noite, Brick, ou vais despir-te para mim?

O seu sorriso de resposta foi puro e livre.

— Estava com esperança de que te juntasses a mim, Bisbilhoteira.

Saí da varanda e desci as escadas, a correr, para ir ter com ele. Mas quando cheguei a poucos metros de si, dei por mim a parar, com a saia a voar em volta dos joelhos.

Olhámos um para o outro, em silêncio, quando Édith começou a cantar um «Milord» atrevido.

A expressão do Lucian ficou tensa, um misto de arrependimento e ternura. Fez-me doer o coração.

— Estás aqui — disse eu, rouca. Porquê agora, e até quando?

Como se tivesse ouvido as minhas perguntas não ditas, ele sorriu timidamente.

— Recebi as tuas mensagens.

— Tem graça, não recebi a tua resposta.

— Há coisas que têm de ser respondidas pessoalmente.

Os meus lábios tremeram perigosamente. Com medo de soluçar, apenas acenei uma vez com a cabeça.

O olhar do Lucian suavizou-se.

— Percebi uma coisa, Em.

— Sim?

— Sim. — Deu uns passos na minha direção. — Percebi que nunca te tinha dito...

— O quê? — murmurei, ofegante.

— Que te amo.

Aquelas palavras fluíram sobre mim, doces e calorosas. O meu coração saltou uma batida e, depois, começou a bater muito depressa. Era a minha vez de responder. Tinha de responder. Mas não conseguia falar.

Sem se intimidar ao ver-me petrificada, continuou a falar, suave mas insistente.

— Durante muito tempo, o hóquei foi o amor da minha vida. Mas a partir de certa altura esse amor transformou-se e tornou-se ego. Passou a ser resultados e fama. Tu tinhas razão, achei que era isso que todos valorizavam em mim. Mesmo quando me diziam que não era.

Esfregou a nuca, como se lhe doesse.

— Amo-te, Em. Quase desde o início. Mas não me amava a mim próprio.

— Lucian...

— Não me arrependo de ter voltado ao hóquei. — Os seus olhos verde-inverno tinham uma expressão dorida. — Serviu para clarificar as coisas. Mas lamento ter-te deixado.

O chão parecia fugir-me debaixo dos pés. Não sabia se ele estava ali para ficar ou se era só para me dizer que me amava. Mesmo que isto fosse o fim, ele também precisava de perceber algumas coisas.

— Eu também te amo, Lucian. Muito.

Ele abanou a cabeça, como se absorvesse as minhas palavras, e o seu sorriso aumentou.

— Tinha essa esperança.

— Como é que podias ter dúvidas? — Apesar de eu também ter duvidado dele.

Deu mais um passo.

— Porque fui um parvalhão durante este tempo todo.

— Oh, não diria isso...

— Fui. — O Lucian parou mesmo à minha frente. — Em, eu estava perdido. Pensei que me tinha sido tirado tudo o que me tinha feito ser quem sou.

— Eu sei. — Queria abraçar e proteger aquele meu grande e forte homem ferido. Mas agora ele não parecia ferido ou perdido. Olhava para mim com uma nova luz nos olhos.

— Eu estava enganado. Sim, perdi o hóquei. Sim, estava muito magoado. Mas já não sou esse homem.

— Então, quem és?

O Lucian segurou-me a cara entre as suas mãos quentes e levantou-me o rosto para o dele.

— Sou o Lucian, o Brick, o Tarte de Mel, o homem que ama a Emma, a Bisbilhoteira, a Abelhinha, com todo o meu coração. E não vou voltar atrás. Vou ficar aqui.

Não consegui evitar um soluço. Puxou-me para ele e abraçou-me com força, os lábios pousados no meu cabelo.

— Sempre amei o hóquei, mas já não é isso que quero.

As lágrimas turvavam-me os olhos e tinha a garganta apertada, distorcendo as minhas palavras.

— O que é que queres?

— Quero-te a ti. — Baixou a cabeça e olhou-me nos olhos. — Quero deitar-me contigo e acordar contigo. Poder falar contigo todos os dias, sobre tudo e mais alguma coisa. Quero cozinhar naquela cozinha, fazer-te guloseimas tentadoras e ver a tua cara iluminar-se quando as provares.

Estava a tremer, as mãos a pentear-me o cabelo.

— Quero ser o *chef* de pastelaria do restaurante da Delilah ou ter o meu próprio negócio. Viajar por todo o mundo contigo. Dizer-te que te amo, todos os dias da minha vida. Quero... quero vir para casa, Em.

A rir e a chorar, pus-me na ponta dos pés e beijei-o. E ele também me beijou, devorando-me a boca. Derreti-me contra ele, absorvendo-lhe o calor, o cheiro de açúcar e farinha da sua pele.

— Deixei-te, Emma, sem te dizer que és tudo para mim. E vou arrepender-me disso até morrer...

— Mas voltaste.

— Tive de voltar. És o meu coração e a minha alma. — Beijou-me suavemente na cara. — Já não estou perdido, Em. Tu encontraste-me, e nunca mais te vou deixar.

A felicidade borbulhava e fluía entre nós, o meu coração recompunha-se e voltava a estar inteiro, enorme, com uma sensação de paz. A vida era boa. Não, a vida estava, finalmente, a começar. Enfiando os dedos no seu cabelo sedoso, inclinei-me para trás e olhei para os seus olhos sorridentes.

— Bem-vindo a casa, Lucian.

EPÍLOGO

Lucian

— Fica quieta.

A Emma contorceu-se novamente, os lábios exuberantes a curvarem-se num sorriso, ao mesmo tempo que me olhava timidamente.

— Mas faz cócegas.

O meu sexo pulsava, pura luxúria a provocar-me uma tempestade nas entranhas. Mas mantive as mãos firmes.

— Estou quase lá.

Passei mais uma série de flores ao longo da curva do peito dela, em direção ao seu lindo mamilo, agora de um rosa profundo e duro. Ela ficou ofegante e eu lancei-lhe um sorriso perverso.

— Sê bonzinho, ou não te lambo.

— Mentirosa. Mal podes esperar. — Ela estava deitada na minha cama, vestida apenas com as flores de creme de limão e redemoinhos com os quais lhe decorei o corpo perfeito.

— Declaro-me culpada. — Tinha água na boca, na urgência de a comer, de misturar os seus sabores com o meu creme. Entrar naquela fenda apertada e sedosa do seu corpo, onde me sentia em casa e sentia o maior prazer que alguma vez tinha tido na vida.

A mão tremeu-me um pouco ao rodear-lhe o mamilo duro, preferindo destacá-lo em vez de o cobrir de creme. A Emma mordeu o lábio inferior e baixou as pálpebras, arqueando-se subtilmente para a ponta do saco de pasteleiro. O calor invadiu-me e pus de lado o creme de manteiga.

— E agora, por onde começar? — Queria tudo de uma vez. Cada delicioso centímetro dela. Sempre. A todo o momento.

Impaciente, acariciei o meu sexo, mantendo-o leve, para não me vir logo. Porque nada era tão delicioso como a Emma Maron nua, perante mim, sorrindo de uma maneira que me dizia que era toda minha.

A felicidade rivalizava com a luxúria, provocando um *cocktail* inebriante nas minhas veias. Tinha a Emma exatamente onde a queria: comigo. Tudo o resto ficou em segundo plano para si quando me viu acariciar a pila, toda ela urgência gananciosa e expectativa.

— Lucian...

— Sim, querida...

Semicerrou os olhos.

— Vou-me mexer.

— Não te atrevas.

— Então é melhor comeres-me.

A minha garganta fez um som rouco e inclinei-me para ela. Toquei-lhe no joelho com a ponta da língua. A sua pele cremosa arrepiou-se enquanto eu lhe lambia lentamente um caminho ao longo da coxa.

Ela gemeu docemente.

Cheguei ao seu umbigo e chupei-o.

— Merda — disse ela, com um silvo de prazer, a pele ruborizada. Sorri e beijei-lhe a barriga antes de lhe traçar uma *fleur-de-lis* na anca. — Lucian...

— Sim? — Mordiquei-lhe a cintura.

Ela mexeu-se.

— Tu sabes.

O seu tom sombrio fez-me rir. O seu sexo exuberante, todo inchado e molhado, esperava, meio escondido pela elaborada rosa que eu tinha feito mesmo acima dele. Eu sabia que ela me queria ali. Mas ia ter de esperar.

— Vais pagar isto caro — prometeu, numa voz rouca.

— Conto com isso. Agora cala-te, rapariga, e deixa-me fazer isto.

Ela rosnou como resposta, e fez-me sorrir outra vez. Pus-me por cima dela, apoiado nas mãos e nos joelhos. Ela ofegou levemente, olhando para mim. Mas havia apenas calor impaciente naqueles belos olhos.

— Olá — disse, esforçando-me para não me rir.

— Parvo!

— Há um sítio onde não pus creme. Se calhar, devia pôr.

— Se calhar, devias... oh! — Ofegou e encolheu-se quando me inclinei e lhe apalpei o seio, torturando-lhe o mamilo. Céus! Ela sabia bem, a mulher doce e creme de limão. Chupei-a profundamente, adorando a maneira como ela gemia e se contorcia.

Sem a soltar, recuei, chupando-lhe o peito até o mamilo se soltar da minha boca com um estalido provocador. Depois passei para o outro seio dela, acariciando-o e lambendo-o lentamente, até os meus lábios estarem cobertos de creme e a ouvir implorar e gemer por mais.

Um pouco de creme de limão deslizou pela curva exuberante do peito dela e persegui-o com a língua, arrastando-a pela sua pele, lambendo-lhe o mamilo mais uma vez. E outra vez ainda.

Ela envolveu-me o pescoço com o braço, puxando-me mais para o seu corpo.

— Vem cá, Lucian.

Estava linda, ruborizada e febril de desejo.

— Sim, minha senhora. — Encaixei o meu corpo no dela, a minha pila à procura do seu ansioso sexo, a entrar naquele sítio perfeito. Gememos os dois, os nossos corpos a deslizar em creme de manteiga. A minha boca encontrou a dela e ela devorou-me, as coxas a envolverem-me os quadris, o corpo dela a mover-se ao ritmo do meu.

Entrei mais fundo, deleitando-me com a sensação de estar dentro dela. Sentia-me tão bem que o meu corpo ficou quente e frio e quente novamente.

— Adoro foder-te.

Mas essa não era a única verdade. Eu amava-a. Amava-a loucamente.

Os seus lábios cor-de-rosa entreabriram-se, a expressão quase dorida, mas terna. Acariciou-me a face enquanto nos movíamos, juntos.

— Lucian.

Só o meu nome. Só ela. Era tudo o que eu precisava.

Fiz amor com a Emma durante toda a noite, caindo e rebolando na cama, lambendo e chupando e rindo com ela. Estávamos tão pegajosos que precisámos de dois duches para nos limparmos completamente. Depois, voltámos a fazer tudo outra vez.

Quando o sol nasceu, estávamos no chão, embrulhados num edredão. O cabelo da Emma em ângulos estranhos, tão adoravelmente despenteado que o meu coração teve um sobressalto. Havia dias em que não conseguia acreditar que ela era minha. Mas nunca a daria como garantida.

A Emma abriu os olhos e concentrou-se imediatamente em mim. Sorriu-me, e o bonito rosto dela transformou-se e ficou de tirar o fôlego. Aquele olhar de amor? Era todo meu também.

— Olá.

— Amo-te — respondi. — Já te disse que te amo?

— Todos os dias. — Acariciou-me a testa. — E com cada mimo que pões à minha frente.

Desde que nos tínhamos mudado para a nossa casa, a que chamámos *La Vie en Rose*, não parava de fazer bolos e de criar novos doces. Aquele nome não tinha nada que ver com aquela casa, mas a Emma disse que pensaria em mim sempre que ouvisse aquela canção. E como eu também pensava sempre nela quando a ouvia — lembrando-me do momento exato em que me despi para si, com aquela música a tocar, e uma parte de mim a saber que ela um dia seria minha —, também concordei com o nome.

Andava a experimentar receitas para o Black Delilah, onde em breve seria o *chef de pâtissier* da Delilah, que andava animadíssima. A verdade é que nos dávamos muito bem a trabalhar juntos. Como éramos ambos teimosos e opinativos, podia ter sido um desastre. Mas adorei a visão criativa da Delilah e, fiel à sua palavra, ela deu-me toda a liberdade para me expressar.

Agora, a Emma estava quase sempre a filmar, interpretando a sua Beatrice, num papel que, sem dúvida, a tornaria uma superestrela. Ela chegava a casa exausta todas as noites. Eu servia-lhe o jantar, deitava-a na cama e amava-a até ela não aguentar mais de cansaço e adormecer.

Naquele momento, no entanto, corríamos o risco de nos atrasarmos. Com um grunhido, levantei-me.

— Para a próxima, ficamos na cama.

— Ei! Tu é que te puseste com invenções. — Ela também se levantou e sorriu. — OK, tens razão. Foi uma péssima ideia.

— Vamos tomar banho, mas depois temos de nos apressar.

A Mamie fazia setenta e seis anos naquele dia. Depois de meses em Paris, tinha chegado a Rosemont na véspera. Tínhamos planeado uma festa de família para ela e a Emma e eu ainda precisávamos de acabar o *gâteau Saint-Honoré* que eu havia feito para ela.

Quando chegámos a Rosemont, a Tina e o Sal estavam no terraço, a dar os toques finais na mesa. Eles tinham decidido fazer de Rosemont uma pousada só para pessoas que precisavam de refúgio e cura. E só estaria aberta de setembro até pouco antes do Natal.

— Deixa ver — disse a Tina, estendendo as mãos para a caixa do bolo. Com todo o cuidado, levou-a para a cozinha e abriu-a. — Ah, cá está ele. Olá, querido. Vou apresentar-te à minha barriga não tarda nada.

Era um *gâteau* simples, com uma base de *pâte feuilletée* coberta com creme *pâtissière* de baunilha e cercado por folhados cobertos de caramelo e recheados com creme de avelã. A Emma dizia que esta era a mais cremosa das minhas sobremesas cremosas.

O Sal afastou a mão da Tina.

— Deixa de falar com o bolo. Vais poder fazer isso mais tarde.

— Ninguém vai querer ouvir isso mais tarde. — O Anton entrou e lançou um olhar reprovador à irmã. — Se não me deixas um pouco do *Saint-Honoré*, ponho-te um sapo na cama logo à noite.

A Tina franziu o nariz.

— Quantos anos temos, doze?

— Vocês os dois sim, é a idade que parecem ter. — Peguei no bolo e pu-lo no frigorífico, para o manter fresco.

— Como se não soubéssemos do fetiche que tu e a Emma têm com os cremes — disse a Tina.

Olhei para a Emma e ela levantou as mãos.

— Ei, eu nunca disse nada sobre os nossos fetiches.

Abafei uma gargalhada e abanei a cabeça.

— Nem era preciso dizeres, amor — disse o Sal. Quando lhe lancei um olhar ameaçador, ele franziu as sobranceiras. — O que é? Vocês faziam muito barulho quando estavam cá os dois.

— Ainda fazemos. — Saí da cozinha e cruzei-me a Amalie.

— Ah, *mon ange*. — Deu-me dois beijos na cara. — Estava cheia de saudades tuas.

— Também tive saudades tuas, Mamie. Estás com muito bom aspeto.

Ela fez um gesto gracioso e, depois, deu-me o braço.

— Já a pediste em casamento?

— Ainda não.

A Amalie tinha-me mandado o anel de noivado que o Jean Philippe dera à minha bisavó. Aquele anel de diamantes era mesmo o género da Emma e significava muito para mim. Queria que ela tivesse um pedaço da história da minha família.

— Em breve? — insistiu a Amalie, a sorrir. — Eu sabia que vocês tinham sido

feitos um para o outro. Eu sabia!

Revirei os olhos e depois abanei a cabeça, com um sorriso.

— Sim, sim! És muito esperta!

A Emma apareceu naquele momento, parou à porta, olhou para mim e fez um grande sorriso. As trepadeiras de rosas que cobriam a parede emolduraram-na momentaneamente numa nuvem carmesim. Senti uma grande paz. Não foi a primeira vez e não seria certamente a última. Finalmente, tinha-me encontrado. Com ela.

E a vida era boa.

ALGUNS TERMOS DE PASTELARIA

- *Chef de pâtissier*: chef de pastelaria
- *Gâteau*: pão de ló rico e elaborado que pode ser moldado em formas, normalmente contendo camadas de creme, frutas ou nozes
- *Pâtisserie*: pastelaria/bolos
- *Brioche*: um pão macio e rico com muitos ovos e manteiga
- *Pain aux raisins*: pãozinho doce recheado com passas e creme
- *Chausson aux pommes*: folhado de maçã francês
- *Pâte à choux*: uma massa folhada leve e amanteigada
- *Éclair*: bolo oblongo feito de massa *choux* recheado com creme e com cobertura (muitas vezes, de chocolate)
- *Tarte au citron*: tarte de limão
- *Macaron*: um bolinho-sanduíche à base de merengue recheado com vários sabores de ganache, cremes ou compotas
- *Croquembouche*: uma torre em forma de cone feita com bolinhas de massa *choux* recheadas com creme, mergulhadas em caramelo e envoltas em fios de açúcar, muitas vezes servida nos casamentos franceses ou em ocasiões especiais
- *Saint-Honoré*: um bolo com o nome do santo padroeiro dos padeiros e chefes de pastelaria
- *Pâte feuilletée*: massa folhada
- Creme *pâtissière* de baunilha: creme pasteleiro de baunilha
- Creme de avelãs: um creme de pastelaria com merengue italiano
- *Paris-brest*: uma sobremesa em formato redondo feita de *pâte à choux* e recheada com creme pralinê. Criada em 1910 pelo *chef* Louis Durand para comemorar o Paris-Brest, uma corrida de bicicleta.

AGRADECIMENTOS

Muito obrigada à talentosa equipa de Montlake, cujo árduo trabalho mantém tudo a funcionar sem problemas. À minha editora, Lauren Plude, pelo seu *feedback* e atencioso apoio; os meus livros são muito melhores nas suas competentes mãos. E à minha agente, Kimberly Brower, que está sempre pronta para me ajudar.

Muito obrigada à Amanda Bouchet e à Adriana Anders por graciosamente examinarem os meus termos e frases em francês. Quaisquer erros são só meus.

E um agradecimento especial e enorme aos meus amigos e seguidores do Twitter, que, quando perguntei se deveria escrever uma história sobre um ex-jogador de hóquei mal-humorado que conquista a sua heroína a fazer bolos, responderam com um entusiasmado: «Sim!» Este livro não existiria sem vocês.